

DE MÁRIO A TIRADENTES



Pelo Espírito
de
Tomás
Antônio
Gonzaga

marilusa
moreira
vasconcellos

ATLAN-SAO PAULO-SP-BRASIL

atlan

Marilusa Moreira Vasconcellos

De Mário
a
Tiradentes

ROMANCE MEDIÚNICO

Ditado por

TOMÁZ ANTÔNIO GONZAGA

EDITORA ESPÍRITA RADHU LTDA.
Rua Maria Oliano Gerassi, 288 - Tel. 274-3818
CEP 04284 - Ipiranga - Caixa Postal, 42418 - CEP 04299
CGC 54A5R215/0001-40 - São Paulo – SP

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

G65d Gonzaga, Tomás Antônio, 1744-1810? (Espírito).
De Mário a Tiradentes : romance mediúnico / Marilusa Moreira Vasconcellos ; ditado por Tomaz Antonio Gonzaga. -- São Paulo : Rhadu, 1986.

1. Mário, Caio, ca. A.C. 157-A.C. 86 - Ficção
2. Psicografia 3. Romance brasileiro 4. Tiradentes,
1746-1792 - Ficção I. Vasconcellos, Marilusa Moreira.
II. Título.

86-0127

CDD-133.93
-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicografia : Espiritismo 133.93
2. Romances históricos : Século 20 : Literatura brasileira
869.935
3. Romances mediúnicos : Espiritismo 133.93
4. Século 20 : Romances históricos : Literatura brasileira
869.935

FICHA CATALOGráfICA

2ª Edição: Maio/1986 - 5000 exemplares
Capa: Inspiração Mediúnica

Todos os direitos reservados
EDITORA ESPÍRITA RADHU LTDA.
São Paulo - SP

Foto-composição:
LINO AUXILIAR S/C. LTDA.
R. Siqueira Bueno, 2.316
Fone: 92-1200 - São Paulo - SP

Seraba, 16.1.91

Amélia, como nos
a beca do Mensajero
da Vida Nova que
se demora a Parson do
Deu, através das
ja cul da de, isto a
pelo, foi falado em

na sua fantasia e
na continuidade da
suas - doutrinas

na sua obra nos
sua obra de fantasia,
com firmeza nos
sua doutrina, bondade
hoje e sempre.

Uberaba, 25 de maio de 1984.

Filha,

Jesus nos abençoe.

Os Mensageiros da Vida Maior que servem à Causa do Bem, através das suas faculdades, estão a postos, fortalecendo-a na sustentação e na *continuidade das suas tarefas*.

Trabalhemos na Seara do Senhor, confiando-nos à Sua Infinita Bondade hoje e sempre.

Bezerra.

(página recebida em reunião pública do Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Uberaba 25/5/84

Nossa d'nis costta com
~~to~~ uma equipe de
anjos espirituais que lhe
sujeccionam as atividades,
Através da oração, receberá
sempre as sugestões e inspira-
ções de que necessita
no desenvolvimento de suas
tarefas. Confiamos no amparo
de Jesus, hoje e sempre.

Bezerra

Uberaba, 25 de maio de 1984.

Nossa irmã conta com toda uma equipe de amigos espirituais que lhe supervisionam as atividades.

Através da oração, receberá sempre as sugestões e inspirações de que necessita no desenvolvimento de suas tarefas. Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre.

Bezerra.

(mensagem recebida em reunião pública no Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier, para a médium

Marilusa, como orientação para seu trabalho.)

“... Então nada mais poderia dizer, porque falaria da conjuração mineira, porque fora de tais projetos que andara a tentar erguer os companheiros. Mas a calma não o abandona. Ao seu lado estão as figuras de Felipe dos Santos, e aquele romano que o ajudava, desde quando fora Mário, o militar, que acabara por derrotar o senado romano e destruir cartago. Daquela vida, que um dia, se deus o permitir, escreveremos, vinham as minhas prevenções contra o alferes que, nem mesmo nossa labuta, antes do reencarne, desfizera de todo.”¹³

(trecho do livro Confidências de um inconfidente, página 278, onde se inseria a promessa da feitura deste livro, que ora lançamos.)

"Agradecemos aos Mentores Espirituais e aos amigos encarnados que nas suas áreas de atuação colaboraram para a materialização desta obra.

Pela boa vontade, desprendimento, abnegação e auxílio o reconhecimento do médium, do autor espiritual e da Editora Radhu."

Palavras iniciais

Querido leitor:

A vida nos tem reservado momentos de muita alegria e aprendizado.

Por isto, nossas palavras iniciais são de agradecimento ao Senhor dos mundos, a Cristo, aos Irmãos Maiores da Espiritualidade, dos quais destacamos a adorável Meimei e o querido dr. Bezerra de Menezes, que nos têm apoiado a obra literária-mediúnica. Por não sermos ingratos, representaremos todos os amigos encarnados, que nos têm apoiado, na pessoa do querido irmão Chico Xavier e na lembrança do estimado sr. Frederico Gianinni Jr.

Quando da recepção do “Confidências — “vimos, entre as diversas cenas que nos foram mostradas, a de uma leva de prisioneiros brancos, nus da cintura para cima, atados aos magotes em correntes, nas praias de um rio extenso. Seus olhos amendoados, o porte hercúleo, a profunda revolta que sentíamos neles, não foram, então, explicados. Na visão espiritual ainda percebemos a princesa bárbara, esposa de Boiórige, cuja identidade não conhecíamos, cobrando a perda de seus filhos e mortes.

A explicação de tais cenas que, naquela oportunidade, por falta de conhecimento, nos eram inéditas, e aparentemente acéfalas, hoje, ao terminarmos as lições deste livro, se nos mostram oportunas e preciosas.

Esta obra presente nos diz como os menores gestos de agressão, aos maiores crimes coletivos e particulares, nos serão cobrados, até a ascensão de nossos espíritos, pela prática do desprendimento, na concepção maior do amor a Deus e ao semelhante.

Portanto, profundamente gratos a todos que, direta ou indiretamente, nos têm incentivado, entregamos mais um filho do nosso labor mediúnico, com a mesma simplicidade com a qual vieram os primeiros.

E que Jesus nos dê muita evolução e amor, em todo nosso aprendizado.

A irmã menor

Marilisa

Do autor

Querido irmão:

Jesus nos abençoe.

No eterno aprendizado, na busca do Poder, que se transubstancia na Liberdade, da Inteligência que nos leva à Igualdade, pela prática do amor e humildade; e da Bondade, que concretizará a Fraternidade entre os homens, saúdo-te com imenso júbilo.

Mais uma etapa vencida. Com muita luta e discernimento prosseguimos nas tarefas abençoadas do livro, rompendo as barreiras do tempo, do espaço e do preconceito, que caem ante a Verdade Maior, que é Jesus.

Rever as lutas de Mário, nas conquistas tenebrosas da águia bicéfala, e ver que se modificariam nas novas noções de poder e da república, na zona mineira, dourando-lhe a aura espiritual, na luz imorredoura da redenção de um espírito, é o que nos felicita.

Aqui tens, querido irmão, parte dos débitos nossos, que saldamos e continuaremos a saldar com amor redobrado, com renúncia, até o completo perdão, que foi o derradeiro exemplo do Gólgota.

Dos amores d'antanho, das adversidades em séculos de lições imperecíveis, resta-nos a sublimação maior pela dor e pelo testemunho do século XVIII.

Porém, só agora, incorporados nas lutas abençoadas do Espiritismo que traz Jesus a nós, na plena concordância de entendimento e coração, podemos fitar o longínquo passado sem revolta e sem dor, na concretização do Ideal Maior.

Amado Irmão e Amigo, que nossas lembranças te sejam também motivo de muita meditação e paz interior.

Encarando face a face cada um de nossos gestos e atitudes, agradecemos a Deus as quedas e ascensões, com a consciência tranqüila e profundo e encendrado amor dentro de nós

“Compulsei muitos livros, muitas eras,

*meti a mão na mesquinhez do mundo,
e não há um só ser a quem não-ame,
que eu não auxilie e perdoe, no fundo,
e irmão chame!”*

Jesus te ilumine.

Tomás

Capítulo I

Caio Mário

A Roma poderosa, alicerçada na confiança que depunha, nos seus homens, na sua força, e na sua República, distendia seus domínios, como tentáculos de polvo em número avantajado, sem sopesar qualquer dúvida interior, quanto às suas proposições. No século II A.C., Roma era digna de honras e vitórias e os demais povos eram apenas “bárbaros” que deviam ser dominados a sangue e ferro, antes que se tomassem mais ousados.

As famílias nobres, os patrícios, as famílias do Flávios, dos Cláudios, dos Júlios, dos Gracos, dos Cipiões, Pompeus, só colhiam louvores e espalhavam as lembranças de seus gloriosos feitos entre os plebeus e jovens.

Os nomes de Catão^{2} o antigo, e de Cipião, o africano^{3}, estremeciam de orgulho os varões sonhadores de glória. Não fora vã a palavra cortante de Catão no Senado, a encerrar sempre seus discursos com a advertência: “Centerum censeo Carthaginem esse delentam” (Quanto ao mais, penso que se deve destruir Cartago)

Já há muitos anos que o esplendor, o poderio de Cartago, suas luxuosas e opulentas vivendas, suas colônias a florescerem por todo o lado, sua bárbara concepção religiosa, haviam despertado nos romanos a mais completa aversão e desconfiança, as quais culminaram com o eco repisado de Catão, a abrasar a chama das guerras púnicas, a exigirem a rendição incondicional e o domínio de uma cidade, quiçá de um povo.

Apesar da ignorância em que vivia a maioria da população de “humiliores”, clientes e escravos, a fala dos nobres atravessava as paredes, estrapolava a barreira do Senado e das residências luxuosas, as paredes colossais do Capitólio, e ganhava os comentários das ruas e dos banhos públicos, naquele tino estranho que confere ao povo, a veia judiciosa.

No ano de 157 A.C. 597 de Roma, quando já fazia tempo que Catão exigia para Cartago os umbrais tormentosos da morte, quando os últimos haustos

dos cartagineses se ouviam do outro lado do Mediterrâneo, nascera, uma criança em enxerga humilde, junto de pais pobres, que haveria de estremecer todo o Império Romano. Seu nome era Caio Mário. Era filho de Fulcínia e Mário, e não houve grandes manifestações de regozijo (pois não tinha deuses-lares, nem descendência ilustre,) quando aportara, pequeno e indefeso, na aldeia de Cerretino, território da cidade de Arpino.

Sua família servia na condição simples de clientes, ou favorecidos aos Herênios, nobres romanos de largas posses, nome ilustre, cheios de ancestrais nobilitantes, lembrados nas estátuas dos deuses lares ou nos bustos soberbos, na linha genealógica romana, sempre com orgulho pelos patrícios, amigos, pelos servos, fossem nas propriedades próximas à aldeia, no campo, ou na Cidade Grandiosa.

Desde a infância o pequeno acostumou-se a seguir os pais na labuta e subserviência honesta e despretenciosa, através dos campos eivados de trigo, que deviam servir à população faminta, cedendo-lhe o pão graciosamente, ou dos vinhedos e olivais, pastos verdejantes entrecortados por rios gentis. Curioso, o garoto apreciava ouvir o relato dos adultos entre os demais servos, sobre as guerras que se estendiam por todas as fronteiras, e ouvia o eco dos discursos acalorados de Catão, traduzidos de forma até grosseira pela população, num misto de admiração, respeito e inveja.

Catão era um ídolo palpável na mente do pequeno Caio Mário, e, quando faleceu, tinha o menino nove anos, e aurira dele todo o horror ao luxo, à mordomia, à permissividade, e à indolência dos nobres! Exigente e ardoroso, o inquieto plebeuzinho estava sempre a comprar brigas entre os meninos de sua idade, sonhando em se apoderar dos despojos de todas as nações, que ousassem se erguer contra Roma.

Em vão os pais anelavam para ele uma vida de serviço simples, pois sonhava com a vida guerreira, junto às milícias, onde através de seu valor, conseguisse se estabelecer e sobrepujar as famílias ricas e influentes. Para os outros, o pequeno Caio reservava o lugar de admiradores de sua bravura e servos de sua vaidade. Cheio de ressentimento pela vida não lhe haver concedido uma família de lastro hereditário, com avoengos augustos e nobres, o jovenzinho sonhava conquistar para si todos os privilégios, apenas reservados aos nobres por nascimento. Isto ocorrera desde que, após uma refrega, suado e sujo, com o pé no peito de um garoto com o qual andara a treinar, ele ordenara a um irmão do mesmo que se ajoelhasse aos seus pés,

pedindo clemência.

— Nem que fosses comandante das legiões, ou pretor, ou cônsul - falou o pequeno enraivecido.

— E duvidas que eu possa ser um cônsul? — falou o menino com empáfia.

— Você é um mulo! — resmungou o pequeno — Como eu, como Anlio, como Aristeu. Você não é ninguém, Caio Mário, embora goste de se exhibir.

— E quem me imperidiria de ser cônsul? — perguntou Mário, largando o antigo oponente, para ombrear com o garoto tagarela.

— A lei romana te impedirá! Só um burro poderia pensar que gente sem título como nós pode ser um dia grande coisa! A lei do Senado te impedirá!

— Pois saibas que nada me impedirá de conseguir o que quero! — gritou Mário enraivecido e autoritário — Se houver uma lei que me proíba, o Senado que a mude!

A criançada, não podendo aderir a tal ousadia e entusiasmo, pôs-se a caçoar dos sonhos de grandeza do pequeno, reverenciado-o ou chamando-o de mulo. A briga se generalizou e Mário distribuiu sopapos com todo o ardor de que era capaz, chegando em casa esfarrapado.

— Por que — raciocinava ele — não poderia ser um dia o próprio Imperador, quando se sentia capaz de realizar todos os feitos de Cipião Emiliano, que destruiu Cartago e todo aquele povo idólatra, que matava criancinhas inocentes aos pés de seu ídolo Molok, aquele povo que se aliara aos insuportáveis judeus, desde Salomão e seu rei Hirã? Haveria de conseguir provar a todos, nem que levasse toda a vida, ou morresse tentando o próprio valor.

Em vão Fulcínia, sua mãe, admoestava-lhe o gênio tempetuoso, prometendo castigo. Os golpes sofridos não lhe doíam mais que o orgulho de ver-se desacreditado pelos companheiros dos poucos folguedos. Caio, puxando a aba da túnica em frangalhos, prometeu à mãe num rompante:

— Trabalharei dobrado nos campos, e pagarei ou ganharei com meu esforço outra vestimenta. Não quero dever nem uma côdea de pão ao nosso

patrão! E pára de me mimosear como se eu fosse uma donzela! Vou ser soldado!

— Está bem — disse Fulcínia desistindo de pensar-lhe os arranhões e o olho roxo — mas, enquanto não fores soldado, promete que não me arranjarás nenhuma guerra, está bem?

Mário, seu pai, caiu na gargalhada com a graça da mulher e todos pensaram que aquele rompante ficaria ali, mas se enganaram. Daquele dia em diante, Caio Mário tornou-se indispensável em todas as tarefas que açambarcava junto aos senhores patrícios, grangeou admiração e respeito e, quando atingiu a idade juvenil, tratou de pedir permissão para ingressar nas fileiras. Anelava obter prestígio e conseguir tesouros com as pilhagens de guerra!

Havia uma particularidade no seu caráter que espantava os próprios pais. Era ele de uma docilidade e teimosia pacientes, sempre que tinha uma meta a alcançar, mas de outras vezes agia com tal ímpeto e violência, parecendo que nada no mundo o poderia deter. Nessas ocasiões, parecia que uma fúria dele se apoderava, lançava maldições, os olhos fuzilavam em expressão cruel, e, não raro, as pessoas as quais procurava atingir com palavras ou atos, acabavam amedrontadas ou chegavam a ficar acamadas. Fulcínia, sua mãe, comentava muitas vezes que Caio Mário tinha algo de diabólico e divino, “misto de um Deus que descesse do Olimpo, ou filho de uma das Púrias Infernais que trouxessem ao toque o veneno do Rio Estigue.” Desde a mais tenra idade, conhecia-lhe a mãe, com certa apreensão, os dardos estranhos e maléficos que exercia, causando dores de cabeça ou, com um simples olhar, fazendo cair ou quebrar-se algo ou alguém que o desagradasse, para depois rir desbragadamente, comentando, como se nada fosse:

— Fui eu quem fiz isso!

Quando a mãe o repreendia, ele parecia divertir-se grandemente com o temor que nela infundia e troçava de suas superstições, alegando inocência fingida.

Desde que se fizera rapazote, costumava verberar duramente a luxúria e preguiça dos nobres, renteando no trabalho duro junto a escravos e servos menores, procurando ajudar de algum modo os lavradores mais humildes, e demonstrando sua determinação e robustez física. Era avantajado de corpo,

tinha um fundo vinco na testa, que imprimia ao olhar um certo ar feroz, os músculos eram rijos, os lábios másculos, o cabelo sedoso, o nariz proporcional ao rosto, dando-lhe certo encanto. Destro em tudo quanto fazia, hábil no manejo de qualquer instrumento, sentia-se acanhado apenas diante dos mais cultos, quando procurava zombar da filosofia grega ou do conhecimento de línguas estrangeiras, argumentando que era uma perda de tempo aprender algo com os povos vencidos e subjugados por Roma. Afeito às duras lides do campo, o primeiro contato com Roma, propiciado a ele por um membro da família de Cecílio Metelo, que muito apreciava seu esforço e tenacidade e o convidara para segui-lo no ingresso à Academia já quase homem feito, deixou Mário boquiaberto com as majestosas construções que se descortinavam aos seus olhos. Pouco durou o espanto. Observando os monumentos que ornavam as praças, desfiando os feitos famosos de quantos haviam honrado a Cidade Imperial com vitórias, sem meditar muito quanto aos insucessos e as torpezas, infelicidades e desgostos que os mesmos heróis haviam enfrentado, Caio Mário anelou para si mesmo uma coluna que desfiasse para a posteridade a descrição de seus feitos, trazendo seu nome e sua vida para sempre gravados na pedra, para lembrança de todos os homens.

Com a arrogância que lhe era peculiar, não deixou de desdenhar os filhos dos cônsules e dos magistrados, chamando-os de molengas sempre que conseguia ombrear com eles ou derrubá-los nos exercícios militares. Via-se que as famílias nobres não mais se importavam com o alistamento militar e deixavam mesmo, aos menos favorecidos pela fortuna ou berço, o esforço neste setor. Aproveitando o momento vivido, Caio Mário não mais quis tornar às lides do campo, mas usou tudo quanto sabia e podia para sobrepujar seus companheiros de armas, sempre incansável em demonstrar sua força, inteligência, malícia e destreza. Sem reclamar nem esmorecer jamais, foi, pouco a pouco, ganhando a confiança dos capitães e oficiais responsáveis pelo preparo da soldadesca nas batalhas por vir.

A admiração por Catão, as referências elogiosas a Cipião Emiliano atraíram para ele a simpatia de Cipião, mais tarde cognominado o numídico, o qual um dia, tendo sido desfeitoado por um subalterno, ficou agradavelmente surpreendido que Caio Mário tomasse sua defesa. Cheio de brio ofendido, permitida a refrega entre os dois oponentes, foi tamanha a fúria com a qual Mário lutou, que, dir-se-ia, o ofendido fora ele. Antes que Cipião tivesse ensejo de moderar-lhe o arroubo dos golpes, o oponente caiu varado por um gesto fatal. Nunca o general tivera ocasião de ombrear com um soldado tão seguro

de si e que tão bem obedecesse às novas normas que ele vinha impondo aos seus comandados. Caio Mário sobressaía-se naturalmente entre os patrícios mais nobres, acostumados que eram à luxúria e indolência, sem poderem ombrear com ele em força e destemor, em rapidez ou valentia. Aos poucos, ele começou a ser temido e respeitado até por aqueles que lhe tinham aversão.

O rapaz que caíra varado pela lança indômita de Mário era amigo e protegido de Sextílio, (*que era eu mesmo, então*), um guapo mancebo de nobre ascendência, que ingressara na Academia e via com profundo desgosto a aceitação de tantos plebeus no outrora fechado e seletto círculo militar.

Em vão procurei famílias amigas, com a finalidade de castigar o insolente Caio Mário, que me privara de vez da presença de meu servidor e amigo.

No mesmo dia da refrega, fui recebido particularmente no peristilo da residência de Cipião, para um amigável contato. Anunciada que foi minha presença, fui conduzido com demonstração de respeito, através do átrium da residência magnífica, ornada de estátuas e adereços de várias partes do mundo, até os jardins. Encontrei o já destemido militar a ceiar junto a outros jovens da Academia, entre eles um rapazote de nome Sulpício, dissipador e dissoluto. Eu tinha amizade à família de Sulpício, como de resto a todas as famílias nobres que jornadeavam por Roma, embora atestasse, naturalmente, desaprovar suas dodivanas atitudes.

Acanhado e constrangido por não poder estar a sós com Cipião, nem mesmo aceitei o convite para participar da ceia. Parado à porta descomunal, que dava para os jardins magníficos, levado que fora por um servo, lancei o olhar perquiridor pelos presentes. Meu porte alto e viril, o nariz aquilino, os cabelos abundantes em caracóis pelo rosto afilado, os lábios finos, e as mãos nervosas a segurarem a toga, que me caía esplendidamente sobre o corpo másculo, acostumado aos exercícios, atraíram o olhar malicioso de Saturnino.

— Aproxima-te, nobre Sextílio — falou Cipião, percebendo-me a inquietude.

— Salve, poderoso patrício! Não pensei atrapalhar teus convivas. Voltarei outro dia.

— Que nossa presença não seja importuna nesta casa, a ponto de te retirares — falou Sulpício com ar motejador.

— Meu amigo Sulpício, sabes que não me incomodas, antes, pensando melhor, creio que a presença de tantos filhos de ilustres famílias de Roma, cujos ancestrais tanto nobilitam esta pátria, melhor e mais fortes farão o meu reclamo.

E, dizendo isto, desci os degraus que levavam aos jardins, onde “triclíniums” com almofadas tinham sido arranjados para a ceia. Pedindo perdão por haver chegado sem convite, servi-me de vinho intencionalmente, e levantei a taça de estanho num brinde singular:

— Brindo à saúde dos presentes, à vitória de Cipião, seguindo os feitos heróicos dos seus, e ao expurgo do exército de todos os plebeus e parasitas, que usam a própria Academia para realizar impunemente seus crimes, vestindo-os com a aparência de defesa da honra de cidadãos ilustres.

Houve um mal estar generalizado e Sulpício cortou-o, chasqueando a atitude pomposa e indignada do recém-chegado:

— Salve, Sextílio! Mereces uma coroa de louros! Por minha vida! E a primeira vez que vejo um brinde acusador! Tentarei decifrá-lo, como o não faria ao oráculo do templo de Júpiter. Vejamos se entendi. Elevas a taça num pedido! Queres a punição de Caio Mário!

O semblante de Cipião anuviou-se. Cecílio Metelo, presente, responsável pelo traslado de Mário, das lides do campo para a cidade Imperial, e pelo ingresso do mesmo junto às milícias, sentiu que seu rosto se abrasava. Murmúrios e cochichos seguiram-se à delicada situação. Mas não me deixei constranger pelo impacto causado. Olhando Cipião de frente tomei o meu vinho, acrescentando:

— Bebo este vinho pela saúde dos bons costumes, pela glória de Roma, e pela derrocada dos ambiciosos plebeus e rogo, nobre Cipião, que punas, como achares melhor, o matador de Livio, meu servo, o qual eu pedira adestrasses, para que me acompanhasse nas lutas!

Cipião erguera-se do lugar onde estivera reclinado. Via-se que a atitude do recém-chegado aborrecia-o profundamente.

— Não posso castigar um protegido, um cliente de Metelo e da família dos Herênios, que me obsequiou com sua defesa, por um escravo teu, por mais te considere, nobre Sextílio.

— Lávio era mais que um escravo. Era um sábio e um amigo, e, se se houve com escárnio, não foi para injuriar Cipião, que é amigo de nossa casa. Sua palavra visava, estou certo, ridicularizar a violência que sempre combateu, a prepotência, a arrogância dos novos lugares — tenentes, e disto se aproveitou Caio Mário para se fazer de teu defensor! O acusado era ele! Relembra os detalhes do episódio e verás que houve precipitação de Caio Mário, que usa todos os recursos para subir, pois sua ambição é imensurável.

— Punir Mário não trará de volta teu amigo Lávio, que foi, quanto menos, imprudente e me tornará ingrato aos olhos de meus comandados — replicou Cipião.

— Foi-se o tempo em que Roma tinha soldados que lutavam pela pátria — respondi. — Vejo que hoje os soldados só obedecem a seus generais, pois estes buscam ser complacentes para com eles, para se garantirem. Peço-vos desculpas — falei ainda dirigindo-me aos convivas que me olhavam perplexos — Dai ao chacal provisões para que se fortaleça e ele um dia mostrará os dentes. Espero, nobre Cipião, que jamais te arrependas do apoio que dás a este plebeu.

E, com um gesto de respeito, depus o copo à mesa e saí a passos largos da mansão.

Cipião ficou a meditar uns instantes e os convivas logo esqueciam o incidente, levando-o a conta do desgosto do tribuno com a morte do servo, coisa rara, pois em Roma os escravos eram em tal número que a maioria dos nobres, vez por outra, se dava ao luxo de matar alguns, por pura distração.

Sulpício, contudo, ao estalar os bagos das uvas nos dentes magníficos replicou ao general:

— É bem provável que o tribuno tenha razão. Caio Mário é capaz de qualquer coisa.

— E tu, Sulpício, — redarguiu o comandante — também não és?

O rapazote deu uma gargalhada involuntária:

— E que romano não o seria, nobre Cipião? Que romano?

No outro dia, um indiscreto espectador tudo referia a Mário. Era Aurélio

Orestes, um amigo íntimo do jovem plebeu, que apoiava seus sonhos de grandeza.

— Maldito seja este enfatuado tribuno! Hei de fazer provar a lei que faculte a qualquer um ser soldado e, então, verás, meu caro Aurélio, verás que exército invencível criarei eu, não destes molengas do Império, mas das campanhas da Itália!

Corria célere o ano de 121 A.C, quando uma noite explodiu a revolta dentro dos muros. Acicatados por pessoas indignas, a se aproveitarem do momento presente, irrompeu em Roma a baderna nas ruas. Em meio à balbúrdia que se generalizou e à confusão reinante, Caio Graco encontrou a morte. O desencadeamento da violência de grupos e partidários, das famílias nobres, fazia tanta confusão que os soldados, chamados a deter a marcha das desordens, se haviam como marginais comuns, incrementando injustiças, matando impunemente. Anos antes fora a vez de Tibério Graco^{4}, o infeliz irmão do primeiro, filhos ambos de Cornélia.

Mário rememorava estes fatos, pois tinha, então, 36 anos, e, numa destas refregas, em que a cidade passava da orgia ao descalabro moral, Cipião, cercado por mercenários, foi abatido como cidadão comum nas arruaças.

Via-se, assim, repentinamente, Mário despojado do patricio mais famoso que lhe profetizara dias de glória. Em sua mente a minha figura formou-se como única capaz de imaginar aquela cilada cruel, pondo fim à vida de um herói tão festejado por tantos, mas que, no Plano Espiritual, fora cercado por aqueles mesmos que ele deixara como inimigos no campo de batalha.

Eu não poderia imaginar quão distintos caminhos percorreríamos daí por diante, nem lobrigar o passado que já nos fora tão terrível. A morte de Cipião punha entre nós novo muro de desavenças e incompreensões. Eu, na mágoa da morte de Lívio e ele, na de Cipião.

Capítulo II

Na Espanha Ulterior

Realmente, se Roma pudesse, através de seus adivinhos e oráculos deter-se mais tempo na análise da figura dos homens que haviam participado do estranho diálogo em casa de Cipião, teria motivos de sobejo para preocupações.

O que estava a dar a Mário tanta autoconfiança era o apoio incondicional de Cipião, que, mesmo diante dos reclamos da minha família novamente se impusera, e isto Mário tratava de divulgar por todos os cantos. Desde as últimas refregas na Numância, da qual fizera parte, ele retornara ao lado do numídico, alvo dos comentários mais elogiosos. Ainda vibravam em seu espírito inquieto e ambicioso as palavras que ele considerava proféticas. Durante um banquete, ao ser perguntado a Cipião quem poderia igualá-lo nos feitos, este respondera, batendo amigavelmente no seu ombro:

— Talvez este! Talvez este!

E Caio Mário ansiava por provar que merecia este vaticínio.

No entanto, a cidade imperial vivia não apenas do regozijo das vitórias bélicas. Na política, dois tribunos famosos inflamavam a população, atizando opiniões e partidos. Como Tibério e Caio Graco haviam feito, pleiteavam uma reforma total na distribuição das terras, uma verdadeira reforma agrária. Mário os apoiava acintosamente, naquele calor que lhe marcava as atitudes, só discordando da distribuição de pão gratuito ao povo:

— Quem quiser comer, que trabalhe! — dizia ele rudemente — Já temos gente demais mamando nas tetas do Estado!

As opiniões ganhavam partidários nas sombras. Erguidos à custa de muito esforço, os privilegiados se reuniam secretamente tal como haviam tramado a perdição dos Gracos. Sem muita malícia, impulsionados pela mãe, matrona de um valor inavaliável, os irmãos haviam perecido ao inflamar a multidão.

Apesar dos modos rudes, sabia o jovem ser cativante para atingir seus fins. Desde o retorno das pelejas na Numância reatara os laços de amizade com a família de Cecílio Metelo, espreitando o melhor modo de conquistar-lhe os favores. Apesar do orgulho enrustido, não perdia as altas esperanças, que lhe haviam acenado os vaticínios de Cipião. Uma tarde, à volta da Academia, excursionou com Metelo pelas cercanias do Templo de Júpiter. Juntos adentraram o recinto, onde um sacerdote oficiava e ofertava incenso e espórtulas.

À saída, acompanhando o amigo ao repasto, convidado que fora, cruzaram com um edil que seguia na sua cadeira curul.

O sobreceño de Mário anuviou-se:

— É preciso tirar-se certos privilégios, que não ficam bem a um povo como o nosso! — comentou ele com certo azedume.

— Se pudesses serias um iconoclasta a todas as tradições de Roma.

— Não a todas, Cecílio, só às mais impertinentes, como a dos julgamentos em que se atem estes enfatuados magistrados. Quem lhes dá critério para julgar? Não vês que nada sabem? Erigem-se por autoritários donos da verdade, usam a ascendência e votam com a displicência de uma donzela que se touca para as festas.

— Ao contrário, Caio Mário. Penso que tirar-se aos magistrados o voto seria derruir a república e instalar a guerra civil, e compactuar com a confusão pleiteada pelo povo sem preparo. Roma só tem sido o que é porque, em todos os tempos, os homens que a comandaram têm sido escolhidos a dedo.

Haviam chegado à vivenda de Metelo e um servo veio presuroso abrir os portões de ferro. Atravessando extenso jardim, foram dar à construção imponente, que estava tocada pelo leve rubor do sol que se punha.

Mário, desenvolto, desceu da caleça em que haviam vindo, indo se refrescar, após atravessar o átrio. A noite prometia-ser cariciosa e amena. Malgrado as discussões que se fomentavam em toda a parte, pelos discursos inflamados de Tito e a oposição acirrada dos donos de glebas improdutivas, cobiçadas pela população, as festas se sucediam e os divertimentos abundavam.

Jogando-se displicentemente sobre umas almofadas, Caio Mário fitou, com

desconcertante frieza e cálculo, o amigo que se desataviara da cinta da túnica, perguntando de chofre:

— Me apoiarás no pleito para o tribunato?

— Quê? — fez Cecílio com ar de espanto — Não posso crer! Pretendes abraçar a administração pública em lugar da espada que vens a brandir com tanta bravura? E para quê?

— Crês que eu não sirvo? — inquiriu Mário com jeito de quem se ofende.

— Ninguém o disse — replicou o amigo lavando as mãos na água perfumada e passando uma toalha úmida e quente que a serva lhe estendera no rosto, no pescoço e braços.— Não precisas acender teus brios. Vê que eu sempre te apoiei na carreira militar, mas não percebo tua inclinação para as leis e labutas, entre o povo e o Senado.

— E por que não? Acaso não conheço bem o povo? Não tenho tratado com ele? E, quanto ao Senado, posso persuadí-lo com argumentos maiores que quaisquer palavras!

E, dizendo isto, Mário apontou arrogante para o ferimento que trazia no braço e que quase lhe decepara a mão numa das muitas refregas em que se houvera.

— Vamos lá, Cecílio, o que te impede já de me apoiar? Sabes que sou honesto. Conheces melhor que muitos minha capacidade de trabalho. Não sei porque não te mereceria apoio. Afinal, a quem mais recorrería e quantos favores já estou a te dever?

— Esta tua ambição não se justifica!

— Pois bem. Nomeia esta minha pretensão como quiseres, mas vou te contar algo que dar-te-á o que pensar.

E Mário passou a relatar com o ar mais inocente do mundo, o que Metelo já ouvira referir, por vários modos, quanto aos vuticínios que Cipião fizera a seu respeito.

Apesar de constrangido, Cecílio apoiou Caio Mário, que foi eleito, com sua ajuda, tribuno do povo, apesar do desgosto com que muitos nobres viam

aquela vitória. Corria o ano de 119 A.C, 635 de Roma, e, entre os cônsules que viram com profunda preocupação a ascensão do plebeu, estava Cota, um membro dos mais ativos e fortes no consulado.

Tão logo empossado, o protegido de Cipião não perdeu tempo, apresentando um projeto de lei que influiu por tal forma na maneira de se eleger os magistrados, que privaria de vez os nobres da influência que, até então, haviam exercido nos julgamentos.

Houve muita murmuração. Em várias residências articulou-se um movimento que visava impedir a aceitação do projeto apresentado, e Cota, inflamado de indignação, compareceu à casa de Metelo para fazê-lo ver como fora apressado em apoiar seu cliente nas suas ambições, delegando-lhe poderes com os quais haveria de perdê-los.

Neste mesmo dia, perante o Senado, Cota, ardorosamente, combateu esta lei, usando todos os recursos de oratória à sua disposição, a graça de seus argumentos, a incisiva pecha de “plebeu ambicioso” com a qual rotulara Mário, levou seus companheiros a se oporem ao projeto, impedindo sua adoção. Não contente com o feito, foi além. Num dos intervalos das discussões confidenciou a Metelo:

— Hei de mostrar a este soldado cheirando a cavalos, que se presume fazedor de leis, que temos em Roma homens capazes de podar-lhe os coices.

E, sem dar mais tempo para diálogo, levantou-se pedindo aos demais membros que exigissem a presença do autor da lei, afim de explicar, perante todos, as razões de sua conduta tão indelicada e grosseira para com os magistrados.

A proposta foi aprovada, a data marcada para o comparecimento do plebeu. No dia asado, os senadores, sentados em suas cadeiras, aguardavam a chegada humilhante do tribuno, a fim de massacrá-lo nas suas pretensões. Mas ninguém podia imaginar o que estaria para acontecer. No momento aprasado, o tribuno entrou no Senado, mas não com o ar de quem vem para desculpar-se. Trazia atrás de si seus antigos comandados em trajes militares. Tinha um ar de segurança matreira, e, tomando a palavra, foi direto ao assunto:

— Senadores, edis, senhores. Aqui estou para responder à vossa solicitação, mas ficai sabendo que jamais recuei ou recuarei movido pelo

temor, ou cederei a qualquer por timidez.

E, antes que os presentes pudessem liberar-se da estupefação, continuou:

— Para servir aos interesses do povo, não me deterei, nem com a resistência do Senado, nem com o cavilismo das “comadres” faladeiras. (falou isto olhando diretamente para o cônsul Cota) — e continuou: — Senador, para tua própria saúde, peço-te que suspendas a decisão de arguir-me quanto aos meus motivos, e faças aprovar, desde agora, meu projeto!

Cota estava pálido de espanto. Jamais supusera que aquele soldado tivesse coragem de comparecer ali, não na veste de tribuno, mas como soldado coberto das honrarias da Numância, e mais, tendo ao seu lado os companheiros de luta, os lictores com suas varas e machadinha. Compreendeu, de relance, quanta influência Mário já granjeara, quantos amigos conquistara e como tinha atrás de si forte resistência.

Impressionado com a arrogância do antigo soldado, Cota virou-se para os colegas que esperavam dele uma atitude à altura do acontecido, e falou exaltado:

— Senhores, jamais, em toda minha vida, tive notícia de tal insulto. Responda-me agora, Cecílio Metelo, eram infundadas minhas dúvidas quando te pedi não apoiasses este plebeu nas suas petições? Vamos lá, nobre Cecílio, que contas prestas deste insulto, feito às escâncaras por este cliente teu a esta nobre casa, representante de Roma? Enquanto todos estremecíamos que os bárbaros não aviltassem com sua presença este recinto sagrado, como te haverás, Cecílio, para responder o acinte causado por um protegido teu?

Mário mal podia conter a indignação que aquela réplica ao amigo lhe causava. Viu, constrangido, o antigo protetor erguer-se entre abismado e receoso, dirigindo-se-lhe:

— Mário, te peço, em nome da amizade que nos uniu e une, em nome das lembranças agradáveis que dividimos, em nome da confiança que tenho depositado em ti, retira desde já deste local teus fâmulos!

Sem se deixar contagiar pela fala do amigo, contudo, Mário intempestivamente, foi até a porta de onde adentrara e ordenou a um lictor, que aguardava fora, para que entrasse. Dirigindo-se a Metelo, sentenciou:

— Faria aprisionar Cota, mas se te pões entre mim e ele, assim farei contigo.

Metelo, mal podendo dissimular o desgosto que aquela atitude lhe causava, ferindo-o fundamente nos mais sinceros sentimentos, replicou:

— Senhores, ou somos os representantes de Roma unidos contra qualquer ousadia ou invigilância, ou não somos nada. Refletí no símbolo das varas unidas. Sejamos unos na vitória e na adversidade. Mário não poderá de “per si” aprisionar todo o corpo do Senado.

No entanto, o próprio Cota evitava maior envolvimento. Estava lívido, mas seus lábios que há pouco haviam arguido o companheiro, agora silenciavam covardemente. Metelo teve um instante de estupefação, diante do que percebia ser medo entre seus pares. Mário, aproveitando o momento, ordenou:

— Cumpre minhas ordens. Leva imediatamente este senador à prisão, onde mais tarde irei vê-lo! — e dirigindo-se para os demais, boquiabertos de espanto

— Exijo, com todo o respeito que me merecem, senhores, que derrogueis o decreto que me trouxe à vossa augusta presença!

Havia um tom irônico que não passou despercebido aos representantes abismados ante tal ousadia. Cota foi o primeiro a renunciar ao projeto, a fim de não fazer companhia ao seu par, e os demais o seguiram.

Triunfante e risonho, Caio Mário retirou-se dali, sendo recebido à rua com manifestações de agrado e admiração.

Dali, foi participar de um comício que faziam entre a população, e reptou asperamente a Tito, quando este invectivava a favor da distribuição gratuita de trigo a todos, indistintamente!

— O povo quer pão? — gritou o tribuno do meio do povo, sendo imediatamente reconhecido — Pois que trabalhe!

Houve grande ajuntamento e a discussão se alongou, sendo que todos dali saíram mais e mais perplexos, diante das duas atitudes tão díspares do tribuno num mesmo dia.

O tempo foi passando célere. Findou seu tribunato, houve por bem creditar-se o plebeu ao cargo de edil. Havia duas categorias de edis. A primeira era a dos Edilitas Curulis, assim denominada por usarem seus membros as cadeiras com os pés recurvos, nas quais predominavam os membros da nobreza, que atendiam ao povo em suas petições. Bem inferior era a Edilitas Popularis, que só tinha em seu bojo membros da plebe.

Fazia-se em Roma a eleição dos primeiros e depois a dos segundos. Muitos foram os fâmulos de Mário a lhe lisonjarem o caráter, incentivando-o a procurar posto entre os primeiros, porém ele não se deixava enganar. Ardiloso, sabia o quanto havia ferido, no cargo de tribuno, os membros das famílias mais importantes de Roma, reconhecia que perdera até mesmo seu amigo e protetor Cecílio, mas não recuava das ambições maiores. Apresentou-se, contra a expectativa dos seus pares, para a segunda Edilidade. Mas aconteceu algo de inesperado para seus planos. Por negar-se a aprovar a distribuição de trigo, foi reprovado como candidato pelos plebeus. Sofria, assim, pela primeira vez, dois reveses, pois ninguém poderia crer que fosse aceito pela edilidade dos nobres. No entanto, apesar da arrogância e obstinação de seu caráter, isto não o abateu. Continuava resolvido a conseguir subir na administração pública.

Esperou, assim, pacientemente que chegasse a ocasião da escolha dos pretores. Enquanto esperava, procurava aumentar seu círculo de influência com favores.

O dia da eleição transcorria num clima ameno, quando, entre os votantes, viu-se um servo que ia, à voz pequena, comentar qualquer coisa entre um e outro. Com desassossego, Cecílio e Cota observavam as idas e vindas do escravo, no qual reconheceram Petrônio, servo de Cássio Sabação, um dos homens mais corruptos que se tinha notícia.

— Que faz este homem aqui? — perguntou Cota a Orestes Aurélio.

— Faz calor — respondeu o inquirido — Por certo, ele veio obsequiar seu senhor com os préstimos de um copo d'água.

O senador, contudo, não pareceu acreditar e procurou alongar vistas e ouvidos na direção do escravo que transava pelo recinto, em atitude suspeita e inoportuna.

Mário, percebendo o olhar do inimigo, tratou de fazer um gesto, com o

qual fez sair Petrônio.

Quando, finalmente, os votos foram computados, percebeu-se que Mário fora eleito pretor em último lugar. Imediatamente, do meu lugar, adverti da necessidade de se observar a honestidade do pleito. Também eu vi as andanças e conversas sigilosas e rápidas do servo de Cássio, amigo de Mário. A sala foi evacuada, ficando ali apenas os responsáveis diretos pelo pleito. Nos dias seguintes, verdadeiro julgamento teve lugar ali, com questionamentos a todos os envolvidos no caso.

Os senadores escolhidos para resolverem o litígio, após dias de exasperante espera para mim, que tinha amizade por Cecílio, chegaram a um veredito. Nada havia que pudesse ser provado quanto a um suborno de alguns votantes, em benefício de Mário, mas Cássio Sabacão, que alegara haver pedido ao seu servo uma taça de água, deveria ser expulso do Senado, “quer por haver participado de uma farsa, comprando votos, quer por não haver vencido a sede, provando assim sua fraqueza numa hora tão grave para todos.”

O julgamento teve lances dramáticos. Durante o repto dos juizes, Caio Herênio subiu ao banco das testemunhas para falar do caráter do candidato a pretor.

— Peço que me invalideis o testemunho, pois sou patrão de Caio Mário, como tal seu protetor e amigo de sua família e não posso, sem perder minha dignidade e honra, vir depor contra ele — falou o homem com gravidade.

Ouviu-se, então, uma voz ao fundo, cortando todo o ritual do julgamento:

— Não vos façais de meu protetor! Não possuo nenhum patrão! Há muito como e durmo de meu próprio sustento! Não vos permito iludir aos magistrados ou a qualquer um com este falsete! Respondo inteiramente por meus atos! Como podem os juizes considerarem dependente a mim, um membro eleito ainda estes dias para um cargo de tal relevância, eu, que fui vosso tribuno e agora sou vosso pretor?

Houve um princípio de tumulto e a réplica não poderia ser mais forte do que fora, nem mais lógica. Não houve como redarguir a tal argumentação e dali saiu Caio Herênio abatido e humilhado.

Vários dias durou o balanço da situação pelos membros do júri. O povo se divertia e as opiniões se dividiam. Nas casas senatoriais ou nas famílias dos

patricios não se falava de outra coisa, a não ser o escândalo que houvera.

Numa daquelas noites eu estava participando de um ágape na casa da família dos Júlios. Junto de nós uma encantadora criança, de nome Júlia, a qual meus pais se empenhavam em tornar futuramente minha esposa, comentava com a desenvoltura de sua idade as proezas do recém eleito pretor:

— E atrevido como convém a um romano! — falou com malícia.

— Os romanos não são atrevidos, são bravos! — contrariei com gravidade — Não é bom para uma filha de família tão ilustre, dar-se a aprovar ou achar graça nos desvios de comportamento, que mais raíam a um desaforo de um plebeu!

— Sextílio — falou ela com intrigante coqueteria — Há muito tempo não te-via eu ares de ciumeira.

Fiquei aborrecido com sua forma de arguir-me e repliquei:

— Não te supunha capaz de ofender-me. Achas que podes comparar-me a este grosseiro soldado?

Júlia se fez um tanto quanto ruborizada, e procurou apasiguar-me:

— Pelos deuses! Acalma-te! Jamais supus que tal assunto te ofendesse tanto! Afinal, não se fala em outra coisa estes dias. Só procurei brincar com o assunto. Nada mais!

— E o que me parece é que todos não dão a tal fato a importância que tem. Há que tempos vejo crescer as garras deste plebeu! Não sejas tu indiferente também a este perigo!

Mas, apesar de toda a resistência que eu lhe opunha, e meus amigos, Cota e Cecílio, ele levou de vencida todos nós, aqueles dias. O júri resolveu empossá-lo no cargo.

Um ano tive que suportá-lo no posto que conquistara a duras penas, e procurei, por todos os meios ao meu dispor, encontrar em suas atitudes e resoluções um só fio de desonestidade, com o qual o fizesse cair na desgraça. Vão fora meu tentame. Devo, a bem da verdade, declarar, ainda hoje, que não r lhe vejo, nem via naquele tempo, nada que pudesse desmerecer a confiança

que muitos depositavam nele.

Foi de uma grandeza nas resoluções, de uma lisura total, em todas as questões que lhe estavam afetas.

Lembro-me especialmente do caso de um soldado que repudiara a esposa, alegando sua vida anterior desregrada, com o fito de tirar-lhe o dote, pelo qual se casara. Mário, apesar de cobrir de opróbrio à Fânia, nome da mesma, o fez de tal sorte que ela se viu de posse de seus bens, tão vergonhosamente conquistados, logrando o pérfido marido, Gemínio de Terracina. Este passou a odiá-lo.

Seu tempo como pretor estava chegando ao fim. Mal poderia ele então avaliar quanto Fânia, mulher sofrida, perceberia-lhe o manejo a seu favor, partindo de Roma, a fim de reiniciar sua vida. E, conclamado a novos serviços, foi ele chamado a combater e impor ordem na zona conquistada. Com a alma tomada por cruel sentimento de vingança, ao lembrar Cipião, aceitou partir de Roma, abraçar as armas, como único meio a lhe valer, no momento, na conquista de novas vitórias. Iniciou uma campanha contra os celtíberos, e, durante anos, permaneceu em lutas ingentes na região conquistada, que estava infestada de salteadores e ladrões, piratas e ciganos. Sem esmorecer, e aferrado à lembrança do antigo e valoroso chefe, ele se desdobrava incansavelmente nos mais rudes labores, lado a lado dos soldados, dando o exemplo aos seus subalternos, conquistando a simpatia e apoio dos mesmos.

Os anos foram rolando, até que, quando tudo parecia já dominado, quando a região fora varrida pelas tropas de ponta a ponta alijando os redutos dos salteadores que se locupletavam do momento vivido, Mário viu-me chegar com uma guarnição escolhida a dedo na Academia. A mim, a quem ele ligara os insucessos que haviam culminado com a morte trágica e inglória de Cipião.

Não podia dissociar-me de suas lembranças e jurara a si mesmo que haveria de um dia provar aos patrícios orgulhosos quem era na verdade Caio Mário.

— Salve, nobre Sextílio! Vieste inspecionar os avanços de Mário?

— Salve, Caio Mário. Teus modos dão ciência de que não sabes como receber um patrício sem colocar-te na defensiva. Deverias, isto sim, providenciar-nos acolhida mais adequada, após nossa viagem. Mas terei prazer em te ensinar as boas maneiras que se esperam de um soldado para com seu

superior.

Caio Mário engoliu o desaforo e ordenou aos comandos que ajudassem os recém-chegados a se instalar, com suas tendas, no acampamento.

Combatendo os últimos redutos de miserabilidade, percebi como Mário se adestrara no trato das lutas, como era imbatível. Certa vez, perseguindo um bando de assassinos, ouvi dos soldados que mais parecia *um* centauro, pois, quando todos reclamavam por descanso, permanecia sobre o cavalo, como se fossem um só corpo.

Irritava-me tremendamente, quando parávamos para pernoitar em alguma clareira, vê-lo confabular com os feridos e subalternos, comendo com eles do pão mais duro, do trigo mais sujo queouvêramos trazido.

Vendo seu cavalo repousando ao lado da tenda, comentara comigo um primo de Otaviana, da família dos Júlios:

— Vê, Sextílio, o animal pede descanso antes que ele.

Não havia como fugir a admirar sua tenacidade e esforço, mas eu sentia uma prevenção oculta contra ele. Todas as vezes que mofava de mim, que procurava com ironia diminuir-me até diante dos meus comandados, eu, que ali viera contra minha vontade, seguindo as determinações de meu pai, e de um grupo de senadores amigos, a fim de vigiá-lo de perto, percebia que havia algo naquele homem que me fazia quase odiá-lo. Entre seus muitos fâmulos havia um que me causava arrepios, quer pela sua feiura, quer pela maneira desagradável de olhar. Era um tipo de feiticeiro, o qual Mário sempre consultava antes de qualquer investida. Bastava encontrar os dois juntos para que o dia se me estragasse. Ficava mal, mesmo fisicamente, com fortes dores de cabeça, arrepios incontroláveis pelo corpo.

Naquela perseguição ao bando que considerávamos o pior, em crueldade e mesquinhez, em sagacidade e arrojo, e também, por isto mesmo, o mais perigoso, pela esperteza de seu chefe, eu me vi cercado, cair numa armadilha, afoito que fora na procura deles, sem muito cuidado. Tinha atrás de mim as águas profundas do *rio Betis* (*hoje Guadalquivir*) e à frente um bando de homens armados até os dentes, bem situados a nos atingir com suas setas. Já me via perdido, quando Caio Mário surgiu de inopino atrás dos mesmos, atacando com fúria inaudita, matando, um a um, os bandoleiros. Quando a refrega

terminou, fui obrigado a agradecer-lhe a ajuda inesperada que me salvara a vida. Sentia-me humilhado. Chegava mesmo a desejar que houvera morrido naquele combate. Porém, Mário não parecia perceber meus brios ofendidos.

— Vamos lá, filho de senador — falou-me com modos rudes — Levantate e decide-te. Segues para o acampamento, para pensar as feridas, ou aproveitas o momento para assaltar o reduto destes cães?

Levantei-me atarantado, Por que ele me obsequiava com a ordem a ser dada? Não me deixava escolha que pudesse valer-me.

— Se já os tinhas descoberto, por que não m’o havias referido?

— Enquanto saias a caçá-los, meus rastreadores descobriram-lhes o reduto e, por sorte tua, também te segui. Ou preferias que eu ignorasse tuas atravessadas investidas?

Engolindo mais uma vez o desaforo, respotei com raiva:

— Por que, ao invés de ficar a vangloriar-te, não tratas de pôr-nos a caminho, antes que percamos o remanescente do grupo?

— Dá a ordem, Sextílio — falou Mário com um riso mau nos lábios.

— Em marcha! — gritei a plenos pulmões, amarfanhado e ferido, tomando meu cavalo e seguindo-lhe ao lado.

Minha figura era a de um derrotado, mesmo naquelas circunstâncias. Tinha o braço esquerdo ferido miseravelmente e precisava de socorro urgente. Mário parecia divertir-se por ver-me naqueles apuros, mas, depois, pareceu ficar preocupado comigo e ordenou a um seu soldado, que me pensasse o ferimento, o que ele fez, colocando-me um torniquete no ante-braço e passando um unguento estranho no ferimento. A carne ardeu tremendamente, mas aos poucos comecei a perder a sensibilidade ao ferimento, podendo locomover-me com mais agilidade.

Quase à noite, chegamos a uma clareira. Viam-se carroções em círculo improvisado. Mulheres sujas e selvagens cuidavam da comida. Crianças brincavam por ali. Sem dar tempo a qualquer reação, nosso grupo desceu com violência, aprisionando mulheres e matando os poucos homens que haviam ficado de guarda. Gritos e pranto de mulheres e crianças não nos detinham, no

revirar as carroças e aprisionar seus ocupantes. Vendo uma jovem que corria em direção à mata adjacente, alcancei-a disposto a segurá-la. Houve pequena luta entre nós. Ela tirara de sob a saia uma lâmina afiada, mas não lograra abater-me. Ao fitar seus negros olhos assustados, contudo, senti uma estranha comoção, que não soube explicar. Ela falava, esbravejava em sua língua estranha para mim. Todos foram levados para o centro da clareira e manietados. Terminava a “limpeza” de parte da zona conquistada por Cipião. Iamos começar nossa viagem de volta, e eu sabia que não seria sem ovação que ele teria seu retorno a Roma, nem fora senão devido às cartas de elogio de seus comandados aos parentes e amigos, que eu fora instado a observá-lo de mais perto. Havia, pois expulsado grande número de bandoleiros, que infestavam a Espanha Ulterior e lhe davam tão má fama. Queriam os *nostros* tomar posse definitiva daquelas terras, colonizando-as.

No retorno, através das estradas, via-se que ele procurava dialogar com os prisioneiros vencidos, sempre curioso de aprender com eles alguma coisa. Uma noite, ouvi-o discretamente, sem que percebesse:

— Crês que aquela quase menina tem o poder de ler o futuro? — dizia a uma velha encarquilhada, que, nem mesmo sei porquê, não fora morta como peso inútil, após o aprisionamento.

— Marta tem o dom, pois este lhe foi passado por Siomara, antes de morrer. Mas é esperta. Eu posso ajudar-te a conquistar-lhe os favores.

Intrigado, fiquei a ouvir o que confabulavam. A velha propunha, mediante sua liberdade, convencer a jovem que eu aprisionara, a lançar vaticínios sobre Mário. Curioso, fiquei a observar calado e oculto.

— Convince-a, então — falou ele, soltando a anciã de suas amarras.

A velha saiu a capengar com cuidado, procurando aproximar-se da jovem. Esta já percebera algo e espreitava os movimentos nossos. Vira-me e percebera que eu estivera a ouvir as confabulações da anciã e de Mário.

Com cuidado, a mulher sentou-se com sua tigela de alimento junto dela e conversou em voz baixa. A jovem sorriu, mas, levantando o rosto, fitou-me fixamente, e percebi que ela me delatava à outra.

Mário aguardava um sinal, mas as mulheres agora procuravam saber que partido eu tomaria. Eu não podia concordar com a soltura da velha, mas

percebia que ela não teria qualquer chance de vida ao chegar a Roma. Ninguém a querería por escrava, não alcançaria nenhum prêmio e a morte era mais que certa para ela. Ainda não entendera porque não fora justicada como as outras. Uma das esquisitices de Mário, com certeza. Agora percebia que ele a estava utilizando.

— Soldado — gritei hostil, dirigindo-me a um comandado.

Pode-me explicar por que esta mulher não se encontra nas cordas, como as demais?

O rapaz por mim chamado correu a ver o que acontecia e tratou de aprisionar a anciã. Mário ficou enraivecido, fingindo que a culpa não fora sua. E a jovem me olhou perplexa. Quando passei perto dela, ciciou-me, ameaçadora:

— Ninguém faz Marta de tola!

— Estás a me ameaçar? Por que antes não soltaste a língua se sabes tão bem o latim?

A jovem sorriu conciliadora. Havia um fundo de malícia graciosa e divertida nos seus olhos profundos. A cabeleira abundante e negra caía-lhe nos ombros. Estava suja e rota, mas a beleza invulgar, bem como a inteligência que transparecia de suas atitudes, me intrigavam.

Marta não respondia.

— Então? — perguntei mais uma vez, sentindo o descompassar do peito com apreensão.

— Nobre Sextílio — falou ela, finalmente — Ninguém me perguntou se eu sabia o latim. Meu povo vem de longe. O mundo é nosso lar. Não conhecemos fronteiras. Poderia contar-te muitas coisas interessantes. Desvendaria teu passado e teu futuro. Senta-te aqui — falou, indicando um lugar ao seu lado.

Eu, no entanto, perplexo com seus modos ora selvagens ora gentis, pensei, aturdido, como ousava a prisioneira aquele convite.

— Nada ganharás supondo-te num pedestal, nobre romano. Por que não

aprendes com Mário o contato com os soldados e prisioneiros? O verdadeiro sábio aprende sempre, até com as pessoas que julga inferiores a ele. Aliás — acrescentou, brejeira — o verdadeiro sábio não julga ninguém inferior a si.

Aquelas palavras eram como uma bofetada estalando no meu rosto. Na verdade, eu já as ouvira antes e muitas vezes do meu antigo servo Lívio, que me adivinhara, no caráter, a ponta do orgulho.

Marta sorria, divertida. Parecia desvendar meus pensamentos. Pensei em sentar-me ao seu lado, mas o orgulho me impedia.

— És uma embusteira — falei. — Não te servirás de mim!

— Tens medo de Marta! — respondeu-me ela com ironia na voz.

— Não me convencerás com este argumento! — objetei.

— Ora — replicou ela, dando de ombros — Primeiro tentas impedir-me de falar a Mário, depois me interpelas e por fim fojes? Es um tipo estranho!

— Está bem! — repliquei de maus modos, impressionado com as conclusões que tirava a meu respeito — Que seja! Verás que não te acredito! Provarei que és uma ladra mentirosa!

A jovem engoliu o insulto e pôs-se a morder um pedaço de pão duro. Calou-se obstinadamente. Percebi que esperava que eu me sentasse ao seu lado. Ruminava alguma coisa. Pensei que minha interferência atraía para nosso lado olhares curiosos. Cheguei quase a retirar-me, mas alguma coisa me atraía irresistivelmente para ela. Assim, sentei-me desajeitadamente ao seu lado. Ela, contudo, continuava muda.

— Como é? — falei, por fim, sem muito tato. — Dir-se-ia que agora emudeceste de vez? Lança teus vaticínios. Não tenhas medo. Não te creerei mesmo. De glórias à morte, podes prometer-me tudo.

Marta olhou-me de novo. Agora seus olhos eram duros, feriam mais que as lâminas cortantes. Sem dizer palavra, estendeu-me a mão. Entendí. Cobrava-me o favor.

— Ora, nem por seres prisioneira deixas de ser esperta. Mas dou-te um conselho e de graça, menina. Se queres os favores de um romano, aprende a

ser humilde, a servi-lo sem orgulho, e, nunca, a cobrar por serviços que ainda não prestaste.

Ela recolheu a mão e permaneceu muda. Eu estava espantado. Ao seu lado, alguns prisioneiros mal continham o riso. Marta ajeitou a saia, fazendo blintar as pulseiras. Passou a mão pela testa, lançando para trás os cabelos e olhou-me desafiadora:

— Primeiro tens medo, depois me desafias e, por fim, te fazes de avarento! — replicou ela e rir-se de mim — Nobre Sextílio, nunca fui uma ladra. Se queres meus serviços, aprende a pagar por eles.

O sangue cobriu-me o rosto. Sem que eu percebesse, Mário aproximara-se de nós. Trazendo nos dedos algumas moedas de ouro, fê-las cair uma a uma aos pés da jovem. Ela olhava para as moedas e para Mário. Por fim, estendeu as mãos.

— Queres que eu leia teu futuro, bravo soldado? — falou com um riso. — Marta não se dobra para apanhar o pagamento de seus vaticínios...

Vi, abismado, Caio Mário abaixar-se e apanhar as moedas, entregando-lhas. Houve risos entre os prisioneiros e até os soldados gargalhavam, divertidos. Eu, contudo, estava indignado. Levantei-me num rompante de cólera:

— Pretor, jamais um romano se inclinou diante de um bárbaro.

Marta guardara as moedas nos bolsos da saia, porém Mário, assim arguido, chasqueou de mim!

— E, sem me inclinar, como lhe veria as pernas?

Todo o acampamento estrugiu em mais risadas.

Percebendo que eu me aborrecera, tornou ele com ar sério:

— Acalma-te. E aprende, Sextílio, a conhecer os povos. Como combater os inimigos de Roma? Só com o orgulho dos patrícios? É preciso conhecer profundamente a quem se combate. Senta-te. Pago por mim e por ti e ouçamos os vaticínios desta mulher. Que mal nos poderá fazer esta jovem?

Todos aguardavam e eu era *supersticioso realmente*. A curiosidade me espicaçava e eu só temia haver caído em alguma armadilha. Mário, que parecia

já conhecer de perto alguns costumes dos prisioneiros, estendeu-lhe a mão direita. Marta tomou de um fio dos seus cabelos e jogou ao acaso sobre sua mão. Seu rosto jovem tinha um ar sério e compenetrado. Notei que muitos se aproximavam, curiosos^{5}.

— Caio Mario, eu te vaticino grandes feitos e glórias. Se me escutares, eu te levarei a vitórias sem fim, sobre todos os inimigos de Roma. Se me escutares, atingirás todos os teus sonhos e anelos. De tribuno do povo, se me escutares, chegarás a cônsul. Ninguém suplantarás, enquanto viveres, teus feitos. Se me escutares, Caio Mário, serás sete vezes cônsul em Roma!

Um murmúrio perpassou pela soldadesca.

Dei uma gargalhada nervosa:

— Esta mulher mente! — argumentei — Ninguém nunca foi eleito para o consulado tantas vezes e muito menos o será um plebeu!

Porém o soldado tinha os olhos brilhantes. Pareceu-me, então, que ela adivinhara a ambição dele e servia-se disto para conquistar-lhe os favores.

Tirei, portanto, da bolsa algumas moedas e intempestivamente as coloquei em suas mãos. Mário ergueu-se triunfante, sendo cercado por amigos, enquanto eu estendia as mãos para ela entre tremente e desafiador.

— Nobre Sextílio — falou ela, após fazer exatamente o que fizera a Mário, com exceção de um particular. Um dos fios dos meus cabelos tomou, guardando-o ao seio, o que me causou espanto — Nobre Sextílio ...

Parecia que algo a entontecia. Não conseguia prosseguir. Balançava a cabeça meio desalentada. Depois clamou na sua língua ininteligível para mim:

— Ah! Siomara! Siomara! Longe de mim teus vaticínios. Longe de mim!

— E, então, feiticeira? — falei de maus modos, conquanto estivesse temeroso — Quantos consulados me prometes?

Ela pareceu voltar a si por uns instantes, fitando-me, trântisa de pavor:

— Não quero teu dinheiro! — falou-me agressiva, tentando devolver-me as moedas.

— Não! — repliquei colérico — Paguei por tua sorte e exijo que me digas!
— Marta estava arfante. Tremores estranhos a sacudiam, dos pés à cabeça. Olhava-me transita de pavor. Eu não me enganava. Ela previra algo.

Como eu insistisse, sem largar-lhe as mãos, ela começou a dizer, num sussurro mal audível;

— Se ouvisses Marta, chegarias a Imperador de Roma. Mas não queres me ouvir. Tens teu coração trancado para mim. Foges de que eu te ajude. Se ouvisses Marta, ela daria a ti os tesouros que Mário ambiciona e seria tua. Não a queres ouvir e isto perderá a nós todos. Fechas teu coração para mim e, por teu orgulho, não sei o que nos estará reservado!

Ela continuava a estremecer e eu lhe disse, intencionalmente:

— Queres dizer que não podes lançar vaticínios? Boa feiticeira és.

— Não me interrompas! — falou ela autoritária, fuzilando-me com um olhar que me enregelou — Não me interrompas mais! Só uma coisa eu te digo: Um dia terás em tuas mãos a vida de Mario. Lembra-te, então, deste momento e recorda que lhe deves a própria vida!

Devolveu-me as moedas. Eu queria à força que ela ficasse com elas.

— Não! — gritava-me selvagememente— Não aceito teu pagamento! Nada quero de ti, a não ser o que não me queres dar.

— Toma — falava eu enfurecido, tentando obrigá-la a aceitar as moedas.
— Faço questão que recebas o pagamento por tuas mentiras!

Marta se erguera e agora se debatia nos meus braços. De repente, sem que eu pudesse impedi-la, mordeu-me o braço com fúria.

— Sai daqui! Sai daqui! — gritou como louca, se debatendo como uma fera.

Foi preciso que Mário nos apartasse.

Percebendo o ridículo da situação, saí dali com a cabeça à roda, e dirigi-me, a passos sonambúlicos, para minha tenda. Sentia-me arrazado, aturdido, confuso. Caí sobre a esteira como que alucinado. Pensamentos desencontrados, que as batidas do coração pareciam imprimir carreira

vertiginosa, me acompanhavam a respiração descompassada e louca.

— Deuses, protegei-me contra esta feiticeira! Protegei-me — pedia eu, confuso e medroso — De que profundezas do inferno, fora ela vomitada em meu caminho? Porque não permiti que me fugisse?

Só tardes horas, quando só se ouvia fora o alerta das sentinelas, pude conciliar o sono. Prometi a mim mesmo fugir a influência daquela mulher estranha.

Bem cedo veio me acordar um amigo de nome Lântulo. Vendo-me o abatimento, procurou conversar comigo com muito tato:

— Sextílio, meu amigo, ontem fizeste papel de tolo com aquela gata selvagem. Ignoras como ela tem ascendência sobre todos os de seu povo. Ela é quase como uma rainha para eles. Não deverías ter menosprezado também suas profecias. Muito tenho ouvido a seu respeito. Muito me referiram os que com ela convivem de há tempos. Ela é uma pitonisa.

E como eu o ouvisse meio aparvalhado:

— Não sei o que te aconteceu. Nunca te vi daquele modo. Que foi que ela te disse que te causou tanta ira?

— Ela é uma embusteira. Sempre a dizer; “se ouvires Marta”, ela só quer se impor e tomar o melhor partido.

— Não me respondeste. O que ela te disse? Mal pudemos ouvir, antes que te atracasses com ela, como o não farias com um soldado.

— Ela disse coisas bem estranhas. Falou que eu seria Imperador se a ouvisse, mas como não pretendo fazê-lo, informou que coisas funestas nos estavam reservadas, e que um dia terei a vida de Mário em minhas mãos. Pode-se acreditar num absurdo destes?

— Melhor te seria crer. Que tens a perder? Porque não a compras como presa de guerra?

— Quero esta mulher longe de mim! Ela me exerce uma influência penosa. A ti, Lântulo, posso afirmar sem vergonha, ela me faz medo.

— Sextílio, mesmo assim, deverías ouvi-la. Todos respeitam o dom que

herdou de uma antiga feiticeira. Farias bem em pensar no que ela tem para te dizer. Mário já alardeou por todo o acampamento os votos que ela lhe lançou.

— Mário, Mário, sempre e sempre este homem ambicioso e terrível. Ela lhe prometeu sete consulados. Como se isto fosse possível. Um plebeu miserável, aproveitando as milícias para se infiltrar entre os patrícios.

— Ouve-me, Sextílio — ponderou Lântulo sentando-se ao meu lado e procurando acalmar-me. — Ouve-me com serenidade. Não sei porque tanto te inclinas para a aversão a Caio Mário. É verdade que veio da plebe é verdade que sua família pertence aos “humiliores”, mas também é verdade que, desde a época de Cipião, na Numância, não se via alguém com tanto tino nas artes marciais. Ele tem sido sempre atilado em tudo quanto faz. Conquista a todos, não com o servilismo que lhe destacas, ou bajulação. E um espírito inteligente, brilhante e sagaz.

Eu ia argumentar qualquer coisa, mas ele me impediu, prosseguindo:

— Peço-te que ouças e ponderes quanto te digo. Mário é bom, apesar da ambição que lhe percebes. Auxilia os servos, ampara a família, arregimenta amigos. Não tem sido apenas um soldado valente como dizes. É um homem de larga visão. Ajuiza muito bem quanto às necessidades das massas, conhece os meandros do poder e até já lhe vi estranhos dons sobrenaturais, que aparecem no conhecimento de coisas que nos escapam. Os servos que lhe são mais chegados murmuram que ele tem meios que até os mais graduados sacerdotes de Júpiter ou do Templo de Ísis ambicionariam. Ouvi referir, outro dia, que, enquanto seu corpo dormia, seu espírito saiu sorrateiramente andando por todo o acampamento. Murmura-se que foi assim que descobriu o local dos bandoleiros, onde se acantonavam e dos quais Marta é uma das pitonisas.

— Tudo isto é um absurdo! — exclamei ressentido — Sabes que sou tão bom quanto ele nas lutas e tão ou mais valente. São invencionices que ele espalha para alardear seu valor.

— Antes fosse Sextílio. Antes fosse. Gostaria de poder concordar contigo. Mas, se é como penso, tal homem, unido àquela jovem com a qual ontem te engalfinhaste, estremecerá todos os alicerces da Cidade Imperial. Podes impedi-lo, comprando-a.

— Comprá-la? Para que? Como? Só se fosse para obrigá-la a ficar bem longe de mim, para mandá-la para os confins do Império, onde nunca mais a visse.

— Estou a te estranhar. Porque tamanha prevenção com alguém que mal conheces? Sempre foste agradável no trato com os servos de tua casa. Jamais te vi qualquer ato mais impensado ou agressivo. Não consigo entender-te Sextílio. Será que Mário lançou-te algum sortilégio, para que te afastes de Marta deste modo? Bem pode ser. Acho que é isto. Certa vez, ouvi referir que ele fez isto a um amigo, cuja mulher cobiçava. Ligou uma fúria endemoninhada no pobre, que este já nem raciocinava direito. Não conseguia aproximar-se da companheira sem arrepios de aversão e a pobre, sentindo-lhe a atitude, correu a pedir ajuda ao mesmo Mário, que a seduziu com promessas outras. Parece que a pobre enlouqueceu, sem poder livrar-se de estranha influência. Não estarás, acaso, também sob malignas interferências? Sacrifica aos deuses, amigo, ou às Musas, como preferires. Pede a Diana que te proteja e à Minerva que te alente a alma, porque estás diferente, como fora de si.

— Ora, achas mesmo? Só porque não simpatizo com esta feiticeira síria, não quer dizer que esteja louco.

— Acho que é suficiente que não a queiras ouvir, com tanta insistência nem a cobices, pois é bela e astuta, para que eu passe a me preocupar por ti.

— Pois, então, seja. Tratarei de comprá-la, tão logo chegemos a Roma. Mas fica calado. Ajuda-me a fazer os sacrifícios, antes do sol para não despertar suspeitas.

Lêntulo concordou, saindo apressado a ver animais para a matança e os dois amigos, tomando vasos ornamentais e um conhecedor dos rituais, adentraram os matos adjacentes ao acampamento com o fim de fazer o sacrifício. Daí a quase uma hora, dentro de uma bacia, Lêntulo segurava as vísceras do animal para que nela se visse vaticínios futuros.^{6}

O ancião que os seguia tomou nas mãos as vísceras ainda quentes e augurou:

— Serás invejado e amado como poucos, Sextílio! Teu futuro se encherá de glória e tua memória passará à tua descendência com respeito e carinho. Prevejo-te, no entanto, dores íntimas, desgostos acelerados. Tudo quanto

fizeres, a partir de agora, terá imensa repercussão no teu futuro. Muito cuidado com as sombras que vagam. Oferece a Diana os frutos dos campos e quando chegares a Roma, procura o oráculo que te profetize. Faze isto e viverás para sempre.

Pensei, então, em lhe perguntar sobre Mário e a mulher síria, mas ele teve um estremecimento involuntário e me fitou assustado:

— Foge de complicações — disse-me com o terror estampado nos olhos — Foge de cercar ao mesmo tempo a glória dos outros e o amor, porque pelo amor já foste no passado perdido e o serás agora. Ele atravessará a tua armadura com pontaria certa e te atingirá o coração com malícia.

— Mas o que está ele a dizer? — perguntei, voltando-me para Lântulo — Acaso vaticina sobre Júlia a quem estou prometido?

— Acautela-te, nobre Sextílio. Vejo que nem as vagas do mar, que é atravessado de ponta a ponta pelas naus, são bastante fortes para te proteger. Compra a mulher síria, mas cuidado para não lhe seres escravo. Podes, por ela, seres tangido às maiores glórias e às maiores desgraças de tua vida.

Eu queria perguntar mais, saber mais detalhes, mas o homem lançara de lado as vísceras sobre um buraco aberto e as cobria agora com terra. O sacrifício terminara e eu estava cada vez mais confuso.

Capítulo III

Marta

Nossa caminhada prosseguia. Procurei, na medida do possível, afastar-me da estranha pitonisa que tinha o dom de me confundir as idéias. No dia que retornara do ritual na mata, deparei com ela. Pensei ver no seu ar cansado um jeito de troça, como se brincasse com meus temores. Evitei, contudo, aproximar-me dela. Estava resolvido a comprá-la. Por ora, só pensava em fazê-lo com o fito de evitar a Mário tê-la junto a si. É que, no fundo, temia a união de ambos.

Uma noite, enquanto os soldados descansavam sob as fogueiras, um subalterno procurou-me receoso:

— Nobre Sextílio — falou após perfilar-se como convinha

— Sou Drusus, o homem que carrega a machadinha entre os lictores dos tribunos da plebe.

Eu estava justamente tentando me lembrar de onde o vira. Agora, com sua declaração, reconheci naquele homem o mesmo que conduzira, há algum tempo, meu amigo Cecílio Metelo às grades, sob ordens de Mário, naquela disputa pelos decretos de Cota, o cônsul. Imediatamente, ergui-me na defensiva. Por que um dos homens de confiança do plebeu vinha ver-me tardes horas, com aquela voz falsete de quem se humilha, como se viesse a mendigar favores?

— Quem te envia? — falei com voz dura e autoritária.

— Senhor, não me queiras mal — murmurou Drusus — Sou um soldado. Cumpro ordens. No entanto, também possuo sentimentos. Tenho sofrido muito. Há coisa de dois anos perdi um rapazote, meu filho, o qual, se fosse vivo, faria hoje 15 anos. Não podes sequer imaginar o que tem sido para mim viver sem meu querido Antônio. Procurei até mesmo mergulhar no Oceano de Cocito com os dardos inimigos, mas sobrevivi. Fui ferido na última refrega com os bandoleiros. Graças à pitonisa, quando já penetrava nos umbrais da morte, levado pelo veneno de uma certa flecha, fui salvo com uma beberagem que ela me dera. Porém, muito mais que seu estranho remédio que me devolveu a vida, esta jovem me deu a maior alegria de quantas tive. Enquanto me cuidava, junto ao acampamento, pôs-se a falar de meu filho. Referiu todas nossas lembranças mais caras e doces. Informou com segurança que ele vive, e estava ao meu lado. Tocando-me a fronte com os dedos, conseguiu que eu visse seu rosto amado e me pediu que prosseguisse vivendo, ao lado de minha mulher, que muito breve ele nasceria de novo de nós dois.

— Por que me referis os delírios que tiveste durante tua convalescença? — falei sem poder conter-me.

— Senhor, tem piedade de mim — exclamou Drusus, procurando acalmar-me — Se te venho referir meus segredos do coração não o faço para apoquentar-te os momentos de descanso. Saibas, Senhor, que muito te aprecio e jamais me aproximaria de ti, não fora as dívidas que me prendem a esta sítia pitonisa. Estou a lhe dever minha vida. Não posso, sem ferir minha honra, deixar de atender a um pedido dela.

— Quê? — falei espantado — Vens em seu nome?

— Sim, meu senhor. Marta deseja ver-te a sós, mas como permanece manietada entre os prisioneiros, e não a posso soltar, pede que a procures com alguma desculpa, pois tem algo muito importante a dizer-te.

Fitei Drusus com desconfiança. Tudo quanto me referia era demais fantástico. Aquelas falas de ver e falar aos mortos. A promessa de retorno do filho era algo impossível aos meus olhos que só podia ver naquilo tudo, em engodo da estranha feiticeira, que parecia conquistar a todos, senão pela graça de seu jeito feminino, pelos poderes que parecia possuir. O jovem esperava minha resposta. Havia ansiedade nos seus modos simples e, por um instante, pensei que era isca de alguma armadilha que se articulava contra mim. Toquei com mãos nervosas o cabo da adaga que trazia à cinta. E se fosse alguma nova

artimanha de Caio Mário para me amesquinhar diante da tropa?

— Soldado, falas a verdade? — perguntei intencionalmente.

— Pela alma de meu filho, senhor, não minto.

— Muito bem, irei contigo. Porém, se descobrir que me enganas, pagarás com tua vida — exclamei, tomando-lhe a própria arma e caminhando com ela arrebatado e trêmulo, atento aos poucos movimentos dos homens que montavam sentinela.

Pensei ainda em chamar a mim o amigo Lântulo, mas depois ponderei que não era justo colocá-lo em perigo por minha causa.

Atravessamos as tendas, dirigindo-nos ao espaço reservado aos prisioneiros.

A maioria deles dormia, mas percebi, pelos panos vistosos da roupa que Marta se mexia a um canto, ansiosa à nossa espera.

Ergueu-se, tão logo nos percebeu, olhando em torno como se tivesse receio que alguém nos espionasse.

Drusus afastou-se, tomando conta de nós como se fôssemos dois namorados em colóquios, e procurou estar por tal forma que não se mostrasse curioso com o que falaríamos.

— Aqui estou! — falei, percebendo-lhe a inquietude e mudez.

Por um instante fui tomado por uma vertigem. Tive vontade de abraçar aquela estrangeira. Era como se a sentisse insegura e desprotegida. Parecia aos meus olhos, então, uma criança assustada e indefesa. Onde a aversão que lhe sentira? Onde a repulsa e o rancor com que me atracara com ela? Procurava analisar meus sentimentos e os via tão desencontrados que, novamente, um medo feito de angústia de mim se apoderou.

— Obrigado por teres vindo — falou ela com maneiras polidas.

— Que me queres? — perguntei fitando-a de frente com arrogância, para não desfalecer.

Teria ela o dom de me derrubar com seus poderes?

— Preciso de ti. Se me ajudares, eu te servirei — falou com modos de criança.

Novamente o desejo de ampará-la nos braços me tomou de assalto.

— O que acontecia? Estaria enfeitiçado? — pensei atarantado.

— Fala. Que desejas? O que poderia eu fazer por ti? Porque vens a mim? Não tens já o amparo de Caio Mário?

Uma sentinela passou entre as tendas. Foi o bastante para que ela se assustasse qual corça perseguida.

— Eles nos vêem — falou com temor indisfarçável.

— Não temas. Não tenho que dar notícias dos meus atos. Falo com quem quiser, quando, onde e como desejar!

A jovem fitou-me. Seus olhos eram receosos como os de um animal ferido.

— Tenho tido sonhos terríveis. Sei que não podes entender, mas os romanos sabem que os sonhos são proféticos. Minha vida está interligada à tua. Sou escrava das tuas guarnições.

Sou despojo de guerra, mas ... — ela parou como se escolhesse as palavras. Suas mãos nervosas se me estendiam, sem coragem para me tocar.

—Tens que me ouvir. Sei que és bom. Preferia servir-te a qualquer outro. Muitos se aproveitariam de mim e eu seria levada de um lado a outro sem ti.

— Não te entendo — exclamei — O que desejas que eu faça? Fala logo. Não estás esperando que eu te livre... É isto?

Marta ergueu as mãos presas às correntes. Depois deixou-as cair ao longo do corpo num gesto de desalento.

— Então pensas que eu te usaria para fugir? Fugir para onde, dize! Onde uma pobre mulher só e sem proteção como eu poderia ir, sem ser vítima das criaturas? Achas que minto? Que não tenho em mim nenhum valor? Queres que eu te prove que farias bom negócio comprando-me? Ou pensas que não me custa nada passar de livre à escrava e ainda implorar por um dono?

Marta se indignara e isto pareceu quebrar o encanto que me exercia

— Queres que eu te compre? — perguntei fingindo indiferença — Se é só por isto, não precisas zangar-te. Eu te comprarei quando chegarmos a Roma.

O choque que ela levou com esta declaração pareceu desnorteá-la. Levou a mão à frente, tomada de vertigem. Quase caiu. Foi preciso que eu a amparasse, o que fiz mais por iristinto.

Estávamos tão próximos um do outro que eu sentia seu hálito em meu rosto. Nem percebi que Drusus nos fitava admirado.

— Pareces doente — falei por fim — Já te alimentaste hoje?

Ela me olhou desconcertada.

— Me comprarás? Juras? Fa-lo-ás mesmo?

— Sim. Eu já te disse. Não consigo te entender. É melhor que repouses ou ficarás doente.

— Os deuses te amparem. — disse arrebatada beijando-me as mãos. — Não te arrependers. Eu te farei Imperador de Roma, senhor do mundo!

— Para com estas promessas tolas! — redargui aborrecido, afastando-me dela. — Não precisas prometer-me o cetro, a coroa ou o poder! Se algum dia eu os conquistar, será pelo meu próprio valor e não pela interferência da tua magia!

A jovem guardou o sorriso e as maneiras espontâneas de criança;

— És um orgulhoso! É o que és! Um maldito orgulhoso, cabeça de asno! — e entrou a falar com sua linguagem estranha como se pusesse para fora todos os demônios.

— Que estás a dizer?

— Maldito orgulho! Maldito! — respondeu ela, cuspiendo de lado, de maus modos. Mas logo ergueu a fronte em desafio, com um sorriso de malícia brincando nos lábios — Está bem, nobre Sextilio. Basta-me, por ora, que me prometas comprar e que não faltes à tua palavra. Um dia Marta te provará o seu valor.

Deu-me as costas com um gesto que para mim tanto podia ser uma bênção ou uma maldição.

Passei por Drusus que, embora curioso, levou-me à minha tenda, sem nada perguntar. Mas eu formulava mil perquirições interiores. Quem era, afinal, aquela jovem mulher que parecia desprotegida como criança, mais perigosa que a pior feiticeira e arrogante como ama deusa? E por que desejara que eu a comprasse a ponto de me pedir? Quais os argumentos de Lântulo que me haviam levado àquela resolução? Eu jamais saberia responder, a menos que tivesse meios de revolver o fundo sombrio do meu próprio passado.

Capítulo IV

Finalmente, Roma

A marcha prosseguiu sem incidentes dignos de nota. Víamos aqui e ali alguns remanescentes dos redutos dos ladrões, mas nenhum novo líder aparecia para ressurgir das cinzas, as coortes de assaltantes, que haviam tornado tão tristemente célebre toda aquela região da Espanha Ulterior.

As maltas que não haviam sido abatidas, fugiram para longe, temendo a aproximação das legiões romanas, com seus valorosos combatentes, com seus penachos de plumas à cabeça, suas sandálias de correias, suas adagas imbatíveis, suas armaduras reluzentes e seus fogosos animais.

Dei de perceber que Marta procurava sorrir-me quando me via. Havia como que uma chama inquieta de alegria, toda a vez que cruzávamos pelo caminho. Ela seguia acorrentada com os demais prisioneiros e a fila deles nos detinha o passo. Eu não sabia explicar a mim mesmo as razões pelas quais amargurava-me o dia aquela marcha dos infelizes, sob o sol ou sob a chuva, em direção às prisões.

Num daqueles dias faleceu a velha que capturáramos, junto ao grupo. Isto pareceu abatê-la. Conseguiu, não sei por quais argumentos, que Mário parasse numa clareira e ali executou uma dança ritual estranhíssima, cercada pelas canções de mulheres e crianças de seu bando, numa lamuriante oração fúnebre, que foi ouvida por toda a tropa. A morte sempre dá ao homem a sensação de impotência, pequenez, inutilidade. Todos ficaram contritos. Nenhuma basófia, nenhuma brincadeira se percebia entre os homens, que sérios assistiam àquela cena. Eu me aborrecia tremendamente com a demora daquela despedida, mas observava, curioso, os gestos iniciáticos de Marta e cada vez mais me aguçava a curiosidade de conhecê-la e ao mesmo tempo, uma vontade de fugir-lhe como se me representasse algum perigo. Após as preces em idioma que eu desconhecia, o corpo foi colocado sobre um tablado, que Mário ordenara fosse erguido, e para cujo trabalho os homens fortes do bando haviam colaborado com um certo orgulho, e assim ardeu diante de nossos olhos. Houvera e continuava a haver uma certa majestade na maneira como Marta

comandara a cerimônia, que chegava ao fim, e um sentimento de respeito por ela, uma quase ternura começou a dealbar em mim, porém lutava com todas as forças de meu valor contra o fascínio que ela me exercia. O meu orgulho não me permitia a aproximação com uma quase selvagem, estranha feiticeira de um remanescente grupo de bandoleiros, cujos principais haviam sido justicados na última refrega, que quase me custara a própria vida, além da humilhação sofrida com o socorro vindo pelas mãos de Caio Mário.

Após aquela parada, que eu não pudera evitar, pois os argumentos de Mário foram irretorquíveis, aventando a necessidade de um descanso e o respeito que devíamos aos vencidos, coisa que o enobreceu aos meus olhos, pois jamais lhe reconhecera qualquer sentimento, a não ser a ambição desmedida e a altivez que lhe sabia, fruto sei lá de que profundezas da alma, pois sempre fora um plebeu, eu percebi que a pitonisa ficou como que perturbada e arredia. Andava como que envelhecida e cansada, olhos postos no chão, durante a marcha que retomáramos e de um mutismo exacerbado. Às vezes percebia-a a mastigar, durante as paradas, algum pedaço de alimento que Drusus quase sempre lhe dava, e até mesmo o trigo que reservávamos para nossas guarnições, porém era como que se um nó se lhe atasse à garganta.

Após alguns dias mais, veio-me Drusus correndo avisar que Marta estava desfalecente. Caíra à frente dos prisioneiros e ninguém conseguia que caminhasse. Quando corri para onde estava, já lá encontrei Mário, que friccionava seu corpo com um unguento nauseante que lhe entregara um servo. Depois a cobriu com a própria capa, e colocou-a de borco sobre seu cavalo, descendo ele para caminhar entre os soldados, que seguiam a pé.

— Que é isto, romano? — perguntei com a arrogância que me era peculiar.
— Cedes um animal a serviço do Imperador, a benefício de uma prisioneira?

— Não é, bem sabes, uma prisioneira comum, nobre Sextílio — redarguiu ele imperturbável na sua imodesta postura. — Trata-se de uma mulher, cujos poderes, por certo, o próprio Senado gostará de analisar. O que faço, faço por Roma!

— Tira-a já do animal! — ordenei, mal percebendo que ambos estávamos como que “comandados” por nossas emoções mais profundas, agindo sob o influxo da mesma velha que nos deixara há dias, e que nos envolvia, com o único intuito de proporcionar à Marta, uma melhor assistência^{7}.

— Soldados, — falei para um grupo que me seguira, com os servos de minha casa, que jamais me deixavam— providenciai uma maca de razoável conforto. Sereis responsáveis pelo traslado dela e ainda cuidai para que nada lhe aconteça!

Mário fitou-me entre a desaprovação e a cólera. Era evidente que eu não estava apenas admoestando-o, mas que tratava de providenciar a ela um tratamento mais humano, que a protegia quase descaradamente, ainda que mascarasse aquela minha intercessão com uma rusga a mais com o líder das guarnições, cuja liderança sempre tanto me magoara.

Desta forma, chegamos a Roma, sempre com cuidados com os prisioneiros, dos quais os mais incapazes foram ficando ao longo do percurso, que foi bastante penoso para todos nós.

Quando avistamos as colinas de nossa sede, Marta estava melhor, graças aos cuidados a ela dispensados, e foi com certa apreensão que a vi junto aos demais, ao serem levados aos calabouços frios, onde aguardariam o futuro, retornando à minha casa, onde os meus me receberam com expressões de júbilo sincero e carinho. Papai fitava-me com orgulho, percebendo como o combate me enrijecera e mamãe acarinhava a cicatriz do meu braço, com o desvelo de quem quer pensar feridas de há muito sanadas, ou como quem almeja entregar um troféu. Minha irmã Faustina não se cansava de perguntar sobre Lêntulo e Mário e preparou-se para os dias seguintes uma festa de acolhida, que recebesse as famílias mais representativas, para me celebrar a volta são e salvo e comentar e aumentar meus feitos.

Nos dias seguintes, eu e Mário nos revezamos na apresentação dos relatórios das várias campanhas. Eu chegara depois dele vir lutando há anos e ficou evidente para mim, então, que a fama de seus feitos o antecederia nas cartas de seus comandados, que sua arrogância crescia, e que, dia a dia, ele ganhava mais e mais a simpatia das massas e a Câmara Edilitas Popularis se orgulhava de seu antigo pretor. Tudo parecia encaminhar-se para sua eleição a cônsul e eu estive a conversar com papai e Metelo em nossa residência. Estava presente, na ocasião, Lêntulo, que ali viera com o propósito de me avisar de algo que me preocupava e Cota, amigo de nossa casa.

— Como impedi-lo se nenhum outro o igualou nos feitos? — falou o senador meio desanimado, recordando os reveses sofridos no passado.

— Nada o deterá — secundou Metelo com ar cansado — Jamais esperará que lhe entreguemos a palma da vitória. Virá arrancá-la de nossas mãos, cara a cara, ao preço de nosso sangue, não duvideis. Nada o deterá.

Papai passeava pelo recinto com aquele ar preocupado que lhe conhecia bem.

— Sextílio teve seus feitos obumbrados pelas bravatas deste homem. O próprio Senado não lhe poupa louvores. O povo o ovaciona. Nossas famílias têm soldados tão valorosos quanto ele, que só se destaca pelo ousado atrevimento de expor ao público suas cicatrizes, como se fossem troféus...

Percebendo que Lântulo queria falar-me a sós, pelos olhares ansiosos e os gestos que fazia, disfarçadamente, saí para o lado da pérgula fingindo olhar pela abertura e ele seguiu-me.

— Que te preocupa? — perguntei tão logo se aproximou, enquanto os demais permaneciam na conversa preocupante.

— Até que enfim encontras meio de me ouvir — desabafou ele — Não soubeste que hoje na praça se faz o leíão dos prisioneiros?

— Hoje? — exclamei admirado — Por que não me referiste?

— Pensei que souberas. Nos banhos só se comentava isto.

— Não fui ontem à Academia ou aos banhos. Estive indisposto, após as festas de papai para louvar-me os feitos — falei contrafeito.

— Se não correres, não a poderás comprar — informou Lântulo com ar aborrecido.

— Então, que esperamos? — exclamei à socapa — Apressemos-nos.

Voltei-me, então, aos convivas e preteixi um negócio urgente, saindo quase a correr, sem dar maiores explicações a papai, passando pelo jardim e apressando os servos a me atenderem obsequiosos, e ambos saímos a cavalo a correr pela propriedade, procurando a feira onde eram expostos os despojes humanos, já que os troféus de ouro haviam sido depositados no Templo e recolhidos aos cofres públicos, sendo que muitas peças haviam sido vilmente surrupiadas por nossos próprios soldados, aos quais Mário prometia despojos

e regalias.

Encontrei muito povo, naquela curiosidade que têm as pessoas pelas novidades. Alguns patrícios haviam enviado para lá seus administradores, com ordens específicas, para adquirirem esta ou aquela prenda, a qual já haviam espionado nos próprios calabouços. Todos murmuravam sobre a estranha mulher, cujos dons eram aumentados pelo povo.

Aproximamo-nos do tablado, abrindo caminho entre a multidão, e nossa presença despertou a observação popular.

Impaciente, aguardei, após perguntar a um membro do Senado, se ela seria levada a leilão.

Chegou abatida e pálida, mas de cabeça erguida. Seus olhos procuravam disfarçadamente alguém entre a multidão e, quando me fitaram, foi como que se uma onda de calor a percorresse inteira, acendendo-lhe a vida. Percebi-lhe a alegria espontânea no olhar ao me reconhecer entre os presentes. Mas também Mário ali estava, ao lado de Aurélio Orestes e Cássio Sabação, e de outros amigos. Senti que também a disputaria lance a lance.

O responsável apresentou a escrava prisioneira, destacando-lhe a beleza, os dentes perfeitos, os braços sadios, o corpo bem formado. Ela parecia indiferente aos olhares da multidão esquadrinhando cada palmo de seu corpo, de sua compleição. Um riso mal desabrochado de orgulho e desdém via-se no rosto, porém o olhar estava algo assustado, e as correntes aos pés pareciam magoá-la. Aberto os lances, Lêntulo fez o primeiro, evidentemente para mim. Depois foi a vez de Mário.

A multidão se inquietava. Murmúrios, cochichos, chacotas se viam entre as pessoas. A cada lance, Marta fitava-nos com angústia na expressão fisionômica.

Para mim era evidente que o plebeu pedira a intercessão de Aurélio, mas que este cobriria os lances até uma certa importância. Eu estava disposto a descobrir a quantas ele subiria por apoio e amizade a Mário e a ridicularizar a ambos com a compra da mulher. Lêntulo a cada volta das ofertas, como que me perguntava se deveria continuar a cobri-las e eu, disposto a consegui-á a qualquer preço, ia suplantando uma a uma as quantias lançadas por Aurélio.

A turba cada vez se agitava mais. Um *amigo de papai*, de nome Fábio Augusto, aproximou-se de mim e me exprobrou com carinho:

— Meu rapaz, encontrarás peça melhor entre as dançarinas do Esquilino. Teu pai não aprovará tal generosidade.

— Agradeço-te, Fábio Augusto, o conselho. Isto não é negócio de meu pai, e sim meu! — e continuei a subir o preço da prisioneira.

Tal como eu supunha chegou Aurélio ao seu teto e Mário ainda tentou mais um lance, somando suas economias ao oferecimento do amigo, mas inutilmente. Arrematei-a e pedindo a Lântulo que fizesse a consumação daquela transação comercial, ordenei ao leiloeiro que m'a entregasse em casa aquele mesmo dia, e saí, sem mesmo perceber o olhar de gratidão que me seguia, sequioso de atenções.

Capítulo V

Reações

Saí do mercado disposto a esparecer as idéias. Havia em mim um misto de satisfação e orgulho, por haver comprado a prisioneira e sustado os esforços de Caio Mário para consegui-lo.

Eu e Lêntulo estivemos dando voltas à toa, indo depois aos banhos e a almoçar com alguns amigos. O dia transcorreu ameno e só à noite, ao retornar à casa, recordei-me da manhã laboriosa que tivera. Meu pai aguardava-me. Havia luz no quarto de minha mãe, dando conta que não se recolhera ainda e logo ela veio ao nosso encontro.

— Sextílio — disse meu pai — Por onde andaste todo o dia? Não estiveste a beber ou a fazer arruaças, pois não?

Percebendo-lhe o semblante anuviado, redargui:

— Ora, o que aconteceu de tão grave que te vejo assim aborrecido e animoso comigo, papai?

— Filho, não és nenhum rapazote. Conheces de sobra nossos costumes. Sabes que não aprovo esbanjamentos, nem estavas em condições de agir doidivamente estes dias.

— A que te referes, papai? Sê mais claro! — pedi amolado.

Mamãe tomou-lhe a frente, saindo do mutismo com o qual nos encarava. Via-se que mal podia conter o ímpeto e os cuidados que a assaltavam. Era uma senhora robusta e bela. Tinha no semblante a doçura das mães e o encanto e altivez das matronas romanas. Fios brancos de cabelo já lhe ornavam a frente e gostava sempre de se apresentar bem posta e perfumada em todas as ocasiões.

— Sextílio — falou ela sem rodeios — Por que pagaste tão alto preço pela prisioneira que trouxeste dos celtíberos? O que ela representa para ti? Por que a disputaste, tão insensatamente diante de todos, a Caio Mário?

Só então me recordei da manhã que parecia tão distante à minha lembrança.

— Então é isto! — falei amargurado, sem poder conter um certo rubor repentino da face. — Já a entregaram? Vieram cobrar o seu resgate? Mas eu pedira a Lântulo que efetuasse a transação de modo a não vos causar maiores cuidados. Sabeis que tenho meios de saldar tudo sem vos ser pesado. Agiu, acaso, o leiloeiro de modo a vos prejudicar?

— Não se trata disto — falou papai quase perdendo a calma — mas não vês? Acaso és cego? Fábio aqui esteve referindo-nos tua atitude.

— Eu avisei a Fábio que a compra era minha. Não havia necessidade dele vir a referir-te tudo, talvez com as tintas carregadas de sua fértil imaginação, para vos apoquentar deste modo.

— Sextílio — pediu mamãe conciliadora — Senta-te aqui. Não precisas mentir para mim ou para teu pai. O que tem esta jovem, pois é quase uma menina, de tão especial? Acaso te enamoraste dela?

— Mas o que Fábio vos levou a deduzir? — inquiri perdendo a calma.

— Fábio não é leviano nem murmurador, como queres parecer — aparteu papai — Acaso não pensaste que tua insistente e alta oferta não causasse a toda Roma estupefação?

— E por que? Não posso eu comprar um prisioneiro? Acaso não vi vários administradores disputando cada um dos escravos ainda hoje?

— Mas, dize! Qual deles fez uma oferta tão estapafúrdia quanto tu? Hein? Dize!

Papai, em que tenho sido pesado a ti? — perguntei fugindo abertamente às suas perguntas.

Mamãe interferiu:

— Sextílio, ouve teu pai com o respeito que lhe deves! Ele está preocupado, pois ainda hoje a nobre mãe de tua prometida honrou-nos com uma visita. Ela foi muito educada e gentil, mas não podia deixar de tocar no assunto que lançou os mais desencontrados comentários no círculo familiar.

— Ora! Mas isto é um absurdo! — argumentei perdendo de vez a compostura — Mamãe, mas de que profundo fosso foram tirar esta imundície? Comprei Marta, comprei-a sim, apenas para me divertir com Caio Mário, para feri-lo no seu orgulho de plebeu, para colocá-lo no lugar que merece!

— Compreendo-te, meu filho — falou mamãe com doçura — Olha, eu e teu pai podemos bem entender tuas razões. Te conhecemos de sobra para saber que tens o orgulho dos patrícios e que não queres te dobrar às artimanhas deste plebeu, que ganhou tantos louvores ao Senado.

— Ainda hoje ouvi a confusão que armou nas discussões sobre a distribuição de trigo à plebe, pleiteada desde Caio Graco — comentou papai, — Como se não bastasse a desgraça que se abateu sobre o lar de Cornélia, roubando-lhe Tibério, não sei porquê Caio insistiu nas pegadas desastrosas do irmão... E agora é Tito...

— Pois se acenderam de novo as rusgas? — perguntei preocupado, pois tinha o maior respeito por Cornélia e sua dor, — lembrava-me dos anos tenebrosos com aqueles saques e violência que haviam custado a vida a Cipião e Tibério e depois a Caio Graco.

Mas mamãe não deixou que o assunto fugisse para outras direções. Pareceu-me, então, que ela prometera enérgicas providências, quanto à mulher que eu comprara.

— Sextílio, ouve-me. — pediu, interrompendo nossa conversa — Tenho minha palavra empenhada com a mãe de tua prometida e espero que não me obrigues a, por primeira vez, dar um falso testemunho.

— O que andaste a prometer? — perguntou papai.

— Se é verdade que compraste a mulher síria apenas para magoares a Caio Mário, só há um meio de prová-lo à tua noiva.

— Não te entendo — falei balbuciante.

— Eu me explico. Prometi, sobre minha própria honra, que nada havia entre ti e a prisioneira e disse que o provaríamos, fazendo a Júlia presente da mesma!

— Como pudeste? — exclamei percebendo-lhe a artimanha, pois já adivinhara em mim o que eu mesmo negava, a minha inclinação para com Marta. — Não acho justo que me desfaça de uma serva, que me custou tanto, pelos caprichos de minha noiva e pelas falas das mulheres!

— Sextílio! — e minha mãe estava transtornada — Quem te permite faltar-me ao respeito que me deves? Acaso me colocas em meio às levianas faladeiras a que te referes?

— Não, mamãe, mas só não é justo que decidas por mim quanto aos meus negócios, pelos caprichos de Júlia.

— Pois é bom que penses bem porque está em jogo teu próprio futuro! Ou a entregas à tua noiva, ou temo que teu casamento não se realize!

E mamãe, dando por encerrado o assunto, saiu apressada, enquanto eu procurava argumentar em vão com papai quanto à atitude a tomar.

Ele concordava com o expediente armado por minha mãe. Se não havia qualquer interesse de minha parte, doasse a serva e acabasse de vez com os comentários que se faziam à minha volta. Papai recolheu-se. Apesar do cansaço, após um dia cheio de atividades, eu não conseguia conciliar o sono. Chamei Coriolano, um servo de confiança, e lhe perguntei da pitonisa. Ele me informou que estava com as mulheres da casa e que durante todo o dia só fizera perguntar por mim, tendo tido uma alteração com minha mãe.

— Pois quê? Elas discutiram? E como foi isto?

Coriolano ficou amuado, como que pressentindo que falara demais, porém eu não o queria calado.

— Vamos lá. Conta-me tudo sem omitir nada! Nada perderás e, além disto, preciso saber. Ou pretendes que eu vá acordar a mulher para que me refira tudo o que me ocultas?

Vencido por meus argumentos, Coriolano comentou, falando baixo, os acontecimentos.

Marta chegara, quando ainda Fábio Augusto comentava com papai a transação que eu fizera. Mamãe estava constrangida. Papai ouvira tudo calado, agradecendo a informação.

— Nisto ela chegou. Tua mãe, sabes como ela é, ficou indignada.

— Ele fez tamanho escândalo por isto? — perguntou a teu pai como se uma cobra a tivesse picado.

Marta percebeu que não era benvinda.

— Onde está o meu senhor? — perguntou a mulher que compraste.

— Quem te ensinou a te dirigires a teus senhores sem o devido respeito? — inquiriu tua mãe.

Teu pai tentou apaziguá-la, mas ela perdera a calma e ordenou a uma serva, Cósroe, que já conheces:

— Dá-lhe um banho para que se apresente a mim mais tarde. Está cheirando mal.

— Só tenho o cheiro que os romanos me deram! — respondeu a mulher.

Bem podes saber que tua mãe só faltou esbofeteá-la, correndo-a dali furiosa. Como se não bastasse, mais tarde, estando indisposta foi procurada pela nobre mãe da jovem Júlia e não pude ouvir o que disseram, meu senhor, mas bem podes imaginar, — acabou por dizer Coriolano, com um ar meio apatetado.

— E, por certo, tudo isto foi motivo de muita graça entre todos. Anda lá, Coriolano. Não me ocultes nada. Conta como está a mulher. Quero saber todos os comentários que se fizeram depois que ela chegou.

— Cósroe levou-a a tomar banho, mas ela parecia uma fera solta. Imprecou contra ela, dizendo que sabia lavar-se sozinha e que não era criança. Fez Cósroe perder a paciência e esta a enfiou de roupa e tudo no tanque. Todos riram muito. Sabes como ela é truculenta e como ninguém pode com ela. Não houve jeito senão a síria obedecer, o que fez com muito maus modos. Ela xingou a outra em sua língua, me parece, mas de nada adiantou. Teve que lavar-se, o que não fez com má vontade, senão demonstrando que é orgulhosa e não gosta de obedecer, embora quisesse lavar-se. Mas ...

— Termina — ordenei percebendo que ele temia alguma coisa.

— Ela parece um demônio, senhor. Foi recolhida a um quarto, mas, desde

então, Cósroe ficou doente...

— O quê? — perguntei de um salto.

— É como lhe disse. Cósroe adoeceu e só não contei à tua mãe, porque ela já teve muitas preocupações. Ela está acamada e todos comentam que a mulher lhe lançou algum feitiço^{8}.

— Pois leva-me até ela! Anda! Que estás esperando?

Coriolano, medroso e assustado, tratou de me atender. Fui levado ao quarto onde Cósroe ardia em febre e convulsões estranhas. Depois, impressionada com o repentino adoecimento de Cósroe, procurei os aposentos que guardavam a pitonisa síria. A chama de uma vela tremeluzia no quarto pequeno. Coriolano a havia albergado ali sozinha, pois os servos murmuravam e temiam sua presença.

Atrás de mim o servo, respeitoso, aguardava os acontecimentos. Antes pedira-me cautela no trato com ela, pois ele também temia seus sortilégios.

Marta adormecera. Sua cabeleira negra caía-lhe sobre as espáduas nuas e a coberta pobre deixava entrever um pedaço das pernas bem torneadas. Dir-se-ia uma criança. No seu ressonar havia tal inocência, que seria difícil, ao vê-la, crer-se na turbulenta discussão que tivera comigo no acampamento, com mamãe, segundo me fora relatado ao chegar, e com a rude mas bondosa Cósroe.

Vencendo a fascinação que me envolvia, o desejo de ficar ali a fitá-la no seu lânguido sono indefinidamente, ordenei a Coriolano:

— Acorda-a!

— Os deuses me livrem disto! — falou o servo. E, vendo que eu ia insistir, saiu a correr pela porta, levado pelo temor que já o assaltava.

Quase me ri ao invés de zangar-me com aquela atitude insólita. Coriolano era um velho servidor que me conhecera bem pequeno e mimara-me sempre; contava-me tudo o que se passava às minhas costas, com os servos ou com meus pais. Era prestativo e amoroso, de uma simplicidade e lealdade a toda prova. Conhecendo-o, como o conhecia, eu sabia que ele não tornaria, nem haveria de me obedecer nas ordens que eu lhe dera. Era supersticioso. Fiquei,

portanto, quase grato a ele por sua covarde retirada, que me permitia deixar de lado os ares de senhor mandão, para deter-me mais tempo a analisar a beleza da mulher jovem, ainda quase menina, adormecida e indefesa diante de mim.

Aos poucos fui vencendo o desejo de permanecer ali a observá-la. Lembrei-me de que, a poucos passos dali, Cósroe se debatia presa por febres incontrolláveis. Sentei-me ao lado da cama rústica, que deu um estalido. Foi o bastante. Marta acordou e, ao ver-me, sem me reconhecer, de pronto, recuou ná defensiva.

— Ainda bem que acordaste — falei, procurando dar à voz um tom impessoal.

— Qué bom que vieste — murmurou ela como se fora a mais indefesa das criaturas.

— Soube que discutiste com minha mãe — comentei.

Ela percebeu que a reprovava.

— Não sabia que era tua mãe. Ela... não gostou de mim...

— Talvez se fosses mais humilde, mais simples a agradasses — comentei.

— Não gosto de fingir ser o que não sou!

— Quase me esquecia — falei irônico — Es quase uma rainha, não é isto? E uma rainha não pode agir como uma serva.

— Não vieste aqui me acordar só para dares noticias de tuas criticas a meu respeito — falou ela cobrindo-se até o pescoço, sentada e de costas apoiadas à parede.

— Não. É verdade. Vim te pedir um favor.

Os olhos de Marta me esquadrihavam o rosto, à procura de algum clarão que lhe revelasse meus sentimentos para com ela. Percebi de relance que parecia temer que eu ali estivesse por motivos outros, mas muito depressa fugiu com o olhar, como que envergonhada de sua suspeita com relação aos meus motivos.

— Um senhor não pede favores. Um senhor ordena! — replicou

humilhada, pois, ao mesmo tempo que temia, desejava ser por mim amada.

Em meu intimo, pejado de cuidados, adivinhei-lhe o temor e senti um certo desconforto. Eu agira corretamente com ela. Aquele mesmo dia Drusus viera agradecer-me tê-la adquirido, pois sabia do temor que lhe infundia Mário. E isto era prova bastante para mim de minha generosidade, já que Drusus era fiel ao antigo pretor e só sua dívida para com ela o levava a enredar-se comigo.

Fiquei um instante perplexo diante dos descontraídos pensamentos que me assaltavam, mas logo readquiri os modos autoritários camuflados por uma atitude fria e calculista.

— Sinto ter-te acordado e, com referência à minha mãe, amanhã conversaremos. Sei que tens alguns conhecimentos que me fogem ao entendimento, e é por isto que estou aqui.

— Também tu não vês em mim um ser humano, não é? — comentou com amargura — Queres que eu te ajude com meus poderes.

— Não acredito em poderes, só nos conhecimentos que adquiriste junto a povos estranhos. Uma de nossas servas, que me é muito cara, - pois nos tem servido há anos, sendo de uma abnegação a toda prova, adoeceu. Quero que te mudes para seu quarto e que a sirvas.

Os olhos de Marta cintilaram.

— Falas da gorducha Cósroe? — perguntou com a respiração arfante de ressentimento.

— Sim. Falo dela. Todos murmuram que lhe lançaste um sortilégio, um feitiço e a fizeste adoecer.

— Nem eu precisava tanto! — murmurou ela com um sorriso.

— Que queres dizer?

— Que me bastava zangar com ela. Não preciso lançar feitiços. Amigos muito poderosos me servem. Eles é que a magoam, eu não interfiro.

— Não te entendo. O que falas?

— É o espírito da velha que a assedia. Ela foi bastante forte para me jogar

no tanque, não é? Por que não é forte para livrar-se deste ente que a persegue?
— respondeu com displicência.

— És minha serva. Ordeno-te que a cures.

— Não sou médico.

— Sabes fazê-lo.

— Sim. Eu o sei. Mas não quero!

— Marta, não sejas teimosa. Vim aqui para te pedir um primeiro favor, desde que chegaste. Cósroe é muito cara a mim e minha mãe. Eu sei que não és má. Eu te conheço. Estás talvez magoada com o que tens passado.

— Eu não estou magoada! Eu estou furiosa! — gritou quase intempestivamente — Estou cansada, cansada, batida! Todos os meus amigos se foram. Eu estou sozinha praticamente. Só tenho a ti, mas não te importas comigo, senão não virias me acordar em plena noite, para interceder por alguém de quem não gosto!

— Não tens porque não gostar de Cósroe. Quando a conheceres melhor, a apreciarás devidamente. Faze o que te peço.

Marta suspirou profundamente. Levantou-se e apanhou a um canto uma coberta, envolvendo-se nela.

— Seja como queres! — respondeu quase surdamente e, saindo, dirigiu-se para o quarto de Cósroe.

Mal chegamos e a serva que ficara à sua cabeceira recuou amedrontada. Marta saiu para o jardim, levando à mão uma vela. Eu a segui. Caminhou resmungando como se procurasse algo. Tomou de umas folhas e retornou ao quarto. Arranjou as folhas num recipiente de barro e começou a queimá-las lentamente, falando palavras que eu não conseguia traduzir.

A breve tempo, uma fumaça olorosa começou a sair da vasilha, enchendo o aposento. Sentada como um buda, ela orava. Seu rosto ficara lívido e se transfigurava. Eu a observava, entre curioso e assombrado.

Na cama, Cósroe começou a se aquietar. Marta aproximou-se dela e começou a falar com um ser que eu não via. Cósroe respondia na mesma

estranha linguagem, para mim intraduzível. Após alguns minutos de conversa o semblante da síria se desanuviou. Colocando a mão à nuca e testa da robusta mulher, assoprou-lhe as têmporas e a testa. Ela caiu pesadamente no catre, adormecendo profundamente. Suor estranho porejava de sua testa. Marta o enxugou com o lençol e a cobriu^{9}.

— Ela está bem — falou sorrindo para mim, demonstrando que não só estava segura de seus poderes, como se satisfazia em prová-los a mim.

— Tens certeza? — perguntei.

— Sim. Estou certa. Ela está bem.

Sáímos para fora do quarto e a outra tomou o seu lugar, ao lado da mulher, guardando-lhe o sono.

— O que pensas do que viste? — perguntou-me a síria com desenvoltura e malícia.

— Penso que é tarde e precisas repousar. Agradeço-te a intercessão. Amanhã conversaremos.

Levei-a aos seus aposentos e tratei de dormir. Estranhos sonhos me povoaram as horas naquele resto de noite.

No dia seguinte, logo cedo, procurei sair, a fim de fugir aos interrogatórios de minha mãe. Para tanto, preparei meu cavalo e resolvi galopar em direção aos campos, onde, perto dali, Lântulo tinha uma casa aprazível. Só com ele poderia repartir os estranhos acontecimentos da noite. Ele conhecia Marta. Poderia, por certo, ajuizar quanto aos fatos precedentes. Além disto, Coriolano logo me informara de que Cósroe acordara abatida, porém a febre a deixara e já estava se alimentando. Por uma razão que eu ocultava a mim mesmo, apesar de pensar muito em Marta, procurei evitar a todo custo revê-la aquela manhã.

Os sonhos que eu tivera haviam sido muito intrigantes, e eu me vira a beijá-la com muito amor, eu nos via num relacionamento profundo e apaixonado e isto me estava confundindo. Já me inquirira se isto se devera ao fato de a ter surpreendido dormindo tão indefesa, ou se ela teria meios de me confundir os sonhos com aqueles quadros. Talvez com Lântulo pudesse confidenciar a confusão que me ia n'alma.

Disse, pois, ao servo o local para onde eu me dirigia e saí apressado, enquanto o sol ainda ia aparecendo dourando a majestosa frente marmórea, rendilhando-a com as folhas do arvoredos que protegia e enfeitava nossa propriedade. Antes não o houvera feito, contudo.

Capítulo VI

Lêntulo e Cloé

O dia estava esplêndido. A claridade como que afugentava as lembranças da noite. Cheguei a rir de meus temores. Achava-os infundados. Se eu quisesse poderia ter Marta a hora que bem entendesse. Ela era minha e ninguém poderia interferir nisto, já que por alto preço a havia adquirido. Mas, a este pensamento, senti-me aborrecido. Não estariam de algum modo me instilando aquelas idéias? Teria Marta o poder de me seduzir como adoeecera Cósroe? Parecia que um demônio interior ria-se de mim, como a conhecer mais profundamente meus íntimos lungores.

Era a verdade que podia ter como bem quisesse — raciocinava mais friamente — mas não era do meu feitio brutalizar servas ou qualquer que fossem as mulheres. O avanço de minhas guarnições veio-me à mente, com a recordação de cenas dantescas de meus comandados saqueando e violentando, no auge dos combates. Se não participara daquilo também era verdade que não os havia impedido. Fora há algum tempo, e a tropa toda cansada e revoltada pelas constantes perdas que nos impunham os bandos, assaltando-nos no acampamento à noite atacando à retaguarda, para depois fugir sem deixar rastro, estava à beira quase da loucura. Quando se dera o assédio aos nossos inimigos, eu não pudera reprimir-lhes o desejo de ir à forra. Espantei os quadros que a memória me cobrava. Não. Eu não teria Marta à força. E por que, com mil demônios, estava sequer pensando em tê-la de qualquer outro modo? Aborrecido com o caminhar das idéias que me assaltavam, sem que eu as pudesse deter, jurei que não me deixaria vencer por ela, pois bem podia ser, em todo caso, que tivesse um meio de me enfeitiçar que eu desconhecesse. Aliviado com esta resolução, galopei pela estrada esplêndida sem mais temores, antegozando a cara que Lêntulo faria das coisas que lhe haveria de contar, e à lembrança de Fábio Augusto, e suas aleivosas palavras, lançando o fel da desconfiança em meus pais, pensei que, tão logo tornasse à tarde de meu passeio, falaria à mamãe, deixando, de uma vez por todas, bem claro, que eu não pretendia desfazer-me da escrava que tanto me custara e que a família de Júlia, por mais importante que fosse, deveria se contentar com minha palavra

de honra de que nada havia entre mim e a síria, para resolver aquela pendência. Mais feliz ainda fiquei com as conclusões a que chegara, achando que aquele passeio a cavalo fazia bem à minha mente, arejava-me e aclarava-me a maneira de pensar, e que tudo, então, ficara lógico em meu raciocínio.

Logo avistei a senhorial mansão de meu amigo, atrás dos olivais que se estendiam. Percebi que os servos corriam à minha frente para o avisar de minha chegada, de sorte que tão logo me aproximei, já o encontrei à minha espera.

— E eu pensei que havia de te tirar da cama, hoje — falei com ar de galhofa.

— Antes de ti, os galos, meu caro Sextílio — respondeu ele no mesmo tom. — Que os deuses te sejam propícios, como a mim, trazendo-te a esta casa tão cedo!

— E teria que ser cedo, ou não te encontraria aqui, — respondi, apeando, enquanto um servo levava meu cavalo à estrebaria, com o que o cuidar.

— Entremos. Que bons ventos te trazem? Faltarás aos exercícios da Academia?

— Em verdade, hoje tirei o dia para não fazer nada. Não quero mais do que conversar, passear, saber das novidades da cidade, observar o campo, tomar sol e ficar descompromissado! — respondi com bom humor.

— Pois, então, tens problemas? — perguntou malicioso meu amigo.

— O que te leva a tais conclusões? — redargui perplexo.

— Como se eu não te conhecesse. Sempre que gazeteavas, desde pequeno, teus deveres, para sair por aí a dar com as pernas, era que a idéia já estava de há muito girando na cabeça.

— Que maçada! Pareces minha mãe! Estás sempre a concluir muito apressadamente e insensatamente também.

— E qual foi a conclusão da nobre senhora, que te fez vir correndo ao meu encontro? — tornou ele com ar ainda mais malicioso.

— Lêntulo, proibo-te de pões palavras em minha boca, intendeste?

Mamãe não disse nada e tu estás andando depressa demais.

— Vem tomar uma refeição comigo. Anda. Não te faças de rogado. Senta-te aqui. Hárpia, serve-nos do vinho e do trigo. Não te faças lerda — e depois que eu me acomodara — Tuas inquietações têm algo a ver com a síria que compraste ontem?

— Estás mesmo querendo me aborrecer! — falei de maus modos.

— Já percebi que têm — falou Lêntulo com ar mais grave — Podes contar-me. Eu te ouço, sem interferir, prometo.

— Nada tenho a te contar.

— Tanto pior para ti. Não terás a quem dizê-lo. Pensa que te entenderão os peraltas da Academia, ou que Coriolano não te entenderá, apesar do bronco que é? Não sei porquê estás te epnduzindo por este modo. Deixas-me preocupado. Querias comprá-la e eu te ajudei. Não sei se fizemos bem, mas ao menos alegrou-me por ver no rosto de Mário a decepção. Percebi que Fábio te desaprovava, e te referi que devias ter cuidado com sua língua. Além do mais, pelos deuses, Sextílio, a síria é bela, um bum pedaço de pecado.

Pois a queres?

— Eu? Estás doido! Eu não saberia amansar aquela serpente. Não me atreveria a... dormir com uma mulher que parece ter parte com as fúrias do Inferno! Bem... não é que eu a julgue má. Não é nada disto. Se queres saber, tenho um certo receio dela. É isto.

— Eu não acreditaria se outro me referisse. Tens medo de uma mulher! Esta está me parecendo de primeira!

— E sou só eu? Acaso não viste como Drusus ficou? Como Intercedeu a seu favor? Tu o conheces. Sabes quanto é fiel a Mário, mas o traiu por ela.

— Drusus não traiu Mário.

— Não? E como chamas a isto, hein? Ele fez com que a comprasses, ou não foi ele? O que foi, então? Estaria ela nos manobrando a todos? A mim, a ti, a Drusus, ao próprio Mário?

— Estás indo longe demais em tuas conclusões. Queres confundir me

ainda mais e por quê? Divertes-te com meu incômodo?

— Não me divirto nem um pouco. Antes me preocupo e sabes por quê?

— Porque crês em feitiçarias!

— Não. É porque descobri o que tentas ocultar a ti mesmo. Estás apaixonado pela síria.

— Mas quê? Estás louco! Agora acredito que ela pode mesmo enrolar a mente das pessoas. De onde foste tirar uma idéia tão... tão...

— Sensata. É o que é. É uma idéia sensata. Queiras ou não, meu caro amigo Sextílio, estás apaixonado por Marta. E isto. E ninguém teria a coragem de te referir como o estou fazendo, mesmo te conhecendo e sabendo que demorarás a perdoar-me.

— Para com isto! Não te permito mais nem uma palavra sobre este assunto!

— E foi isto que tua mãe também descobriu? E que atitude tomou?

— Estão todos loucos, não resta a menor dúvida e também todos contra mim. Foi mamãe quem te pediu para me inquirir deste modo?

— Não estou te inquirindo. Só tirei minhas conclusões. E, pelo visto, tua mãe pensa como eu, ou teme pensar. Vamos lá, Sextílio. Não sejas orgulhoso! O que é que tem demais se apaixonar, dize! Não estou eu também preso aos cachos de Cloé?

— Bem sabes que não aprovo esta tua predileção.

— E por quê? Achas Cloé leviana? Não a conheces. Ela tem sofrido demais nas mãos destes figurões de Roma. Mas é terna, meiga...

— É interesseira!

— Sextílio, não te permito! Somos amigos, mas não deves ultrapassar o respeito que te mereço.

— Desculpa-me. Acho que hoje só dissemos um ao outro tolices sobre tolices. Amas Cloé. Eu te entendo. Podes comprar-lhe os favores, quem te

recriminaria por isto?

— Tu me repriminas. Tu, que estás perdido de amores por tua escrava síria.

— Já falamos demais sobre isto e só me aborrecí.

— Então, conta-me o que se passou em tua casa.

— Melhor não.

— Fala-me. Sei que vieste aqui para isto. Sei muito bem. Então, ao invés de nos magoarmos mutuamente, ajamos como dois seres racionais e equacionemos os acontecimentos. Quem sabe daí não te vem uma solução?

Eu estava muito aborrecido, mas Lântulo tinha razão. Eu estava fugindo à análise de meus próprios sentimentos. Como sempre, ele parecia ver melhor o que se passava em mim mesmo.

Assim, sem lhe ocultar qualquer detalhe, contei-lhe todos os pormenores dos fatos que haviam se dado na véspera.

— Tua mãe não gosta dela e isto é mau. Por que não a levas de tua casa?

— Levá-la de minha casa? E onde a colocaria? Pensas que estas coisas não se ficam sabendo?

— Eu poderia pedir a Cloé que a retivesse por uns tempos.

— E o que ela faria nas festas que tua querida dá, quando convida quase toda Roma?

— Ela não convida mais quase toda Roma. Só a mim e a quem eu aprecio. Por que não confias nela? Cloé mudou, Ela só tem a mim.

— Não penso que seria um bom lugar, perdoa-me.

— Estás mais apaixonado do que pensei. Por que não seria um bom lugar? Estarias livre das interferências da família de tua prometida e podias dizer que lhe tinhas dado liberdade, como a provar tuas boas intenções. Ficarias livre das disputas domésticas com tua mãe e a salvo da malícia de teus inimigos.

— Até que a idéia não me parece de toda má. No entanto, Marta tem mau

gênio. Não sei, nem tu sabes se Cloé a aceitaria, nem podes saber o que pode acontecer juntando as duas. Creio que poderemos causar ainda maior escândalo.

— E como pensas resolver isto? Achas que tua mãe desistirá do seu intento? Não sossegará enquanto não vir Marta pelas costas. Eu não a culpo. Afinal, estás mesmo perdido por esta mulher.

— Para de afirmá-lo que me dás nos nervos! Esta certeza é tua, não minha. Eu não tenho nada a ver com ela. Afinal, logo se dará meu casamento com Júlia, que é bela, requisitada e me atrai.

Lêntulo deu uma gargalhada.

— Espero que te convenças disto, que a mim não me tens por bobo!

Afinal, depois de uma manhã amena, demandamos Roma, a fim de confirmar com Cloé a possibilidade de vir a guardar Marta para mim, pelo menos por uns tempos, até que eu pudesse decidir o que fazer com ela.

A casa de Cloé era espaçosa e ampla. Ao me lembrar de como a grega chegara, acompanhada de uns poucos amigos e se instalara a princípio nos arredores, onde abrira uma casa de diversões, eu me perguntei como conseguira subir tanto. Escolhera a dedo as principais assessoras dos folguedos que dava em profusão. Danças, malabarismo, música, tudo da melhor qualidade, e, apesar do escândalo que se seguira, quando um senador deixara a família para viver com uma de suas protegidas, conseguira, mercê de sua beleza e finura, as benesses de muitos patrícios a lhe requisitarem os favores. Vivia luxuosamente. tinha vestes tingidas com a púrpura de Tiro e jóias de alto preço. Adereços da China, porcelana e bibelôs, tapetes do Oriente adornavam os aposentos. Estátuas de fino mármore e pinturas exóticas nas paredes. Era a primeira vez que eu adentrava sua casa. Jamais supusera tanta beleza e bom gosto. A um canto, uma harpa adejada de ouro dava encanto especial à sala, onde uma serva nos levava.

— Não supunha que ela vivesse tão suntuosamente — comentei com Lêntulo.

— E uma mulher de fino gosto — comentou ele.

Cloé entrou um tanto pálida. Dir-se-ia que levantara naquele instante. A

roupa cuidadosamente posta numa túnica bem drapeada, marcando a cintura com um broche de incruste precioso, punha mais elegância ao seu andar. Lêntulo adiantou-se beijou-lhe a mão e o rosto.

— Cloé, perdoa ter vindo sem avisar-te.

— Esta casa é tua — disse, respondendo-lhe com um beijo, enquanto parecia perguntar com os olhos o que eu estaria fazendo ali.

— Este é Sextílio. Já o conheces, — falou meu amigo.

Adiantei-me e beijei-lhe a mão. Ela esperava um pronunciamento nosso, mas para não nos constranger, ordenou à serva que nos atendessem, encaminhando-nos para uma sala onde nos acomodou.

— Cloé, querida, precisamos de um favor teu.

— Fala. Eu ouço.

— Meu amigo adquiriu uma serva, de alto preço, muito especial. Porém, isto está causando transtornos em sua casa. Sua mãe o interpretou mal.

— E como gostaria que ela o interpretasse? — perguntou ela, parecendo depois arrepender-se do comentário.

— Cloé, querida. Es sensata. Poderías guardá-la aqui contigo por uns tempos.

— De onde veio ela?

— Foi aprisionada no último assalto havido na Espanha Ulterior.

— É a pitonisa! — falou Cloé com espanto — Não quero esta mulher em minha casa! Tenho muito medo de feitiçaria e Outras coisas!

— Ouviste murmurações demais! — comentou Lêntulo, enquanto eu me desesperava ao perceber que Marta não teria ali ambiente onde pudesse expandir-se.

— Deixa — interfeiri por minha vez. — Não quero causar transtornos a ninguém. Acharemos outro meio.

Mas Cloé percebia que fora apressada. Afinal, os favores de Lântulo lhe pesavam muito no orçamento familiar e na afeição que lhe tinha.

— Não te inquietes — falou dirigindo-se a mim. — Se Lântulo me pede eu o farei. Podem trazê-la quando quiserem que terei um aposento preparado para ela, mas avisem-na que não permito interferência em minha casa. Nenhum tipo de interferência.

Lântulo beijou-lhe as mãos, desfazendo-se em agradecimentos.

Se eu não estivera ali, por certo, sua gratidão seria ainda mais efusiva do que estava sendo e eu não me veria tão mal posto naquele momento. Percebendo meu constrangimento, Cloé levantou-se, convidando-nos a conhecer seu jardim. Havia adquirido espécies raras de aves e peixes e queria mostrar-nos. Acompanhamo-la e quase me fui, a fim de deixar a ambos sós, como percebia que Lântulo desejava, mas ele mesmo fez-me ver que seria indelicado de minha parte partir tão rápido, só por ter-lhe conseguido os favores.

Assim, acabamos por passar a tarde em sua casa, onde fiquei encantado com seus modos e acabei por me desfazer da Impressão ingrata que lhe marcara a lembrança, com os comentários que se faziam pela cidade a seu respeito. Cloé era não apenas bela, mas agradável criatura. Percebia-se que tivera educação. Talvez algum infausto acontecimento a lançara na adversidade em que se vira, mas lutara valorosamente para não cair numa vida infame. Percebi que as servas a adoravam. Que ela comandava mesmo dali a casa de diversões que lhe maculava a figura nas conversas femininas, porém conservava-se distante de qualquer atmosfera menos digna. Se suas tuteladas agiam às vezes com imprudência, não podia sequer supor, ao vê-la, que ela tivesse parte nisto.

— Estás pensativo, senhor Sextílio — disse ela observando-me a mudez.

— Observava a felicidade de meu amigo — respondi.

— E não observavas a minha? — disse ela rindo muito.

— Por certo, não poderia uma existir sem a outra, senhora.

Cloé gostou de minha resposta, mas ainda disse:

— Estranhavas encontrar aqui uma carinhosa hospedeira, quando esperavas ver uma interesseira concumbina, não é? — falou meio ressentida, como se houvesse lido meus pensamentos.

— Por quem sois, senhora, não me julgueis tão leviano.

— Eu estou acostumada com os ditos que circulam a meu respeito. Não posso deixar de me magoar, mas a gente se acostuma a tudo. É como uma cicatriz. Não se pode tirá-la. Por isto aceitei receber tua escrava. Ela tem fama e sei que a fama a perseguirá sempre. Faça o que fizer, não se livrará dela. Tenho-lhe pena. E também de ti, se a amas.

Eu não podia responder suas palavras eivadas de sofrimento e amargura. Estava a me inculpar do que, até então, pensara a seu respeito, mas ela mesma tratou de desanuviar o ambiente, levantando-se com graça e propondo-se a tocar harpa para nós.

Lêntulo a observava embevecido e eu fiquei a cismar porque todos logo deduziam que eu amava Marta e porque isto me aniquilava por dentro.

Os sons encheram o aposento. A tarde caía. As horas haviam se passado depressa demais. Eu aprendera muito aquele dia, junto de Lêntulo. Antes não lhe supusera tanta paixão, tanto amor e fogo. Agora temia que um sentimento similar estivesse nascendo dentro de mim.

Tudo o que eu quisera era não dobrar-me às exigências de minha futura esposa — argumentava com o pensamento a girar em Marta.

Capítulo VII

Planos em ruínas

O resto do dia prosseguiu ameno e à noite fomos a uma das casas noturnas de diversão de Roma. Lêntulo divertia-se por perceber que eu me surpreendera com os modos e desenvoltura de sua protegida, que não lhe vira a menor parcela de leviandade, que lhe reconhecera o espírito sofrido e marcado pelo profundo amor que lhe sentira. De minha parte, feliz pelo resultado colhido na minha preocupante resolução, a fim de furtrar Marta às investidas de minha mãe, participei com alegria dos momentos de distração, antegozando a surpresa no rosto da síria, quando eu lhe referisse meus projetos a seu respeito. Apesar da malícia com a qual Lêntulo me inquiria, parecendo ver em mim como através de um vidro cristalino, fugi com graça de seus indiretas e arremetidas, procurando provar a mim mesmo, a falta de base nas suas palavras. Encontramos na taberna com vários soldados da Academia. O que parecia divertir-se mais com chistes e ditos, cercado de grande número de amigos, e que nos chamou a atenção para suas atitudes ousadas, foi um jovem, no qual se percebia a graça do corpo acostumado aos exercícios e uma inteligência perspicaz, cheio de desenvoltura e malícia. Logo o reconheci, conquanto não o visse desde minha partida para a frente das lutas na Espanha: O jovem Lucius Cornelius Sila já granjeara muita fama entre as famílias nobres romanas e eu já ouvira muitas referências sobre seu caráter dúbio. Papai me contara sua estravagante maneira de viver, sempre entre os saltimbancos que chegavam em levadas, a fim de auferirem lucros nas festividades da cidade, em brigas de rua, em mil estrepolias doidivas, como se estivesse sequioso por beber de todas as emoções de vida de um só trago. Reconheceu-nos e dirigiu-se a nós com um sorriso a lhe brincar nos lábios. Era um rapaz de bela aparência, alto e bem formado, com os cabelos avermelhados a lhe brincarem em cachos, emoldurando um rosto másculo e ao mesmo tempo terno, olhos azuis de um brilho irrequieto, lábios grandes, queixo proeminente, nariz ibérico. Trazia ainda a malha usada nas lutas de Academia:

— Salve, nobres Sextílio e Lêntulo. Folgo em ver que Roma tem nobres que sabem divertir-se à noite, fugindo às casmurrices do Senado.

— Salve, Sila — falei por minha vez. — Espero que o vinho não te transtorne o juízo, para que não sejas leviano ao te referires à maior casa de representação romana.

Sila deu uma gargalhada estrepitosa e replicou:

— Bem se vê que não se pode confiar num homem depois que ele haja colhido as flores dos seus trinta janeiros! No entanto, nobre Sextílio, bem teria eu ficado feliz se fosses o meu tutor ou mestre, quando adentrei a maioridade.

Aquela maneira desenvolta dele, quase me fez perder a paciência. Eu não ignorava que muitos jovens adentravam a maioridade, sendo iniciados por homens mais velhos nos jogos do amor e da rapace, a fim de se tornarem mais viris, mas não participara destas iniciações e as via com muito desgosto.

— Julgo que não queres me desvanecer com este “elogio”, Sila...

— Não te ponha em brios por mim, nobre Sextílio, pois nem eu poderia ombrear com a família dos Júlios — chasqueou ele se referindo ao meu noivado.

— Pois, então, — ponderou Lântulo conciliador — por que deixas que o vinho te faça tão eloqüente, hein, rapaz? Se já foste iniciado no amor e na virilidade deves reconhecer que estás usando métodos muito agressivos na conquista de novas amizades, não crês?

Sila sorriu, comprado pela argumentação sensata de meu amigo e com um gesto de respeito, pediu:

— Perdoai-me, nobres romanos. Minha sinceridade imatura só tinha um móvel: não era a bajulação, mas a profunda admiração que tenho por ambos.

— Pois, em nome desta admiração, senta e toma conosco mais um pouco de vinho e conta-nos teus projetos. É sempre bom ouvir o que os jovens têm a dizer, quando falam sério — ponderou Lântulo.

Sila não se fez de rogado. Sentou-se e contou suas ambições nas armas. Ponderou os feitos de seus antepassados e parecia-me outro. Ouvi-o em silêncio, conquanto não aprovasse aquela proximidade, pela maneira como ele se insinuara.

Passados alguns momentos, jovens de seu grupo de amigos vieram buscá-lo e ele teve que ir com eles. Logo saíram para a rua à busca de mais emoções. Lântulo e eu, cansados do dia e das nossas idas e vindas, resolvemos retornar às nossas casas.

Cheguei altas horas da noite. Não achei direito procurar a síria, embora ansiasse por lhe contar minhas providências a seu respeito.

Ao pensar em Marta, um calor estranho percorreu meu corpo. Com o pensamento a girar no tentame de explicar os cuidados em que me via, adormeci cansado, passando a rressonar pesadamente. Não me recorde de haver sonhado, senão de ter guardado na memória alguns retratos de Marta a me fitar entre magoada, triste e enraivecida.

Acordei cansado de tantas maquinações. Afinal, já resolvera tudo. Não havia mais motivos para preocupações.

Ao preparar-me para a refeição matinal, soube por Cósroe que mamãe e papai haviam se ausentado para nossa casa do campo. Estranhei a repentina partida dos meus genitores, que sempre me referiam cada movimento seu e a serva, percebendo minha estranheza, consolou-me dizendo que me haviam esperado à tarde, mas, como eu não viera para o almoço, haviam decidido partir. Ficariam fora algum tempo. Que eu não me preocupasse.

Alimentei-me e sai à procura do quarto onde instalara a pitonisa. Mas este estava deserto. Um temor me invadiu. Teria a síria fugido? No limiar da porta percebi Coriolano a me fitar entristecido.

— Onde está ela? — perguntei autoritário.

— Ela se foi, patrãozinho — falou o servo num fio de voz.

— Como se foi? Quem lhe autorizou? Coriolano, dize!

— Tua mãe a enviou como presente à senhorita Júlia, para que a sirva! — falou ele no mesmo tom medroso.

— Mamãe? Quando foi isto?

— Ontem, logo cedo, patrãozinho. Mandou chamar a síria e a vestiu com muito galanteria. Ataviou seus cabelos com fitas. Mandou que a perfumassem.

Chegou até a dar-lhe sandálias de couro tingido, e depois lhe fez uma preleção sobre os deveres dos servos para com seus senhores. Em seguida, informou a síria de teu próximo casamento. Ela ouvia muda como nunca vi. Tinha me perguntado sobre o patrãozinho, mas eu lhe dissera que saíra cedo, e, a julgar pelo rumo que tomara, não voltaria antes da noite. Tua mãe também sabia disto, e acho que por esta razão foi que achou melhor desfazer-se da mulher.

— E Marta não se rebelou? Não disse que não iria? Que só obedecia minhas ordens?

— Acho que ela pensou que aquela decisão fosse do “patrãozinho.” Ela ficou muito magoada, mas obedeceu. Nem parecia mais a gata selvagem que, desculpa, chegou aquele dia ameaçando todo mundo. Tua mãe a deixou muito ajeitada e bonita e ordenou que eu a levasse à dona Júlia.

— É o fim do mundo! — exclamei dando um murro no ar — Desta vez minha mãe passou todos os limites possíveis. Marta é minha e ela não tem o direito de desfazer-se dela deste modo infame! Coriolano, vai à dona Júlia e traze Marta de volta!

— Os deuses me livrem de tal, senhorzinho! Tua mãe me mata!

— Pois vou eu mesmo, em todo o caso. Não permitirei que mais ninguém se intrometa nas minhas decisões!

— Se o menino fizer isto vai ser um escândalo maior. Vão pensar que meu patrãozinho se enrabichou pela feiticeira. A família de tua noiva não vai perdoar a afronta — falou Coriolano ajuizadamente.

— Não me importo! Que seja um escândalo. Que tem isso? Não posso permitir que a façam de aia de Júlia só por um capricho desta!

— Melhor esperar, meu menino.

— Ah, Coriolano. Por isto meus pais se ausentaram. Fugiram da minha cólera. Tratam-me como se eu fosse um menino mimado e não um homem que sabe o que quer!

— E o senhor quer a síria, não é mesmo? — perguntou ele de modo ingênuo.

— Que estás insinuando?

— Nada. Nada não, “seu” Sextílio.

— Como? Estás insinuando que eu estou de rabichos por esta mulher síria? Se eu não te conhecesse, Coriolano, se não te quisesse tanto bem, pagarias caro esta ousadia!

O servo baixou a cabeça humilhado, mas eu mal notei.

— Dize: como reagiu ela à ordem de minha mãe?

— Ele ficou numa tristeza de fazer pena, mas pelo caminho resmungou como uma doida cheia de raiva.

— E como foi que a deixaste?

— Eu a entreguei a D. Júlia com um recado de tua mãe.

— Leste o que ela escreveu?

— Não pude saber, mas foi pouca coisa.

— E como foi o encontro das duas? — perguntei após pensar uns instantes.

— Como houvera de ser, sr. Sextílio? Marta, a pitonisa, estava zangada e parada e d. Júlia cheia de curiosidade. Deu voltas observando a outra, tal e qual um comprador de cavalos de raça examinando a peça.

— Pelos céus! E Marta?

— Esta fincou os olhos no chão, como se quisesse que a terra a engolisse. Depois D. Júlia me ordenou:

— Podes ir, Coriolano. Já te desincumbiste de tua tarefa. Depois envio à minha querida futura sogra um mimo, para agradecer tão régio presente, ou melhor, — falou brincando e, tirando dos dedos um anel de fina pedra — leva isto a mãe de meu querido noivo como agradecimento pelo gesto nobre. Preferia que...

— Ela ia dizer mais alguma coisa, mas se calou. Fui obrigado a vir embora,

mas o olhar da sítia não prometia nada de bom...

Estávamos conversando, quando Faustina entrou no quarto cheia de viço no seu jeito de menina mulher:

— Maninho, por que te fizeste esperar tanto ontem à noite? Não veio contigo o nobre Lântulo? — falou-me com um beijo.

— Não. Lântulo não veio, mas virá amanhã estou certo, ou melhor, penso que virá hoje.

— Virá hoje? — replicou ela com alegria infantil na voz — Vê se não o levas para longe. Faze com que ele almoce conosco. Não sei por que tens que estar sempre às voltas por aí e não ficas mais tempo em casa. Achas acaso tedioso conviver com tua irmã que tanto te quer?

— Minha querida, não é isto. Eu e Lântulo temos um compromisso muito importante. Sei que te sentes sozinha com as saídas de mamãe. Por que não foste com ela?

— Fazer o que no campo? O que faço lá, faço aqui.

— E por que não visitas uma de tuas amigas? Aposto que teriam mil coisas a te contar.

— Ou a me perguntar, sobre meu irmãozinho e sua escrava sítia — falou brejeira, exibindo no dedo, o anel que Júlia sempre gostara de ostendar.

— Quem te deu isto? — inquiri, tomando-lhe o pulso com um gesto brusco.

— Ora, Sextílio, por que estás com este modo? Foi Coriolano quem o trouxe ontem, após entregar tua escrava a tua noiva. O que é que te deu? Não te entendo — resmungou agastada.

— Devolve-me este anel! — ordenei autoritário.

Faustina recuou aborrecida. Seu semblante, até então calmo e alegre, mostrava-se sério e triste. Os cabelos anelados caíam-lhe sobre os ombros em cachos caprichosos. De costa para a porta, onde o sol batia àquela hora da manhã, ganhavam modulações avermelhadas os bordos dos fios castanhos. Eu mal notara antes como minha irmã era bela, como tinha ficado uma jovem

encantadora. O corpo se modulara em curvas harmoniosas e os olhos tinham uma doçura penetrante. Mais de uma vez ouvira de Lântulo observações acerca do carinho que em minha irmã, com relação a mim, era exagero. Agora eu percebia como a havíamos excluído de nossas conversas, tratando-a sempre como um brinquedo sem sentimentos. Ela sempre tivera que ouvir meus reclamos e as ordens de papai e mamãe. Submissa embora, só então eu lhe percebia a personalidade magoada a me fitar com os olhos rasos de lágrimas.

— Foi mamãe quem me deu — respondeu num fio de voz.

— Eu sei, Faustina. Perdoa-me, mas preciso devolver esta jóia à Júlia. Ela a deu como pagamento da escrava síria, mas esta não está a venda.

— Vais te encrencar por causa de uma escrava? Então mamãe? tem razão. Ela te enfeitiçou! — concluiu ela já sem poder conter as lágrimas que começaram a correr.

— Pelos deuses, Faustina. Tem juízo! Mamãe está cheia de idéias loucas. Apenas não permito que decidam por mim. Vamos. Sempre foste minha amiga. Devolva-me o anel.

Ela tirou do dedo a rica peça e ia colocando em minha mão, quando ouvimos a voz alegre de Lētuío que chegava:

— Como é difícil encontrar-se os senhores desta casa. Fui obrigado a invadir vossos domínios! — exclamou ele atrás de minha irmã.

Olhamos para o lado da voz, e meu amigo perdeu o sorriso alegre que trazia no rosto, ao fitar a face molhada de pranto da jovem.

— O que ocorre? — perguntou desorientado.

Mas Faustina, rubra de pejo, saiu a correr pela porta em direção à casa, sem nem ao mesmo cumprimentá-lo.

Eu já percebera que minha querida irmãzinha tinha uma atração pelo amigo, mas jamais lhe encorajara qualquer esperança, e o não faria, ainda mais depois de haver conhecido Cloé.

— Tivemos uma discussão familiar, — respondi cumprimentando-o e vando-o para a casa — Coriolano, dize a Cósroe que nos prepare o repasto.

Lêntulo acompanhou-me em silêncio. Percebera que haviam se dado novos fatos durante as poucas horas em que tínhamos ficado longe, mas aguardou pacientemente que eu o referisse. Durante nosso lanche, tratei de colocá-lo a par dos acontecimentos.

Eu revirava nos dedos o anel de minha noiva e era como se ele me queimasse os dedos.

— E o que pretendes fazer agora? — inquiriu Lêntulo, fitando-me sério.

— Vou buscá-la de volta. É isto que vou fazer.

— Provocarás um escândalo ainda maior do que ao comprá-la — ponderou o amigo.

— E se eu dissesse que a havia prometido a ti? — perguntei, tendo a idéia subitamente.

— O quê? Quem acreditaria nesta fabulosa mentira?

— E como poderiam provar que era mentira? Sempre foste meu amigo, e eu poderia argumentar com Júlia que tu já a havias pedido a mim.

— Por favor, Sextílio, quero te ajudar, mas deixa-me fora deste negócio. Por que não dizes que Faustina a quer?

— Não penso poder trazê-la de retorno à minha casa. Mamãe faria da vida dela um inferno.

— Acho que tens razão, mas ir até tua noiva e pedi-la de volta, acho que será prejudicial a ti. Sabes como a família dos Júlios é orgulhosa. Jamais te perdoaria a ofensa.

Capítulo VIII

Julia^{10}

Enquanto eu maquinava o que haveria de fazer para conseguir libertar Marta dos serviços humilhantes que a esperariam em casa de Júlia, mal eu poderia imaginar as palavras trocadas entre as duas.

Logo que Coriolano saiu, Júlia sentou-se num “triclinium”, dirigindo-se a Marta:

— Que sabes fazer? Tocas algum instrumento? Danças? Cozinhas?

A síria a olhava e respondeu com ar superior:

— Mesmo não havendo pago por mim mais do que um mísero anel, que não cobre o preço do teu orgulho ferido, nobre Júlia, tens receio de haver feito mau negócio?

— Tens a língua ferina! Cuidado, que posso mandar açoitar-te a boca. Responde! Anda! Para o que serves?

— Não toco nenhum instrumento. As danças que executo não são de molde a trazer-te distrações. São aprendizados de cultos antigos que podem parecer exóticos. Não sei cozinhar tampouco. Mas algo sei e isto não me podem tirar.

— O que é? O que sabes fazer que tanto te orgulha?

— Tenho poderes de adivinhação.

Júlia deu uma gargalhada. Era supersticiosa, conquanto a cultura adquirida e os ensinamentos e educação primorosos recebidos.

— Ora, ora, E o que adivinhaste em casa de Sextílio, que tanto desagradou os nobres senhores, a ponto de te enviarem a mim?

— Nada fiz, senhora. Não sei porque estou aqui.

— E não adivinhas com teus dons por que vieste? — indagou com malícia.

— Não preciso de meus dons para saber, senhora, que a nobre mãe de meu senhor, Sextílio, temeu que a nobre Júlia tivesse ciúmes de mim.

— E tenho motivos para tanto? Crês que farias frente a mim?

— A maldade dos homens é infinita, senhora. Posso afiançar-te que nada houve entre mim e meu senhor, e estou certa de que ele encontrou a melhor forma de demonstrar isto. Só sinto não estar dentro dos parâmetros do que seria uma boa serva, a menos que te orgulhes de saber que, em meu povo, eu era como uma rainha.

Júlia ficou uns instantes em silêncio. Nada na maneira de falar da síria poderia desaboná-la. Marta se fizera humilde, malgrado o vulcão desencontrado de sentimentos que a martirizava. Usada sem perceber, naquele instante, pela velha amiga desencarnada e por Siomara, amoldava, por um momento, o gênio tempestuoso. De enraivecida que estivera ao chegar, agora uma calma anestesiante e um balbucio vagaroso e escolhido a vinha tomando pouco a pouco.

Após meditar, Júlia falou:

— Senta-te aqui — e indicou uma almofada ao seu lado. — Como fazes para chegar às tuas adivinhações? Vamos lá. Explica-te e me serve!

— O que desejas saber, nobre romana? — respondeu Marta sentando-se já entontecida pelo envolvimento de Siomara que comandava as duas, e sentindo-lhe a presença a lhe assegurar a consulta da outra.

— Fala-me qualquer coisa. O que precisas para as adivinhações?

— Preciso de três vasos para fumações, ervas próprias e meus colares, mas agora nada usarei, pois posso servir à tua curiosidade com bem pouca coisa.

E Marta tomou a mão direita e esquerda de Júlia, olhando-lhe as linhas da palma. Fez mais. Tomou um fio de seus cabelos e jogou sobre ela, dizendo com estremecimentos involuntários:^{11}

— Es afortunada e requisitada, nobre senhora, mas nem sempre foste assim. Aos 10 anos passaste por duras provas. Teu corpo se cobriu de feridas purulentas. Teus pais te ocultavam à presença dos amigos e até as servas, que te amavam, temiam te banhar.

Júlia abriu desmesuradamente os olhos.

— Mas os deuses te foram propícios—continuou a síria—Um grego, que fora servo de Antípates, andarilho liberto por seus serviços, um dia cruzou contigo, quando buscavam levar-te às termas curadoras. Estavas deitada num coche e havíeis parado na estrada, pelo desarranjo de uma das rodas.

Júlia a fitava com palidez marcante. Evidenciava-se ali a capacidade da outra. A romana sentia medo e admiração. Marta continuou:

— Aproximando-se do grupo, o andarilho pediu permissão para cuidar-te. Temerosa, tua mãe cedeu, prometendo-lhe remuneração vantajosa. Ele tirou do pescoço estranho amuleto de metal, preso a grossa corrente. Haviam te retirado do transporte e ajeitado teu corpo frágil e magoado sob a copa de uma árvore. Por largo tempo, o estranho homem orou ao teu lado, dizendo palavras que não podias entender, conquanto estivesses estudando o grego. Ele se exprimia de forma quase grotesca e com as mãos tocava as maiores chagas de teu corpo com o amuleto. De uma trouxa que carregava tirou ervas ressequidas que deu à tua mãe com instruções de te banhar na infusão delas. Depois comentou contigo que tua moléstia era fruto de uma maldade que havias feito com uma escrava, a qual havias castigado pela perda de um brinquedo. Que, a fim de conseguires melhoras, devias oferecer à mesma a liberdade e que não falasses com ninguém sobre isto e, ao chegares às termas, te banhasses 7 vezes imergindo no tanque sulfuroso. Só depois de o haveres feito, poderias falar com qualquer pessoa e estarias curada. Explicou à tua mãe o silêncio que te impusera e tudo foi feito de acordo com o combinado, havendo tua mãe, por antecipação, pago regamente ao estranho. Assim te curaste. Tua serva foi liberta e nunca mais a viste.

Marta soltou as mãos da romana e ficou uns instantes apática e cansada, como se o relato do passado da outra lhe houvesse custado muito esforço. Júlia estava admirada de ver que a síria tinha realmente dons que a diferenciavam das demais pessoas. Sua curiosidade ainda mais se aguçara.

— Fala-me do presente e do futuro — pediu, caprichosa.

— Não posso agora. Preciso descansar — falou a síria quase caindo desfalecida.

— Recolhe-te, então, aos teus aposentos. Ficarás longe dos servos, para que não haja especulação a teu respeito. Ocuparás o quarto de hóspedes ao lado do meu. Alimenta-te e descansa. Quanto antes falares comigo, melhor. Tenho muitas preocupações e preciso de teus serviços.

Marta levantou-se e tomou de uma bandeja, onde colocou frutos e pão. Logo uma serva a instalava no quarto escolhido por Júlia. Era um aposento ricamente adejado de cortinados, e com uma pintura da deusa Diana na parede, junto a um cervo. Pássaros graciosos ao fundo e árvore compunham a cena. Da janela filtrava a luz da manhã e uma cama estava a um canto, num plano um tanto mais alto. No lado oposto, via-se um móvel com gavetas, semelhante a uma mesa ou escrivaninha, e à parede um espelho repetia o motivo da que estava fronteiraça, na cena agreste da deusa da caça.

— Diana... — pensou Marta — Tanto melhor.

Alimentou-se e tomada por estranho torpor dormiu todo o resto do dia, só acordando no dia posterior, com vaga lembrança do que ocorrera.

De quando em quando alguém entrava no aposento, para ver como estava. Mas tinham ordens de não a importunar. Quando acordou, foi levada incontinenti à senhora.

— Como te sentes? — perguntou Júlia sem mais volteios.

— Estou bem e te sou grata — respondeu a síria.

— Crês que me podes servir agora? — perguntou Júlia.

— Já te disse, senhora, que preciso do auxílio de meus rituais.

— Pois ordena quanto queres e se fará.

Marta solicitou vasos de argila novos e ervas, os quais os servos trataram de ir comprar ao mercado

As horas passaram rápidas e Júlia inquieta esperava. Enquanto isto, eu maquinava e não sabia como me decidir, a fim de ter a síria livre das mãos de minha noiva.

Quando tudo se aprestou, a síria dirigiu-se para os fundos da propriedade, seguida pela romana. O Sol já surgira e o orvalho ainda deixava seu frescor no gramado coberto pelas folhas secas dos álamos. Marta colocou tripés de ferro fundido em posições geométricas no terreno. Sobre eles, as cuias de argila com carvões e as ervas. Colocara seus colares e soltara os cabelos, descalçando as sandálias. Traçou um grande círculo mágico no terreno e no meio de todo este aparado colocou Júlia. Esta não entendia porque a outra agia assim. Pensava que a serva estaria com aquele ritual pretendendo saber-lhe o presente e o futuro, porém ela executava uma cerimônia pela qual se propunha a submeter a vontade de minha noiva à sua. O que arditosamente pretendia é que a outra, dali para a frente, satisfizesse os seus caprichos.

Orações e evocações se seguiram. Sentada em meio ao círculo traçado, sob o efeito da fumaça dos tripés, Júlia sentia-se entontecida. Estranho atordoamento lhe comandava as idéias. Sentia-se como se estivesse fora de si e pensava em sair dali, e fugir àqueles sortilégios, mas a curiosidade e o torpor eram maiores e deixava-se ficar.

Após quase meia hora de cerimônias, Marta recolheu os vasos e os quebrou, enterrou os carvões e as cinzas com eles e dirigiu-se à minha noiva:

— Pronto, senhora! Entremos! Posso agora falar-te sem nenhuma dúvida, quanto ao futuro e ao presente.

Com dificuldades Júlia ergueu-se, dirigindo-se à pérgula da casa onde esperou.

Marta, à sua frente, vaticinou:

— Presentemente, estás em posição destacada na Sociedade Romana. És requisitada em toda a parte. À tua família pertencem as mais nobres expressões de valor e inteligência do Senado e nas armas. Estás prometida a um homem de família importante e nada presentemente pode impedir-te o consórcio.

Apesar dos vaticínios, interiormente Marta tinha resolvido que tudo faria para impedir meu casamento com Júlia. Usava esta maneira dúbia de falar, a fim de ganhar-lhe a confiança. E continuou:

— Haverás de te casar com alguém que te levará a muitas emoções e a motivo de muita satisfação. Vejo em tua família a insígnia dos Imperadores.

Júlia ouvia, sem conseguir manter na mente aquelas informações, malgrado o indizível prazer que lhe provocavam. Pensava que a síria falava sobre mim, mas a outra ocultava parte dos vaticínios. O esposo que lhe bailava na mente com relação à sua senhora era outro, e lançava tais projetos, pensando que eu a atraíçoara, entregando-a aos caprichos de minha noiva. Enquanto estivera sobre o efeito da longa sonolência, ela arquitetara um meio de destruir meu casamento e começara mal e mal a esboçar a maneira de chegar a seus fins, dobrando a sensatez da romana e envolvendo-a, de forma a ter-lhe uma confiança cega.

Mas eu me decidira. Nada nos argumentos de Lântulo havia me demovido. Eu não sabia como, porém resolvera-me a ir à casa de Júlia, reclamar a devolução da serva que tanto me custara. Não valeram argumentos, ponderações do amigo. Não conseguira arquitetar um meio agradável pelo qual eu poderia chegar a meu desiderato, mas não queria esperar mais. Júlia haveria de compreender que a insistência em permanecer com a síria seria por mim interpretada como falta de confiança nos meus propósitos e em nosso compromisso! Assim decidido, chegava junto do amigo, naquele mesmo instante, pedindo para ser anunciado naquela casa. Não valeram rogos nem razões. Haveria de encontrar um modo elegante de reconduzir Marta aos meus domínios.

Um servo comunicou à senhora minha chegada. Visivelmente contrariada, Júlia mandou que aguardássemos na vasta sala de recepção e, não sei por quais razões íntimas, logo chegava a nós, acompanhada pela pitonisa. Olhando para Marta lindamente trajada, conquanto usasse os estranhos colares dos quais não se separava, o olhar malicioso, um sorriso tranquinas e desafiador a lhe brincar nos lábios, tive um momento de vacilação. Não seria possível que Lântulo e mamãe estivessem com a razão? Não era válido que ela houvesse me enfeitado e eu falseasse os motivos que me levavam a querê-la de retorno a mim? Estes pensamentos tumultuosos duraram um instante. Beije-i respeitosamente minha noiva:

— Sinto, querida, que tenha vindo te acordar ou importunar logo cedo, — falei quase num murmúrio.

— Perdoa minha intrometida presença — falou Lântulo com um vênia. — Mas nem sempre poderia me felicitar de aqui estar, se não aproveitasse a insistência de Sextílio em não querer apartar-se da felicidade de ver-te, nobre Júlia.

— Fico feliz que hajas vindo, querido. E quanto a ti, Lântulo, não precisas de desculpas para vires a esta casa, que sempre te receberá como a um amigo muito bem vindo. Foi bom que vieste. Toma um pouco de vinho comigo e desculpa que me haja só neste dia, pois os meus foram passar uns tempos no campo.

Houve um instante de silêncio constrangedor, que ela logo cortou, acrescentando:

— Nem sei como agradecer-te, meu amor, pelo presente que ontem recebi. Esta joyem é muito interessante — falou em se referindo à Marta. — É diferente de todos os meus outros escravos e tem-me dado, desde que aqui chegou, momentos de muito o que pensar.

Achei haver encontrado, então, a maneira de me introduzir nos motivos que haviam me levado ali, porém, a presença de Marta me constrangia. Havia no seu olhar como que um desafio, uma mágoa funda e determinada.

— Não tens do que me agradecer, querida. Eu jamais me perdoarei pelo que permiti acontecesse. Mamãe adiantou-se a mim, presenteando-te com Marta. Jamais me passara pela cabeça doar-te uma serva que pudesse causar-te as complicações que ela te causará, tenho certeza.

O sorriso murchou nos lábios da romana.

— Não te entendo. Explica-te — falou autoritária.

— Estou certa de que em pouco tempo ela procurou insinuar-se na tua confiança, falando dos dons que possui. Não debes crer em tais palavras, que só visam confundir-te. Marta é ardilosa e eu a reservara para outros afazeres, longe de nossa casa, quando mamãe interferiu, achando que te fazia um favor presenteando-a. Conheço os motivos que a levaram a tal atitude. Mas vim reclamar que m'a devolvas, se confias em mim. Não posso aceitar esta atitude que me humilha, de ter que me explicar contigo, como se eu fizesse algo de que me devesse envergonhar. Nada há, não houve, nem jamais haverá entre mim e esta mulher síria. Deves-me este voto de confiança. Deixa que eu me explique. Sei que talvez Marta creia no que afirma, sempre com tanta convicção. A pobre menina pode estar com a mente perturbada, quer pelos costumes de seu povo, que a fizeram acreditar em quanto afirma, quer pelo sofrimento de ver-se prisioneira. É natural que procure impor-se usando os

recursos que pensa possuir.

— Eu não minto! — interrompeu-me Marta vermelha de cólera.

— Cala-te — falou Júlia. — Deixa que ele fale.

— Sei que não é delicado pedir-te o que vim pedir, a devolução de uma escrava que minha mãe te deu ainda ontem. Mas ouve-me. Marta deixou em casa Cósroe acamada. Ela tem em si algo que machuca as pessoas. Eu não quero que ela venha a perturbar-te. Jamais me perdoarei. Creio que mamãe estava com boa intenção quando a enviou a ti. Foi arranjo entre ela e tua mãe, a fim de cortar de uma vez por todas os boatos que circulam pela leviandade das pessoas.

— Se bem entendo — comentou Júlia com ironia. — Marta é má serva, traz azar, mente e bajula, mas, mesmo assim, a queres de volta.

— É bem por isto que a venho pedir. Penso, Júlia, em ti e temo por nosso relacionamento se, a cada vez que eu venha a adquirir um servo, me julgues de forma diferente. A única coisa que pretendi ao adquiri-la foi ferir Mário, que acreditara nos seus protestos de feiticeira. Sabes que não o aprecio.

— Não ignoro tua intransigente aversão por Caio Mário, mas tuas razões não me convencem. Não penso em separar-me dela e não acredito nas motivações que inventas.

— Júlia, sê sensata. Humilhas-me, obrigando-me a pedir-te algo que é meu por direito e, além disto, constrange-me ter que suplicar-te diante desta mulher. Não vês que a interferência de minha mãe me é penosa? Já basta que ela tenha agido como se eu fosse um irresponsável, ainda vens tu a duvidar de mim, quando te sou franco? Dir-te-ei mais. Embora requisite a devolução desta serva, nem por um momento, penso em mantê-la em minha casa, junto de mim. Pretendo desfazer-me dela, de modo que Mário não a possa ter, e de forma que não venha a prejudicar-te.

Nem eu mesmo poderia, então, explicar onde fora buscar aqueles argumentos que feriam fundo a síria, porque o que eu desejava era convencer minha noiva e levar, de uma vez para sempre, Marta dali. Lêntulo, que olhava para nós com um ar de quem assiste uma pantomina, interveio:

— Olha, sinto-me muito mal em me intrometer neste caso, que está

tomando proporções desastrosas, nobre e sensata Júlia, porém, Sextílio tem razão. Não há motivo para que façam tanto alarido por tão pouco, nem que o humilhem, como se ele fosse um rapazinho irresponsável. Se o amas, deves confiar nele.

— E pensas, Lêntulo, que desejo ficar com esta jovem só por despeito? — falou Júlia, corando de indignação.

— Eu não disse isto, mas pensa que todos julgarão assim e ficarias numa posição muito ridícula. — argumentou meu amigo.

— Senhora — pediu a síria repentinamente. — Posso falar?

— Está bem, Marta. Que podes dizer que não cause ainda mais aborrecimentos a mim? — perguntou Júlia, visivelmente contrariada.

— Perdoa-me. Posso fazer calar os falatórios de Rolha e sossegar a todos. O meu antigo dono, sr. Sextílio, diz que não tenho poderes, que trago azar e minto, por ter a mente perturbada, e as pessoas julgam que a senhora me retém por despeito. Permite que eu vá ao Senado e lá demonstre meus dons. Com isto provarei que não minto e darei a todos as razões pelas quais a senhora me pretende reter po seu lado.

— Excelente idéia! — falou Júlia, com um sorriso.

— Vais permitir que esta mulher nos ridicularize diante do Senado? — perguntei sem poder conter-me.

— Penso que é melhor não permitir que ela vá — ponderou Lêntulo — Para que atrair ainda mais a curiosidade de todos sobre ela?

Mas Júlia não nos ouvia.

— Façamos assim — falou dirigindo-se a mim — Deixarei que Marta vá ao Senado na primeira sessão que tiverem e tu farás com que a ouçam. Se ela os convencer de seus dons, ficará comigo, se, porém, falhar, te será devolvida.

— Acho uma criancice que nos ponhas em ridículo diante do Senado, por um capricho. Júlia, pensa em que teu pai e tua família não hão de ver com bons olhos esta tertúlia que pretendes fazer na maior casa de Roma. Pensarão que tal leviandade partiu de mim e não me perdoarão. De minha parte, sou

terminantemente contra tal projeto.

Por que não me permites, nobre Sextílio, provar que não sou uma mentirosa ou uma louca? — inquiriu Marta, com um sorriso de desdém.

— Penso que já nos tens dado aborrecimentos demais. Não vejo motivos para termos outros.

Mas Júlia decidira e estava irredutível:

— Ela irá por si e não em meu nome. Se não fazes questão, dar-lhe-ei a liberdade e poderá ir sem que nos comprometamos.

Apesar de meus protestos, eu não pretendia de forma alguma libertar a síria. Na verdade, no fundo, eu a queria sob meu domínio.

— Excelente idéia! — falou Lântulo contra minhas expectativas — Bem que já ouvira dizer que Júlia tinha rara inteligência. Assim resolve-se tudo. Júlia dá a Marta a liberdade e esta pode ir ao Senado por conta própria. Ninguém fica comprometido.

— E assim perco todo o dinheiro que paguei por ela e estará livre para servir a Mário de graça! — respondi, mal me contendo.

— Pois, então, que se pense que estou livre para ir ao Senado sem comprometer meus senhores, mas depois tornarei aqui, a fim de ouvir vossa resolução. Não estarei livre e ficarei com aquele que ganhar esta aposta — propôs Marta.

Ainda tentei argumentar. Não queria que mais e mais comentários surgissem sobre ela, mas não me ouviram as duas. Júlia parecia entorpecida. Tudo o que Marta propunha tinha sua aprovação. Não consegui, de forma alguma, convencê-la a devolver-me a serva e saí dali arrasado. Tomara uma resolução.

Capítulo IX

A Cilada

— Pois seja como querem as duas, Lêntulo. Usarei minha influência. Marta verá que não é tão esperta como supõe. Se, para tê-la de volta, é necessário ridicularizá-la, assim será.

— Não te entendo. Pretendes ir ao Senado, para desmascarar a sória? Como se não bastasse a chama que lhe vi no olhar incendiado! Ela parecia querer devorar-te com os olhos. Pelos deuses, Sextílio! Tu bem sabes que ela tem os poderes que diz ter. Já não viste o bastante? Não temes que ela te faça carpir rudemente o desprezo que lhe finges?

— O desprezo que finjo? Lêntulo, não fosses tu meu amigo e engolirías cada uma destas palavras, tão rápido como as despejaste! Como pensas que deva eu agir, para subtraí-la a Júlia?

— E por que não a deixas com tua noiva? Que mal há?

— Isto seria um ultraje à minha honra, uma interferência nos meus assuntos. Não pretendo, após o enlace, ser um joguete dos desejos de Júlia. Se não me sair bem desta vez, ela me dominará de todo.

— E que mal há? Não são todos os homens, vez por outra, servos de suas amadas? Acho este capricho inconsequente. Vais causar mais e mais comentários nestes tentames.

— Pois que falem. Arrasarei de uma vez com estes boatos sobre os dons de Marta. Ela sairá do Senado tão arrasada que nunca mais, enquanto viver, pensará em recorrer às suas artes mágicas. Tê-la-ei como eu quero. Dobrar-lhe-ei a arrogância. Mostrar-lhe-ei e a Júlia que ela é uma simples e reles prisioneira e nada representa.

— Mas que significa o bastante para que tanto lutes para tê-la de volta — falou Lêntulo subindo ao cavalo e dando direção às rédeas.

Fiquei aborrecido. Por mais que argumentasse, o amigo fazia-me ver que, no fundo, as minhas razões tinham bases mais fundas.

Tomei o animal que me trouxera ali e saímos lado alado em silêncio, que ele cortou, logo transpusemos os largos portões de propriedade da família dos Júlios.

— Se não é pedir muito, dar-me-ias explicações acerca do que pretendes fazer? Além do escândalo que permitirás, como pensas conduzir a teu bel prazer esta questão? A menos que te iludas, pensando que Marta fracassará em seu tentame. Se é assim, deixa que eu te dissuada. Ela saberá manejar aqueles senadores com a mesma perspicácia ou poderes, sei lá, com que conduziu nossos soldados e até Mário a crer nela. Há algo naquela mulher que a faz diferente das outras. Está prisioneira, é escrava, mas não se submete. Faz-se prestativa e domina, serve e comanda. Temo, Sextílio, por teu juízo. Creio que devas procurar algum feiticeiro que te explique como agir ou te conceda algum amuleto, que te ponha fora do alcance dela.

Eu ouvia em silêncio as ponderações de Lêntulo, sem contudo absorvê-las, tais as maquinações que me tomavam. Ele prosseguia, mesmo assim:

— E como te digo. Conheço um homem que talvez te possa ser útil. Todos o temem na cidade. Já deves ter ouvido falar dele antes. É Batabaces. Penso que nada deves fazer, antes de ir vê-lo. Se quiseres, eu mesmo poderia conseguir-te o endereço com Cloé. Afinal, o que poderias perder? Algumas moedas?

Tornei a mim, mal percebendo o assunto que ele abordara: — E por que perderia algumas moedas?

— Por onde anda tua cabeça? — falou meu amigo perdendo a paciência — Não ouviste nada do que te disse?

— Resolvi o que vou fazer — falei, com um ar de triunfo — Iremos agora mesmo à casa de Aulo Pompeu. Sei que ele compreenderá quanto digo. Verás que Marta estará perdida desta vez.

— Aulo Pompeu, o caçador de bruxos?

— Parece que afinal compreendeste. Ele mesmo! Sabes como tem aversão por estes adivinhos e curandeiros, que andam por Roma a achacar a boa

vontade e a credulidade de todos.

— Desde que seu pai foi desmascarado por um deles, e seu amigo Pinéias foi humilhado em seus conhecimentos de medicina, por um curandeiro, que Aulo Pompeu se tomou de verdadeiro furor. Sei muito bem, e quem não sabe, como fica eriçado cada vez que tem diante de si um destes feiticeiros, como vibra quando consegue pôr um na fogueira, ou fora da cidade, no apedrejamento. Por isto mesmo eu te digo: é uma loucura pôr Marta nas mãos deste sujeito!. Ouve-me, Sextílio. Ao menos uma vez deixa de ser teimoso e me escuta. Vamos à casa de Batabaces e lá combaterás Marta no seu próprio campo. Nada como um bruxo ou feiticeiro, piara combater outro.

— Não preciso destas supeistições tolas, nem vou comprar poções que me dêem uma dor de barriga. Já me decidi. Vou a Aulo e desmascaro a síria. Ela voltará a mim humilhada e saberá comportar-se, então.

— Estás fazendo uma tolice. Não pensas que Aulo Pompeu poderá levar Marta à morte?

— Não o fará. Provar-lhe-ei que não há pior castigo do que desmascará-la e ela me pertence. Além disto, deve-me favores. Ele também não morre de amores por Caio Mário e entender-me-á as razões.

Apesar de Lântulo tentar argumentar, eu não o ouvia e dirigi-me às colinas, onde as propriedades de Aulo luziam ao Sol quente, quase a pino, num espetáculo de grandiosidade e harmonia arquitetônica e paisagística. Meu amigo ainda tentou demover-me.

— Não fica bem chegar à casa de um patrício da envergadura de Aulo sem ser convidado e, ainda mais, às horas das refeições.

— Aulo tem insistido para que eu o visite, desde que retornei das lutas. Estou certo de que ficará feliz com a nossa chegada, ainda mais que lhe darei meios de satisfazer seu prazer maior.

Vendo que não conseguia demover-me, Lântulo acompanhou-me de má vontade, após considerar que eu e Júlia devíamos estar duplamente enfeitiçados pela síria e que ela acabaria por sair vitoriosa daquele desafio.

— Já pensaste, insensato, se, diante dos senadores ela desfiar todo um colar de verdades sobre cada um, impressionando-os? Já por um momento

pensaste o que acontecerá se ela acertar seus vaticínios, se vir o presente e o passado de cada um?

— Ela não o fará.

— Mas suponha que faça, hein? Aí ficará com Júlia e esta prometeu-lhe a liberdade, como prova de confiança em ti. Perdê-la-ás de uma vez.

— Ela não o fará — afirmei sorrindo, confiante — Não o fará, pois, mesmo que acerte, os senadores, conluídos com Aulo, negarão tudo. É isto! Mesmo que ela acerte, eles a desacreditarão!

— Pelos deuses! Mas isto não é correto, Sextílio. Como se não bastasse colocá-la sob as vistas deste louco do Aulo, ainda pensas em usar de má fé neste caso?

— E por que não?

— Nunca pensei, em nenhum instante, que agirias desta forma tão desonesta. Não posso aprovar-te, Sextílio, mesmo quando percebo o quanto estás enrabichado por esta mulher.

— Para de afirmá-lo!

— E por quê? Que outras razões terias para agir deste modo que te desconheço, senão as do coração, que põem um homem tolo?

— As razões do meu orgulho! As razões de minha dignidade ferida por minha mãe, que agiu para comigo como se eu fosse um rapazinho idiota, as razões de meu brio magoado por Júlia, que se diverte em me humilhar, com uma tertúlia irresponsável, as razões da minha indignação diante desta escrava rebelde, que teima em querer ser o que não é.

— Não resta dúvida. Estás não apenas apaixonado, mas louco. Só espero que não venhas a te arrepender de não me ouvir.

— Chega, Lêntulo! Já me basta que os outros me julguem diferentemente, sem que eu precise ser recriminado pelo meu melhor amigo, como se fosse um irresponsável!

Lêntulo calou-se, visivelmente contrariado. A breve tempo chegávamos ao largo palácio de Aulo Pompeu que, tal como eu previra, pareceu

agradavelmente surpreso com a nossa visita.

A casa transcendia o aroma brando das acácias que cresciam na entrada. Bordado de cachos de flores amarelas, os galhos pendiam graciosamente. O dia estava magnífico.

Aulo recepcionou-nos no recanto predileto de sua casa, junto aos jardins onde ele colecionava, num viveiro, toda sorte de aves raras. Os gorjeios e trinados enchiam o ar.

— Até que enfim te dignas a conceder-me a alegria de tua presença — falou ele com um gesto largo e cativante.

Observei o jovem que principiava a entrar na maturidade, com seu ar latino, o rosto largo e forte, os olhos de um azul profundo e os cabelos castanhos claros, puxados para o rosto, dando-lhe um ar jovial. Suas mãos nodulosas mostravam o quanto apreciava as lides mais duras. Sua toga impecável, com as barras bordadas em motivos gregos, estava presa por fino engaste de pedra rara, e suspensa por um cinto drapejado ricamente adornado.

— Agora que vieste e deste-me o prazer de ainda trazer teu amigo, haverás de ficar conosco todo o dia. Quero ouvir-te as narrações sobre estes estranhos bandoleiros da Espanha Ulterior e saber ás novidades sobre os costumes da Gália, suas exóticas cerimônias de culto, seus templos, seus deuses. Quase me esquecia. Nem sei se te agradeci a ave que me enviaste por Coríolano. Vem ver. Esta em lugar de destaque. Coloquei-a ali junto à minha estufa de plantas raras. Pena não hajas me conseguido um casal. Temo que o macho se entristeça em sua clausura, sem a companhia de outro da espécie.

Aulo levou-nos, na sua transbordante alocução, para um recanto onde vi o “presente” que lhe trouxera, do qual me esquecera totalmente.

Passamos alguns momentos de agradável palestra. Aulo era um destes sujeitos que primam pela conversação fascinante, que sentem grato e sincero prazer em receber as pessoas. Era um anfitrião agradável. Cheio de gestos largos, sorridente e cortês.

Após alguns instantes, levou-nos para o interior, onde insistiu para que tomássemos algum alimento.

Da mesma forma como discorrera brilhantemente sobre sua coleção de

aves e plantas, também assim fez a mesa, informando sobre os valores nutritivos do trigo, das nozes e das codornas, destacando nosso valor acima dos demais povos. Eu o ouvia pacientemente, aguardando um modo para o interromper, sem parecer grosseiro. Queria levá-lo às considerações que me interessavam e haviam me arrastado até ali.

Quando achei que já o havia satisfeito, ouvindo-o, entrei no assunto que era o móvel de minha visita.

— Aulo, preciso de um favor teu. Coisa muito pessoal.

Ele se fez sério. Observou-me atentamente e o sorriso desapareceu, dando lugar a uma expressão de curiosidade.

— Sabes, nobre Sextílio, que é só pedir e estarei pronto, naquilo que me for possível realizar.

— Muito bem. Sei que não poderia esperar de ti outra atitude, pois sempre te tive em alta conta. Ouve-me com atenção. É muito cansativo tudo quanto tenho a te dizer...

— Podes falar sem preocupação. Temos todo o dia e estou ao teu inteiro dispor — respondeu Aulo, fazendo um gesto com o qual dispensou os servos, a fim de me colocar mais à vontade, sentindo, pelos meus modos, que o assunto era particular e delicado.

Era quanto eu queria. Lêntulo, displicentemente, conhecendo-me, sabia que eu me alongaria em minúcias, para conseguir as simpatias e total adesão à minha causa. Ajeitou-se de comprido nas almofadas e propôs-se a descansar.

Falei pausada e calmamente, analisando, pela expressão do rosto e uma ou outra interrupção, a influência que exercia no pensamento de Aulo. Falei-lhe de Marta no acampamento e da crença de Caio Mário, de como ele a quisera adquirir, sem contudo alongar-me nos motivos de minhas ingerências. Comentei os excessos de minha mãe, e o desafio de Júlia. Afirmei-lhe, sem reboços, que contava com ele, para desmascarar minha serva, mas que não a queria em perigos. Aulo foi se deixando levar por meus argumentos. Incendiava-se de exasperação com a feitiçaria, mas prometia aceitar e participar de uma farsa para me servir.

Ao nosso lado, enquanto falávamos, traçando planos de ação, Lêntulo

apenas olhava com indisfarçada reprovação.

Findo todo o meu projeto, percebi o quanto o tribuno da família dos Pompeu estava disposto a servir-me e quanto lhe era particularmente grata a incumbência.

— Não te preocupes. Armarei tal laço que ela não nos escapará.

— Porém, faze-o com cuidado. Ninguém deverá saber que eu estou por detrás disto tudo — pedi ainda.

— Compreendo — respondeu ele com malícia no olhar, que tive que engolir — Farei por tal forma que eles crerão que tudo partiu só de mim. Alertá-los-ei um a um da ida desta mulher síria à Assembléia, e como será útil para nós derrubar o conceito que têm dela, para que os vencidos não vejam nisto um meio de subtrair-se à obediência que nos devem. Penso até em dedicar a isto os próximos dias, para total sucesso. Eu estava me diligenciando, a fim de ver se descobria o esconderijo de um bruxo, para submetê-lo, mas deixá-lo-ei, por ora, já que um pedido teu, nobre Sextílio, vem primeiro.

— Não quero prejudicar teus planos! — objetei.

— Não tem importância. Que é isto? Será um prazer. E, depois, Batabaces não perde por esperar...

A este nome, Lêntulo ergueu-se de um salto:

— Estavas à caça de Batabaces, Aulo Pompeu?

— E por que não haveria de estar?

— Mas não vês que ele é um sacerdote de larga influência?

— O que não impede que seja adepto das artes mágicas e não o suporte. Sabes algo sobre isto?

— Melhor te fora não te meteres com ele, tribuno. Outros que o fizeram estão agora na companhia de seus antepassados.

— Bem sabes que estas murmurações não me atingem. — redarguiu o mancebo com um ar de desdém.

— Confio em ti, Aulo, e em tua discrição — falei, interrompendo o diálogo dos dois — Que a família de Júlia não saiba desta minha interferência.

— Fica tranqüilo. Ganhando um tanto mais que a metade dos votos e, encaminhando a sítia às pessoas previamente escolhida é, nós a conseguiremos derrubar. Sei bem quanto uma mulher pode ser tola, e não podemos permitir que a nobre Júlia leve de vencida um amigo — e Aulo deu risada, antegozando a vitória e feliz pela cumplicidade que eu ficava a lhe dever, a partir dali.

Eu não gostei do modo vulgar como ele via as coisas, mas não tinha idéia de como vencer aquele desafio sem a ajuda dele.

Ainda ficamos algumas horas na propriedade, falando de coisas diversas. Quase ao fim do dia regressava à minha casa, despedindo-me de Lântulo, que se dirigiu a Cloé. Preocupado por Batabaces, a quem ele devia uma ajuda, meu amigo pretendia avisá-lo das ciladas em que se perderia se permanecesse em Roma.

Em razão disto, no dia seguinte, o sacerdote desaparecera da cidade sem deixar rastro.

Capítulo X

Faustina

Enquanto isto, Júlia sentia-se estranhamente indisposta. A cerimônia insólita, da qual fora protagonista, tinha por finalidade submetê-la. Através da doação dos objetos, preces e defumações, Marta, usando o aprendizado que tivera junto a Siomara, atraía entidades perniciosas, a fim de seduzirem a seu favor a vontade de Júlia. Minha noiva estava irritada e enfermiça e recolheu-se ao leito, presa por atordoamento inusitado, tão logo havíamos saído de sua casa.

Eu contava os dias para a reunião do Senado, ansioso e angustiado ao mesmo tempo, e as poucas vezes que recebia algum conhecido, procurava disfarçar o tumulto que me tomava o coração. Fora por duas vezes em visita a Júlia, que me recebera de maus modos, pretextando estar indisposta, o que pensei ser uma desculpa, sem perceber que realmente ela não estava bem, nem física, nem emocionalmente. A verdade é que eu trouxera comigo, desde as lutas na Espanha Ulterior, uma enorme variedade de entidades que se nos haviam ligado, durante as refregas, e algumas emitiam muito ódio e rancor em minha direção. Os próprios sequazes, mortos à última hora, quando do avanço de Mário, a fim de me socorrer à investida ao grupo de Marta, nos envolviam em suas malhas sinistras. Quando a síria fez suas oferendas, tendo Júlia centrada em meio à roda, o que ela fizera fora, tão somente, ofertar minha noiva àqueles seres, como prêmio pela ajuda que lhe dessem nas suas investidas, pedindo a subjugação da mesma. Porém, como poderia eu, então, saber de tais coisas, eu que, se não era de todo desprovido de superstição, à qual escapavam as maiores inteligências do Império, eu que não tinha conhecimento algum acerca do Mundo Espiritual, exceção feita ao culto dos nossos antepassados, que era apenas um hábito, entre os muitos rituais, aos quais assistia sem empolgação alguma?

Aborrecido com o distanciamento que percebia em Júlia, conquanto não lhe fosse assim tão apegado, deduzi que ela se sentia magoada e só esperava pelo desfecho de nossa aposta para demonstrar, finalmente, mais boa vontade

para comigo. A casa estava triste e deserta e eu, irascível e nervoso. Faustina tentara enredar-me em sua conversação quase infantil, chamando-me a atenção para coisas pequenas ocorridas entre os servos, mas eu não me ativera a tais assuntos. A tarde, percebi que ela estivera provavelmente chorando e recriminei-me por não lhe ter sido atencioso, quando procurara me distrair, estando eu tão deprimido. Interiormente resolvi fazer-lhe companhia aquela noite, conhecê-la melhor, ser, enfim, mais irmão e amigo dela. Aproximei-me a sorrir, procurando agradá-la:

— Minha maninha está cada vez mais parecida à imagem da Diana dos caçadores! — falei com certa malícia — Devo tomar cuidado ou logo teremos a casa cheia de aduladores de tua beleza, querida Faustina, e um há de te levar de nós, cheio de felicidade.

Ela corou levemente, mas sentia-se que uma tristeza se apoderara dela. O assunto como que a fascinava e constrangia. Afinal eu percebera que ela ficara uma linda jovem, porém, como fazer para impor-se na Sociedade Romana?

Como que adivinhando-lhe o pensamento, falei a propósito:

— Temos sido muito egoístas guardando-te como jóia rara somente para nós. Tão logo mamãe e papai tornem, hei de conseguir que deem consentimento para que vás aos folguedos nas casas de nossos amigos, que saias numa destas excursões pelo Mediterrâneo, que visites as termas, que aproveites a tua sequiosa juventude e te deixes ver, como convém, a fim de que saibam que linda és e como tens a alma gentil.

— O que estás pretendendo com toda esta adulação? — falou ela, atentando para meu jeito com certa desconfiança na voz.

— Pensas que dissimulo? Que pretendo algo? — disse eu de pronto rindo gostosamente por primeira vez naqueles dias — Como estás desconfiada. Eu diria mesmo que para uma jovem de tão pouca idade estás temerosa como alguém já escaldado pelas lisonjas. Fazes bem, Faustina. No mundo interesseiro dos patrícios há que ser ladino, porque ninguém dá nada, nem mesmo palavras doces, quando não tem algo em mente. Mas dá um crédito a teu irmão, que, nem por ter sido até aqui um cego, que não percebesse a maldade de encerrar-te em casa, quer se sacrificar e perdoar, fazendo-te feliz, enquanto é tempo.

— Não te entendo — falou minha irmã sentando-se quase em frente a mim. — Sei que terias desejado que mamãe te presenteasse com um irmão que te acompanhasse às lutas da Academia ou às caçadas. Por que de repente este interesse por mim? Estás com algum pensamento casamenteiro para comigo? Pensas em fazer-me aliança ou elo de maior influência, tal como papai e mamãe fazem contigo, pretendendo que te engajes na família dos Júlios? Pois se estás pensando assim, esquece...

— Hei! Hei! Vamos devagar nesta alocução. Então é assim que me *julgas*? Primeiro um bajulador e depois um interesseiro? Maninha, nunca supus que fazias tão mau juízo a meu respeito.

Faustina corou mais uma vez. Não pretendera magoar-me. Só estivera em defensiva, sem entender, e como poderia, meus recentes apontamentos a seu respeito.

— Por que não te explicas de uma vez, ao invés de ficar aí dizendo coisas que não fazem sentido algum? — completou, desarnada.

— Minha querida, eu só observava como temos sido maus e ingratos para contigo, como não temos deixado que participes mais de nossa vida nem que participemos da tua! Mas, vendo como estás arredia a tal assunto, peço-te que me desculpes. Não pretendi nem brincar contigo, nem motejar das situações geradas pela natureza que te fez mulher e bela. Ame-nos que estejas apaixonada, e seja isto que te faz assim arredia a que eu te declare, que apreciaria que te conhecesse toda Roma e te admirassem os homens de bem.

Novamente minha irmã corou. Não sabia o que dizer:

— Pensas mesmo que sou bonita? Dizes isto só porque és meu irmão.

— Não debes desdourar-te desta maneira. Não és apenas bela, mas uma interessante jovem, cheia de inteligência e graça. Aposto que mais de um rapaz já deve ter-te referido isto, na festa de minha chegada. Conta-me: quem é o felizardo que te fez desabrochar assim em viço e juventude? Quem te conquistou o coração e tão pronto que mal pudemos dar conta?

— Ora, Sexúlio, estás te divertindo às minhas custas e não t'ó permito! — retrucou ela amuada.

— Ora, ora! Parece que o segredo é mesmo muito sério. Quer dizer, então,

que alguém roubou o coração de minha irmãzinha, sob minhas barbas, e eu nada percebi? Lêntulo tem razão. Eu devo andar meio às cegas, ultimamente.

— O que Lêntulo te disse a meu respeito? — perguntou Faustina com um temor no fundo das pupilas.

— Há algo que Lêntulo saiba que eu não tenha o direito de saber?

— Ele não sabe de nada! Estás querendo me encabular e não sei porquê. Outro dia fugiste às minhas conversas. Nem quiseste saber o que se passa por aqui quando estás ausente e agora te divertes comigo não sei porquê.

— Faustina, por que estás na defensiva comigo? Se tenho sido um irmão não muito atencioso, peço-te desculpas. Mas te desconheço! Quando partias eras uma menina cheia de curiosidade para com tudo. Adoravas sair com mamãe, tinhas tuas amigas. Desde que tornei, percebo-te arredia, estranha. Julguei que nós te havíamos imposto um tipo de clausura, mas agora te desconheço. Penso que tens um problema que avaramente guardas. O que é que eu não posso saber? Talvez possa ajudar-te.

— Eu não tenho nada! — respondeu ela, obstinada. E quanto mais o afirmava, mais eu percebia que alguma coisa a martirizava.

— Estás apaixonada por alguém? Quem é? Diz-me, que te ajudarei.

— Ajudar-me? Como? Nem ao menos sabes ajudar-te a ti mesmo. Eu tentei te avisar, falar contigo outro dia, mas nem quiseste fazer caso. Comentam todos que amas a mulher síria e que ela enfeitiçou Júlia, que acabará por te repelir, por causa de Marta. Como queres me ajudar se nem sabes como te saíres de tuas próprias encrencas?

Antes que eu pudesse responder, Faustina saiu quase chorando a correr, em direção aos seus aposentos. Fiquei perplexo. Tudo o que eu quisera era aproximar-me dela, falar-lhe, conhecê-la melhor. Sem dúvida ela deveria estar apaixonada por alguém, mas não me confiava seu segredo. O fato de ser bem mais velho que ela infundia-lhe, quem sabe, um vago temor. Desde que sua amiga Cornélia partira com o pai para outras regiões, Faustina se desligara das outras colegas, como se temesse ser ferida com nova separação. Ensimesmou-se. Seus olhos só ficavam felizes quando me viam. Logo que eu chegara fora carinhosa, sempre a me cercar de mimos e atenções. Pareceu-me, então, que ela ficara numa angústia sem nome com minha ausência. Depois, seus olhos

também cintilavam quando eu chegava junto a Lântulo, e, há pouco, quando eu fizera uma referência ao amigo, aquilo como que a tinha perturbado momentaneamente. Uma luz de reflexão iluminou meu cérebro. Sim. Eu já lhe percebera inúmeras vezes as maneiras com relação ao amigo. Faustina devia estar sentindo as angústias e maravilhas do primeiro amor, em seu coração temeroso. Ou eu me enganava ou ela se apaixonara por Lântulo! Não apenas a perplexidade, mas a piedade me conduziram àquela conclusão. Se assim fosse, pobrezinha de minha irmã. Como poderia ela competir com a maravilhosa Cloé, mesmo com toda sua juventude? Lântulo estava perdido de amores por aquela mulher e nada no mundo o apartaria dela. Tentei afastar da mente a idéia inoportuna. Era uma conclusão terrível e eu não queria acreditar, mas, cada vez que me detinha na lembrança de seus menores gestos de atenção para com o amigo, me recriminava por ter sido tão estúpido, a ponto de não ter percebido antes. Quem sabe há quanto tempo ela agasalhava no peito aquele sentimento? Teria algum dia um meio de poder frutificar sua esperança? Quem sabe Lântulo, com o tempo, se fartasse da amante e pensasse em constituir família. Que melhor escolha que Faustina? A vida sempre fora cheia de surpresas. Todos os dias viam-se coisas tais que me deixavam perplexo. Melhor seria, no entanto, que eu me equivocasse. Faustina era a última pessoa no mundo que eu queria ver sofrer. Só agora me dava conta de como minha irmãzinha devia estar passando momentos difíceis. A quase adoração que sempre demonstrara por mim, desde a mais tenra idade, passou-me na lembrança. Seu apego excessivo à minha pessoa, seus modos magoados, sempre que me separava dela. O remorso me remoía as entranhas. Sem dúvida, ela se me afeiçoara tanto, que até para amar escolhera alguém de minha inteira confiança, alguém que eu também aprovava e amava, mesmo sendo bem mais velho do que ela: Lântulo. Deveria eu contar ao amigo o sentimento que despertara em Faustina, ou seria melhor calar, aguardando um instante mais oportuno? Se ele soubesse, poderia, mesmo sem querer, demonstrar piedade e não haveria nada pior do que isto. A piedade magoa o coração apaixonado, mais do que a indiferença ou a aversão, principalmenté quando se é orgulhoso e minha irmãzinha o era. Além disto, era sua primeira ingerência sentimental, seu primeiro amor.

Na sala, sozinho, fiquei longas horas meditando nas esquisitices da Fortuna, que sempre estava a pregar peças nas criaturas. Rememorei as palavras da mana sobre Marta e sua influência sobre Júlia. Por que todos pareciam dispostos a aumentar o valor da síria como feiticeira? Por que lhe davam tanto crédito? Ainda bem que eu havia providenciado para que a breves

dias acabassem de vez tais certezas. Eu ficaria a dever muito ao tribuno Aulo Pompeu, mas agradava-me aquela aliança.

Capítulo XI

Uma cirurgia

Enquanto eu esperava pacientemente, Mário insinuara-se junto à família de minha noiva. O fato de Marta estar lá seria o bastante, se ele já não houvesse percebido que exercia sobre a nobre romana, uma atração qualquer. Júlia sentia curiosidade e agradava-lhe a maneira displicente e arrogante do militar impecável que ele era. Naqueles dias haviam estado juntos, sem que eu soubesse, numa das festas no Janículo. O antigo plebeu aproveitou a circunstância para cortejá-la escandalosamente, diante de todos. Ao invés de sentir-se ofendida com sua desabrida atitude, já que ela era jovem sabidamente comprometida comigo, Júlia divertiu-se com a arrogância dele, praticamente encantou-se de ser assim requisitada. Lêntulo soube do ocorrido, mas ao verme tão ansioso pelos acontecimentos aguardados na reunião do Senado, nada me falou. Adiou contar-me.

Na conversa que com ela tivera, Mário houvera exibido como troféu as cicatrizes ganhas nos combates. Júlia o interpelara com jocosidade, para ferí-lo:

— E quantas lágrimas te custaram tais proezas, bravo militar?

Os olhos dele brilharam de má contida ira:

— Pensas que Mário choraria como uma mulher, nobre romana? Gostaria de poder provar-te que não há dor por mais forte, que me faça derrubar, seja lá o que for, uma só lágrima!

— Sei de um modo de prová-lo — replicara Hesíodo, um médico bastante conhecido na Sociedade Romana, tão hábil em suas cirurgias, quanto vaidoso destas mesmas habilidades.

— Pois muito te ficaria a dever se me ajudasses a provar a esta jovem de que fibra são feitos os verdadeiros heróis, que não se pavoneiam só da descendência nobre — retrucara Caio Mário.

— Pois, então, eu já te digo como! Estás com umas belas veias azuis nas

pernas, bravo herói — falara Hesíodo com ironia — Posso livrar-te delas e terás meios assim de provar à nobre Júlia o quanto és valente na dor.

Minha noiva procurara intervir:

— Nem por um momento quero ser causadora de que fiques mais rico ou que se veja sangue por aqui — falara ela, tentando impedir que a aposta se efetivasse.

— Não temas por mim, nobre Júlia — respondera Caio Mário, um tanto pálido, ao ver-se diante de um desafio — Aceito agora mesmo a oferta, embora não soubesse que os médicos já andassem a caçar clientes em festas.

— Não me faças tal graça. Só quis dar-te mais um motivo para blasonar teu grande valor! E tanto é verdade, que não pretendo cobrar-te pelos meus serviços.

E Hesíodo cofiou a barba rala e castanha, onde já ponteavam alguns fios brancos. Os olhos miúdos e azuis se estreitaram no irônico sorriso. Seu rosto triangular adquiriu uma expressão de aguda observação.

— Pois te agradeço e provarei a todos — respondeu Mário — Tens aí teus instrumentos? Estou pronto, agora. Estarás também pronto?

O facultativo não esperava por aquela, nem Júlia, mas aceitou, apesar dos protestos dela a aposta. Fez um servo ir em busca de seus ferros e logo um grupo de curiosos se formava.

Estando tudo pronto, Hesíodo quis amarrar Caio Mário, prendendo-lhe as mãos e pernas a uma cadeira, segundo costume, mas ele se negou a aceitar que o atassem:

— Que é isto, doutor? Sei que estás acostumado a tratar dos patrícios ilustres, mas desta vez estás tratando com um homem de verdade. Não temas levar nenhum pontapé. Prometo que não moverei um músculo.

Os circunstantes estavam estarecidos com a determinação dele e Júlia, pálida de admiração e espanto.

— Pois seja como queres — falou o facultativo, visivelmente contrariado.

Os ferros foram-lhe passados pelo assistente. Uma bacia com água e panos

havam sido colocados aos pés do paciente. Percebia-se que Hesíodo não queria manchar seu precioso traje de festa, alijara o manto e cingira uma toalha sobre a túnica.

Mário estendeu-lhe uma perna. Algumas senhoras presentes tamparam os olhos com as mãos. Um silêncio mortal caiu entre os convidados. Hesíodo fez uma pequena incisão. O sangue jorrou. O rosto do pretor permaneceu duro e impassível. Forçava mesmo um sorriso, observando obstinadamente os movimentos do médico. Nova incisão mais acima e o médico tratava de esticar a veia azulada. Agulhas, suturas, panos, tesouras e facas afiadas iam e vinham na bandeja, manipuladas por um servo. O assistente lavava o sangue e limpava a bacia.

Algumas pessoas haviam se afastado, sem suportar ver a cena.

Júlia, constrangida e surpresa, fitava ora o rosto do plebeu ora as mãos hábeis do doutor, sem poder afastar os olhos da cirurgia. Ninguém dizia palavra. Caio Mário empalidecera. Percebia-se o esforço inaudito que fazia quase a rilhar os dentes para superar a dor. Os anfitriões que o haviam convidado já se arrependiam de havê-lo feito. Cecílio Metelo, que ele prendera dentro do próprio Senado, quando tribuno, Cota e outros observavam a cena aborrecidos a analisar o quanto aumentaria o prestígio do militar aquela demonstração de frieza e coragem.

Sila, que era muito jovem, ria-se a um canto, analisando os modos dos circunstantes àquela insólita cena, emborcando com displicência um copo de vinho. Lêntulo pensava no desgosto que lhe causaria tudo aquilo, quando soubesse a cena da qual minha noiva era protagonista. Sim, porque era óbvio que, para se exhibir a ela, Mário se submetera àquela demonstração diante de todos.

Passado quase meia hora, a sutura veio, e apenas um ligeiro calor e suor frio cobria o rosto do pretor. A perna foi enfaixada pelo assistente.

— Muito bem — comentou Hesíodo, lavando as mãos na água tépida e pura. — Até aqui saiu-se muito bem. Eu mesmo não creía se não visse. Pudessem todos os meus pacientes serem assim. Agora vamos livrá-lo das outras varizes.

O doutor se referia à outra perna.

Até ali o plebeu aguentara sem uma lágrima no olhar a demonstrar a dor insuportável que sentira. Mas sabia que talvez não suportasse, em pé e sem vacilar, nova tortura.

— Já basta, doutor. O benefício prestado não condiz com o sacrifício que terei que suportar. Além disto, detestaria dever dois favores à mesma pessoa, nem costume abusar, deste modo, da generosidade dos patrícios. Creio-me suficientemente agradecido com teus favores por um dia, a menos que a nobre Júlia exija nova prova de meu valor e me submeterei à sua vontade.

— Pelos deuses, senhor! Eu nunca duvidei, e nem desejei este espetáculo!
— retrucara, corada como uma romã, minha noiva.

— Um amigo providenciara uma cadeira confortável para Mário. Servos limpavam os instrumentos da cirurgia e os panos tintos de sangue eram retirados.

Sila aproximou-se jocoso, entregando ao pretor uma taça de vinho:

— Repõe o sangue perdido, ó valente romano. Sejas mais esperto de outra vez. Saiba que nenhuma mulher vale que um homem seja “estripado” publicamente.

O militar aceitou a oferta, retrucando:

— Obrigado, Sila. E provável que nem todas as mulheres mereçam ter seus caprichos satisfeitos, mas esta sim. Bebo à tua saúde, nobre Júlia.

Era tão ostensiva a corte que lhe fazia, que ela corou sem saber o que dizer. Sila deu uma gargalhada e foi quase carregado pelos servos do anfitrião para fora. Todos sabiam como ele se tornava debochado e irresponsável, importuno e deselegante, após haver entornado mais que o devido em taças de vinho.

Mário foi conduzido, em uma liteira, à sua residência. Já amanhecia e aquele dia que chegava era o tão aguardado por mim, o da reunião no Senado, na qual planejava reconduzir Marta a mim. Eu não fora à festa por saber que lá estaria Mário, e esta havia sido mais uma discussão entre mim e minha noiva. Lêntulo achou melhor não me contar o ocorrido, só pensando fazê-lo após a reunião, assim não acumularia emoções: elas seriam divididas.

Capítulo XII

No senado

Sem poder conter-me de curiosidade, acabei por ir assistir aos debates que se faziam aquele dia e lá encontrei Lêntulo. Após as saudações amistosas, nos ocultamos em meio ao povo que se permitia, algumas vezes, assistir àquelas sessões.

Os senadores iam chegando em suas vestes apropriadas, sentando-se em suas banquetas, para discutir as matérias do dia. À breve tempo, percebi Aulo, que me fez um gesto quase imperceptível de conluio, levando a mão à garganta e descendo-a por sobre o ombro direito em ângulo reto.

Alguns assuntos foram tratados e eu já me impacientava, quando foi anunciada a presença de Marta, que, das colunas da entrada, aguardava sua admissão. Houve discussão acirrada. Alguns não queriam permitir-lhe o ingresso, outros aceitavam ouvi-la. Percebi nestes últimos os apaniguados de Aulo, já dispostos a seguir com a armadilha que eu preparara à síria.

Discussões poucas e acaloradas se ouviram no ambiente, sendo que prevaleceu a curiosidade de ouvir as profecias da mulher, que já granjeara alguma notoriedade em Roma.

Não demorou muito e Marta foi conduzida a plenário. Uma estranha emoção me tomou de assalto, mas não lhe dei, então, a importância que tinha, na sintomática dos meus sentimentos. Ela estava bela, com a cabeleira negra caída às costas, ataviada com seus amuletos e seu vestido purpúreo. Júlia a adereçara magnificamente. Os olhares masculinos pousaram na sua figura adolescente e franzina, com admiração. Ela corria o olhar por entre os presentes, como se procurasse alguém. Nossos olhos se cruzaram e Marta ergueu altivamente a cabeça, em desafio. Um leve sorriso brincou-lhe nos lábios. O tribuno Aulo não poderia perder a oportunidade para representar, combatendo mais uma vez a superstição que campeava por Roma. Foi permitido que ele falasse:

— Nobre Senado, edis, ilustres patrícios. Desde muito não se via tão grata oportunidade de varrer de uma vez para sempre de nossas cercanias, com estas ingerências de feiticeiros e adivinhos, magos e impostores, que pululam por todo o Império, causando desastres e dissabores entre os ingênuos e desavisados. Voltassem os nossos as costas a estes embusteiros, e não se veria necessidade alguma de perder-se tempo com eles, nas reuniões importantes desta Casa Ilustre. Porém, como a desfaçatez e incúria têm sido próprias de tantos, permiti que hoje aqui se patenteie, de uma vez por todas, que Roma e os romanos têm as benesses, o apoio irrestrito dos deuses, que nos bastam a adoração em nossos altares dos deuses lares, que nos dignificam a lembrança e que é preciso varrer esta horda de bandoleiros, que vivem da ilusão e medo, da ignorância, porque não dizer, do próprio valor, solapando as bases de nossa sociedade com boatos alarmantes, com profecias esdrúxulas e incoerentes, que, contudo, lhes granjeiam rendas polpudas dos tolos e crentes de toda a parte. Quero ser o primeiro, se me permitis, a ser brindado com as palavras da feiticeira, que obsequia o Senado com sua presença e oferta.

Havia ironia marcante nas suas palavras e fiquei interdito com a humilhação que ele, por certo, haveria de impor à minha serva. Olhava para ela, que o fitava sem desviar-lhe os olhos, fria e calculadamente, Ela parecia muito segura de si mesma.

Aulo continuou mais uns instantes na alocução. Depois, prontificou-se a ser o primeiro a ouvir os vaticínios. Por escolha, mais três pessoas poderiam arguí-la e depois se dariam as profecias com relação a Roma, para, ao final, ouvir-se o veredito a tudo.

Marta solicitou que lhe fossem trazidos alguns apetrechos que estavam fora. Colocou, sobre um tripé, uma bacia com água que lhe foi entregue por um servo, e sentou-se de modo estranho numa cadeira trípica. Pediu a Aulo que se aproximasse. Tocou-lhe os dedos com um estremecimento involuntário por todo o corpo. Sua respiração se alterou. A própria cor do rosto parecia fugir-lhe. Com voz diferente da que acostumara a ouvir-lhe, ordenou ao tribuno:

— Olhe! — e indicou a bacia de água^{12}.

O rosto do jovem permaneceu tombado sobre a água e, malgrado pretendesse nada demonstrar, via-se-lhe que emoções descontraídas perpassavam em seu íntimo. Eu podia sentir que Aulo via alguma coisa que o

transtornava.

— Vamos lá, nobre Aulo Pompeu, dize-nos o que vês.

O jovem olhou como que aterrado para mim. Sua voz pareceu falsa e indecisa, mas procurou falar alto, para que todos ouvissem:

— Nada vejo! Esta mulher é uma impostora!

O modo como o disse criou um tumulto e Marta ergueu-se indignada:

— Mentos! Tramas contra mim que nada te fiz e não sei porque o fazes! Mas eu direi a estes senhores o que tentas ocultar, para que quando aconteça quanto viste, eles se lembrem de que Marta te avisara. Tribuno Aulo Pompeu, persegues de muito um sacerdote de Cibele que o povo admira. Este homem, ainda por estes dias, fugiu de Roma temeroso de tuas investidas. Seu nome é Batabaces. Eu te advirto, porém, que o deixes em paz. As forças que ele possui são superiores às tuas e se prosseguires e teimares em o confundir para a perdição, haverás de te arrependeres, podendo até disto depender tua saúde e tua vida!

— Não sei o que falas. Estás zangada porque tua magia não tem sobre mim qualquer efeito! Mas serei generoso. Terás chance de demonstrar mais uma vez tua força. — e Aulo pediu que fosse até à síria, um amigo de nome Herculano.

A cena se repetiu. Eu começava a me arrepender do que ideara contra ela. Reconhecia que havia ido longe demais, porém tudo faria de novo, para tê-la de retorno a mim. Era um martírio perceber o quanto os fatos a confundiam. Ela adivinhara que caíra numa armadilha cruel e lutava com todas as forças para sair dela, porém eu sabia que tudo seria inútil. Aulo manobrava agora os presentes, como o faria um hábil general às suas tropas. Aos poucos, murmúrios e brincadeiras coroavam cada uma de suas afirmativas. Neste momento, Mário chegou carregado ao recinto. Fiquei surpreso, por ignorar a cirurgia a que se submetera, na véspera.

Marta vaticinou com relação a Herculano e penso que ele vira no espelho das águas, os fatos que ela descreveu, porém se negou a aceitar a verdade, brincando com ela e dizendo que tudo quanto vira é que a bacia não estava limpa, como seria de se desejar. Risos de escárnio coroaram a segunda narrativa. A síria solicitou que eu me apresentasse para ouvir suas predições.

Tentei negar-me, mas ao perceber que Mário se apresentaria apressei-me em descer até onde ela se achava.

A cena se repetiu, mas eu mal ousava olhar para seu rosto. Eu sabia que ela conhecia até onde eu me envolvera para desmascará-la e isto me envergonhava. Marta pediu que eu olhasse para a água da bacia. Diante de mim a cena da véspera, na festa, da cirurgia que Hesíodo fizera em Mário se passou com todos os detalhes e todos permaneciam mudos diante do meu obstinado silêncio e perplexidade em observar a água. Aguardavam impacientes que eu me pronunciasse a respeito do que parecia ver e que me deixava abismado. Quando as visões cessaram, foi com um esforço inaudito que falei em alta voz:

— Nada vi. Penso que já esperei demais e perdemos tempo com brincadeiras inúteis.

— Mentos! Mentos! Viste muito bem. Pois perdê-la-as, eu te juro! Separarei os dois, a fim de que entendas o que tanto negas em vão! — gritou ela quase possessa. — Cai numa armadilha! Pensei que haveria honestidade na aceitação de meu desafio a esta nobre Casa. Mas nada haverá de novo sob o sol. Mentiram-me e brincaram com minha honra. Ouvi, pois, as previsões sobre Roma e o futuro vos dirá se Marta mentiu.

Com um gesto, ela atirou a bacia sobre o piso que se esparramou no chão luzidio, formando uma grande poça de água. Abismado, vi, tanto quanto os outros, vultos que se sucediam no piso, de homens enormes e estranhos; marchando ininterruptos, com carroças e cavalos, acompanhados de mulheres e crianças.

— Uma horda de bárbaros desce dos Urais em direção a Roma. Muito breve, orgulhosos romanos, vos sentireis ameaçados com o seu avanço. Muitos dissabores cairão sobre esta cidade e todo o Império se sentirá ameaçado. Sabereis, então, que Marta não mentiu!

Enquanto todos estavam boquiabertos com o inesperado acontecimento, Aulo tomou a si novamente o comando:

— Falhaste, feiticeira! Não intentes perturbar a mente dos ilustres senadores com magia. Sai daqui enquanto nos contemos da vontade de te ensinar maneiras mais polidas! Sai ou terás a morte!

Atterrada, Marta o fitou por um momento, saindo a correr entre as colunas. Desejei ardentemente correr-lhe atrás e pedir-lhe perdão, mas fiquei chumbado ao solo.

Fora, descendo as escadarias, .Marta foi amparada por Coriolano, que, obedecendo minhas ordens, a esperava, a fim de levá-la de retorno à nossa propriedade. Também Júlia aguardava, fora, por ela.

Marta estava tão atônita com o que se passara que mal podia crer. Sabia que correria sério risco. Perdera o desafio e para ela era evidente que haviam mentido. Não era possível que não houvessem visto, tanto quanto ela mesma, as cenas que a água revelara. A fisionomia dos homens demonstrara as emoções que as revelações lhes produziam. Então, por que se haviam conduzido de maneira tão falsa? Por que haviam mentido? O que lucrariam com a derrota de uma simples escrava, espólio de guerra?

Apoiada à coluna, com os olhos enevoados de pranto que não chegava a cair, ela sentiu que alguém a tocava. Era minha noiva.

— E, então, Marta? Como foi? O que ocorreu lá dentro?

— Eles me prepararam uma armadilha, e eu tola pensando que haveria honra nos romanos. Mas isto não vai ficar assim! Provarei a estes orgulhosos que Marta tem o poder que Siomara lhe transmitiu, que a força de seu povo reside nela!

Júlia não podia entender, apenas percebia que a outra perdera.

Nisto, Coriolano aproximou-se respeitoso:

— D. Júlia, o nobre Sextílio pediu-me conduzisse Marta à casa, quando ela saísse.

— Pois faça isto. Parece, Marta, que meu noivo estava muito seguro de sua vitória, mas se houve fraude lá dentro, eu te juro que o desmascararei! — e minha noiva retirou-se apressadamente, com a mente ainda mais perturbada.

Duas pessoas, contudo, haviam assistido à representação com uma preocupação crescente: Mário e Sila.

Ambos haviam visto e analisado as expressões dos que se apresentavam

para as predições e não lhes escapara a descarada maneira como se conduziam. Quando a água foi atirada ao chão de forma violenta, viram, tanto quanto todos, os vultos enormes e estranhos a se sucederem num desfile constante.

As regiões umbricas com suas florestas negras e escuras, eram o cenário de fundo. Nem por um momento, Mário duvidou das previsões. Acostumara-se a ver com relação a estes curandeiros a que a plebe recorria, bem como muitos nobres, para a solução de seus males e quízilas, que havia entre eles, mais que embusteiros ou malandros. Inúmeros eram os casos que rapidamente desfilavam por sua memória. Não tinha dúvida de que estava diante de uma das maiores adivinhas que já conhecera, e a lembrança de que ela lhe previra sete consulados trazia um remoinho de emoções e felicidade, que avaramente alimentara, sem partilhar com ninguém. Se ela pudesse ser sua aliada...

Porém como, desde que Sextílio a adquirira? E por que ele permitia aquela demonstração e até se submetera a ela para a desmascarar? Aquilo não fazia nenhum sentido! A lembrança de que os bárbaros marchavam incendiava-lhe a mente. No ostracismo em que se via, incapacitado de brilhar naquelas festas insossas e na administração, somente o retorno ao campo de batalha haveria de lhe propiciar os tão auspiciosos consulados. Se Marta estivesse certa, era melhor que ele se preparasse para duros e cruentos combates. Ele sabia que os vaticínios daquela mulher tinham tudo para se realizar, mas precisavam do concurso das pessoas e estava disposto a lutar, com quantas forças tinha, para chegar até onde os voos de seus sonhos mais doirados o conduziam, quando acordado. Conquistaria o mundo! Precisava encontrar um meio de conseguir para se aquela escrava. Porém, como?

Capítulo XIII

O aluguel

Também Sila, absorto em pensamentos semelhantes, raciocinava. A convivência com os piores saltimbancos de Roma já lhe havia feito conhecer tudo que havia de mais degradante e insólito. Assistira a inúmeros truques baratos, dos quais os artistas viviam, mas também já vira as ingerências de poções e mágicas outras para produzir sortilégios, desastres e atrações. Sempre brincara com tudo, nada levando a sério, sem ser do tipo crédulo, mas como explicar o que acabara de assistir? Era evidente para ele, malandro calejado entre os maiores falcatruheiros e bêbados, entre os pederastas e prostitutas, que acabara de assistir uma farsa, cujas finalidades desconhecia. E, por mais que desse tratos à cabeça, nada conseguia concluir com relação àquilo. Assim, saiu dali em direção ao quarto que alugara e pagava a duras penas. Conquanto fosse filho de família nobre, a usurpação de algumas peças de prata (fato que não ficara suficientemente provado), despojo de guerra, por um ancestral seu, havia manchado para sempre a sua árvore genealógica.

O que o amargurava era ter que viver de expedientes, achacando os poucos conhecidos de seu pai, que já partira para a Pátria Maior, a fim de poder viver ao menos. Aquele dia vencia seu pagamento de aluguel. Não tinha um só denário com que pagar. Rememorou a lista de conhecidos, aos quais já ficara a dever alguma coisa. Entrou no corredor estreito, após o percurso longo, e subiu as escadas, abrindo a porta, aliviado por não cruzar no caminho com seu senhorio. Ouviu ruído vindo de baixo. Uma idéia lhe surgiu. Já conversara diversas vezes com o rapaz que alugara o quarto abaixo do seu, e este lhe devia uns poucos favores e apresentação aos patrícios para pequenos serviços. Quem sabe não conseguiria que lhe emprestasse algum dinheiro com que pagar as despesas?

Assim pensando, Lucius Cornélius Sila imaginou rapidamente os argumentos que usaria, a forma como abordaria o vizinho, a fim de conseguir o seu desiderato.

Desceu cauteloso até o andar inferior e bateu à porta. Não demorou muito

e um rapaz apareceu. Tinha fisionomia cansada. O rosto era nervoso e abatido, comprido e ossudo, cabelos e olhos escuros, sem muito trato. Ao perceber Sila à porta, convidou-o a entrar obsequioso. O arguto rapazinho pervagou o olhar pelo aposento, maior e melhor do que o que ocupava. Asseio e pobreza. As cobertas jaziam dobradas ao pé do leito e um velho surrão descansava numa cadeira.

— Em que posso servi-lo? — perguntou Azéglio amigável.

Sila lembrou-se habilmente de que lhe conseguira meios, para trabalhar temporariamente, junto a um grupo de artistas em casas nobres. O rapaz tocava címbalo e, como não pudera ingressar nas fileiras, precisava executar algum ofício para sobreviver. Vivia, pois, de ensinar música.

Com muito tato, Sila narrou as pèripécias assistidas no Senado. Confidenciou que tinha gasto demais, presenteando os nobres:

— Mas que se há de fazer? Há que bajulá-los para se conseguir seus favores. Pensas tu, Azéglio, que eu poderia acaso ter-te colocado entre as filhas de Cecílio se ele não me devesse qualquer gentileza? Ou que Jano te ouviria com o conjunto se eu não o agradasse de algum modo?

A maneira irônica com a qual fizera a última observação quase fez corar o triste Azéglio:

— Bem sei os favores que te devo e conto pagar-te um dia — falou o rapaz constrangido — Se eu pudesse lutar, quem sabe?

Sila deu uma gargalhada:

— Por certo, tens o físico ideal para isto, meu rapaz sonhador.

Novamente Azéglio corou agastado e humilhado.

— Não fiques por este modo! — replicou Sila dando-lhe um tapa carinhoso às costas. — Não vim para te aborrecer. Preciso de um favor teu.

— Se eu puder servir-te, ficarei pago pelos obséquios que te devo.

— Não ponhas as coisas assim! Não te estou cobrando nada! Um favor jamais paga outro e eu me sentiria um miserável se fizesse qualquer coisa a um homem, contando com um benefício posterior. Assim tu me ofendes!

Azéglio embarçou-se:

— Não pretendí te insultar. É que me acho em dívida para contigo desde que cheguei. Nem sabia onde me colocar, o que fazer, onde morar. Foste-me muito prestimoso e me ensinaste como agir. Devo-te e será bom poder pagarte, de algum modo, parte disto.

— Se falares novamente em troca de favores, retiro-me — respondeu Sila, maneiroso.

— Pelos deuses! Não o faças! Se eu puder servir-te, ficarei feliz.

— Nem sei como dizer-te. Acho que fiz mal lembrando-me de ti. Afinal, com tantos conhecidos, por que vir apoquentar a ti? Não é direito!

— Por favor, Sila. Dize o que precisas e se eu puder te servir...

O rapaz deu uma volta e foi até a janela fingindo pensar, depois fitou diretamente Azéglio e disse:

— Perdi ontem muito dinheiro em jogo. Para dizer a verdade, perdi mesmo todo o dinheiro que tinha.

— De quanto precisas? — perguntou Azéglio com receio, pois não tinha muito.

— Tenho que pagar o senhorio.

Azéglio abriu a boca em espanto. O valor do aluguel de Sila, conquanto fosse bem menor que o seu, era um peso insuportável para seu orçamento. Fazia malabarismo para que seu ganho desse. Deixava algumas vezes de se alimentar direito. Como fazer? Não queria negar, mas o que o outro precisava levaria até a última moeda, que guardava para um dia mais negro.

— Fiz mal em te apoquentar com isto. — disse Sila com um gesto de bom humor — Hei de encontrar alguém que me empreste a quantia. Não te apoquentes! Está bem? — e dirigiu-se à porta.

Azéglio, contudo, o deteve:

— Não, sr. Sila. O que o senhor precisa é tudo quanto tenho, mas eu sei que me devolverá assim que puder.

E, tomando o surrado traje sobre a cadeira, descoheu o bolso e de lá tirou as moedas que guardara, passando-as, trêmulo, às mãos do jovem perdulário. Era tudo quanto o outro queria, e, agradecendo com poucas palavras, desceu correndo as escadas, indo entregar o produto ao senhorio, único meio que tinha de não se ver a breve tempo no olho da rua.

Capítulo XIV

De volta à mansão

Enquanto isto, Marta já fora reconduzida à minha residência e, qual fera enjaulada, negando-se a chorar, deixava a cabeça girando à procura de compreender o que se passara. Por que eu agira daquela forma? Aguardava que eu chegasse para repletar minha atitude, mas justamente temendo um encontro com ela, saí sem rumo pelas ruas de Roma, a dialogar com Lêntulo. Os nossos passos nos levaram em direção à magnífica praça com seus monumentos e, junto ao jardim das vestais sentei-me num banco cansado e ainda aturdido com os acontecimentos. Lêntulo deixou que eu ficasse em silêncio, observando-me com preocupação.

Vendo que eu não tornava, Marta trancou a porta, colocando atrás dela a própria cama, meio que tinha de impedir ser interrompida em suas perquirições aos espíritos que a assediavam ou auxiliavam. Sentou-se de forma ritualística. Não podia dispor ali de mais apetrechos que a força de sua vontade. Não havia animais que pudesse sacrificar, nem ervas a queimar, nem incenso a oferecer, nem rituais que pudesse executar. Tirou, pois, um amuleto com um estranho escaravelho do pescoço e colocou-o no chão, à sua frente, como que invocando algo. Aquele broche lhe havia sido entregue desde seu nascimento, como um presente. Sua mãe morrera quando ela era uma menina e a dor de seu passamento foi ficando aos poucos no seu ser, quando via as outras crianças de seu bando acarinhadas e cuidadas pelos seus. Ela fora entregue, desde então, aos cuidados de Siomara, que, de há muito, a vinha requisitando e fora quem lhe presenteara, ao nascer, com o estranho berloque antigo e raro, que ambas julgavam ter um poder oculto. Marta fixou o olhar com firmeza na peça à sua frente. Concentrou seu pensamento, fazendo uma invocação:

— Seres do fogo, seres da água, seres do ar e seres da terra, espíritos que vagais nas sombras, deuses que correis os espaços entre as estrelas, dai-me a ciência do entendimento. Explicai-me o que acontece comigo e o porquê dos fatos desta manhã. Quero entender! Preciso entender!

Suspirou profundamente, deixando o corpo lascivamente abandonado. Aos poucos foi ficando ligeiramente tonta, como se o sono quisesse chegar. Uma lassidão imensa tomava de assalto seus músculos e mal pôde encostar-se à cama, tomada por ligeira catarse.

No entanto, continuava com os olhos fitos no objeto à sua frente, numa auto-hipnose absorvente. Aos poucos, sentiu que vultos a cercavam. Eles lhe falavam, contudo, ainda não podia entender suas palavras. Continuou em concentração profunda e como não obtivesse mais meios de comunicação, lentamente começou a sair do corpo, a procura de soluções. Via-se agora em pé, ao lado da cama, nos mesmos trajes, dialogando com as sombras. Entre as mesmas destacava-se Siomara, seu velho pai, homem duro, morto durante um assalto há anos, sua mãe mais longe de si, como a implorar sua atenção, no entanto, totalmente separadas. Foi a Siomara que ela se dirigiu:

— Diga-me, bruxa das bruxas, por que me ensinaste tanto? Para acabar vítima da chacota do Senado Romano? O que aconteceu hoje? Por que não me avisaste que se tramava às minhas costas?

— Cala-te, ingrata, a quem transmiti tudo quanto soube! — respondeu a entidade com energia — Não fui eu quem te traí. Foi teu coração. Marta, sua tola, estás apaixonada por teu senhor e só tinhas tempo para envolver sua noiva e em nada mais pensavas. Além disto, impediram-me de avisar-te seres que desconheço, mas aos quais não tenho forças para me opor. Eles me dizem que há um limite para que interfiramos nas vidas dos humanos e, entre estes, tu mesma!

Completamente desarmada pelas palavras duras da outra, Marta reptou:

— Pois não descansarei enquanto não separar Sextílio de Júlia. Tu deves me ajudar nisto. Conto contigo!

O espírito que fora seu pai deu uma gargalhada cínica:

— Sempre a minha rebelde selvagem! — falou com um acento de orgulho na voz. — Isto mesmo, Marta, mostra a eles quanto podes!

— Cala-te! — falou Siomara para ele — Não sabes o que dizes! — e voltando-se para Marta, completou: — Es mesmo muito tola, minha menina. Não vês que o romano só visava ter-te para ele? Que precisava ganhar a aposta para ganhar-te? E não ficas com isto contente? Não é um modo de provar-te

amor, mesmo dentro de seu orgulho?

Numa alegria imensa, a jovem começou a rir, abraçando-se a Siomara e, numa vertigem de felicidade, retornou a si, encontrando-se ainda a sorrir, falando em alta voz:

— Ah! Siomara, ele me ama! Ele me ama!

No entanto, ainda podia perceber a outra a lhe dizer:

— Cuidado, Marta! Cuidado!

Ao longe, sua mãe a olhava com tristeza mal contida e seu pai ria sem parar, observando-lhe os modos.

Marta ergueu-se. Retomou o amuleto que lhe servira como meio de desligamento corporal e colocou-o ao pescoço. Empurrou a cama e esperou, observando os campos que se alongavam, que seu vulto aparecesse ao longe.

Algumas horas depois eu tornava à casa, tendo combinado que, logo mais, Lêntulo passaria por ali e demandaríamos à casa de Cloé, onde instalaria a síria, segundo o que fora anteriormente combinado. Eu não desejava avistar-me, de forma alguma, com a jovem aprisionada, porque no fundo envergonhava-me do que houvera feito. Não poderia, sem falsear, enfrentá-la na lembrança do que ocorrera de manhã no Senado. Lembrava-me de como me mostrara o ocorrido na festa profana, quando Mário se insinuara com Júlia, e como prometera separar-me de minha noiva. Lêntulo me confirmara com respeito aos fatos e eu me aborrecia tremendamente ao pensar em Mário, e como Marta sabia não apenas destas cenas, mas me mostrara as mesmas, na água límpida da bacia. Que estranhos poderes, que magia nova era aquela, e por que eu tanto a queria e temia ao mesmo tempo?

Atravessando os jardins da entrada, pensei repousar um pouco, fugindo às emoções novas que me assaltavam a alma, e passei pelas colunas automaticamente. Ao atravessar o peristilo, ela me cortou a frente:

— Ganhaste a aposta, nobre Sextílio, e fico feliz com isso. Marta estava muito zangada no Senado com as mentiras que lhe impuseste, mas tu e eles sabem que não menti. Agora Marta é tua!

Um vivo rubor cobriu-me o rosto. Era evidente que, para ela, as razões de

minha interferência eram as do coração! Marta brincava com meu orgulho e com minha vaidade de homem! Inadvertidamente lançava-me ao rosto o sentimento que me conduzira às ciladas que lhe criara. Mesmo desarmado emocionalmente, eu senti a ousadia de sua atitude para comigo. Uma escrava ela era. Apenas uma escrava de minha casa, a quem eu podia fazer o que bem entendesse, com direito sobre sua vida e sua morte, e, então, por que ousava dirigir-se a mim daquele modo irônico e seguro de si?

— Quem te deu o direito de entrar nesta casa sem que a isto fosses convidada? Não te levou Coriolano aos teus aposentos? Com que direito pensas reptar-me a conduta, quando tudo quanto fiz foi reaver o que paguei por um preço superior ao seu valor? — perguntei, perdendo a calma e tentando tomar o controle da situação.

— Maldito orgulhoso! — gritou Marta, perdendo a compostura — Sempre estarás a obrigar-me a calar meus sentimentos? És um mentiroso, nobre Sextílio, e tens medo dos motivos que te induziram a mentir. Por que mascaras o que me sentes?

— Estás mais louca do que eu pensava! — falei, aturdido — Ordeno-te que te recolhas aos teus aposentos e depois te darei ciência do que já tenho decidido a teu respeito! E chega de falar. Não gostaria de ter que te castigar pela insolência!

— Eu te darei mais motivos para me castigar se o desejas! - falou Marta e, saltando sobre mim como um felino, puxou-me a cabeça e beijou-me os lábios com selvageria e amor. Antes que eu me refizesse de seu gesto inesperado, saiu a correr gritando:

— Não a terás! Não te casarás com Júlia, eu o juro!

Capítulo XV

Fuga do amor

Minha vontade era ir-lhe atrás, castigar-lhe a insolência, abrandar-lhe o temperamento intempestivo, porém estava como que chumbado ao solo, totalmente entontecido, com aquele rápido mas ardente beijo, que me abrasava inteiro.

Lembrava-me do sonho em colóquios de imenso amor com ela. Que traição era aquela do meu coração? Não podia ser verdade! Eu não podia estar apaixonado como um rapazote tolo por uma mulher como aquela, estranha em todas as suas atitudes, tremendamente diferente de todas as mulheres que eu conhecera. Eu amava Júlia. Conhecia-a de longa data. Éramos amigos e prometidos. Tínhamos a mesma ascendência nobre, os mesmos desejos de mando e poder, a mesma cultura.

— Esta intrigante ousada não há de me dobrar com suas magias. Não poderá me separar de Júlia. Jamais me dobrarei aos seus caprichos. Hoje mesmo entregá-la-ei aos cuidados de Cloé, a fim de que me não cause mais embaraços!

Ia saindo para providenciar que Coriolano a levasse o quanto antes, quando vi adentrar a propriedade meu amigo Lêntulo.

— Tanto melhor — pensei lembrando-me de nosso compromisso — Avio-a com o amigo e não preciso vê-la mais. Cloé cuidará dela, ficará a salvo e eu também poderei estar tranquilo, sem a sua interferência.

Corri a recepcionar o companheiro que percebeu, em meu semblante, as emoções que me cercavam.

— Aconteceu algo? — perguntou.

— Não, ou melhor, sim...

— Não e sim? Vejo que estás confuso, Sextílio. Ganhaste a aposta.

Conseguiste o que querias. E então?

— Tens razão. Não devo me preocupar. Consegui tudo aquilo que desejava. Marta foi desmascarada, como eu queria.

— Ela foi envolvida, deverías dizer. Causou-me pena. Eu não sei até onde estiveste certo. Bem podes saber que todos viram o que ela mostrava. As mentiras de Aulo Pompeu, as tuas e as de Herculano e outros, não serão suficientes para mascarar a Verdade. Pelos comentários que ouvi na casa de Cota, ainda há pouco quando te deixei, acho que te será impossível esconder esta mulher como pretendes. Bem posso ver quantos hão de cobiçar-lhe os dons e procurá-la.

— Ela é minha! Eu a comprei e mando nela e ninguém mais!

— Mas não te entendo. Só queria te avisar e não enraivecer. Só desejava que percebesse que o ardil utilizado para reavê-la pode ser funesto. Como uma faca de dois gumes. À primeira vista ela foi desmascarada, como reles embusteira, porém todos agora sabem com certeza, podes crer, que ela é a feiticeira que julgam, que possui dons. Percebes? Não penso como estas observações não possam chegar aos ouvidos de Júlia. Alguém pode ter-lhe referido o ocorrido e como todos, na verdade, viram, ao final, as estranhas cenas criadas pelo espelho das águas no pavimento.

— Pensas assim? Mas Júlia não poderia provar que houve farsa e má fé na apreciação dos fenômenos com Marta no Senado! — objetei.

— E por que não? — falou uma voz de mulher da entrada.

Empalideci. Aos pés das largas colunas, minha noiva nos observava com uma expressão de censura.

— Querida — falei dirigindo-me a estender-lhe as mãos, as quais ela fugiu, desdenhosa — Por que não avisaste que virias? Estou feliz que chegaste!

— Não finjas, Sextílio. Não o suporte! — respondeu Júlia — Vim buscar Marta e penso não a possas esconder, depois do que acabo de ouvir. Ela é minha agora!

— Estás confusa, meu bem. Marta foi corrida do Senado como embusteira, bem sabes.

— Como também sei quem criou a farsa! Por que o fizeste é o que me intriga. Por que a desejas reter? O que há entre ti e ela, a ponto de usares teus amigos para criar uma pantomina no Senado?

— Pelos deuses, Júlia, me ofendes! Sempre pensei que saberias ter dignidade ao perder uma aposta!

— Sextílio, ouvi tua conversa com Lêntulo! — falou ela, empertigando-se.

— Deves ter entendido mal — começou a dizer meu amigo.

— Pelo contrário. Tudo entendi perfeitamente. Exijo a devolução da serva! Agora! Não penso que faltarás com tua palavra!

— Marta deveria provar ao Senado seus poderes. Falhou. Perdeste — falei, perdendo a calma.

— Sabes que a envolveram, e quem a isto os induziu. Desejas que eu levante esta questão com o testemunho de algumas pessoas presentes, que me referiram quanto viram?

— Que dizes? — perguntei estremecendo.

— Seria um escândalo, não é? O que não dariam teus inimigos para provar que usaste um ardil? E se eu lhes contasse por que o fizeste?

— Estás querendo me amedrontar?

— Mário, Cássio, Aurélio e o próprio Cota me referiram suas visões. Devolve-me a serva e esquecerei tudo. Casar-nos-emos e seremos felizes. Caso contrário, não respondo por mim. Nunca te perdorei o ultraje que me fazes, trocando-me por uma vulgar escrava, tenha ela ou não os dons que diz ter. Me ofendes com esta insistência. Se eu não sair daqui com ela, então considera desde agora nosso compromisso desfeito!

— Deixa-te de caprichos, Júlia. Tu me ofendes com tuas suspeitas.

— Pensa bem, nobre senhora — falou Lêntulo, conciliador — Permita, em nome da amizade, intrometer-me num assunto tão melindroso. Não há motivos para tanta discussão. Casar-te-ás com Sextílio. Tudo que é dele será teu e, neste caso, também a serva. Se ela te for devolvida, contudo, dar-lhe-ás liberdade, segundo o que havíeis lhe prometido e a perdereis. Tendo ou não

dons, sempre será uma perda.

Júlia pareceu acalmar com estes argumentos, mas objetou:

— Pois seja, porém exijo que Sextílio me dê uma prova de seu afeto e honradez, nisto tudo. Consideremos que ele haja ganho a aposta, o que não é verdade, pois fraudou. Deve, em compensação, pela sua má fé e em deferência a mim, emprestar-me Marta, até que nos consorciemos. Ou isto ou não haverá casamento, e até mesmo pode haver um escândalo se eu permitir que Mário exija um novo torneio no Senado.

— Ameaças-me com Mário? — perguntei, possesso.

— Não. Mário é que te ameaça com Mário — falou ela — Crês que ele se impressionou com a síria de veras? Cuida-te. meu noivo. Empresta-me a serva e tratarei de fazer calar as intrigas.

Eu percebia que não podia mais mascarar as coisas. Júlia tinha razão. Minha insistência em reter a síria junto de mim só podia ser interpretada da forma como estava sendo e a incorreta forma de agir me envergonhava. Não haveria também melhor modo de recolocar tudo no lugar, do que aquele. Marta merecia uma corrigenda, para não ser mais tão temerária como fora há pouco.

A este pensamento um júbilo me tomou. Sim. Que melhor prova, que melhor forma de ensinar-lhe que ela nada era para mim, do que desprezá-la, entregando-a à minha noiva, depois de haver espicaçado seu orgulho? Um desejo mórbido deferi-la, pela segurança que demonstrara quanto aos meus sentimentos, me tomou de assalto. Parecia-me, então, que era esta a maneira melhor de me livrar de uma vez por todas de sua influência.

— Está bem. Tu a levarás, Júlia, mas toma cuidado. Lem bra-te de que não confio nela e não deves deixar que te influencie. Ela é ardilosa e perigosa mesmo. Espero que nunca te arrependas do que me vieste exigir como prova de fidelidade.

— Não me julgues tola. Sei o que faço — respondeu minha noiva.

Lêntulo nos olhava admirado. Após tanto esforço para reaver a síria, não era lógico para ele que eu aceitasse as condições de Júlia. O que ele nem eu percebíamos, é que este era meu último esforço para fugir às garras do amor.

Capítulo XVI

Obsessão

Fazia dias que Marta se fora e meu mau humor era uma constante. Lântulo desculpara-me junto a Cloé e eu procurava estar com Júlia, a fim de saciar minha fome de afeto. O que mais me intrigava era não ver nem sombra da síria, quando lá ia. Ela como que me evitava, por assim dizer. Mas eu ansiava vê-la, ler em seus olhos o que me sentia, analisar o turbilhão de pensamentos que a devia já levar de roldão, pela minha inesperada resolução em “emprestá-la” à noiva.

Meus pais haviam tornado do campo e Faustina ficara sabendo, por uma conversa que ouvira entre mim e Lântulo, do amor entre este e Cloé. Mesmo para minha irmãzinha, avessa às intrigas das festas romanas, o nome de Cloé não era estranho. Via-a amargurada e triste pelos cantos da casa ou sempre trancada em seu quarto, fugindo aos nossos momentos de palestra familiar. Preocupado com ela, procurei seus aposentos. Ela me recebeu de má vontade.

— Faustina, querida irmãzinha. Flores precisam de sol e ar e tu também precisas de distrações.

— Não quero distrações — resmungou ela, de olhos inchados de chorar. Suas faces haviam perdido a vivacidade, seus olhos estavam marcados por olheiras fundas.

— Seja como for, não permitirei que fiques mais enclausurada como estás. Sairás hoje comigo, iremos aos jogos e verás como é divertido.

— Eu poderia ser uma vestal — falou ela com a cabeça a girar em pensamentos sombrios que eu não conseguia decifrar.

— Deixa-te de bobagens. Sê razoável, minha querida. Vamos — disse, abrindo o armário onde repousavam seus trajes melhores — Escolhe um destes e apronta-te. Não aceito um “não” por resposta.

▪
E, como minha irmã ficasse indiferente entre seus coxins de seda, fui até ela e energicamente a arranquei à mole torpitude em que a via:

— Senhorita Faustina, deixa-te de melindres ou terei que levar-te ao colo!

Inesperadamente ela sorriu e concordou com um certo ar de tristeza, que não me passou despercebido.

— Seja — falou — O que eu te negaria, meu irmãozinho? Só tu vês em mim a beleza e a graça. Mas não te decepcionarei. Estarei breve pronta. Pede à Hermínia que venha me ajudar nos toucados.

— Assim é que se fala! — repliquei brincando com ela. E saí feliz por conseguir demovê-la daquela voluntária clausura.

Meu gesto como que me devolvia o bom humor por instantes. Interessante fato! Saindo da casca terrível do egoísmo para alegrar o semelhante, imediatamente o homem começa a colher os frutos dulcificados da felicidade. Era o que me acontecia naquele momento.

Em verdade, minha querida irmã era uma alma débil e influenciável e, desde que seu primeiro sonho de amor recebera o duro golpe da revelação da ligação de Lêntulo e Cloé, vinha sendo assediada por pensamentos tristes de autodestruição. O amor que me sentia, contudo, arrefecia a golpe, levantando-lhe o ânimo. Mas eu ainda não podia perceber a extensão de seu sofrimento ou o terrível mal que lhe vinha minando a resistência. Todos nós temos nossas fraquezas e dívidas de antanho. Mas eu não o sabia definir com tal clareza, e, utilizado pelos espíritos amigos, fora instado a procurá-la naquele dia.

Após a refeição matinal, saímos numa carruagem até as cercanias do grande pódio, onde se dariam as disputas esportivas.

Faustina vestira uma leve e elegante túnica drapeada, toda azul, a realçar-lhe o corpo de menina-moça. Os cabelos anelados caíam-lhe com graça juvenil, em volutas graciosas sobre as espáduas marmóreas.

O dia transcorria ameno e as tertúlias haviam posto um novo fulgor em seus olhos tristes. Eu me inquiria interiormente como ainda não encontrara ela os carinhos naturais nesta idade. Era provável que eu a tivesse demais cerceado, presa a mim e aquele afeto, que eu lhe adivinhava por meu amigo

Lêntulo, era perigoso para a formação delicada de minha querida irmã, tão vulnerável a qualquer mágoa. Certos incidentes do tempo de criança vinham-me à mente. A vez em que eu lhe quebrara a boneca predileta e ficara doente por isto... A outra vez em que me ausentara de casa, e, ao tornar, a encontrara em tamanha depressão que não conversava com ninguém... A vez em que esbofeteara uma serva que havia sem querer me ferido, com a queda de uma bandeja de iguarias... Tudo se me dançava na mente ao observar-lhe o perfil gracioso que o sol doirava. Reconhecia-lhe não apenas a fraqueza emocional nas atitudes, mas o demasiado apego egoísta às afeições, às quais se entregava e das quais exigia fidelidade e reciprocidade apaixonadas. Era voluntariosa e orgulhosa no trato com os servos. Nestes momentos, nem parecia mais a menina que eu via meiga e doce. Tornava-se quase intratável. Tinha tais incoerências na maneira de agir, para com os subalternos, que me espantava.

Estava nestes pensamentos, quando notei que o semblante de minha irmã endurecia repentinamente. Seus olhos estavam ansiosos, seu rosto cobriu-se de pejo, suas mãos amarfanharam o tecido da túnica.

Procurei seguir-lhe o olhar e vi Lêntulo que chegava junto a Cloé. Nunca antes meu amigo ousara ir às festas públicas com aquela mulher. O que acontecera para que agisse de forma tão impúdica? Por que arriscava a reputação e a reprovação dos patrícios, daquela forma acintosa? Teriam tido alguma altercação e ela lhe cobrara aquela demonstração de afeto, diante de todos, a plena luz do dia? Depois eu poderia perguntar-lhe. Mas aquela repentina aparição fizera tal efeito em minha irmãzinha que a vi voltar-se para mim, num nervosismo e angústia inenarráveis.

— Vamos embora? — pediu quase em pranto.

— Faustina, os jogos logo terminam. Aguardemos mais um pouco. O que acontece? Divertíamo-nos. Não debes partir, não permitas que nada te perturbe.

Mas ela não me ouvia. Seu olhar tinha uma obstinação magoada. Havia quase ódio e muito desalento nas suas pupilas assustadas.

— Vamos embora! Vamos embora! — ela repetia quase automaticamente.

Lêntulo, contudo, já nos vira e dirigia-se para nosso lado. Eu não podia aprovar-lhe a desabrida atitude, mas não seria indelicado com Cloé, por dever-

lhe o favor que me concedera, e do qual eu declinara.

— Lântulo — falei erguendo-me no camarote que me fora reservado — Senta-te aqui. Senhora — cumprimentei Cloé — O dia se aformoseia com tua presença.

Meu amigo apresentou-a e minha irmã estendeu-lhe a mão gelidamente. E encerrou-se num mutismo desconcertante.

Logo os jogos terminaram. Despedi-me de Lântulo e Cloé e retornamos à casa.

Faustina encerrou-se no quarto. Falei à mamãe e papai de suas esquisitices. Ponderei a necessidade de distraí-la, ocuparmos seu tempo com coisas novas. No entanto, eles estavam demais preocupados com meu próximo casamento. Aprovavam meu gesto cedendo Marta à noiva e faziam mil planos. Após meu enlace — diziam — tratariam de arranjar um bom partido para Faustina e tudo se ajeitaria.

Eu não tinha tanta certeza. Após os jogos não conseguia nem mesmo que me recebesse em seu quarto.

As escravas murmuravam sobre suas atitudes desconcertantes.

Capítulo XVII

Brigas

Eu teimava em não perceber claramente o que se passava à minha volta. Estranhos pensamentos às vezes me assediavam, mas eu os expulsava para bem longe, sem dar crédito às vozes interiores que me falavam.

O prestígio de Mário, que já era enorme junto ao povo, começou a crescer no meio dos patrícios. Eu não entendia como tantas pessoas, que lhe tinham verdadeira aversão, há não muito tempo, haviam passado a aceitá-lo no círculo estreito e selecionado de suas famílias.

Na verdade, ele aos poucos se insinuara.

Num daqueles dias eu tivera séria altercação com Júlia, indo buscá-la para um passeio que havíamos programado no Aventino, entrei sem ser anunciado. A risada cristalina de minha noiva se ouvia desde a entrada e, ao chegar ao local de onde vinha o som de vozes, eis que a encontro em conversa amigável com Caio Mário. Algumas amigas que ali haviam ido à tarde para um lanche, ouviam as bravatas jocosas do militar. A um canto, em atitude displicente, Marta ouvia. Foi ela quem primeiro me percebeu, talvez pelo importuno olhar com o qual a envolvi, sentindo uma onda agradável de calor no aceleração do coração, invadir-me inteiro.

Seus olhos profundos foram de mim para a cena que se desenrolava a poucos passos. Imediatamente captou-me o desagrado e um sorriso irônico, que o olhar confirmava, foi de mim para o grupo em amistoso colóquio.

Aproximei-me, já zangado, da noiva que me feria daquele modo, recebendo à casa o homem que ela sabia, sem dúvida, ser-me profundamente antipático.

— Júlia, esqueceste nosso compromisso?

Ela se voltou e o silêncio caiu entre os presentes.

Qualquer um podia perceber em mim o desagrado no semblante.

— Ora, já é tão tarde? — perguntou ela com graça, encaminhando-se a mim — Querido Sextílio, perdoa-me, mas há tempos não via Nestória, e como chegou hoje de sua viagem de recreio divertíamo-nos em contar casos, matávamos a saudade junto às amigas de infância. Estarei pronta num instante. — e, voltando-se para os demais — Podeis prosseguir sem mim. Minha casa é a vossa casa. Marta vos distraíra a seu modo.

Porém, todos percebendo a minha zanga, começaram a despedir-se. Achei o cúmulo do desprante que Mário não arredasse pé dali, vendo como sua presença era constrangedora. Ele esperou e, quando Júlia desceu ao meu encontro, falou-lhe:

— Senhorita, permita que eu fique mais um pouco. Prometi a teu pai ver uns negócios das terras perto de Piemonte e sei que logo estará aqui.

— Fica-te à vontade, Caio Mário. Papai não me perdoaria se eu te dispensasse do compromisso. Marta, peço-te atendas nosso amigo até a chegada de meu pai.

O olhar que Marta e Mário trocaram comigo tinha muito a ver com a troça. Profundamente aborrecido, despedi-me de forma descortês:

— Até logo, Caio Mário. Estou certo que entre os servos terás oportunidade de contar tuas bravuras e Marta é a pessoa indicada para ouvir-te e fermentar tuas ilusões de grandeza.

— Sem dúvida. Marta só não é indicada para fermentar as próprias ilusões — falou ela com amargura.

Fingindo não perceber minha animosidade, Mário sorriu, dirigindo-se a Júlia:

— Diverte-te, querida. Que os deuses não deixem que nada te empane a alegria!

Sáimos e, apesar da noite anunciar-se esplêndida, e as diversões que nos esperavam no Aventino fossem maravilhosas, acabamos tendo uma alteração séria. O motivo era a intromissão de Mário nos assuntos familiares, a maneira displicente com a qual o recebiam.

Júlia não podia concordar comigo:

— Sextílio, quase não te reconheço. Estás obcecado como um velho senil. Todos gostam de Mário. Confiam no seu valor. É intrépido e honrado. Não tem a falsidade do verniz de certas pessoas e isto não o desmerece em nada! Não posso te compreender. A menos que tenhas ciúmes de qualquer que se me aproxime!

— Tu me ofendes, julgando que possa este homem ombrear comigo — respondi orgulhosamente.

— E por que não? Vamos. Deixa de ser o maldito vaidoso que estás te tornando! Muitas de minhas amigas suspiram por um gesto de atenção de Mário. Sabes que ele não é feio, tem agradável palestra, venceu sempre por seu valor!

— Dirias que conseguiu a pretura de forma lícita? — perguntei perdendo a calma.

— Se nada foi imputado contra ele, por que não esqueces de vez o que houve? O próprio Metelo, que ele aprisionou uma vez, já o tem perdoado, ou, pelo menos, é mais lúcido do que tu, reconhece-lhe o valor.

— Estás estragando nossa noite por causa dele. Não posso crer — falei agastado.

— Ages como uma criança impertinente. Não me queiras proibir de escolher minhas amizades!

— Ora, e não foste tu quem começaste por escolher até meus servos? Por que só eu não tenho direito de opinar ou zangar-me? — respondi.

— Tornas a falar de Marta! Sabes que por direito é minha. Eu resolvi o que fazer. Serei justa neste caso, inda que isto te magoe. Inda hoje ouvi de Mário o que viu no Senado. Marta merece a liberdade e eu lh'a darei!

O sangue afluíu-me ao rosto. Eu não podia consentir naquilo. A serva era minha:

— Júlia, por que insistes em me magoar deste jeito? Nem parece que me amas e vamos nos casar. Te divertes em espicaçar-me?

— Marta agrada-me demais, porém sei que será sempre minha amiga e se lhe der a liberdade, toda vez que precisar de seus préstimos não me há de faltar. Há muitas maneiras de se aprisionar uma pessoa. Não sabes? Sinto muito que isto te magoe, porque não vejo razões para tanto. A menos que ela te signifique mais do que uma aquisição qualquer.

— Estás levando o assunto para outras direções, para que eu não te recrimine pela complacência com aquele plebeu!

— Não podes me proibir de vê-lo, já que em tudo se intromete. Era preciso que eu fosse cega!

— Júlia, serás brevemente minha esposa. Se me amas, conserva Marta e deixa de ver Mário!

— Estás te tornando ciumento e autoritário. Não eras assim! — falou ela.

Havíamos chegado ao nosso destino: a mansão senhonal do nobre senador Aurélio. Tivemos que interromper nossas discussões, mas a noite não foi muito agradável. A perspectiva de ver Marta livre, longe de mim, me amargurava a alma.

De retorno tentei retomar o assunto já que aquelas horas de convívio social, que prometiam tanta diversão, me haviam sido extremamente penosas. Júlia encerrou-se num mutismo exasperante.

— Já dissemos tudo o que tínhamos a dizer a respeito. Não me aborreças mais com tais conversas.

Eu estava amargurado. No dia seguinte, fui ter com Lântulo e pedi sua intercessão. Ele prometeu-me ajuda. Tentou em visita amigável falar com Júlia, mas ela fugiu aos seus comentários. Foi mais direto. Confidenciou-lhe o temor que sua atitude fosse desastrosa ao nosso relacionamento.

Ela polidamente agradeceu, mas negou-se a dialogar com ele. Vendo a síria no jardim, à saída, abordou-a meu amigo:

— Marta, preciso te falar.

Com muito tato ele contou-lhe que eu pretendia colocá-la junto a Cloé. Marta apenas sorriu. Disse-lhe que estava livre, que Júlia a havia alforriado,

reconhecendo sua vitória no Senado e só não fora embora por não saber para onde ir.

Vendo que eu não podia, sem arriscar meu compromisso, ir contra as determinações de minha noiva, Lântulo indicou-lhe a moradia de Cloé e dirigiu-se a ela, com o fito de avisá-la da possível transferência da síria. Depois tratou de vir me dar ciência do que descobrira.

Uma avalanche não causaria maior desastre em meu íntimo. Marta livre!

E eu a me indispor com Júlia, se a exigisse de volta. Eu não podia já mascarar o que sentia por ela. Pelo menos não para mim mesmo, porém meu orgulho inda me detinha de procurá-la.

Marta havia se insinuado por tal forma junto de minha noiva que se decidira por destruir meu casamento. Instada por Mário que desejava ligar-se a uma das mais ilustres, senão à mais ilustre família de nobres de Roma, prometeu cativá-la para ele. E, com o auxílio de entidades que a serviam, mais sua perspicácia e a insistência dele, aos poucos Júlia começou a sentir-se mais e mais atraída pelo plebeu. Era voluntariosa e adorava aventuras. A petulância do antigo pretor a encantava. O modo como subjugava os inimigos, a mordacidade de seus argumentos, tudo fazia com que ela se lhe apegasse mais e mais e a minha interferência desastrosa só fazia piorar cada vez mais as coisas.

Aos poucos Júlia afastava-se de mim. Ao saber da sua decisão quanto a Marta, dirigi-me à sua casa com uma tempestade de mágoa no peito. Ia disposto a exigir-lhe a revogação total. Queria a todo custo batalhar por Marta. Discutimos acaloradamente. No ardor da discussão exclamei fora de mim:

— Ou a retomas e m'a devolves ou considera nosso compromisso desfeito!

Percebi imediatamente como minhas palavras a enfureceram. Não aceitava ordens de ninguém. Minha insistência para com a serva, mais do que tudo, maculava seu orgulho:

— Pois seja! — respondeu colérica — Se a queres, agora que é livre, trata tu de conquistá-la. E faze-o logo, Sextílio, se é que tens coragem para tanto, o que não acredito. És petulante demais para ousar sair fora dos parâmetros ditados por teu pedantismo!

E, sem esperar mais resposta, retirou-se, dando-me as costas.

Eu não podia crer. Júlia não apenas aceitava o rompimento de nosso compromisso, como me lançava ao rosto o amor que eu tinha à Marta e a covardia de admiti-lo. Meu orgulho ressentiu-se tremendamente; Sai dali arrasado. Se ela quisesse reatar nosso noivado, teria que vir a mim e, quanto a Marta, eu não a iria procurar nunca. Agora que se considerava livre, como poderia eu submetê-la aos meus caprichos, às minhas ordens?

Capítulo XVIII

Problemas

Naquele amaranhado a que me vi arrastado de repente, eu só podia pensar em uma coisa: meu casamento fracassara. Júlia rompera definitivamente comigo. Em vão a fiz chamar por uma serva. Negava-se a me ver.

E, contudo, tanto quanto em mim, um tumulto desencontrado de emoções eclodia nela. Após me haver reptado energicamente a conduta, minha noiva encerrou-se no quarto em pranto de dor. Não podia crer no rumo que os acontecimentos tomavam. Nosso relacionamento, que durava tanto tempo, rompia-se e ela não podia equacionar ao certo o porquê. Teria Marta sido o centro daquele desenlace amoroso? Seria por ciúmes dela que Júlia resolvera-se a romper o noivado? Ou a influência exercida por Caio Mário é que redundara naquele eclodir de palavras? Júlia não poderia saber. A cabeça lhe pesava tremendamente. Vinha já há algum tempo sentindo-se como que submetida por uma força maior que a sua. Quando a sós, prometia a si mesma que teria paciência e se aproximaria de mim. Fazia mil castelos no ar quanto ao nosso casamento, mas depois não sabia porquê, todas as vezes que comigo estava sentia-se magoada e ofendida. Tinha ímpetos estranhos de me exigir explicações e a figura de Caio Mário em sua mente, nas comparações que fazia, se impunha. Mário jamais lhe exigia nada. Em suas conversas como que a endeusava. Se era acintosamente assediado por suas amigas, da mesma forma se havia para demonstrar publicamente sua preferência por ela. Envaidecia-se sim, ao ver-se sempre bajulada e quase idolatrada por ele, de forma quase impúdica. Por quê? Seria tão vaidosa que isto a estava perdendo? Ou, então, o que me sentia? Júlia não sabia entender os sentimentos que lhe tumultuavam a alma. Só se lembrava de que houvera rompido nosso compromisso, pela minha insistência em aprisionar Marta e proibi-la de ver Mário. E isto a fazia infeliz. No entanto, não sabia como agir para reatar o antigo instante de paz e amor que tínhamos tido. Seu orgulho não lhe permitia capitular diante de Marta, e o assédio do antigo plebeu não lhe era indiferente.

O que ela não sabia era que estava dominada por entidades que a

assediavam noite e dia com clichês mentais, com o fito de levá-la ao rompimento de nosso compromisso e render-se ao fascínio de Mário. Siomara comandava estes seres, que ficavam se revezando ao seu lado, bombardeando seu pensamento com a sedução do antigo pretor e desmerecendo-me aos seus olhos. Mas como eu podia saber? E Júlia, prisioneira de seu próprio orgulho ferido, deixava-se mais e mais envolver por eles.

Não me atendeu ao rogo para que me ouvisse. Não me restava senão retirar-me. Minha cabeça turbilhonava em desespero. Lembrei-me de Marta de repente:

— “Não te casarás com Júlia! Eu o juro!”

A explosão da lembrança como que me dirigiu sonambulicamente. Eu queria falar com ela. Iria, pois, à casa de Cloé.

Em vão, no Plano espiritual, meu antigo servo Livio lutava há dias para trazer-me a outras preocupações. No plano em que se via, atormentado embora pela recordação dos últimos instantes, deixara-se ficar em nossa casa em espírito. Vinha acompanhando passo a passo os acontecimentos, vendo Faustina, a quem muito queria como se lhe fosse uma filha do coração, cada vez mais presa à incoercível tristeza. Procurava levar-me à preocupação com ela. Mas minhas próprias desavenças com minha noiva me punham arredio ao seu assédio.

Naquele mesmo instante em que me dirigia à casa de Cloé, ele queria levar-me à nossa casa. Não o ouvi, contudo, e seu espírito retornou ao lado de Faustina, procurando ajudá-la, sem saber como.

Procurei a vivenda luxuosa da amante de meu amigo. Ela me recebeu com simpatia, conquanto estranhasse que eu lá chegasse só. Percebendo que eu desejava avistar-me com Marta, tocou nisto sem magoar-me:

— Sei que deves ter assuntos a tratar com tua ex-serva, meu caro senhor. Não te acanhes por isto. Aguarda um momento que a farei vir. E fica à vontade, o tempo que precisares. Os amigos de Lântulo são sempre bem vindos e “donos” de nossa casa.

Cloé deu ordem a uma serva e serviu-me uma bebida e alguns pães que não toquei. Percebendo-me o modo preocupado, retirou-se, tão logo a figura esguia da síria apareceu esplêndida à porta.

— Marta, em minha casa, todos devem ser tratados com a fidalguia que merecem — falou ela já se retirando — Lembra-te disto.

Pensei, então, que à Cloé, experiente e sofrida, tanto meus sentimentos quanto as alterações entre mim e a síria não poderiam ter passado despercebidos. E o que não lhe contara meu amigo, que tão mal guardava segredos?

Cloé retirou-se, discreta.

Marta parecia feliz com minha vinda. O mesmo riso zombeteiro, que eu conhecia, brincava-lhe nos olhos.

— Para o que me queres? — falou ela, rompendo o constrangedor silêncio, entre nós.

— Marta, não admito tua liberdade dada por Júlia, mas não foi este o motivo que me arrastou até aqui! Senta-te e me escuta com muita atenção.

Ela me atendeu de boa vontade, porém eu não me sentia com serenidade suficiente para dialogar, depois da discussão havida com minha noiva e que me causara tanta estupefação.

— Estou ouvindo atentamente. Podes falar.

A aparente calma dela e a arrogância me exasperou ainda mais. Parecia rir-se de meus apuros.

— Marta, vou te ser franco. Quanto queres para me explicar o porquê da mudança de Júlia? Tu me ameaçaste, dizendo acabar com meu casamento, romper meu noivado. Lembras-te?

Ela emudecera, embora ainda me olhasse com um riso imperturbável.

— Vamos lá. Queres dinheiro? O que fizeste a Júlia? Pelos deuses! Dize!

— Nada fiz a dona Júlia — respondeu secamente — Está ela doente como Cósroe? Se queres irei auxiliá-la. Não me interessa vê-la mal. Ela é minha amiga.

— Bem sabes que ela não está doente. Mas tu lhe puseste algum feitiço.

— Não te entendo, nobre Sextílio. O que tem d. Júlia? Estás me deixando preocupada!

Marta parecia sincera, porém eu observava suas reações.

— Não posso crer! Primeiro me ameaças, prometendo romper meu noivado, empresto-te à Júlia e ela termina nosso compromisso! E dizes que não tens nada a ver com isto?

— Então me acusas por um motivo tão pueril?

— Pueril? Meu futuro está em jogo! Olha, Marta. Falo sério. Ou intervéns para o retorno do júizo sobre minha noiva ou atijo as fúrias de Aulo Pompeu contra ti. Ele só não te fez espetáculo público a meu pedido.

— Não temo teu “discurseiro” com poses de sábio. Ele combate o que não conhece e com um só gesto Marta pode mandá-lo para o Vale dos Mortos. Tu duvidas? Queres ameaçar-me com este “bufão” do Senado? Pensas que Marta o teme? Es realmente muito intrigante. Não crês em minhas palavras, duvidas de meus dons, mas me acusas de envolver a mente de uma nobre, culta e liberal patricia romana? Pobre Sextílio! Penso que a desfeita abalou-te o juizo!

Ela se erguera, os olhos faiscavam, mas ironicamente brincava com meus brios.

— Estás muito petulante. Exigirei teu retorno à condição de serva que me és.

— D. Júlia passou-me alforria e proveu-me de alguns recursos. Muitos nobres que usaram meus serviços souberam ser mais desprendidos do que tu. E se teimares nisto, retomarei ao Senado, para nova prova e, desta vez, caro Sextílio, ninguém poderá me ter por tola!

A ameaça de novos espetáculos na Casa de Leis como que me sufocou. Ela continuou:

— Nunca poderás saber com certeza se Júlia agiu por si mesma ou sob minha influência! Porém de qualquer forma que tenha sido, fico feliz por te ver o orgulho ferido!

Pensei em avançar nela e bater-lhe pela insolência, mas ela me desafiava com a atitude e o olhar. Sem poder agir, saí dali furioso, deixando-a em pé na sala.

Não sabia como agir. Exigir-lhe o retorno como serva, reptando juridicamente a alforria e os benefícios ganhos de Júlia, redundaria em novo desafio dela à Casa de Leis. E eu não queria o escândalo ou vê-la provar seus dons!

Com a cabeça anuviada por terríveis pensamentos, dirigi-me à casa de meus pais.

Ao chegar, o movimento desusado de pessoas me chamou a atenção.

Logo à entrada encontrei Coriolano e Cósroe em pranto sincero:

— Sr. Sextílio! Aconteceu uma desgraça! — falava ela entre soluços.

Sem poder compreender, pensei de relance nos meus. Quem poderia estar doente?

— O que ocorre? — inquiri em susto a Coriolano.

— Vossa irmã, ela morreu — falou o servo de modo lastimoso.

Senti um baque tão forte que mal pude ficar de pé; numa vertigem, amparei-me a uma das pilastras da entrada. Depois, mecanicamente dirigi-me aos aposentos de minha irmã, correndo como louco. Seu corpo repousava, ajeitado pelas servas, sobre a cama. Haviam-lhe penteado os cabelos e posto a melhor vestimenta. Não fora os olhos mortos, as fundas olheiras, os lábios arroxeados e a extrema palidez, dir-se-ia que dormia.

Ao lado da cama, meus velhos pais pareciam petrificados pela dor e surpresa. Abracei-me à irmãzinha em pranto. Por que eu não pudera impedir, sequer pressentir, o desastre? Um pensamento, como certeza, se enclausurara em meu íntimo: Faustima se suicidara!

Capítulo XIX

Pensando feridas

Foram dias de terrível abatimento. Inquiria as servas mais chegadas. Queria saber tudo o que se relacionasse com os últimos momentos de minha mana. Com voz pausada e medo, elas falavam devagar, contando algumas esquisitices, o mau humor constante, a falta de apetite, as idéias esdrúxulas, o pranto copioso e incontrolável, a lenta derrocada de minha querida.

— Anteontem — falava Hermínia — chamou-me ao seu aposento e pediu que levasse todos os seus enfeites para o quarto. Como eu ficasse em dúvida, atirou-me uma jarra de estanho e, aos gritos, ordenou-me que saísse de seu quarto, enrolando-se nas cobertas e fechando tudo, pondo o cômodo às escuras. O alimento que levei à noite, esparramou aos pés da cama, rindo do meu susto. Eu quis falar com o senhor ou sua mãe, sr. Sextílio, mas ela como que parecia adivinhar o pensamento da gente. Ameaçou que se eu contasse faria arrancar fora minha língua.

Hermínia enxugava uma lágrima e estava temerosa. Eu me inculpava por haver sido tão cego. Mas quem consegue perceber e aceitar a derrocada mental de um ente querido? Quem pode calmamente concluir pela saída desastrosa do suicídio? Mesmo amando minha irmã, jamais me passara pela cabeça que ela pudesse fazer o que fez.

— Como a encontrou? — perguntei a Cósroe.

— Eu lhe preparara o banho no quarto, pois se negava a sair — falou a mulher a custo — Ela me ordenou que saísse, não permitindo que lhe esfregasse as costas, como sempre fazia. Saí, pois... e daí uma hora, como não me chamasse para vesti-la, nem à Hermínia, resolvemos ir ver como estava. Ah, seu Sextílio, a menina... nem posso lembrar. — E Cósroe começou a soluçar alto.

Percebi que a “visão” dos quadros, daquelas cenas a feriam tremendamente. Com um olhar pedi a Hermínia continuasse.

— Ela já estava morta. Tinha só sangue em toda a banheira e não sei onde arranjou a faca para fazer o que fez — falou Hermínia com voz sumida.

— Onde foi? — perguntei ainda estremecendo.

Hermínia mostrou com a mão a veia do pescoço sem falar mais nada.

Ainda continuei a perquirir. Queria saber o que fizera nos últimos dias, o que falara.

Mamãe era uma sombra do que fora. Seu cabelo estava mau cuidado. Papai procurava encorajá-la, porém como lhe custava o esforço.

A cerimônia fúnebre foi suntuosa. Os mais chegados dos servos da casa foram orientados a nada comentar do que houvera. Falou-se em um tombo desastroso, com o acidente provocando a quebra de um vaso de vidro, que lhe partira a artéria,- matando-a sem que ninguém visse.

Todos acreditaram. Ao menos, o nosso orgulho fora poupado.

Pensei que Júlia compareceria às cerimônias de despedida a Faustina, que sempre gostara dela, mas seu pai e outros membros vieram, Ela não. Era como se dissesse: — “Não quero mais ver-te.”

Fiquei tão magoado que mal suportei a presença de Lântulo àquele tempo. Eu me lembrava de que minha irmã o amara e só este deveria ter sido o motivo a conduzi-la àquele gesto extremo. Ele estranhou-me as atitudes, sem entender, mas as suportou com dignidade.

Não encontrava forças para retomara vida. Deixei-me ficar junto aos pais, procurando alentá-los. Pensava em ir ter com Júlia, mas não me animava a pôr-me a caminho. Nada parecia me interessar o bastante. Eu não conseguia compreender e perdoar. Queria dormir, esquecer... Passou-se assim mais de um mês sem que eu sentisse.

Uma tarde veio a mim Lântulo. Eu estava profundamente deprimido e notei o constrangimento dele em me procurar.

— Sextílio, é preciso que saias um pouco. Por que não fazes uma viagem com os teus? Ver coisas e gentes, conversar, seria bom a ti, à tua mãe e pai. Por que não procuras Júlia e tentas por última vez marcar a data do enlace?

Poderias mudar tudo. Não adianta ensimesmar-se por causa de Faustina. Foi uma infelicidade. Talvez ela pretendesse dar um susto em todos e foi longe demais...

— Ela não pretendeu dar susto nenhum! Ela fez o que fez realmente — falei secamente.

— Que é isto, homem? Não podes modificar o que está feito. A vida continua.

— É isto que me amargura. A vida continua para todos, mas e Faustina?

Estávamos neste colóquio, quando Aulo Pompeu se fez anunciar. Não tendo comparecido às exéquias, vinha fazer sua visita de pêsames.

Aborrecido, recebi-o com a cortesia que podia. Falou-me de seus sentimentos solidários, naquele palrar característico:

— Quando a fatalidade quer atingir alguém, pergunta à Fortuna, quem bastante forte para suportar-lhe o golpe. Por isto a nobre família de Sextílio foi a escolhida. Quem de maior valor e coragem? Mas uma desgraça nunca vem só e, antes que retournes as tuas atividades junto à milícia ou ao Senado, meu caro amigo, quero avisar-te, para que o golpe não te apanhe pelas costas.

— Avisar-me? De quê? — perguntei estremecendo.

— É aquela feiticeirinha. A cada dia ganha mais fama em Roma.

Olhei para Lântulo.

— É verdade. Não disse para não te aborrecer. Saiu da casa *de* Cloé e alugou um bangalô próximo dali. Tem recebido muitas visitas importantes.

— E não é só — concluiu Aulo Pompeu — Tua noiva tem-lhe muita amizade e comenta-se em todas as rodas aristocráticas que Júlia e Mário estão comprometidos. Penso que logo se dará o enlace. Ele proclama isto para quem quiser ouvir.

— Eu o ouvi comentar, mas pensei que poderia ser apenas bravata do plebeu — falou Lântulo ao meu olhar inquiridor.

— Não — falou meu pai atrás de nós — Não são bravatas. Eu não te

referi, filho, e deveria tê-lo feito, antes que ouvisses por outros... Ontem estive aqui o pai de tua noiva. Sabes que ele é um amigo prestimoso e nós temos profundo respeito um pelo outro, mas é um fraco que nada rejeita à filha. Acabou acostumando-a mal.

Parou de repente, como se lhe pesasse a reflexão sobre seu papel paterno e o desastre havido com Faustina. Passou as mãos no meu ombro:

— Espero que não comentem o que aqui se diz — falou dirigindo-se às visitas — mas, em síntese, o pai de Júlia, muito a contragosto, vinha me pôr ciente do rompimento definitivo dela e do compromisso que assumira, passando por cima de suas determinações, com Caio Mário. Logo se dará o enlace. Acho, pois, oportuno, que nos ausentemos de Roma, por um tempo, a fim de esquecermos e retemperarmos as forças.

Calado, eu não podia compreender o que se passava em meu íntimo. Não era um amor fracassado que me oprimia. Era o orgulho ferido, a raiva por Mário, a indiferença para com Júlia. Diante de todos aqueles fatos, eu só conseguia pensar em Marta e com profundo ressentimento. Ela vencera! Procurara dominá-la e, sem nada, totalmente indefesa, ela me subjugara! Mas não. o fizera sozinha — eu pensava. Caio Mário lhe fora aliado na derrocada de meus planos. O que não se dizia, à boca pequena, pelos locais de nossa amizade? Eu fora batido em meus sonhos por um plebeu, rápida e acintosamente. Mas não queria lutar. Queria ir para bem longe e deixá-los entregues um ao outro. Júlia escolhera e um dia haveria de maldizer esta escolha. Eu não iria implorar-lhe reconsiderasse as atitudes.

Agradei a Lêntuló e Aulo Pompeu a sincera providência do aviso e despedi-me deles, informando que partiria para uma das províncias, que tinha águas medicinais, a descansar de meus infortúnios.

Daí a alguns dias, com alguns servos de confiança, fugíamos de Roma e seus bulícios, a fim de não assistir ao casamento de Mário e Júlia, e íamos retemperar as forças longe dali.

Capítulo XX

Odila

Afastamo-nos de Roma, internando-nos. nas regiões conquistadas. O amigo de meu pai, Aurélio, providenciara nossa estadia numa de suas propriedades, na Espanha Ulterior, onde eu poderia, com os meus, ficar pelo tempo que quisesse. Próximo dali havia vinhedos frutuoso e uma região de águas termais deliciosas.

Os poços estavam sob arrumação do próprio Aurélio, e só famílias escolhidas podiam ficar alojadas nos cômodos que ele construía sob orientação e cuidado de seus servos.

A propriedade era extensa e bem cuidada.

Eu já ouvira referir, mas nunca soubera avaliar a extensão da fortuna daquele amigo que nos obsequiava com instantes de retiro e descanso, em meio a tantos aborrecimentos a que nos víamos atirados de um instante para o outro.

Após a cansativa viagem que era apenas um ponto de referência, já que pretendíamos tornar e irmos fazer uma viagem de recreio pelo Mediterrâneo, aportamos, apáticos e tristes, na enorme fazenda.

Nossa bagagem foi levada para dentro. Os aposentos que nos haviam sido reservados eram amplos e confortáveis.

Dirigi-me ao-meu quarto. Eu queria dormir, esquecer. Agradavelmente surpreso, deparei com uma vasta estante de papiros, os quais o amigo Aurélio reservava especialmente para mim. Eu nunca pudera avaliar, até então, as atenções daquele amigo de nossa casa, que eu conservava a certa distância, sem dar-lhe valor.

Corri os olhos pelos títulos que os grossos volumes e pergaminhos manuscritos traziam. Eu sempre soubera que nosso amigo era homem culto e versátil, porém não pudera, até então, aquilatar a respeito. Instintivamente vi-

me à frente de uma brochura ricamente encadernada. Pelo título, minha curiosidade se aguçou: “Discursos dos Gracos.”

Como aquela preciosidade viera ter ali? Ao seu lado os Diálogos de Platão, e uma outra brochura com anotações acerca da China.

Agradavelmente surpreso, tomei as anotações acerca dos Gracos. Lembrava-me vagamente de Tibério e Caio, mais do último. Papai guardava por ambos profundo respeito. Sempre referia que Roma perdera muito por não ouvir a ambos nas suas proposituras e acabaria se arrependendo de sua arrogância. Era verdade que ambos haviam procurado diminuir o domínio dos nobres, porém sempre inculcando melhorias nas condições dos povos, e meu pai sempre me ensinara a ter respeito até pelos vencidos. Entre nós, a única que se manifestara de um rigor extremado para com os servos fora Faustina. Fausti- na... Havia muita mágoa nas minhas recordações com relação a ela. Minha pobre irmã! Sempre fora tão carente e tão cruel no trato com seus inferiores. No entanto, apesar de tudo, como a amavam Cósroe e Hermínia. E Flávio! Lembrava-me bem do servo que fora abatido pelas próprias mãos de Mário.

Recostei-me nas almofadas e tomei a brochura, lendo o conteúdo e afogando minhas inquietas lembranças. A medida que lia percebia a lógica dos argumentos mais ardentes dos dois infaustos irmãos. Conquanto fosse difícil para meu orgulho aceitar alguns pontos, interiormente passei a admirá-los.

Enquanto meus pais saíam em passeios pelos arredores, eu me deixava ficar na propriedade afogado nos escritos, pelos cantos dos bosques naturais, à beira de uma linda cascata ou preguiçosa e molemente deitado à beira dos tanques termiais.

Num destes dias, imerso nos estudos de Platão, nem percebi a aproximação de gentil rapariga. Só me dei conta de sua presença, quando sua sombra projetou-se sobre o opúsculo e sua voz harmoniosa arrancou-me à modorra e à leitura.

— Vejo que papai soube escolher-te a companhia — falou ela.

Ergui os olhos e os pousei sobre uma encantadora jovem em pé, ao meu lado, a sorrir-me. Era loira e bela. Os cabelos tingidos pelo sol davam ainda mais alvura à sua tez. A túnica, drapeada ricamente, realçava-lhe a silueta

agradável e o sorriso tinha o encanto das açucenas, tal o frescor que se irradiava dela.

— Não pretendo incomodar-te. Mesmo porque, vejo que não te recordas de mim.

Realmente eu estava a me inquirir mentalmente se ela era a mesma garota que eu não via há tempos, e que ficara entregue ao templo de Vesta para várias iniciações, já de muitos anos.

— Seria Odila? — perguntei erguendo-me.

— Não é a lembrança quem te conta, nobre Sextílio, e sim minha língua indiscreta a falar-te de papai.

Ri-me de sua inteligente análise. Fiquei instantaneamente cativado por seus modos. Deste dia em diante, ela foi o oásis de meu deserto de sofrimento. Como meus pais sempre se ausentassem na companhia de outros amigos, passei a distrair-me com Odila, e ela, pouco a pouco, se inseriu em minha vida e em meu atribulado coração como um bálsamo dos deuses. Tínhamos quase as mesmas idéias e predileções.

Quando, depois de uma quinzena, pensávamos em fazer uma viagem pelo Mediterrâneo até Cartago, a fim de conhecer as ruínas da mais detestada cidade pelos romanos, os quais principiavam a reerguê-la das cinzas, o convite veio espontâneo:

— Odila, sei que não é muito gentil convidar-te a um passeio que é antes o desafogo de três almas tristes. Mas não poderias partir conosco? Crê que teu pai, que tem sido tão rigoroso com tua educação, te permitiria e extravagância de uma viagem, entre nobres despreocupados e ociosos?

Odila meditou uns instantes. Eu percebia que minha companhia lhe era grata e talvez por isto recuasse.

— Não precisa dizer nada por hora. Temos algum tempo. Mas pensa que, agora que te conheci, ser-me-ia difícil viver sem tua presença.

Ela corou um pouco. Não pretendia ser substituta de Júlia. A atração que me sentia estava se tornando a cada dia maior; no entanto, Odila tinha no íntimo um segredo que guardava avaramente, um amor oculto e magoado por

um grego que fora seu escravo e que havia morrido. Fora isto que a levava a insular-se no templo de Vesta, de rigor inaudito e que causara tão fundas impressões em seu espírito gentil.

— Prometo pensar, Sextílio. Também eu venho afogando minhas mágoas e fugindo dos problemas íntimos. Tua presença foi um refrigério ao meu coração. Prometo que pensarei com muito carinho em teu convite.

Depois de alguns dias em que providenciávamos nossa partida, ela finalmente acedeu. Os meus ficaram radiantes. Aurélio entregou sua pupila aos cuidados de minha mãe e, com muita satisfação, eu percebia que aquele hiato em nosso sofrimento parecia trazer uma paz nova ao meu coração.

Após a longa viagem por terra, a travessia de barco mostrou-se uma surpresa. Jogos e diversões a bordo e um bulício de gente ociosa, como há muito eu não via. Já não havia os estudos onde afundar minhas inquietações e entrei a dialogar com alguns jovens. As referências a Mário me punham arredio e, nestas ocasiões, Odila contornava os assuntos com muita graça. A fim de distrair os viajantes, o capitão contratara um grupo de artistas músicos, que nos brindava à refeição com exóticas árias em línguas estranhas. Também nos deliciavam com coisas popularescas. Entre eles havia uma dançarina egípcia muito ágil que numa tarde furtou, a um senhor adormecido, o broche de sua túnica.

Eu adormecera ao convés tomando sol. Poucas pessoas ali estavam, alguns tão entretidos num jogo que nem perceberam o fato. Odila se retirara a descansar em seu aposento, papai andava às voltas com o capitão, e mamãe enjoara, recolhendo-se. Acordei repentinamente em meio à modorra. Mal abri os olhos, sentindo-me atraído para um velho senhor, que roncava perto de mim, quase à minha frente.

A jovem aproximou-se e fingiu que tomava os copos largados ao lado dos bancos. Olhou à volta e, sentindo-se segura, tomou com delizadeza o broche e começou a tirá-lo. Logo o tinha entre os dedos e o fez escorregar para dentro de uma taça, voltando rápida para sair.

Instintivamente ergui-me e parei-a quase à porta, tomando-lhe o pulso. Seus olhos assustados me fitaram súplices. Peguei a taça onde emborcara o broche. Ela empalideceu.

— Sabes que podes morrer por isto? — perguntei. E, sem soltá-la, recolizei o broche no colo do dorminhoco.

— Por favor, senhor, não o refiras — falou a pobre em desalento.

— E por que?

— Eu precisava de dinheiro, muito dinheiro. Devo um grande favor a um patrício e só o que venho recebendo dos meus serviços não me basta.

Convidei-a a sentar-se não longe dali e ouvi-lhe a estória. Falou de infortúnio, orfandade, miséria. Eu não poderia apostar que falasse a verdade. Contudo, fiquei intrigado quando me referiu o nome do homem a quem devia dinheiro: Lúcio Cornélio Sila. Eu o sabia um pobretão sem maiores méritos, mas ela afirmava que lhe devia vultosa importância, com a qual ele e livrara de um mau empresário, que a queria por força prostituir. Era-me difícil crer. Deixei-a ir sem que me houvesse convencido.

Se ela era amiga de Sila não devia ser grande coisa. A última notícia que tivera dele é que estava com um caso com uma velhota rica em Roma e esta não lhe regateava ajuda. Era bem provável que à matrona, o jovem houvesse arrancado o valor da compra que a jovem queria ressarcir. Apesar de não ter maiores contatos com ele, lembrei-me do modo jocoso como praticamente me fizera a corte, naquela noite em que me encontrava com Lêntulo.

Eu não saberia dizer porque a aversão que tinha a Mário era só feita de exigências e, para com Sila havia mesmo uma certa complacência em meu julgamento. Sabê-lo capaz de libertar uma jovem a um jugo daquele porte, a ser verdade, fazia-o crescer aos meus olhos. Isto ficava me dançando na mente, ao saber-lhe a inclinação tremenda a Metróbio. Sim. Roma toda se escandalizava com o relacionamento descarado de Sila por aquele reles artista circense. Só o não parecia ver a rica matrona a quem Sila mimoseava com sua juventude e vigor. A lembrança daquele homem era uma interrogação na minha mente.

Tão logo a jovem saiu, tratei de acordar o ancião, mostrando que sua jóia se desprendera à túnica. Ele me agradeceu e retomou-a.

Nada contei a Odila. Achei melhor não referir o que vira por ora. Após dias aportamos em Cartago e imediatamente a cidade me causou profunda impressão. Talvez fosse local de antigas incursões do meu espírito. Também Odila ficou como que estarecida ante a

visão da costa ensolarada.

Capítulo XXI

A estada em cartago com odila

Passeamos pelas ruínas, enquanto o Sol batia de rijo nas pedras nuas. Aqui e ali viam-se restos enegrecidos de casas que houveram sido luxuosas, lojas, praças de esportes. Andando pelos arredores estivemos no que restara de uma antiga colônia de plebeus que Caio Graco houvera iniciado. Com sua morte os pequenos proprietários haviam se dispersado, expulsos ou temerosos de represálias pelos patrícios.

Era triste e desolador confrontar a imaginação do que deveria ter sido a cidade, com o que restava dela.

— Uma pena não se poder reconstruir tudo — falei a meu modo, imprimindo à voz, um tom de censura.

— Que não te ouça a alma de Catão — falou sorrindo Odila ao meu lado — Penso que nem mesmo morto o general deixe de impregnar tudo com sua censura tenaz.

— Bem posso entender as arengas de Catão, mas o pranto de Cipião tem algo de divino, minha amiga.

— Falas isto porque não conheces a fundo os costumes destes povos, ou andas esquecido de muitas coisas — è, com um gesto pediu-me para fazer ao nosso cocheiro um pedido.

Tendo eu acedido, a jovem pediu ao homem nos conduzisse ao que restava dos antigos templos pagãos dos fenícios.

Percebi que, conquanto nunca lá houvesse antes estado, minha acompanhante grácil, tinha idéias muito fortes com respeito à formação religiosa dos cartagineses.

— Agora me darás ciência do quanto aprendeste no Templo de Vesta, não é? — perguntei procurando afugentar um vago sentimento que me invadia.

Era tristeza e revolta.

— Não apenas no Templo, mas a uma serva que muito me tem favorecido, e a um escravo que me referiu coisas dantescas. Um dia contar-te-ei mais. Não quero, por ora, interferir em teu julgamento.

— Não te cales, por receio de me impressionar. Creio ter dado mostras de uma cabeça equilibrada. Fala-me, pois, a menos que realmente não confies em meu juízo.

— Está bem. São as lembranças que me são penosas. Tive um escravo grego de nome Artaxerxes, que sempre me serviu com muita honradez e dignidade. Dele aprendi muita coisa interessante da Grécia e seus costumes. No entanto, em tudo quanto me contou, referia-se com grande horror aos costumes dos fenícios. Tendo viajado até Cartago, assistira à morte de inocentes crianças ao seu deus Molok. Antes ouvira tais narrativas de seu avô, e, durante muito tempo, suas noites foram povoadas pelo horror daqueles rituais. Meu servo Artaxerxes acreditava que as almas transmigram. Ouviu isto de um sacerdote druída em sua marcha para Roma, passando pela Gália. Este homem causou-lhe profunda impressão, de tal sorte que incorporou à sua crença a idéia de muitas vidas e concluiu que o sonho que se repetia, e parecia instalado pelas arengas do avô, referentes aos fenícios, bem poderia ser uma outra vida que ele tivera em Cartago.

— Tens realmente tanta intimidade com este servo que ele te referia seus íntimos sentimentos e até seus sonhos? — inquiri com estranheza.

Odila perturbou-se por primeira vez. Calou-se, enquanto o rosto afogueava à minha observação. Notei que fazia esforço para não responder de pronto, pois não queria arrepende-se depois do que me dissesse.

— Sextílio — falou depois com um acento triste na voz — tu me pediste as explicações sobre nosso roteiro. Também eu me impressionei deveras com o relato das atrocidades religiosas destes povos conquistados. E, se a ti referi a impressão do meu servo, foi porque acreditei que compreenderias que impressão dolorosa me fica destas dissertações, porque eu também tive minhas visões semelhantes e, por tal sorte, que a sacerdotisa de Vesta não quis me iniciar em alguns mistérios. Minha saída do templo foi-me imposta para meditar antes e resolver se convém tal responsabilidade. Na verdade, tenho muito receio das decisões a tomar...

Fiquei interdito. Eu fora rude, pois só cogitara até então dos meus sofrimentos e mágoas, sem analisar os problemas de minha gentil amiga.

— Desculpa-me. Não quis ser indelicado. Bem... e que te aconselha o servo tão versado em assuntos desta natureza?

— Não posso saber, pois ele já há cinco anos abandonou-me.

— Teu pai o vendeu para que não mais interferisse em tua educação?

— Não. Meu pai, na verdade, instigou um outro escravo a matá-lo. — falou Odila mal contendo as lágrimas a lhe caírem pelo rosto.

Antes que eu sáisse da surpresa ela continuou, sufocando a emoção:

— Na verdade, não quero que julgues mal, pois papai não teve culpa. Foi tudo uma infelicidade. Ele exigira a Orlando que nos vigiasse. Num de nossos passeios a cavalo, Orlando apareceu e pôs-se a discutir com meu servo. Indignada, exigi que se retirasse. Ele o fez. Contudo, aguardou-nos adiante e jogou uma pedra no trazeiro do animal que levava Artaxerxes. Talvez só quisesse dar-lhe um susto, porém o animal desabalou. Tentei alcançá-lo em vão. Só parou após ter derrubado e pisoteado meu escravo.

— E isto ainda põe lágrimas em teus olhos, minha querida Odila... Gostaria de ser teu escravo para merecer-te tal consideração.

Ela corou mais uma vez e fitou-me demoradamente. Seu olhar magoado me fez perceber que minhas conclusões não a assustavam nem se envergonhava do amor, que se percebia, sentira pelo servo. Mas havíamos chegado e apeamos. Olhei para as pedras em ruína à minha frente, e quase que visualizei o templo magnífico que devera ter sido, sentindo um baque interiormente. Aquele local era como coisa já vista. Seria efeito da arenga que minha acompanhante fizera a caminho?

O cocheiro nos levou até o que seria o interior do templo. Falou sobre as cerimônias, os sacerdotes e, descendo a um pátio, desenterrou alguns vasos de argila. Dentro dos mesmos haviam cinzas... cinzas do que fora o corpo de alguém, provavelmente de uma criança. Tomou de um deles e colocou-me nas mãos. Senti como se ele ainda guardasse o calor que se evolara daquelas cinzas. Joguei-o longe com repulsa. Como que um ódio estranho nasceu dentro de mim. Eu não saberia explicar, mas não conseguia conciliar a idéia do sacrifício

daquelas crianças, com um equilíbrio interior. Cartago já não existia praticamente. Passara a infância a ouvir as referências sobre a luta contra a cidade, lera os discursos de Caio Graco, e vira as colônias dispersas pelas arengas de Catão e pelas hostes de Cipião, mas agora um misto de horror me apegara ao espírito. Fiquei interdito entre a vontade de reerguer aquelas ruínas que Odila considerava tão poéticas e deixá-las para sempre derruídas e silentes, com seus tenebrosos segredos.

Após aquele passeio apeguei-me ainda mais à minha cicerone. A algazarra dos grupos de nossa excursão não me envolvia. Agradecia aos céus conhecer alguém tão encantadora e terna e expandir-me com ela nas dores recentes que a morte de Faustina fizera em meu peito.

Levamos alguns meses e visitamos ainda as ilhas gregas, graciosas e brancas em suas costas azuis, que me refrigeraram a alma. Depois retornamos a Roma, ambos robustecidos por uma vivência amena e feliz. Pelo menos por ora, Odila não queria internar-se nos mistérios de Vesta e eu vinha disposto a retomar meus negócios e partir para uma magistratura, abandonando de vez as questões das fardas.

Capítulo XXII

Metelo

Retornando a Roma, já um tanto refeito das dores acumuladas, percebi que minha mãe evitava relembrar os episódios havidos com Júlia. Ela como que me inculpava pelo rompimento, porém tinha fundas esperanças num consórcio com Odila, que era de uma família tradicional, conquanto não fosse da linha dos Césares.

Recompus-me nas tarefas do Senado, ligado que era àquela casa de Leis e propus-me à magistratura, sem, contudo, haver abandonado de todo as lides militares. Avistava-me amiúde com Odila e entre nós nascia um profundo afeto.

Numa tarde em que o bulício dos comentários era maior, com as tropas de Béstia e Albino circulando por toda Roma, após haverem se desincumbido estupidamente dos seus tentames em sufocar a crescente influência de um rei númide, dirigi-me, junto a Quinto Aurélio, pai de Odila, à casa do senador Metelo. Já ia atrasado, quando tivemos que parar diante de um séquito que levava uma liteira. Impressionado com a pompa com a qual a conduziam, alonguei a vista, percebendo em seu interior minha ex-serva Marta, ricamente adornada, com um manto púrpuro que bem poucas pessoas em Roma poderiam gabar-se de possuir. Não tinha ainda me restabelecido do susto, quando ela me viu. Ergueu a cabeça orgulhosamente e vi o mesmo ar de desdém no riso mal entreaberto. Desde que tornara, não me avistara com Lêntulo e ainda não soubera nada a seu respeito, pois temia inquirir pessoas curiosas. Tendo ela passado, um jovem pediu ao meu acompanhante assento em nosso transporte. Era Sila, que logo sentou ao meu lado com desenvoltura, exclamando:

— Bons ventos os tragam sempre e assim me sorria a Fortuna, nobres senhores. Estou bem atrasado e sei que se dirigem à casa de Metelo. Agradeço à minha boa sorte não só por ter transporte, como em poder desculpar-me junto a outros retardatários e de tal porte.

Quinto Aurélio sorriu complacente:

— E como vai a jovem senhora, d. Ilia? — perguntou ele querendo ser gentil.

— Deu-me estes dias uma encantadora menina, com os olhos azuis como os meus, porém sem a pele do pai. Mas, equivoca-se, nobre senhor. Ilia nada mais tem a ver comigo. Repudiei-a por desleal e agora estou casado com Elia.

E, voltando-se para mim, que observava a conversa em silêncio, completou:

— Nem todos acabam antes seu casamento, a maioria hoje em dia, prefere deixá-lo vingar pelo menos uns meses.

Entendi que se referia ao meu malogrado noivado e senti-me muito mal. Contudo, o pai de Odila cortou o assunto:

— Pois, então, Sila, antes que mudes novamente de consorte, faze-nos uma visita, a fim de que possamos apreciar a nobre Élia.

Intimamente desgostou-me a bondosa complacência de meu acompanhante para com o doidivanas ao meu lado.

Quando chegamos tive agradável surpresa. Já lá estava Lântulo, recém chegado de uma viagem que fora fazer a uns parentes, Turpílio e Rutílio, ambos amigos jovens da casa, principalmente o último, que era profundo pesquisador e de agradável e culta palestra. Turpílio era encantador, honesto, e muito ingênuo, e parecera-me sempre enamorado pela filha do dono da casa, Cecília. Gozava da amizade do senhor e de sua complacência. Rutílio estava subindo nas armas, com grande maestria e era um dos lugares — tenentes do anfitrião.

Metelo veio receber-nos com a delicadeza que o caracterizava:

— Já me preocupava com a demora dos amigos — falou com um sorriso, e, dirigindo-se a alguém que de costas conversava, comentou: — Veja, Cota, quem acaba de chegar. Parece que nossos rapazes, finalmente, acordam para as suas responsabilidades para com a República.

Cota, com sua ironia peculiar, voltou-se saudando-nos e vi que seu

interlocutor era Catulo.

— A República é cobradora exigente e quem não a defende, perece — falou ele zeloso, exibindo o uniforme militar que tanto o distinguia, conquanto eu soubesse que só o aceitara em lembrança às tradições nobres de sua família, que já dera não poucos e famosos homens de armas.

Junto à fonte percebi os dois filhos de Metelo, Cecília Metela e seu irmão Cecílio Metelo a dialogar graciosamente com Trebônio, um belo mancebo que recebera há pouco tempo sua “toga — virilis” e junto a outros jovens nos quais reconheci Otávio, Sexto Lucínio e umas jovens a se distraírem com os dados.

Metelo tratou de chamar para perto de si os convivas e logo se juntavam a nós Cornuto e Marco Antônio (pai do triunviro que depois ficou famoso), trazendo ao lado Ancário. Com o rosto um tanto atormentado a um canto, Pompeu e Martius demoraram a se juntar ao resto:

— Amigos, quero fazer um brinde especial nesta tarde, e despedir-me de todos. Penso que amanhã o Senado me haverá de designar para empreender a luta contra o rei Jugurta, na Alta Numídia. Se tal se der, espero contar com o apoio de todos e juntarei a meus comandados os jovens mais significativos de nossa sociedade!

Com um gesto, Cecílio encaminhou-nos a largo salão onde “tricliniuns” agradáveis se apresentavam diante de mesa farta e lindamente arranjada.

— Gostaria de saber a opinião que tendes com respeito a tal empreitada.

A atitude de Metelo fugia profundamente a todos os seus atos de até então. Eu percebi o quanto aquela escolha seria para ele dignificante, conquanto perigosa. Tudo fazia crer que ele já fora eleito para dirigir o combate ao númida, porém, eu estranhava suas falas porque Metelo sempre fora discreto em tudo quanto fazia, e irredutível com respeito à jactância dos demais em exhibir suas qualidades.

— Já era tempo de Roma responder a altura os ataques desta raposa negra — falou Sila quebrando o silêncio. — De minha parte, senador, muito ficarei honrado em vos servir, mas estou em posição tão pequena que temo não ter merecimento.

— Servis presentemente à coorte de Mário? — perguntou o senador, com um sulco na testa.

O simples nomear do plebeu me pôs o sangue a fluir mais rapidamente. Sila pareceu perceber, pois olhou-me antes para depois responder:

— Se eu pudesse estar sob as ordens do nobre Sextílio...

— Os meus homens são escolhidos por sua condição de nascimento e ligações com minha família — objetei.

— Porém não tem isto maior destaque — cortou o anfitrião, percebendo meu modo — Sila serve a Mário e Mário servirá a mim. Percebo vossa indignação, senhores — continuou ele olhando firme um a um dos presentes, que haviam manifestado, por gesto, o desagrado. — Porém, sou homem frio e resoluto. Mário é bom militar e hoje pertence à família dos Césares. Preciso de gente capaz e, pelos deuses, apesar do desagravo que lhe sofri no passado, não o temo. Além de mais, é a pátria quem lhe reclama os serviços, bem como a de todos os nossos homens capazes e valentes. Não serei eu, por motivos pessoais, quem lhe impeça a participação nas lutas. Eu pretendo requisitá-lo e servirá sob minhas ordens. Por honesto que sempre fui com todos, é que me resolvi a avisar a quantos possam influir na decisão de amanhã de minhas idéias, para que não vos julgueis, depois, devido à antipatia que sentis pelo antigo pretor, prejudicados por mim, quanto à decisão que tomardes. Para mim isto é um ponto de honra, e tu, Sila, podes referir o que disse a Mário e aos que o apadrinham, nem serei diferente na minha ação para com todos.

Agora eu podia entender a atitude do nosso anfitrião. Era política e sábia. Fazia-nos cientes de sua posição, dando mostras de sua honradez e, ao mesmo tempo, dava a seus inimigos meios de o apoiar, pois, conhecendo a influência que Mário já granjeara em todos os círculos, tudo fazia para apoiá-lo, a fim de poder estar ao seu lado na frente de luta, antes que outro fosse delegado a tais lados e não o pudesse ou quisesse chamar depois.

Cota ponderou do perigo de ter homem de tal ambição perto de si, mas muitos calaram suas impressões, procurando falar das dificuldades de tal empreitada e dos sucessivos insucessos de outras coortes no tentame, fugindo a comentar a escolha de Mário, para que Sila depois não lhe referisse quanto ouvira. Eu me calei, pondo-me somente à disposição do amigo. Quintus Aurélio afirmou que não tomaria partido, pois era homem de boa paz,

somente afeito aos negócios e questões de família.

Tivemos uma tarde amena e agradável e Sila procurou estar ao meu lado, sendo obsequioso de maneiras e não fazendo mais nenhuma declaração inoportuna sobre nosso relacionamento. Estaríamos na mesma frente de luta e achei melhor não me indispor com ele. Reconheci que tinha certa graça natural, mas desejava que me deixasse a sós com Lântulo, o qual, quem sabe, mesmo tendo chegado há pouco de sua viagem, soubesse me dar notícias de Marta. Sila pareceu adivinhar que este era meu propósito, porque sem que eu nada dissesse, falou gravemente:

— Amigo Lântulo, por que não referes ao nobre Sextílio, a grande fama que tem sua ex-serva? Ou preferes que eu lhe conte como está ficando importante e rica! Ah, que prenda deixaste escapar entre os dedos, meu nobre amigo!

— Não me interessam estas novas. — falei com orgulho incontido.

— Não mesmo? — perguntou o atrevido mancebo. — Desvanece-me ouvir-te. Eu, estouvado, que pensei estivesse irremediavelmente perdido...

— Todos nós estaremos, se não nos dermos pressa — falou Lântulo, cortando o assunto. — Quero estar no Campo de Marte para que a Fortuna me proporcione ganhar umas moedas polpudas, com a vitória do partido azul!

Meu amigo cortara sabiamente o rumo da conversa, pois me conhecia o arroubo e livrava-me da presença de Sila, requisitando-me para a saída estratégica..

Estávamos, contudo, à metade da refeição e sair seria indelicado.

Quinto Aurélio, ao ouvir a conversa, interpôs-se:

— Achas mesmo, Lântulo, que os azuis ganham? Eu quisera apostar no vermelho. Caso ganhasse peitaria uma reforma enorme em minha casa de Alba. Cheguei a prometer a Minerva um sacrifício no *Templo por estes jogos*.

Conquanto Cecílio não quisesse que o assunto fugisse à direção que lhe *imprimira*, todos se contagiaram com a disputa que se faria, logo mais à tarde. Turpílio aproveitou para convidar Cecília a acompanhá-lo.

— Ora, — resmungou Sila — E eu que pensara em levar-te, senhorita.

Cecília riu ao ver-se disputada daquele modo, mas o irmão não gostou. Trebônio também não pareceu apreciar o avanço do falido nobre e Rútílio aproveitou para conversar com graça, dando informação sobre as origens destas disputas em Roma.

O almoço Ghegava ao fim. Dando-me pressa, pois ficara de apanhar Odila para os jogos, saí com Quinto Aurélio e Sila em direção à propriedade dela. O rapaz *saltou no Forum* e nós seguimos.

A tarde se fizera esplêndida. Eu tivera o cuidado de reservar um camarote bem à frente da primeira fila.

Odila estava encantadora. Conquanto não apreciasse os jogos, acompanhava-me atenciosa. Quando chegamos, o “estádio” regorgitava de povo. Nas galerias superiores via-se todo o tipo de gente que ali acorrera à cata de emoções. Trebônio nos referira que participaria da equipe dos azuis na condição de auxiliar, pois a corrida de bigas seria o ponto alto das disputas. Cambiadores faziam as apostas entre os dois adversários que se bateriam em vários carros, com várias voltas pelo estádio.

Sentei-me ao lado de Odila e seu pai por detrás de ambos. Sem querer tive minha atenção voltada para um casal próximo de nós. Era Mário e Júlia. Pela indumentária percebi que ela estava grávida. Ela já me vira e me fitava disfarçadamente. Fiquei aborrecido de reencontrá-la daquele modo. Eu ainda me ressentia de sua desfeita, aceitando aquele plebeu em meu lugar para seu esposo.

Odila observou meu olhar sem comentários, e eu ia voltar a vista, quando Mário; que não perdia oportunidade para me espicaçar, acenou com a mão de onde estava gritando:

— Nobre Sextílio. Por que não nos fazes companhia?

Ia eu responder mas Sila, vindo não sei de onde com um bando de artistas, aparteou:

— O nobre Sextílio já tem garantido seu lugar, valente Mário. Por que não me emprestas um pouco os favores da sorte, deixando-me ficar ao teu lado?

Júlia riu e convidou-o a estar com eles. Lêntulo chegava com Cloé e vinha para nosso lado. Embora apreciasse profundamente sua acompanhante, não podia dissociar sua pessoa à lembrança de Faustina. Eles vieram juntar-se a nós. Daí a instantes começavam os jogos. Nisto, surgiu, no alto da entrada, uma figura minha conhecida. Cercada de aias e servas, Marta trazia uma túnica vermelha, com véus a lhe caírem dos ombros. Ajaezada com ricas jóias, dirigiu-se ao camarote vazio que ficava ao lado do de Júlia. Ela me vira, tinha certeza, mas fingira não me ver. Os olhos de todos se voltavam para ela com respeito, e cochichos se ouviam à sua passagem. Sentou-se e logo os contendores nos atraíram a atenção. Tudo era muito divertido e nós não podíamos aquilatar, quão importante para os competidores nas várias modalidades. Eu, contudo, disfarçadamente observava Marta e percebi que também nos olhava de soslaio, atentando principalmente para o perfil gracioso de Odila e nossas mãos unidas num gesto afetuosos.

Quando, finalmente, chegou a vez das bigas, percebi que ela se erguia e conversava ameaça voz com Júlia, como a vaticinar sobre os jogos. Esta passou a informação a Mário.

Eu me propusera a apostar no partido azul, mas Sila correu para nosso lado:

— Marta diz que os vermelhos ganharão — falou ele baixo, para que outros não ouvissem o comentário, pois grande já era a fama de minha ex-serva.

— Pois vou votar no azul — falei teimoso.

— Tanto pior, Sextílio, pois foges da sorte quando ela te busca. E muita tolice fazê-lo duas vezes — comentou Sila, mexendo com o fato de eu haver perdido a serva.

Irritado, fiz logo meu lance a um cambista, mas o pai de Odila, muito supersticioso, votou nos vermelhos.

A preferência acentuada era para o grupo dos azuis. O povo gritava o nome de seus condutores, entre eles o jovem Trebônio, que à última hora substituíra um outro contendor e era o preferido. Conquanto fosse muito moço, parecia ter nascido para aquelas refregas.

Logo a poeira se ergueu e as bigas começaram sua vertiginosa carreira. Os

cavalos ricamente ajazados davam o maior esforço aos seus músculos. A competição teve lances emocionantes, quando uma biga foi praticamente lançada de encontro à amurada e seu condutor jogado fora do carro, sendo pisoteado pelos cavalos dos que vinham atrás. Mal os escravos puderam tirá-lo o corpo à arena, já quase sem vida, pois os contendores prosseguiam, e Odila estava traumatizada com a cena, deixando de acompanhar a sequência da disputa. Júlia friamente continuava com os olhos fixos na refrega e Marta nos observava disfarçadamente.

Ao final, a vitória fora dos vermelhos. Mário comemorava com gritos e Sila convidava os amigos a festejar com ele até à noite. Eu, Odila, Lêntulo e Cloé, que haviam se absterido de apostar, mais Quinto Aurélio, que fazia planos e mais planos com o que ganhara, íamos saindo, quando Marta cortou-me a frente. Voltando-se repentinamente para mim, falou:

— Uma pena que não ouvisses os conselhos de Sila, nobre Sextílio. Será preciso o quê para tirar a venda do orgulho de teus olhos?

— Referes-te à aposta, Marta? Cuidado, que um só erro tem levado muitos feiticeiros a terrível fim — objetei por minha vez.

Seus olhos emitiam chispas. Ela mediu Odila de cima embaixo e saiu à nossa frente.

Odila não comentou nada. Já estava abatida com o desastre havido momentos antes. Notava-se que ela já tinha uma opinião formada a respeito de Marta e de mim.

A partir daquele dia, o Senado delegou poderes a Metelo para partir à luta contra Jugurta, rei da Alta Numídia. Todos os convocados trataram de se preparar, e eu também.

Capítulo XXIII

O reencontro

Na preparação que se fazia para a partida de largos contingentes, tendo já os espias de Augusto voltado com todas as informações com respeito ao nosso alvo, a Numídia, seus vizinhos, os prováveis aliados de Jugurta, e, sendo tudo entregue às mãos de Metelo, eu pensei em casar-me antes. Odila era encantadora. Júlia estava casada e parecia feliz. Marta, eu não podia atinar porquê, ao pensar em casar-me com Odila, a lembrança de Marta me atordoasse o espírito. Eu não podia, de forma alguma, colocá-la em pé de igualdade com as duas outras mulheres. Havia alguma coisa, no entanto, que me fazia pensar nela e este algo eu definia como aversão pelas suas maneiras ousadas.

Quando assim pensava, uma tarde, após haver novamente revisto a lista de meus comandados, já que seria um dos tenentes de Metelo, eis que Coriolano procurou-me com os olhos assustados:

— Ela está aí, seu Sextílio. Ela quer falar com o senhor.

— Quem está aí? Do que falas? — perguntei erguendo-mé.

Minha mãe, presente à sala, levantou-se também de chofre.

Ela percebera imediatamente a identidade da visita.

— É Marta quem está aí? — perguntou.

— Sim, senhora — respondeu o servo balbuciante.

— Pois diga-lhe que nesta casa ela não põe mais os pés — ia dizendo minha mãe, quando a interrompi:

— Não, mamãe. Nós nunca faltamos com a educação e o respeito que nossa estirpe exige. Ouviremos o que ela tem a dizer.

— Ouve-a tu, que pareces enfeitado — redarguiu mamãe saindo do aposento, após o que, fiz um gesto a Coriolano para que a fizesse entrar.

Novamente meu coração entrou a bater descompassadamente. Eu, contudo, precisava controlar-me e não podia conter a curiosidade de saber a que ela vinha.

Marta entrou. Uma túnica ricamente drapeada, porém não longa, de cor amarela — viva realçava-lhe a tez clara e os cabelos negros. Vinha só. Parada à entrada, aguardava que eu a convidasse a entrar.

— Entra e senta — falei.

E tão logo ela se acomodou, fitando-me vivamente, continuei:

— A que vens?

— Venho ver-te. Saber como estás, que planos tens e se posso ser-te útil.

— Agradeço-te o interesse.

— Sei que sofreste terrivelmente a partida de Faustina, mas não te culpes. Ninguém a conseguiria segurar no estado em que se encontrava, porque sabes, o amor...

— Que dizes? — falei interrompendo-a — Faustina sofreu um acidente. Não te compreendo.

— Um acidente? Sem dúvida!... Provocado por ela mesma, não foi? Eu só queria aliviar-te os remorsos, pois nada a deteria, nem seu amor por ti.

— Então é isto. Vieste para magoar-me, para dar vazão aos boatos das pessoas “faladeiras.”

Marta se erguera. Percebia meu descontrolo e também se descontrolava. Eu me inquiria porque nunca houvera conseguido manter com ela uma conversa amena. Ela se dirigiu a mim, como que eletrizada:

— Não são boatos! Por que me mentes? Eu te amo! Seu estúpido e tolo! Pensas em casar-te com Odila, só porque ela vem de uma família ilustre. Por que não me ouves? Por ti eu largaria tudo!

Estupefato com sua espontânea reação, eu me vi a responder entontecido:

— Marta! Marta! Eu não sei o que acontece. Há algo que me empurra a fugir de ti. Eu não sei o que é, mas sinto que não posso te tocar, não posso me entregar. Que sortilégio usas para assim me transtornar a mente?

Ela estava diante de mim.

— Não resistas. Não há sortilégio. Só o amor — falou.

Ela me beijou e eu ia envolvê-la, quando me lembrei de Júlia. Ela influenciara minha noiva a casar-se com Mário. Fora aliada de meu inimigo.

— Tu me separaste de Júlia — falei — mas não me afastarás de Odila.

Ela levou um choque. Percebi que eu a feria profundamente, mas não conseguia agir de outro modo. Eu estava envolvido pelas emanções sutis de um espírito que pretendia separar-me de Marta. Há muitos séculos ele me fora irmão e a desposara, contudo, ela lhe dera um filho bastardo, um filho nosso. Não sei se um dia receberemos permissão para contar esta vida e, ora, só podemos esclarecer o quanto minha antiga dívida, somada às tramas reencarnatórias, me punham avesso a aceitar um sentimento arrebatador que me empurrava para Marta. Não apenas o meu orgulho funcionava ali. Também o temor de novas dores. Este espírito seria, em Minas Gerais, a encarnação do senhor Manoel Teixeira Queiroga.

Porém, Marta, abalada com minha atitude, resolveu sair sem dizer nada. Dirigiu-se à casa de Odila, enquanto eu me abatera à cadeira, preso a incoercível emoção. Era mister casar-me o quanto antes com Odila, para afastar de mim, de uma vez para sempre, a influência da sória.

Resolvido, ponderei o tempo exíguo e a necessidade de se aprestar tudo para o enlace. Procurei meus pais e os fiz cientes de minha decisão.

Em casa de Odila, contudo, Marta apresentava-se. Aquela a recebeu com o carinho que a caracterizava, conquanto sentisse um certo receio dela, por tudo quanto se dizia a seu respeito, Marta foi direto ao assunto. Falou sem reboços que me amava e que sabia que eu também a amava, e só não me decidia pela sua ascendência inferior. Apelou para os sentimentos de Odila. A jovem ouviu-a não sem um constrangimento profundo. Sentiu o coração apertar-se de dor. Eu lhe era demais querido, e ela já se ferira nos abismos de um amor

semelhante ao de Marta, ainda que em papéis invertidos. Lembrou-se num átimo de seu servo Artaxerxes. Apreendeu toda a amargura da outra e teve piedade.

— Marta, — falou com doçura — logo Sextílio partirá para a guerra, junto ao contingente de Metelo. Ele não me propôs qualquer união entre nós...

— Mas o fará — disse a síria em desespero.

— Eu lhe digo que, mesmo assim, não posso, por ora, concordar neste compromisso. Devo uma resposta à sacerdotisa de Vesta e não quero me interpor entre vocês dois. Posso sentir o quanto você o ama, para vir à minha casa pedir-me ajuda, só não sei quanto aos sentimentos de Sextílio.

— Odila, tu és boa — falou Marta com lágrimas nos olhos — Faze-o ver que não pode fugir aos próprios sentimentos.

Odila prometeu que não aceitaria, por enquanto, casar-se comigo e ela saiu satisfeita.

Tão logo saiu, eu chegava para fazer meu pedido.

Mesmo diante de meu carinho e insistência, Odila fez-me ver que qualquer união seria prematura. Melhor aguardar. Se, após voltar da África, eu ainda estivesse decidido a casar-me, ela, então, aceitaria. Ainda que aborrecido com sua evasiva, e, sem saber da visita de Marta, tomei-lhe as mãos com doçura:

— Tratarei de logo derrotar este rei para que possa de pronto ter meu merecido prêmio: a tua mão, minha querida Odila.

Ela sorriu e deixou que eu a beijasse. Retornei à casa, a cuidar dos preparativos.

Capítulo XXIV

Turpílio

As tropas eram levadas, através do Mediterrâneo, em navios os maiores possíveis. Nos estaleiros o trabalho era ingente. As oficinas de metais, as cavalaria se entulhavam de serviços, pois Metelo convocara grande número de soldados. Para aqueles que desejavam subir na vida através de feitos valorosos, a guerra ao Rei da Numídia,^{13} Jugurta, propiciava uma oportunidade ímpar. De há muito se comentava nos largos círculos de influência, sobre a maldade e devassidão deste rei africano. Histórias estranhas corriam a boca pequena e todos eram concordes que era mister abafar-lhe a influência, antes que ele se tornasse demais forte e importuno, prejudicando os interesses romanos...

O mais feliz com a partida, porém, era Mário. Seu pouco talento administrativo o estava sufocando devagar na urbis. Agora, retornando às lides guerreiras, ele sonhava com grandes feitos que lhe propiciassem arrebatado o consulado às mãos dos nobres patrícios do Senado.

Meu contingente partiu junto ao dele. Metelo viajou conosco e colocou seu hóspede, Turpílio, como intendente do exército, junto aos operários, como que para livrá-lo à frente de batalha, pois ainda o percebia tímido e gentil demais para ombrear com a ferocidade dos homens que usaria como principais nos ataques. Viajando com este moço compreendi, em conversas amenas, seu espírito ingênuo e o grande afeto que lhe nascera pela filha de seu e meu amigo Metelo, a bela Cecília. Conquanto o irmão desta, Cecílio, de mesmo nome que o pai, quisesse fazer parte das lutas, nisto não concordou nosso comandante, pela sua pouca idade. Rutílio, contudo, e Trebônio, o qual eu vira naquela reunião em casa de Metelo, Otávio e Lântulo, Cornuto e Ancário haviam se engajado à luta. Como questor, uma espécie de tesoureiro do grupo de Mário, Sila partira em outro barco.

Acompanhava-nos Caio Lúcio, um sobrinho de Mário, de escandalosas tendências, que nunca se pejava de forçar rapazes bonitos a ligarem-se-lhe sexualmente. Cina, um grande militar, Marcelo e Valério Flaco, sabidamente

amigos de Mário, faziam parte dos chefes das guarnições. A luta prometia ser longa e o grupo de oficiais romanos e a tropa seletíssimos. Eu me perguntava, ao ver as costas ao longe, que surpresas novas me reservariam aquelas refregas. Quanto tempo demoraríamos para derrotar e aprisionar aquele rei feroz, de quem tanta coisa se ouvia, rústico e cruel com os servos que não lhe fossem bem-quistos. Sua frieza e maldade eram demais contadas em episódios terríveis, dias antes, no meio das tropas.

Por que, me inquirira, eu não declinara do convite de Metelo e resolvera partir? Não me seria melhor permanecer em Roma, no trato com as coisas civis e a combinar meu casamento com Odila? Quando partíramos, se via na praia muitas mulheres que ali haviam ido para se despedir de seus entes queridos. Tudo era festa e preocupação. Anelava-se a vitória, mas temia-se pela vida. Odila viera despedir-se de mim. Júlia, acompanhada de Marta, chegara junto a Mário. Ela não se aproximou de mim. Viera com o fim precípua de lançar suas “bênçãos” sobre os comandados de Mário. Todos, ao verem aquilo, foram tomados de mal-estar. Afinal, nós nos uníamos a Metelo para sermos por ele levados à vitória. Ele era nosso general, nosso chefe, sobre quem deveriam afluir todos os méritos de nosso esforço. Acostumados a uma ombridade, a toda prova, a atitude mesquinha do lugar — tenente, a requisitar para seu grupo uma cerimônia especial, feriu-nos os brios. Marta, no entanto, não parecia perceber o quanto sua atitude era antipática e deselegante. E Mário, como todas as criaturas que querem aparecer e brilhar acima dos demais, não tinha um sentido crítico para avaliar a fealdade das próprias atitudes. A frota logo zarpu. Alguns sacerdotes fizeram na praia sacrifícios. Flores e incensas eram lançados ao ar e desgostosos e arredios eu e alguns comandados partímos, ficando a acenar da amurada para a figura branca de Odila, que me vira partir, contendo as lágrimas de cuidado.

Logo montávamos nossos acampamentos ao longo da costa, em locais adrede escolhidos por Metelo

Fossos eram cavados, fortificações erguidas, pontes construídas e os operários trabalhavam sem descanso. Acostumado à vida militar, e a pagar os esforços de meus comandados, com o soldo polpudo, eu me irritava tremendamente. E que Mário, próximo de nós, não tendo com que cobrir o esforço maior de seus comandados, não se envergonhava de tomar lugar junto deles.

Não foram poucas as vezes que o vi em fraternal camaradagem com os

mais inferiores serviçais de seu exército, a comer-lhes o duro pão ou a dormir sobre uma enxerga. De uma feita topei com ele, pá à mão, a comandá-los na abertura de um canal. Metelo o encarregara do serviço, a fim de cansar-lhe a tropa, procurando humilhá-lo, mas ele, querendo demonstrar que não temia nem escolhia tarefas, lá estava, à falta de operários mais rudes, a brincar com os brios dos demais. Quando me viu, ao invés de se magoar por vê-lo naquelas circunstâncias, coisa que nada o obrigava, pois bastava-lhe ordenar, sorriu, jogando aos meus pés um instrumento de cavar e falou:

— Vamos lá, nobre Sextílio, mostra quanto vale a força de um homem quando Roma a requisita. Não *estamos* agora nos macios coxins da casa dos Senadores.

Se eu tivesse, então, um mínimo de tirocínio, teria percebido quão política e aliciante era sua atitude para com os soldados e operários. Porém, minha natural aversão a ele, que eu não podia entender nem mascarar, obliterou-me a clareza do raciocínio.

— Guarda teu fôlego para os instantes de luta que nos aguardam, para que teus comandados possam contar com um tenente descansado e capaz. Põe-te no lugar que te concedeu Metelo.

— Antes do que Metelo me haja concedido este lugar, eu o ganhei por meu suor e esforço, e pelos deuses que me reconhecem o valor — bradou Mário com insolência. — Era de se esperar que fugisses aos rudes labores — completou com malícia, como a me chamar de “moça”, o que redundou em amplas gargalhadas de seus comandados.

Dia a dia nossas tropas avançavam, tomando cidades e posições cada vez mais vantajosas.

Já fazia dois anos que Metelo fora designado para *comandar* o ataque à Numidia. Havíamos tomado, como eu dizia, várias cidades, e o comandante deixou Turpílio na guarda de uma delas. Era a cidade de Vaga. Com o avanço, nossos espias procuravam saber e também com a tortura aos prisioneiros das regiões conquistadas, procurávamos saber, descobrir o paradeiro de Jugurta, que lançava os mais desencontrados boatos entre seu próprio povo, com relação a si. Os torturados diziam-no filho de um demônio terrível, contando coisas inverossímeis de seu desaparecimento. Todas as vezes que tomávamos uma localidade, procurávamos prender os principais para inquirição. Mesmo

sem adentrar nos pormenores de nossos métodos, podeis bem avaliar que coisas terríveis nos pesem na consciência, com relação ao manejo dos ferros ou promessas nunca cumpridas, para dobrar-lhes a resistência. Lântulo era um inquiridor competente e, com relação a isto, o nosso posterior sofrimento em Minas pode não apenas ser explicado, como considerado leve. Mário aprendeu, então, os recursos dolorosos que mais tarde estenderia, quando, na pessoa do papa Gregário IX, comandou a Santa Inquisição de triste lembrança.

Mas, tornemos à nossa narrativa.

Turpílio ficara na guarda da cidade de Vaga e Mário se indispusera com Metelo por isso. Queria deixar um seu comandado e não o sabidamente protegido hóspede do comandante, pretendente de sua filha.

Seguimos adiante, enquanto Turpílio ficava a tomar conta daquela importante posição estratégica, com um número não muito grande de soldados. Sua maneira doce de ser já se escandalizara com os recursos que usávamos, com nossos prisioneiros e com os conquistados. Turpílio entrou a tratar todos com benevolência e humanidade. Não impôs as condições exigidas sempre em tais casos, de total submissão, não humilhou os habitantes e deu-lhes até relativa liberdade.

Nossa luta prosseguia à frente, mas Mário resolvera colocar um espia na cidade que ficara atrás. Assim pensando, fez com que dois de seus comandados fingissem estar sem condições de luta e de prosseguir. Turpílio, em sua ingenuidade, ficou com ambos para tratamento junto ao seu grupo. Eles, contudo, muito bem se diligenciaram do quanto lhes fora pedido.

Os habitantes de Vaga, seus principais chefes iam e vinham livremente a toda parte. Na verdade, passaram a estimar demais seu opressor, que demonstrara para com todos ímpar capacidade de compreensão e tolerância. Porém, pressionado de todo o lado, o rei Juguarta, sabendo a benignidade de Turpílio e, contando que jamais seria ali descoberto, por ser uma cidade sob intervenção dos nossos, introduziu-se nos muros ocultamente com alguns homens.

Ele contava poder dominar novamente a cidade, aprisionar as guarnições e transacionar depois esta conquista com seus perseguidores.

Turpílio nem percebeu o que se passava às suas costas.

À noite, contudo, os dois espias de Mário deram-se conta do que estava prestes a suceder. Sem contar ao hóspede de Metelo, saíram sorrateiramente e foram a cavalo, a toda pressa, avisar seu superior.

Ao chegarem em nossas fortificações de avanço, de madrugada, levaram logo, sob os altos brados de Mário, todos os principais comandados de Metelo a um julgamento sumário. Turpílio era acusado de alta traição a Roma. Em vão bati-me em sua defesa, em vão Lêntulo e Rútílio usaram o verbo no sentido de derrotar os argumentos duros do plebeu. Quando o Sol chegou, e a votação dos principais foi feita, Turpílio havia sido, por pequena margem de votos, condenado à morte.

Guarnições partiram imediatamente para sediar Vaga. Entrem entes, apesar dos esforços de Jugurta, seus comandados, cativados pela bondade de Turpílio, negavam-se a entregá-lo às mãos daquele rei. Conhecendo-lhe a extrema crueldade e conquistados pelo amor do jovem mancebo, ninguém ousava fazer-lhe mal.

Quando as tropas estavam chegando e o alarme foi dado, Jugurta fugiu precipitadamente e logo Turpílio recebia as guarnições de avanço na cidade, com indizível espanto.

Em vão bateu-se na própria defesa verbalmente. A certeza da acolhida à Jugurta e os votos já lançados foram um peso tremendo. Cabia a Metelo impugnar ou não a sentença. O comandante, contudo, era homem honesto e justo. Todas as provas pesavam contra seu hóspede e, muito a contra gosto, aceitou a inapelável condenação.

Diante da tropa perfilada, pálido de espanto, Turpílio apenas pôde dizer:

— Rogo, nobres romanos, aos deuses que logo provem que não sou um traidor de minha honra, porque não terei descanso enquanto não provar aos que me amam que eu nada fico a dever. Morro com coragem, mas espero que a justiça limpe meu nome.

Ao vê-lo ser levado pelos soldados e sua cabeça decepada, eu não pude impedir que mais ressentimento se juntasse em meu espírito para com Mário. Eu era capaz de assistir atrocidades cometidas contra os povos jugulados, para arrancar-lhes confissões, mas me negava a compactuar com a morte de um patrício ilustre. Visão errônea que tinha, então, dos valores humanos, longe da

fraternidade que deve presidir nossas resoluções. Em vão pedira a Metelo que mantivesse Turpílio prisioneiro, a fim de levantar provas a respeito. Com este fito eu pusera alguns de meus comandados a trabalhar, delegando-lhes poderes. Findos que foram dois meses, eu me apresentei com as provas e declarações de alguns moradores, provando que Turpílio em nada traíra seus deveres. Ele totalmente ignorava a presença de Jugurta em seus domínios.

Requisitados novamente os membros do primeiro julgamento, todos me ouviram pasmos de mágoa e espanto. A memória de Turpílio fora lavada, porém, como fazer-lhe justiça? Como devolver-lhe a vida? — eu inquiria aos mudos julgadores:

— É mister que não nos esqueçamos da sabedoria de nossa cultura e educação. Perpetuamos um crime!

— Não queiras, nobre Sextílio, causar-me remorsos. Turpílio quase põe uma das mais importantes cidades nas mãos dos inimigos. Se não o fez por traição, fez por burrice! — reptou-me Mário.

— E a crueldade ou o orgulho que te oblitera o juízo, Mário, mesmo diante das provas incontestes de teu crime e injustiça?

— Quem ordenou a morte a Turpílio não fui eu, foi Metelo. Pode creditar-me apenas ter-lhe ligado ao pensamento uma fúria vingadora^{14}. E o militar deu uma estrepitosa gargalhada.

Fiquei interdito. Mário não apenas se ria de minha indignação, mas se vangloriava de poderes mágicos, com os quais dizia ter imantado ao nosso comandante um espírito imundo, para o levar a condenar Turpílio, contra todo seu desejo.

A discussão tornou-se acirrada. Eu conseguira o desgravo a Turpílio, porém nada mais..

Capítulo XXV

As lutas

Eu ainda permanecia aborrecido com os acontecimentos últimos, em que se percebia nitidamente a obstinação de Mário em roubar a Metelo os louros de nossas vitórias. Ele se jactanciava de seus feitos, procurando obumbrar as judiciosas ordens de nosso superior, que possuía profundo tirocínio militar. Mais de uma vez conversara eu com Rutílio e Lêntulo, com Otávio e Trebônio a respeito.

— Não há o que se fazer! Metelo não percebe a perfídia do plebeu. Ele o humilha nos pequenos serviços, porém durante a batalha, quantas vezes ele desobedece ordens, vai à frente, ou ataca de socapa, roubando uma vitória já delineada.

— Não é bem assim— ponderava Otávio — O nosso homem é ambicioso, concordo, porém ninguém lhe pode negar o valor nas lutas, não apenas da coragem com que age, mas do tirocínio com que interfere. Hás de concordar que sempre que avança sem ordens, tem conseguido ganhar. Se é verdade que Metelo detém o poder da experiência, as arremetidas ou recuos de Mário superam tudo o que aprendi com os mais velhos. Sextílio, sei que tens motivo de sobejo para não o apoiar, mas não sejas cego em negar-lhe o valor.

— E achas valor um tenente roubar os feitos a seu superior?

— Isto eu não disse. É ponto de honra que a maioria dos plebeus desconhece. Quando Mário zomba do Senado, ele o faz aproveitando a moleza de alguns patrícios, porém no fundo sua zombaria arremete contra algo que ele ainda não pode aprender com relação à dignidade, por exemplo, de um Metelo que não se negou a ir para a cadeia certa vez, em defesa de seus princípios, tanto quanto não negou a Mário a possibilidade de brilhar nesta empreitada duríssima, reconhecendo-lhe o valor de militar.

— Otávio tem razão — secundava *Lêntulo* — Não há homem como aquele! Pelos deuses, Sextílio, não sejas tão obstinado que não lhe possas ver a

coragem e o valor.

— Dois contra um já é demais! Parecem ter-se esquecido, senhores, meus amigos, da maldade com que se houve para com Turpílio.

— Turpílio foi ingênuo e colocou em risco a própria guerra. Qualquer um, naquelas circunstâncias, lhe cobraria o pescoço!

— Mas não da forma como eje o fez. Não vês, Otávio, quanta dor ele proporcionou a Metelo, creditando ao comandante esta morte e fugindo às suas responsabilidades, quando se sabe que ele, mais do que ninguém, açulou até com mentiras o ânimo dos juizes?

— Reconheço que foi perverso, mas não podes deixar de reconhecer que não lhe faltaram razões e os deuses é que dirão quanto a quem é o responsável por esta morte! Além disto, a posição de Metelo podia ter impedido a execução!

— Não um homem como Metelo, que põe acima de tudo as razões do Estado! Não um homem de sua envergadura e honestidade, obstinado até ao próprio sacrifício, pelo que ele julga justo!

— Deixa de envenenar-te com isto. Que nos importa Mário e sua ambição? — falou Lântulo — Temos coisas melhores em que pôr os nossos poucos momentos de descanso!

Entendi perfeitamente o que ele dizia. Lântulo estava se aproveitando de algumas prisioneiras que levávamos. Metelo lhe permitia a extravagância e aos mais graduados, desde que isto não degenerasse em excessos a toda a tropa. Eu me repugpava desta atitude, conquanto sentisse inclinação para algum abuso. Só o meu orgulho, que me fazia julgar superior àquela “ralé”, é que ainda me detinha o passo.

As falas dele murcharam o assunto. Vi-o dirigir-se para o lado dos prisioneiros e Otávio passou a comentar as novas de Roma. Logo se fariam lá as eleições para cônsul. Em todo o acampamento este assunto estava a suplantar os insucessos recentes da morte de Turpílio. Até a marcha de nossas operações parecia obumbrada pelos comentários a respeito. Mário queria abandonar a luta, para ir pleitear sua eleição, e Metelo não lhe permitia partir. Tinham tido séria discussão diante de todos:

— Sou um homem de bem. Tenho direito a partir na defesa de meus interesses. — dissera Mário.

— Sim, sem dúvida. És um homem de bem e só propugnas pelo Império! Não te pejas, Mário, em ocultar tão cinicamente teus próprios propósitos? Não vacilaste em levar à morte um gentil filho de Roma, com imputações falsas, nem de lançar sobre meus ombros a culpa de teu gesto, mas o que mais te distingue, é que não podes esperar que meu filho cresça para que venhas a ser cônsul.

Metelo brincara com os brios do plebeu diante de todos, porquanto sabia que só os homens mais velhos se candidatavam ao posto e ele ainda era jovem. Aconselhava-o a ombrear com a candidatura de um nome respeitado como o seu, na pessoa de seu filho. Dera-lhe as costas diante de todos e o plebeu ainda gritara:

— Metelo, também Catão fez Roma digná-lo com o posto antes dos quarenta anos!

— Os feitos de Catão ficaram na História, Mário, mas ele nunca precisou arrebatá-lo o que seus méritos lhe conferiram. Quanto aos seus ossos, guarda-os a sepultura. Não poderás ocultar nem a ti mesmo o móvel de teus tentames; e de teus interesses!

Otávio dialogava comigo sobre o assunto, quando passou por nós Sila, que ia sair com um grupo numa sortida. Não lhe demos maior atenção, contudo, o ardiloso rapaz estava mantendo contatos amistosos com Boco, genro do rei da Numídia, tão perverso e venal quanto o sogro, mas disposto a dobrar-se ante o assédio romano na condição de súdito, para não perder a vida e as regalias.

Na verdade, mais de um encontro Sila já tivera com o jovem negro, e eram irmãos nas idéias e falcatruas. Afinidades idênticas possuíam. As saídas de semanas e meses do jovem não me pareceram, então, importantes, mas eram na verdade ardilosa maneira de Mário, que procurava, através de seu subalterno, apoderar-se de Jugurta.

Tivemos que interromper a conversa. Chegara uma nova da presença do rei em determinada região e Metelo designava a mim e minha guarnição a apreensão do local. Furioso, Mário reptava pela sua inclusão na missão ou, em caso de negativa, que o libertasse, dando-lhe um salvo—conduto para dirigir-

se a Roma. Metelo foi inflexível. Aquela pequena batalha, porém, custar-me-ia novos débitos.

Avançamos cautelosamente. Sempre achávamos que um romano valia por vinte homens de qualquer outra estirpe. Adestradíssimos nos exercícios e bem nutridos com o trigo integral de nossos celeiros, sentíamos orgulho de nossa força. A cidade reagiu ao nosso assédio. Fossos com ponteagudas ponteiras de madeira, óleo fervente impediam-nos o avanço. Contudo, assediamos a localidade, impingindo-lhe a fome como companheira.

Sobre os muros, setas incendiárias dia e noite faziam vítimas. Eu queria aprisionar Jugurta, se ele lá estivesse e arrebatara a Mário sua ambição, terminar aquela luta sangrenta.

Quando, após meses, eles nos enviaram um embaixador com a rendição total, foi com indizível orgulho que adentrei suas fortificações rústicas. Seres macilentos se juntavam ao centro da praça principal. Prometi a todos tratamento justo. Quando falava, eis que uma mulher, vestida de soldado, destacou-se da multidão repentinamente. Correu para mim com o punhal erguido. Soube mais tarde que enlouquecera com a perda dos seus, durante nosso assédio. Estava tão próxima que ninguém poderia valer-me no inesperado episódio. Eu, contudo, rápido tomei uma tocha que estava ao lado e com ela na mão avancei queimando-lhe o rosto antes que me pudesse atingir. Ela caiu gritando de dor e os soldados mais próximos fizeram o resto.

No entanto, depois, enquanto vivi, a lembrança daquele episódio me perseguiria dali para a frente.

Vasculhamos todo o local e, com a mesma rapidez, fizemos nossos interrogatórios. Ninguém dava notícias de Jugurta.

Eu parecia esquecer o incidente com a mulher quando, um dia, inesperadamente, uma lança me atingiu as costas. Não tive tempo de ver o agressor, caindo, ferido gravemente, à terra. Ele arrebatara a lança a um soldado distraído, no momento em que eu passava em revista os prisioneiros, antes de partir.

Socorrido, Lântulo tomou-me o lugar. Segurou uma escolta para me transportar com cuidado.

Ao retornar às nossas posições, eu chegava vitorioso sim, mas quase

morto. Metelo providenciou-me assistência. Drusus, o antigo soldado subalterno de Mário, por experiência em tais casos, não me saía do lado do leito.

Enquanto novas campanhas eram aprestadas, Metelo aguardava que eu me fortalecesse, para devolver-me a Roma. O plebeu queria aproveitar minha partida, oferecendo-se para me escoltar e levar pessoalmente à cidade imperial. Poderia, assim, usando-me, pleitear o consulado, porém Metelo não lhe permitiu. Levado ainda com muito perigo de uma recaída, eu saí em direção à Itália, profundamente desgostoso. Mesmo que eu quisesse, talvez o ferimento me incapacitasse para a vida militar. Eu não podia ainda prever a extensão de minha perda e estava profundamente abatido. Minhas noites eram povoadas de pesadelos estranhos e eu era obrigado a guardar o leito sob efeito dos remédios exóticos de Drusus. Emagrecera muito, em consequência da perda de sangue, e ainda sentia um adormecimento estranho nas pernas. Temia não poder voltar a andar novamente.

Cheguei a Roma após longo percurso e travessia sendo recebido em pranto por meus pais e por Odila. A convalescença prometia ser demorada e Quintus Aurélio ofereceu-me sua propriedade em Alba, para que eu pudesse recuperar-me. Para lá me transladei algo contrafeito.

As lutas do outro lado do Mediterrâneo prosseguiram. Léntulo e Otávio se houberam com violência inaudita, destruindo os focos de sobrevivência. Nunca, como então, a tortura foi manipulada de maneira feroz. Vendo-me prostrado, obrigado a partir da frente dos combates, um furor estranho apoderou-se de meus amigos.

Já estavam bem próximos os dias das eleições na Grande Cidade, enquanto eu me restabelecia, sob os cuidados de mamãe, Drusus e Odila.

Uma tarde, enquanto jazia num leito, prisioneiro não apenas do ferimento, mas de idéias lúgubres e terríveis, nas quais a imobilidade fazia surgir toda espécie de lembranças más, adormeci por um instante. Vultos espreitavam-me. Dedos em riste, gargalhadas loucas e gestos de vingança em todos os semblantes. A mulher que atentara contra a minha vida estava com o rosto convulsionado pelas chamas, a gritar ameaças terríveis. Crianças débeis e magras, negras e esqueléticas, me estendiam os braços, os grandes olhos nas órbitas, como a me acusar pela sua extrema debilidade. Eu me debatia preso a terríveis pesadelos, quando a mão de alguém tocou-me a testa banhada de suor

frio.

Ainda em sobressalto, porém sentindo uma corrente energética estranha, abri os olhos e deparei com Marta, sentada ao meu lado em atitude solícita. Pensei, por um segundo, estar sendo vítima de alguma alucinação, que continuasse com o sonho, porém atrás dela percebi a figura meiga de Odila a me sorrir, como a pedir-me aquiescência.

— Que significa isto? — perguntei surpreso.

— Nosso querido Drusus, tendo ido em visita aos seus familiares, trouxe-nos Marta para que te auxilie a cura. — falou Odila com brandura.

— E por quê? — inquiri magoado — Já estais tão desarvorados que todos os recursos são válidos?

Ante minha inesperada agressão verbal, Marta retirou as mãos de sobre minha testa, olhando-me diretamente nos olhos. Havia não apenas uma censura muda e o orgulho ferido, ela me tinha extremado cuidado. Não obstante, completei ríspido:

— Dize-nos, Marta, quanto cobrarás por teu favor, e realmente o que podes oferecer em troca?

Percebi que os olhares das duas mulheres tinham uma linguagem muda, de plena concordância.

Marta ergueu-se e se retirou sem dizer palavra. Odila aproximou-se de mim conciliadora:

— Sextílio, quaisquer que tenham sido os motivos ate afastarem de tua ex-serva, não podes ficar sempre apegado a eles. A verdade é que ela veio de boa vontade e fui eu quem pedi a Drusus que a trouxesse.

— E o fizeste sem me consultar? — perguntei agastado.

— Julguei que compreenderias meus motivos e não pude aquilatar quanto ela te significa, nem como ficarias transtornado com a sua presença. Ouve-me, Sextílio, por favor. Marta não veio pelo dinheiro. Acha que pode ajudar-te e, por minha vida, debes deixar que tente. Se ela conseguir, todos nós ficaremos felizes, mas não a insultes com tua zanga, pois isto pode atrapalhar. Eu falarei

com ela sobre o preço que julgar justo, se assim o desejas.

— Não vivo de favores — respondi com orgulho.

— Pois, então, deixa que eu converse com ela e aceita sua oferta. Não te agastes com Drusus, que tem-nos sido atencioso amigo.

Conquistado pela meiguice de Odila, aquiesci, conquanto a visão repentina de Marta houvesse abalado minha aparente segurança. Enquanto minha noiva saía a confabular com a síria eu me surpreendi a analisar quão bela ela estava, no auge de sua plenitude física. Apesar da indumentária exagerada, e dos ricos adornos, seu ar selvagem se requintara e percebia-se um perfume exótico a escapar de sua figura esbelta. As mãos que me haviam tocado estavam eivadas de ternura e cobertas de anéis, bem tratadas e macias. Perguntei-me como podia comparar aquela imagem à da jovem suja e selvagem, cuja fuga eu interceptara na Espanha Ulterior.

Um fundo suspiro saiu-me do peito. Por que eu precisava revê-la naquelas condições, tão trágicas para mim e tão desconcertantes? Por que devia agora me humilhar na aceitação dos favores dos seus dons, que eu reptara tão duramente sempre? Júlia me abandonara e era mãe de um menino, que recebera o nome odiado por mim, o nome paterno. Por que eu fora submetido pela amarga Fortuna a tanto sofrimento? Se Marta não houvesse se interposto entre mim e Júlia, esta criança poderia ser minha, e eu estaria disputando o consulado, ao invés de ficar preso à cama. Uma revolta surda abalou-me ainda mais que a visão repentina de minha ex-serva, no auge de sua beleza física, mas ela tornava com Odila.

— Aceitas, nobre Sextílio, os recursos que disponho para te ajudar? — falou com arrogância e malícia.

— Que outra ocasião melhor terias, Marta, para me demonstrar teus processos mágicos? Eles já me têm feito muito mal e às vezes me pergunto, se não devo também a ti os insucessos de minha viagem.

— Estúpido, maldito! — bradou ela colérica. — Só a ti mesmo debes teu ferimento, pois não açulaste a ira do povo negro, matando de fome suas crianças, incendiando o rosto de uma pobre demente, e desfilando tua vitória sobre os indefesos prisioneiros? Ah, nobre Sextílio, que o orgulho te impede de ver o sofrimento dos povos subjugados por Roma! Pensas que não têm

sentimentos, nem família, nem nada? Ainda há pouco não estavas nos infernos de Proserpina, perseguido pela multidão de desgraçados, criados pelos teus exércitos? E covardia alijar o fardo de tua desdita em meus ombros!

Odila interveio, percebendo o descontrole da síria e o meu:

— Querida Marta, nosso doente está acabrunhado e nervoso, porém sabemos que tu podes ajudá-lo, e já combinamos tudo. Para que conversas tolas que não levam a nada?

— Pela ofensa que recebi quero agora pagamento dobrado — falou Marta zangada.

Odila empalideceu. Percebi que ela oferecera muito pela minha cura, mas resolvido a magoar a síria, disse:

— Que seja, Odila. Finalmente Marta desvenda-nos o móvel de suas artimanhas. Se ela me fizer novamente andar, pagarei qualquer preço, só pelo prazer que me dará de contrair nossas núpcias, minha querida noiva.

Odila aparteou:

— Querido, minha fortuna vale menos que tua saúde, mas não queres conhecer a extensão do seu preço?

— Se achas oportuno...

Odila foi e veio com uma urna ricamente trabalhada. Aberta diante dos meus olhos a caixa revelou enorme fortuna, representada por jóias de vários formatos, que eram o dote de Odila.

Amargurado, eu me senti muito humilhado com a,“barganha” que a síria punha à minha cura, pois não podia então saber que ela o teria feito gratuitamente, por um só dos meus carinhos. Nós dois éramos vaidosos e prepotentes. Amargas feridas trazíamos de personalidades vividas no antanho, que emergiam pela mesma posição renovada de plebéia e nobre, de homem rico e escrava sem direitos.

Voltando-me para a ex-serva, falei:

— Ofereço-te minha casa no Palatino, para que Odila não tenha que se desfazer de um legado honroso. Achas, Marta, que minhas pernas valem tanto?

Pois, faze-me andar e podés te transladar para lá.

— Não deverías antes falar com teu pai? — perguntou Odila aturdida. — Sextílio, não te magoes com minha oferta. Sei que Marta apreciaria estes adornos, que, aliás, lhe cairiam muito bem. Eu os ia doar ao Templo de Vesta se para lá fosse...

— Prefiro a morada senhorial — reptou Marta com estranho orgulho na voz.

Eu podia avaliar. Retornar à propriedade onde por um pouco tempo fora simples escrava, recém adquirida, far-lhe-ia muito bem à vaidade.

— Pois, então, tu a terás. E não se fala mais nisto, até que me hajas curado.

— Drusus, — falou a síria — sê minha testemunha neste caso.

— Quê? Achas que faltaria com minha palavra? — perguntei enraivecido.

Novamente Odila precisou interromper-nos.

Após aquele dia, durante um tempo mais ou menos longo, Marta vinha me trazer suas poções e fazer as exóticas preces. Arrepios me corriam pela espinha, quando me tocava o corpo e formigamentos estranhos me tomavam os membros.

Após mais de um mês em que ficou como hóspede na casa de Alba, Marta deu por finda sua intervenção. Quase não nos víamos nem nos falávamos, a não ser durante o tratamento que me fazia. Eu comecei a me apoiar numa bengala e dava os primeiros passos.

— Vou-me embora — disse-me ela — Paga-me o que deves.

— Receberás tão logo eu volte a correr como antes, — respondi — pois só então terei capacidade para preparar a propriedade para que a recebas.

Uma idéia perversa me tomava a mente. Após despojar a casa de todas as peças e mobiliário, transladando-os à outra, eu imaginava cortar todas as árvores e salgar o solo para depois entregar-lhe. Odila não sabia dos projetos que eu ruminara aquele mês e Marta não adivinhava. Embora meus pais achassem excessiva generosidade aquele pagamento, eu não via o momento de retomar minha saúde para voltar às minhas tarefas. A venda de um sítio me

propiciaria a construção de outra mansão numa das colinas, ou quiçá no próprio Palatino, e Marta teria brevemente uma soberba mansão, mais arrasada que os campos de guerra, para passear sua vaidade e orgulho.

Enquanto ela aguardava para partir a Roma, do outro lado do mar, Mário lutava tenazmente para conseguir a licença e meios que o fizessem chegar a tempo de se candidatar ao consulado. No Plano Espiritual, eu, mesmo perseguido pelos inimigos que granjeara nos campos de batalha, usava ao dormir meus recursos para pressionar Metelo a não conceder-lhe a licença. Lêntulo, Trebônio e Otávio eram meus aliados, e também Turpílio, em espírito, nos secundava os esforços de barrar as pretensões do plebeu. Mas a insistência dele e o modo como as guarnições se comportavam, acintosamente reprovando as desculpas apresentadas por Metelo, mais os recursos espirituais que ele mesmo dispunha, aliciando adivinhos e feiticeiros para o auxiliar, prevaleceram. Metelo *julgou* impossível que, com apenas doze dias de prazo, Mário conseguisse chegar a tempo de promover-se em Roma. Calculou mal. Não contava com os favores do Destino, os quais bem pagam a tenacidade de um homem do porte de Caio Mário, nem com sua resistência física. Durante dois dias e uma noite o tribuno correu, trocando a montaria, sem parar nem mesmo para se alimentar, o que fazia mesmo a galope. Dois de seus comandados mais exímios iam com ele. Com a capacidade que possuía, escolheu o caminho melhor e mais curto para chegar ao mar, e, antes de lançar-se a atravessá-lo, deixou que alguns adivinhos lançassem sorte sobre seu futuro. Estes magos reverenciaram Mário como já vitorioso sobre seus inimigos, coroado de êxito em suas pretensões, e isto ainda mais açulou seu ânimo. Tratou de arrumar uma embarcação e, com ventos favoráveis, rumou, seguido de homens adestrados no manejo das velas e remos. A travessia fez-se em apenas quatro dias, e ele partiu sem descanso maior do que algumas horas durante o trajeto, em direção a Roma.

Eu me restabelecera e ordenara a Coriolano todas as providências no arrasamento de nossa propriedade. Não foi sem resmungar muito que ele me obedeceu em tudo.

Capítulo XXVI

O consulado

A propriedade foi danificada sob os protestos e lágrimas de Cósroe e Coriolano, findo o que mandei avisar Marta, com um documento de posse, que poderia se transladar para lá.

Aprestara uma nova moradia, a qual foi requintadamente arranjada por mamãe, através de uma transação com a família de Aulo Pompeu, que sempre desejara meu sítio. Feito o negócio, eu me sentia pago pelos favores que lhe devia. Meu sítio ficava perto do porto de Óstia e eu tinha grande orgulho dele. Desfazer-me foi, portanto, difícil. Aulo ficou feliz e eu tive meios de logo me estabelecer em Roma. Chegara de Alba, cheio de novo vigor e vida, e tratava de apressar meu casamento com Odila. Sua bondade me cativava. Ela era bela e inteligente. Minha vaidade se satisfazia, ao saber que abandonara os projetos de se tornar uma vestal, para ser minha. Cheguei, portanto, animado à nova morada. Ardia de vontade de saber as novidades que se ouviam com respeito às lutas que participara. Ainda não podia fazer exercícios físicos mais fortes, mas tinha certeza de que o tempo e meu esforço me devolveriam a antiga constituição. Incapaz de aquilatar os benefícios que Marta me fizera, através de seus dons, a lembrança de sua interferência feria-me a vaidade. A maldade com a qual eu lhe pagava, procurando mais uma vez humilhá-la, era a única maneira que eu conhecia de mascarar o quanto lhe estava sujeito. Quão intrincáveis são os escaninhos da alma. Era a minha insegurança quanto ao amor que ela me tivera, e a ambição que eu lhe via, que me punham avesso a meus próprios sentimentos. Seria-me difícil hoje explicar o porquê da forma errada e tola de agir e, naqueles tempos, era-me totalmente impossível, apesar da inteligência que tinha, de ajuizar quanto ao móvel real de minhas atitudes.

Alguns dias se passaram, sem que eu soubesse o que houvera acontecido a Marta. Após deliciar-me interiormente com a raiva que, por certo, ela sentira, e a frustração, eu procurei o contato com algumas famílias, para o retomo natural às minhas atribuições políticas. Estava justamente organizando uns documentos, quando chegou à nossa propriedade nova, ainda em fase de

arrumação, o amigo de papai, Fábio Augusto.

Desde que ele fora sempre muito propenso a levantar boatos e deliciar-se com escândalos, eu ainda não me esquecera de que sua malícia me custara de certa forma a perda de Marta. Eu tudo daria para que papai o recebesse, ou que eu pudesse dispensá-lo de algum modo. Contudo, Coriolano já referira minha presença em casa e os costumes de educação não me permitiam ignorá-lo. Fiz com que entrasse, recebendo-o cortesmente, mas sem entusiasmo.

— Meu nobre amigo, — foi dizendo — folgo muito de ver-te novamente disposto. Estás com uma ótima cor. Ah! Que benefícios maiores não fazem aquelas águas de Alba e o amor de uma jovem como Odila.

— Sem dúvida, Fábio, também contribuíram para meu restabelecimento as saudades de Roma, e as novidades que, por certo, jamais te serão ignoradas.

Ele se riu da maneira como eu descrevia sua peculiar capacidade de especular os assuntos de cada dia.

— Ah, nobre Sextílio. Estou muito surpreso, por isto vim comentar com teu pai sobre os fatos do dia, como tu chamarias, mas não sei se devo apoquentar-te com os mesmos, pois temo que os aborrecimentos te possam prejudicar a saúde.

— Por tão frágil não me tomes, Fábio. Vamos até a pérgula, onde o bom vinho me recomporá e te soltará a língua.

E, erguendo-me, dei ordens aos servos que nos trouxessem algo e propus-me a ouvi-lo, já que percebia a ansiedade, que mal continha, em querer falar. Seriam novas sobre Marta? O que tanto inquietava o falante amigo de meu pai?

Fábio ajeitou-se e não se fez de rogado. Por certo, teria um longo dia pela frente, pois eu sabia que não teria descanso, enquanto não comentasse tudo quanto queria com as pessoas mais ilustres, acrescentando aqui e ali os comentários que iria recolhendo no seu percurso, tingindo-os com os matizes de sua fértil e desonesta argumentação. Calei-me propositadamente, para que ele falasse logo.

— Aposto que não imaginas quem chegou a Roma.

“Teria Metelo finalmente se apoderado do rei negro?” — pensei, mas não disse.

— É! Tens razão! Não sei mesmo!

Ele sorriu sem jeito.

— Mas nem adivinhas?

— Nem adivinho — respondi, pousando nele os olhos displicentemente.

— Foi Mário — respondeu com ar de triunfo, gozando a transformação desagradável do meu semblante. — Chegou hoje esbaforido e, suado como estava, um tribuno o levou a um comício. Nem podes crer quanto foi ovacionado pelo povo! Parecia que um deus descera do Olimpo a receber a consagração pública! Mário, como não podia deixar de ser, aproveitou a ocasião para descrever seus feitos e exhibir suas cicatrizes. Gostaria, Sextílio, que lá estivesses, porque, a contar com os prejuízos dos combates, poderias reptá-lo com teus ferimentos, tão perigosos que quase te paralisaram para sempre.

Tive ímpetos de responder, mas me contive, enquanto pensamentos desencontrados me fervilhavam a mente: “Ah, Metelo, como pudeste ser tão estúpido? Além de chamá-lo para lugar — tenente, e dar-lhe oportunidade para aparecer, agora o soltas, para que aqui venha com suas bravatas?”

— Pois é como te digo. Quanto mais o ovacionavam, mais ele se inflamava em seu discurso, menosprezando o Senado e lançando injúria ao seu capitão, pois só queria que acreditassem que a ele, Mário, se deviam os sucessos da empreitada. Mas não ficou nisto. Aproveitando a presença de Béstia e Albino no comício, humilhou-os publicamente, chamando-os de ineptos e desonestos, e dizendo que os antepassados de ambos, se pudessem escolher, por certo teriam escolhido o próprio Mário para ser-lhes sucessor, já que estes homens não mereciam a ancestralidade. Sextílio, foi um escândalo, ainda mais que ambos os humilhados se retiraram sem responder-lhe. Isto fez com que o povo os apupasse e carregasse Mário em triunfo pelas ruas, e ele lá se foi nos braços da população e dos jovens tolos, que se deixaram levar pela sua ousadia e impudície, a gritar que o elegessem cônsul e, em poucos dias, ele prometia que haveria de manietar e trazer como um animal, pelas ruas, o rei Jugurta.

Eu já não conseguia mais me reter sentado placidamente ante a arrebatada descrição de Fábio. Eu sabia o quanto ele exagerava as coisas, mas conhecendo

Mário, sua desmedida ambição, eu não poderia deixar de convir que aquelas atitudes e palavras seriam as que o plebeu usaria, em sua campanha, se se pilhasse em Roma. Tolo Metelo, que não contente com os reveses que já sofrerá, continuava a ser escrupuloso e honesto, dando a Mário oportunidade para demonstrar, mais uma vez, sua ingratidão.

— Faze-me um favor, Fábio — falei fitando-o de frente. — Não perde mais tempo aqui. Vai a quantas casas ilustres puderes e avisa os senadores, edis, magistrados, conclama os tribunos honestos e que se organizem e promovam uma campanha para obstar esta candidatura. A mim não ouviriam. Haverás de convir que me julgariam mal, poderiam pensar que estou prevenido contra este plebeu, por razões pessoais, mas a ti talvez ouçam. Os nossos rapazes estão se batendo do outro lado do mar, enquanto este petulante sai do campo de luta, sem um arranhão maior, para barganhar um posto, lançando o opróbio sobre a figura do homem sobre quem deviam, naturalmente, cair os louros de nossas vitórias. E, se souberes de mais um comício onde ele vá, trata de me avisar, que irei pessoalmente reptá-lo, para que o público se convença de sua maldade e ingratidão. Vamos lá, Fábio. Não percas mais tempo! Ah! Que falta nos fazem aqui Trebônio, Lêntulo, Otávio e Rútílio. Este maldito Mário conseguiu até a morte de Turpílio, lançando sobre ele as piores acusações. Elas eram falsas e, se eu o pilhar a fazer suas prédicas publicamente, hei de desmascarar-lhe a falsa virtude. Vai! Avisa Aulo Pompeu e mantem-me a par dos acontecimentos, que muito te sou grato por isto. Desculpa se não te retenho por mais tempo. Não podemos, contudo, perder as horas. E preciso impedir que Mário atinja o consulado.

Fábio logo saía dali, contente. Minha raiva dar-lhe-ia mais colorido às novas falas. Eu passei pelo aposento qual fera enjaulada. Estava ainda sob o impacto das desagradáveis notícias, quando Marta entrou sem ser anunciada. Quando dei com ela diante de mim, levei um tremendo susto, lembrando-me da maldade com a qual me houvera para com ela.

— Então, estás satisfeito? — falou fitando-me francamente. — Podes andar, até correr, mas és sempre o mesmo ingrato orgulhoso de sempre.

— Quem te permitiu a entrada? — exclamei ainda sob o efeito das emoções que as notícias de Fábio me haviam causado.

— Pois te negarias a me receber? Não queres ouvir o que te venho dizer?

Marta aproximou-se de mim com os olhos rasos de lágrimas. Quis fugir, mas não pude. Ela me segurou e obrigou-me a olhá-la:

— Por que ages desta forma para comigo? Que fiz para merecer de ti este tratamento desumano? Não pensaste duas vezes, antes de arrasar com a propriedade que me prometeras, só pelo prazer de me martirizar e, contudo, não entendes que eu preciso sobreviver, que devo lutar mais do que qualquer outro, porque minha posição é adversa? O que ganhaste com teu gesto? Eu quero entender. Me odeias? Por quê? Não te dói na consciência ter destruído o belo recanto onde viveste, só por um capricho? Nobre Sextílio, eu preciso entender porquê o fizeste. Querias me ferir, é certo, mas não compreendo. Nunca amaste Júlia e também não amas Odila. Eu sei. Não me mintas. Tu amas a mim!

— Estás louca! Não te devo nada! A propriedade é tua, de acordo com os documentos que te enviei há dias. Quanto ao resto, não te devo satisfações.

— Creio que nisto tens razão. Por que me deverias satisfações? Só por que ages tolamente? Só porque foste mesquinho e cruel no pagamento do teu trato para comigo? Por que me deverias satisfações? Só porque te amo? Sim. És perverso comigo, mas eu te amo e hei de te provar isto.

— Não precisas me provar nada — repliquei desarmado com ímpetos de beijá-la.

— Enganas-te. Eu te provarei. Farei mais. Recuperarei a Vila. Eu o farei, árvore por árvore, relva por relva, nem que tenha de perder tempo vasto, para lançar longe as terras estragadas e repor outras. Eu o farei, para provar-te que não poderás deter-me. Fui uma escrava, nobre Sextílio, mas nunca agi com a maldade com a qual agiste para comigo. Não te jactes da ascendência nobre, pois ela não te valeu nem serviu para tornar-te capaz de ações dignas!

— Não tens o direito de falar-me assim! És uma aventureira!

— Ambição por ambição estaremos igualados, senhor, mas em valor, Marta te provará que o tem muito mais! Se eu fora nobre poderia vencer teu orgulho e vaidade, mas me pergunto até onde lutarei, ó deuses, para que eu vença o meu orgulho! Não há meios de te conquistar? Que ao menos eu consiga te submeter! Haveri de conseguir subir tão alto, nobre Sextílio, que, mesmo que fiques cego, me verás. Não quero, contudo, sair daqui sem...

E Marta não completou. Avançando para mim, beijou-me com selvageria. Era a segunda vez que o fazia e eu tive ímpetos de empurrá-la, mas ponderei interiormente que mais a magoaria uma gélida indiferença. Vendo que eu não reagia, ela saiu esbaforida, e fiquei a ver-lhe os véus coloridos a se agitarem na sua corrida vertiginosa.

Caí arrasado nas almofadas. Um remorso me tomou de assalto. Marta tinha razão. E (ilegível. Talvez seja: Esse meu modo perversso) e desonesto em nosso acerto de contas. Ferira-a e, (ilegível), eu não podia, então, tocar o fundo das questões que haviam me motivado.

Tratei de, nos dias seguintes, trabalhar arduamente para derrotar Mário. Sabendo-o presente num comício, para lá me dirigi a duras penas, cortando passagem entre a multidão. Aproveitei um instante e o reptei duramente, contando como ele se houvera perfidamente com Turpílio. As opiniões se dividiram.

— Para derrotar Mário contas apenas com palavras bonitas, nobre Sextíio. Todos podem ver que o jovem Turpiho foi um tolo e não há lugar para tolos nas lutas que enfrentamos. Ele pôs em risco toda a batalha e não podia ser perdoado só porque tinha “deuses lares.”

A referência injuriosa aos costumes dos patrícios arrancou aplausos da multidão. Aproveitando o apuro, ele completou:

— Pelo menos, eu vim desmascarar um fraco soldado, mas tu, nobre Sextílio, nem bem te recuperas e já saes por aí a presentear tua ex-serva de forma tão insólita? Por que o arrasamento de tua mansão no Palatino? Ou pensas que podes impunemente sair a enfeiar nossas colinas como um louco?

— Isto é assunto que não te diz respeito! A propriedade era minha e fiz um negócio! É só!

— E que negócio foi este? Tão secreto que ninguém o pode saber?

Que sortilégios usas desta vez, tu que procuraste desmascarar a pitonisa no Senado? Será que não queres apenas para ti que ela vaticine?

Nisto, vinda não sei de onde, Marta surgiu, levada num alto palanquim.

Todas as atenções se voltaram para ela.

— O nobre Sextílio apenas me fez um desafio — falou ela, enquanto todos se calavam estupefatos, em supersticiosa atitude. — Ele destruiu para ver se eu consigo construir em pouco tempo a Vila. Caio Mário não precisa de Marta para vencer o consulado, nem de reptar um nobre para vencê-lo nas suas pretensões. Mário tem seu valor e Sextílio tem o seu. Não seria justo com os deuses se te deixasse me usares a prejuízo de meu ex-senhor, a quem devo tantas lições!

E, sem esperar que mais alguém falasse, ela fez um gesto para os servos que a conduziam e lá se foi, acima da cabeça da multidão, carregada por eles.

Minha discussão com ele prosseguiu, mas tudo em vão.

Corria o ano 647 de Roma e ele foi eleito cônsul, por grande maioria. Só me restava, portanto, aprestar meu casamento com Odila, pois reconh (ilegível) o poderia retornar às lides guerreiras. Nunca ma (ilegível) a destreza de antes. Pensei em aceitar alguma incumbência numa das províncias, após meu casamento. Talvez na Espanha, ou na Gália me dessem algum governo. Isto me poria longe de Roma e de Marta e Mário. E isto era tudo o que eu desejava, por ora.

Amigos meus, de papai e de Aurélio se ofereceram para conseguir-me as graças de um novo lugar. Logo eu me casava ante o júbilo materno, e as festas de meus esponsais duraram vários dias. Coríolano às vezes me referia, como quem não quer dizer nada, os esforços de Marta na recuperação de minha antiga propriedade. Ela estava recebendo muito dinheiro de famílias ricas, às quais Júlia e Mário a apresentavam e, pouco a pouco conseguia, a duras penas, recuperar o solo, as árvores, os jardins. Em Roma o bulício causado pelo seu esforço, já que pensavam era um desafio entre nós dois, ganhava as ruas e os comentários entre servos e nobres. Eu desejei, pois, a todo custo, sair de uma vez por todas de Roma. Muitas vezes cruzei com Júlia, que sempre me foi atenciosa e seu menino, demais parecido com o pai. Mário se preparava, após a vitória no Senado, para retornar e cumprir o que prometera, subjugar em poucos dias a Jugurta. Não demorou muito e todos sabiam que ele estava aliciando homens, com promessas várias, entre a mais torpe ralé de Roma. Pessoas do povo comentavam abertamente que qualquer que provasse ter músculos e ser capaz de obedecer Mário, seria admitido no seu exército. Foi em vão que Cota e outros senadores, mais magistrados, saíram a campo no tentame de impedi-lo. Ele arrebanhava gente com uma rapidez impressionante, aprestando barcos para transportá-los para o campo de luta. Em poucos dias

partia, cheio de empáfia, em direção à África. Eu enviara um “correio” com a notícias sobre ele a Metelo. Minhas novas chegaram e o capitão, desgostoso com as vitórias de seu antigo cliente, e, mais ainda, informado de quanto ele andara falando a seu respeito, da sua enorme ingratidão, da maneira como se houvera para arrebatá-lo, já no fim da guerra, os louros conseguidos, na dignidade que o caracterizava, disse a Rútílio:

— Não ficarei para receber este ambicioso! Transmite-lhe o cargo e todas as honras! Retorno a Roma, pois nunca procurei o brilho para mim, antes o quis para meus concidadãos. Mário terá o que pede e um dia os deuses lhe darão o que merece. Vou poupar-me o desgosto de entregar-lhe o posto, ou forçá-lo a que m’o tome. Passa-lhe tu o cargo.

Metelo se aprestou com homens de sua confiança e partiu de retorno a Roma, onde apresentaria o relato de seus feitos e sua renúncia ao cargo com o qual o tinham dignificado. A contragosto, Rútílio passou as ordens a Mário, logo que ele chegou ao acampamento. No ardor de sua ambição, ele providenciou algumas sortidas e dispôs espias para encontrar o rei negro, já totalmente perdido e sem ter a quem recorrer. Mário não se impressionou com a perda de vidas. Queria cumprir o que prometara durante sua campanha, e enviava os homens a combate, querendo dizimar populações inteiras, desde que chegasse ao rei negro. Entrementes, enquanto ele pugnava pelo cargo, Sila conseguira muito progresso. Avistara-se com Boco, genro do rei, e propôs-se a ficar como hóspede dele, a benefício de Mário. Este, nem por um momento, desconfiou de seu pupilo, o pretor que mais vitórias conseguira e que lhe parecia fiel. Sila partiu e deixou-se ficar como hóspede de Boco, mesmo sabendo que aquele o poderia trucidar, de um momento para outro. Ele contava com a conivência e o mau caráter do jovem, certo de que ele faria o que mais lhe conviesse aos interesses. A guerra já fora ganha por Metelo e só faltava agora capturar a principal presa. Sila sabia que Jugurta estava nas mãos e nos domínios de Boco e, apesar deste ser seu genro, apostava que por dinheiro e liberdade, este lhe cederia o sogro.

Durante muitos dias ficou prisioneiro do jovem negro, imerso em dúvidas atroz. E se “aquele patife” resolvesse de repente mudar os planos e não entregar-lhe o velho, conforme haviam anteriormente combinado, numa noite de orgia? Sila apostou sua vida, seu posto e seus homens, só pelo prazer que lhe daria arrebatá-lo a Mário a glória da captura de Jugurta e entrar triunfantemente em Roma. E a vida pagou-lhe o prêmio de seu esforço. Finalmente Boco consentiu em entregar-lhe o velho rei, que, totalmente

perdido, confiara em que os laços de sangue bastassem para garantir-lhe a vida. Numa memorável tarde, Jugurta foi manietado e entregue a Sila. Este prometeu levantar o cerco da cidadela de Boco e celebrou com ele um acordo de paz e boas relações. Em seguida, pôs-se a caminho da fortaleza romana. Contava partir para Roma, mas antes, trataria de espalhar por toda a tropa e até à cidade Imperial, que ele fora o captor de Jugurta e não seu novo capitão. Desta forma, tal como Mário arrebatara a Metelo sua glória, assim também Sila agiu para com ele, mas, se um dia pudessem avaliar o alto preço desta ação, por certo, nenhum dos três haveria de querer cobrar ou pagar o preço deste feito. Somente as vidas sucessivas haveriam de ensinar-nos a todos como, às vezes, o que parece vitória aos olhos do mundo, é flagrante derrota aos olhos de Deus.

Capítulo XXVII

Retorno a roma

Eu me preparava para sair de Roma, rumo à Espanha, num posto de governador, quando as tropas vitoriosas começaram a chegar. Achei de bom alvitre aguardar mais um pouco, antes de pôr-me a caminho, assim veria meus antigos companheiros. Compreendendo-me, Odila não opôs nenhum argumento à nossa partida. Enquanto isto, outros senadores confabulavam se melhor não lhes fora terem-me na antiga Cartago, pois sempre se temia que um dia pudesse ela se reerguer das cinzas e sempre era um ponto estratégico e de importância. Consultado, meu pai não se opôs à mudança de rumo que eu tomaria, nem Odila se desgostou, pois Cartago exercia sobre ela um estranho fascínio, que só as reminiscências reencarnatórias explicariam.

A captura de Jugurta demorara um ano de marchas e contra-marchas, desde a eleição de Mário como cônsul.

Com Metelo, me chegaram cartas de Otávio e Lêntulo, pondo-me a par de parte de suas lutas e do cansaço que se apoderava deles, bem como da saudade que sentiam dos seus. Lêntulo pedia-me que providenciasse assistência a Cloé, mas a casa de diversões que ela comandava lhe provia dos bens materiais indispensáveis. Este triste e velho comércio, conquanto não fosse por ela exercido diretamente, gerava tanta infelicidade que os benefícios das alegrias familiares, lhe seriam muitas vezes tirados, no futuro, pelas ligações infelizes daqueles momentos.

Eu não podia explicar a Odila a necessidade de estar com ela, e, pretextando outros motivos, mesmo na preocupação que alguém lhe referisse minha ida àquela casa, e daí ela tirasse conclusões errôneas, saí, na manhã seguinte, rumo à sua propriedade.

Tão logo fui anunciado, e Cloé, com os olhos ansiosos o agradecidos, dirigiu-se ao “atrium” onde a aguardava.

— Há quanto tempo, nobre Sextílio, não temos o prazer de receber-te em nossa casa! Agradeço-te e folgo em poder dizer que muitos sacrifícios fiz a teu benefício, e de tua saúde, e fico feliz por ver que realmente conseguiste superar todos os problemas, que o ferimento te causou.

— Mas senta-te. Eu quero que me desculpes se não te visitei, mas tu sabes que...

Ela ia comentar as humilhações que as matronas lhe impingiam e que tanto magoavam seu amor próprio, mas a fiz calar com um gesto.

— Eu bem compreendo. As más línguas não perdem ocasião para retalhar as mais nobres intenções, mas percebo que estás receosa dos motivos de minha visita.

— Lêntulo? Aconteceu-lhe alguma coisa?

— Não. Ele está bem. Recebi uma carta sua, que chegou junto ao capitão, e veio com ela um recado para ti. Achei que seria oportuno que eu te entregasse pessoalmente o mesmo, já que tive que romper o lacre, pois estava preso aos meus pargaminhos.

— Não te expliques. Eu sei que não o fizeste por mal.

E Cloé esfregava as mãos, para depois tomar avidamente o pergaminho que eu lhe estendia.

Correu os olhos rapidamente sobre ele e seu olhar se aljofrou de lágrimas.

— Oh! Bendito seja! Ele está bem!

— E eu não te disse que estava, e que logo haverá de retornar a Roma? — falou uma voz à nossa retaguarda.

— Marta! — exclamou Cloé correndo para ela com a voz embargada e lançando-se-lhe nos braços.

Estranhei aquela repentina chegada e mais ainda a maneira espontânea e infantil com a qual a experiente Cloé se lhe entregava, nas mais expansivas expressões de amizade e confiança. Quando eu mesmo propusera há anos, a vinda de Marta como sua hóspede, Clóe ficara na defensiva e abjurara os dons que atribuía à síria. Como é que minha ex-serva lhe submetera a vontade?

Ergui-me pela cena imprevista e inusitada e mais ainda porque, abraçando a amante de meu amigo, com um carinho que eu não podia reprimir, Marta me fitava por sobre os ombros da outra, com indefinível tristeza no olhar.

Sempre muito bem vestida e coberta de adereços, trazia a cabeça coberta por fino véu colorido, de seda, que lhe caía qual um manto, atrás das costas.

Envergonhei-me de lembrar do que fizera com a mansão que lhe entregara em estado inútil, pois passara por aquelas paragens há dias e reconhecera, à distância, seus esforços. Carretas saíam a transportar terra e outras entravam com novas, que vinham de longas distâncias, transportadas nelos bois, das regiões mais férteis ao Norte. Eu sabia quão caro aquele transporte deveria estar lhe custando, e não pude deixar de me envergonhar, apesar de me desculpar a consciência com o argumento de que eu quisera, apenas, castigar-lhe a ambição.

Cloé se recompôs e desculpou-se, pediu licença por uns instantes para ir empoar o rosto.

Eu não sabia o que dizer, mas por fim, controlando a emoção, fiz um gesto para que se sentasse.

Ela o fez com certa relutância, como se minha presença a constrangesse.

— Não sabia que te ia encontrar, senhor. Se soubesse teria evitado a ambos este confronto.

E, como eu me calasse, prosseguiu:

— Já te recuperaste totalmente?

— Sim. Pelo menos até onde foi possível.

— Isto é muito bom, pois os romanos vão precisar de muitos homens para sua defesa.

— Ora, Marta, Jugurta logo estará desfilando pelas ruas...

Tão logo eu falara, lembrei-me de que também ela “desfilara” entre os prisioneiros da Espanha, e me constrangí.

— Não me refiro à África — falou Marta, sem anotar meu desastrado

parecer. — Falo do país das neves, onde os homens se esconderam com seu rei, após terem sido expulsos pelos gregos há muitos anos. Falo das multidões que avançam, trazendo a morte e a devastação.

— Não te entendo.

— Falo dos povos que vêm da Tartária, que atravessaram os pântanos meótidas e se ocultaram nas regiões das florestas negras, onde os dias são longos e as noites duram meses. Eles já estão vindo e breve o clamor de sua passagem bárbara chegará a Roma.

E depois, fitando-me como se percebesse algo que eu não via, continuou de forma estranha:

— Não. Tu não irás. Não te baterás com eles. Eu sim. E novamente ficaremos separados.

Eu não entendia o que ela dizia e a vi perscrutar o interior, a ver se Cloé nos ouvia:

— Se puderes, cuida dela. Teu amigo Lântulo e ela estão muito mal. A ti pude livrar das almas errantes que vinham de assalto, mas a ela e a ele temo que seja difícil, pois ambos estão muito cercados. Lântulo torturou demais, e não se pode impedir o ódio dos que morreram sob a tortura, e ela não vê, mas este negócio, seu comércio, traz tanto mal...

— O que estás dizendo? Marta, perdeste o juízo? — perguntei sem altear a voz.

— Não podes me entender. Ah! Que não podes mesmo! Que tola sou! Não tenho a quem confiar quanto vejo. Só te peço que, se puderes, cuida dela. Olha que ela já vem.

Cloé entrara e Marta, com um gesto natural, sorriu-me com a maior inocência para dizer:

— Com que então tua esposa espera um filho? Que bom! Dize-lhe que mando um abraço e que se cuide bem. A senhora Odila é muito frágil. Permitirias que eu lhe desse um amuleto para protegê-la?

— Bem sabes, Marta, que não aprecio estes recursos.

— Como quiseres, nobre Sextílio, mas se m'ò pagasses eu o fundiria numa jóia com a qual a presenteasses.

— Agradeço-te, Marta. Prometo pensar — e dirigindo-me a Cloé: — Senhora, se precisares de alguém ou ajuda, envia ao Senado, nos dias em que lá vou, um recado. Estou à tua disposição, até a volta de Lêntulo, que se dará logo.

Cloé desculpou-se pela emotiva reação e acompanhou-me à saída. Antes de ir, voltei-me para Marta:

— Até logo. Que os deuses te sejam propícios.

— Até logo, nobre Sextílio. Que Minerva e Marte não se irem contra ti.

Saí dali abalado. Revira Marta e conseguira falar-lhe desta vez sem discussões infantis. Fizera bem em me casar. Isto terminava de uma vez por todas com qualquer influência que ela me tivera. Porém eu me enganava, pois a simples visão de sua figura confundira todos meus sentimentos. Vê-la me causara surpresa, mas também me dera uma satisfação que só conhece quem ama. A referência dela à gravidez de Odila, que eu suspeitava, mas que nem minha esposa me referira, ainda por aguardar ter a certeza, me confundia o raciocínio. Marta falara de meu provável filho com um carinho estranho. Como poderia ela amar o filho meu e de outra mulher, depois de ter há tempos jurado me amar? Sua conduta me transtornava e cativava.

Após alguns meses daquela nossa conversa, já ciente de que Odila esperava uma criança, eu me preocupava com sua delicada saúde e alarmava com os boatos que circulavam sobre uma possível invasão dos cimbrós ou ambrões junto a outros povos, pela Gália, com intenção de atingir a Itália.

Mas os boatos eram descontraídos e as referências sobre os invasores, seu número e seu aspecto totalmente díspares, para que se lhe pudesse dar maior crédito.

Entrementes, começaram a chegar os contingentes da África e festas suntuosas se aprestavam para receber o vitorioso exército comandado pelo capitão Mário. Na casa dos patrícios não se falava em outra coisa.

— Pode-se bem imaginar com que pretensões não tornará o plebeu, feito cônsul, a Roma — comentava Cota.

— Não terá tanta vaidade assim, já que Sila lhe roubou os louros da vitória — considerava Aulo Pompeu, exibindo uma moeda de ouro, esculpida com a efígie de Sila a receber Jugurta das mãos de Boco, seu genro.

— Onde conseguiste isto? — perguntei por minha vez.

— Pois ainda não a tinhas visto? Não há um só soldado que não tenha algumas e comprei esta de regalo, só para dar umas risadas diante de Mário. Sila as faz e usa também um sinete com esta efígie para selar seus documentos. Ah, Sextílio, que divertimentos não teremos tão logo cheguem e se verá o Senado em apuros para saber a quem creditar a vitória.

— Pois a quem, senão a Metelo? — comentou Cota amargurado — Que os outros dois capitães só foram tomar o comando quando este já houvera decidido os combates. Está aí Sextílio que pode comprová-lo, pois a vitória já era certa, quando ele tornou pelo ferimento.

— Bem, Aulo, já que estás mais informado — comentei revirando as mãos a peça que ele me entregara — diz-me quando chegam os dois vaidosos a recolher as ovações da população.

— Nestes dias os veremos, porém penso que nunca mais Sila terá de Mário o apoio. Uma cisão feia e rude nasceu entre ambos. Bem posso entender que a ambição de Mário jamais perdoaria ao antigo questor roubar-lhe a fama.

Não se haviam passado muitos dias daquela nossa conversa, e Odila me referiu o esperado nascimento de nosso filho. Eu estava feliz e orgulhoso, ela era um anjo do céu em minha vida. Estávamos fruindo as alegrias e cuidados daquela espera, quando umas pessoas se anunciaram à entrada. Corri a ver e topei com Lêntulo e Otávio, Rutílio e Trebônio que chegavam, ávidos por saberem de minha saúde.

Após demorados e emotivos abraços, feliz por revê-los sãos e salvos, perguntei dos festejos:

— Corremos a frente, porém devemos tornar, pois já devem estar diante dos portões e queremos estar na linha dos vencedores — comentou Lêntulo, dando-se pressa em retomar à via principal.

— Vem, Sextílio — pediu Otávio — Queremos ver-te no palanque de

honra.

Eu soubera, mas me atrasara para os festejos, devido a uma indisposição de Odila, que redundara na confissão dela quanto à criança, mas agora iria, pois ela mesma me pedia isto:

— Vai, meu querido. Anda, para que não percas, nem um momento, as emoções desta vitória tão custosa, principalmente para nós dois.

Encantado com sua doçura, abracei-a ternamente, saindo à pressa junto aos amigos.

Enquanto eles demandavam seus lugares de honra junto à tropa, eu me sentei entre os pares do Senado, observando a multidão que se aglomerava por todo o percurso da entrada de Roma, a ovacionar e saudar seu exército.

Após os batedores e os carros de triunfo, peçados de jóias e adereços que foram guardados no templo de Júpiter veio a bênção dos sacerdotes do culto e começou o desfile dos prisioneiros de guerra que seriam alvo de leilões e espetáculos públicos.

A frente, enjaulado como um animal, vinha Jugurta, rei númide. Percebia-se, pelo seu aspecto sofrido, que a derrota muito o abatera. No entanto, permanecia ereto, segurando as grades com as mãos ossudas como garras, o olhar perdido entre a multidão que o apupava e um sorriso estúpido no rosto. Era um trapo sub-humano e, contudo, ria-se para todos, como se não entendesse bem o que se passava, ou como se quisesse arrostar a própria desgraça. A visão daquele homem esfarrapado causou-me profunda repulsa. Toda a leva de prisioneiros que se lhe seguiam faziam-me recordar os instantes vividos do outro lado do oceano, e fantasmas destas lembranças me perseguiram o pensamento, como a me inculpar de algoz de um sem número de desgraçados. Apesar do orgulho com o qual eu assistia do palanque oficial ao desfile daqueles miseráveis subjugados pelos romanos, no fundo do meu espírito algo feito de remorso e angústia começava a emergir, traduzido numa tristeza que não tinha, então, para mim, uma explicação plausível.

Todo o dia duraram as manifestações de euforia popular e os festejos. Era noitinha quando vi Mário e seus tenentes, entre eles meus amigos, coroarem o espetáculo. Os soldados transportavam tochas e a multidão delirava jogando flores sobre os vitoriosos chefes da empreitada. Parecia que todos, naquele

momento, se esqueciam dos méritos de quem ideara e comandara aquela empresa. Propositadamente, Metelo se ausentara da cidade. Não daria a Mário o prazer de tripudiar sobre ele, nem disputaria uma glória que sabia lhe pertencer. A atitude deste homem muitas vezes me levaria a reflexões profundas e a Mário traria não poucos motivos de meditação, quando a dor o visitasse.

O que eu não soubera, devido a ausência em parte dos concíbulos do Senado, é que o povo elegera Mário cônsul pela segunda vez, antes mesmo que ele retornasse à cidade Imperial. Cota se batera contra e outros também, inutilmente. Eles pensavam que, tendo a lei a seu favor, ninguém ousaria passar-lhes em cima. Enganavam-se. Os boatos descontraídos que circulavam com respeito ao avanço dos cimbrós e seus aliados em direção a Gália, impetuosamente varrendo de sua frente todos os povos que se lhe antepunham, empurrara o povo a eleger Mário cônsul pela segunda vez, sem respeitar o prazo que a lei exigia entre dois consulados exercidos pelo mesmo magistrado. Vi, pois, surpreso, Mário dirigir-se não apenas como triunfador, mas naquele 1º de janeiro de 650, dia que começava o ano romano, usando Jugurta imbecilizado como troféu maior de sua conquista, ele que se jactara de que o havia de arrastar por aquelas ruas, vi-o também tomar posse do consulado.

Mário discursou à população, enaltecendo seus feitos e de seus comandados, falando da astúcia e coragem de seu prisioneiro, a fim de mais se exaltar. Este era um espetáculo que eu jamais esperaria ver. Ele nem se comoveu quando o ex-rei númide desmaiou em meio aos festejos, sendo levado para a prisão pelos lictores. Sila seguiu com eles, enquanto o cortejo triunfal prosseguia. Na cela, percebendo que alguns de seus comandados cobiçavam os largos brincos de ouro do prisioneiro, Sila, meio embriagado, ordenou:

— Nem pareceis romanos, soldados. Atrapalhai-vos como mulheres para tirar-lhe os brincos? Anda lá, cortai-lhe as orelhas!

Sem esperar nova ordem, dois homens adiantaram-se tomando para si os despojos reais que ainda sobravam. Rindo muito ao ver o sangue que escorria da ferida, Sila saiu dali para assistir ao restante dos festejos.

Eu não via a hora de ver terminado o espetáculo, conquanto o orgulho de haver participado daquela vitória. Aliás, isto mesmo Cota disse no ambiente

seleto do Senado, exaltando meus feitos e creditando por palavras a Metelo, o gáudio da vitória. Estava Cota a discursar, quando Mário adentrou o recinto, ainda portando suas vestes militares. Foi um espanto, um verdadeiro escândalo, pois com esta atitude ele afrontava os senadores. Levantando-me na tribuna reptei-o:

— Entras neste recinto como militar?

Percebendo que todos os olhares se dirigiam para ele e que estava causando, por segunda vez, profunda vexação entre seus pares, Mário teve um rompante de atrevimento, mas logo recuou:

— Entro neste recinto como um romano que trouxe a Roma o que lhe prometí: o final da guerra e o aprisionamento de Jugurta.

E retirou-se, procurando com um servo a toga consular com a qual retornou para as cerimônias de triunfo.

Enquanto isto, em meio à população, Sila festejava a seu modo as suas particulares vitórias.

Capítulo XXVIII

Uma dura perda

Enquanto a guerra prosseguia do outro lado do Mediterrâneo, dando renome a Mário e Sila, muitos outros combatentes haviam sido enviados através de Gália e da Espanha Ulterior, a fim de darem nas longas fronteiras, cabo de uma missão: circunscrever, vencer e deter o passo das legiões bárbaras. Contudo, nenhum dos comandantes enviados para estes misteres havia se saído a contento, e as notícias que nos chegavam, a cada leva de combatentes que tornava, eram mais e mais alarmantes. O número referido dos bárbaros que desciam das regiões das neves eternas, era tão grande que não podíamos crer. Impossibilitado de batalhar, eu me remoía por ver quantos iam e tornavam e como eram descontraídos seus relatos, só se interligando num único ponto: o do terror que traziam aqueles povos que não se sabia bem de que raça eram, pois pareciam antes serem a mistura de muitas delas, e do seu número incalculável.

Nem bem Mário se empossara no cargo de cônsul e o povo que o ovacionava exigia, pelas ruas, sua escolha como comandante das guarnições que defenderiam Roma das incursões dos bárbaros. A população ouvia referências dos soldados que chegavam e o terror dominava todas as mentes, ao pensar nos povoados saqueados, na violência e devastação que se seguiam ao assalto sempre impetuoso destas hordas, e Mário era para ela o único capaz de deter seu avanço, que visava a Cidade Imperial e todo o território dominado, então, pelos romanos. A covardia de alguns generais que o haviam antecedido e a facilidade encontrada pelos bárbaros em seus avanços, a fortuna que iam amealhando em meio aos saques, tudo os induzia a avançar e não se contentar com menos do que tomar a Itália.

Ao que parece, para Mário foi um favor da Fortuna que tais povos viessem a sacudir a segurança do Império, pois isto lhe daria meios de se evidenciar ainda mais. Em meio a estas preocupações ninguém se lembrou do rei númide, meio ensandecido, que ficara a sangrar na cela. Durante uma semana Jugurta não se alimentou e ninguém tratou dele. Quando Mário se lembrou do antigo

rei, no pressuposto de usá-lo ainda para algum móvel de vaidade, encontrou-o agonizante no frio calabouço. Fome, anemia, infecção, tudo na sequência de sua desgraça, havia coroadado uma vida de insensatez e maldade, que prosseguiria do Outro Lado, na cobrança de suas vinditas.

Mário mal teve tempo de arguir Sila e novamente o ódio e rivalidade se acendeu entre ambos. Ambiciosos e aguerridos, porém inteligentes e decididos, aqueles dois homens sabiam não apenas valorizar um as ações do outro, como procuravam se suplantar nelas. Em meio aos preparativos das novas legiões, que partiriam no encalço dos salteadores que chegavam, lembrei-me das cenas no Senado, anos antes, quando Marta fora escorraçada dali, como embusteira, por mim e meus amigos, e das visões que nos haviam sido mostradas no piso marmóreo, tendo como espelho as águas lançadas impetuosamente por ela da bacia. Compreendi alguns de seus vaticínios e as palavras que me dissera, em casa de Cloé. Realmente ela tivera razão. Como eu pudera ter agido tão covardemente naquela ocasião, e tão tolamente também? Só o orgulho era a resposta à minha pergunta. Só o orgulho e a vaidade enorme que sentia, e que ainda me tinham prisioneiro às circunstâncias especiais de meu nascimento nobre. Eu não podia, apesar disto, retomar o fio da vida e refazer os acontecimentos. Em casa, Odila sofria terrivelmente a gestação que era móvel de tantas alegrias e esperanças. Relembrei as palavras de Marta e mandei Coriolano à sua presença a pedir-lhe fundisse, ao preço que fosse, a jóia com o amuleto, na tentativa de evitar à minha esposa o agravamento do seu estado. Nem mesmo tive coragem de ir pessoalmente pedir-lhe isto, porque não encontrava forças para pisar no antigo umbral da porta que fora minha morada, e ver de perto a propriedade, analisando minha baixeza no pagamento do meu trato para com ela.

Odila andava num desânimo e inanição terríveis. Em vão eu chamara à nossa casa a presença dos melhores médicos de então. A comida não ficava muito tempo no estômago e suor frio e abundante a envolvia. Em meio a tal sofrimento, ela procurava reagir na sua natural meiguice e sentimentos maternos. Amargurava-me vê-la por aquele modo e contava os dias, na esperança de que tudo passasse logo, pois, segundo dissera minha mãe, às vezes a gestação dava tais transtornos nos primeiros meses, para depois melhorar. Aguardei impaciente que Coriolano tornasse da missão que eu lhe dera. À tardinha ele voltava, ocupando meu melhor cavalo para o transporte, com um sorriso que indicava sucesso. Tão logo apeou, o servo tratou de me entregar um pacote:

— Eu consegui, menino, eu consegui, mas d. Marta não garante nada. Ela fez uma porção de reza das dela e depois disse que d. Odila num tá nada bem.

— Isto eu sei, Coriolano. Se ela estivesse bem, que necessidade teríamos de recorrer a Marta? As vezes me pergunto se não devemos a ela o estado de Odila, pois ela já sabia de sua gestação antes de nós.

— Que os deuses perdoem o senhor, menino Sextilio. D. Marta não pode ter nada com isto. O filho é seu e ela só quer ajudar. Tem que ver que luta para ficar bonita a casa de novo. Nem parece mais aquela desgraça que eu deixei para trás. As árvores do pomar ela comprou das grandes, e toda a terra foi tirada. O tanque do jardim tem peixes lindos de dar inveja e já tem flores em torno da casa. Só falta mesmo uma parte do terreno para ser lavado que é o mais baixo, pois Marta é esperta, foi tirando as terras de cima primeiro, para que a chuva não carregasse a estragada, e tudo com barreiras, para impedir a perda de um só grão. Ela não é tola como parece, nem é má, como o senhor pensa. Se fosse má, por que haveria de mandar o amuleto para d. Odila? Mas ela avisa que pode ser tarde, e por isto eu vim correndo.

Tudo que Coriolano me referia tinha sentido, mas a doença de Odila, sua prostração cada dia maior, me levavam à revolta, ao desânimo e à desconfiança. Tratei de levar o amuleto, para que ela o pusesse ao pescoço, e logo adormecia profundamente. Nem precisei dizer quem lhe enviava aquilo, porque adivinhou e me agradeceu:

— Os deuses te recompensem o sacrifício, Sextilio. Não quero perder nosso filho.

Houve uma melhora acentuada nela. Adquiriu cores mais firmes no rosto e começou a comer. Eu mal podia acreditar. Sempre fora avesso a tolas superstições, que creditava à ignorância do povo, mas não podia ignorar que ela melhorara, após colocar ao pescoço o amuleto enviado por Marta. Deste modo, sem poder ficar a dever-lhe um favor, escolhi uma jóia de alto preço e mandei-a por Coriolano. Ele tornou a mim com um recado decorado:

— Marta agradece e não recebe como pagamento, mas guarda por ser lembrança de Sextilio.

Era bem claro para mim que ela me declarava novamente seu amor. Minha vaidade se acendeu. Sorri pensando em como ela devia me amar para perdoar-

me, depois das múltiplas peças que lhe pregara. Achei que a satisfação que sua resposta me proporcionava era devida ao meu orgulho de homem, mas me enganava novamente. A alegria que ela me dava tocava mais fundo, pois reacendia o amor que eu teimava em negar e que continuava a sentir por ela. Coriolano me informou que Marta estava de partida, junto ao contingente de Mário e que eu cuidasse bem de Odila, pois ela temia por sua saúde. Apesar da preocupação que sua referência me causava, achei que Odila estava tão bem que nada poderia mais atrapalhar sua recuperação, e enfureci-me por perceber que ela partiria na condição de pitonisa do plebeu, para lhe ganhar os favores. Ela sempre era levada em liteiras especiais, transportada em palanques por sobre a cabeça do povo e levantada acima dos demais, em qualquer comemoração. Vestia-se suntuosamente e cheia de adereços, muitos cobiçados pelas romanas. Seu manto púrpuro era tingido duas vezes, coisa que a maioria não podia fazer. Marta estava cada vez mais linda e exuberante. Não lhe bastava tudo quanto conseguira? Precisava ausentar-se e ir até o campo de batalha, no serviço ao antigo plebeu? Senti uma raiva incontida. Lembrei-me com rancor de que ela me separara de Júlia. Por que não fizera o mesmo com Odila? Eu não podia entender aquela mulher! Como poderia, então?

Mário partiu e o fez de forma escandalosa, obrigando seus comandados a saírem em marcha a pé, carregando, às costas, suas mochilas. Quando seus lugares — tenentes reclamaram, ele mesmo apeou e tomando parte do equipamento que deveria levar, foi ao lado do cavalo em marcha quase acelerada. Contavam depois que ele dissera:

— Ouvistes que ides combater homens de mais de dois metros com caras de animais. Começai desde agora a acostumar-vos com a dureza dos combates, pois se cairdes pagareis com a vida. Não pretendo dar moleza a ninguém. Quem for covarde, que fique em Roma com as mulheres, até que estes bárbaros aqui venham para tomá-las de nós.

Júlia acompanhou a partida das guarnições ao lado do filho e dos parentes. Aulo Pompeu m'ò referiu. Preso por febre estranha, Lêntulo fora impedido de partir à última hora, devendo seguir depois, tão logo melhorasse, junto a alguns retardatários. Trebônio veio despedir-se de mim:

— Sinto muito que não mais tenhamos a ti no comando — falou com sinceridade comovente que a mocidade e a nobreza lhe emprestavam. — Quem sabe poderás no futuro ainda nos valer. Nunca me esquecerei do calor e coragem com os quais defendeste Turpílio à morte. Teu exemplo me

acompanhará e dará forças para prosseguir.

— Meu caro jovem — falei de minha parte — Turpílio jamais será lembrado como covarde e traidor, e nisto estou bem pago do meu esforço. Faze tu mais: impede Mário ou qualquer outro de matar ou roubar a honra a um patrício.

— Eu o farei — disse-me ele — Quando tornarmos do combate, penso já verei teu filho um homem, que as lutas prometem ser longas e duras. Queres que eu mande notícias?

Pensando em Marta, porém sem querer trair meu secreto mal, repliquei:

— Faça-o, sim. Faze mais. Refere-me tudo que houver, o andamento das lutas e até mesmo me conta as peripécias de Mário, levando esta mulher síria com ele.

Trebônio percebeu o que eu ocultava, mas com generosidade fingiu não ver:

— Contar-te-ei tudo e cuida-te bem. Que os deuses te protejam!

— Que eles te tragam de volta coberto de glória! — foi minha resposta.

Junto a Mário partiu também Catulo, um nobre e bondoso patrício, que fora meu colega nos tempos infantis. Depois de ver Metelo tripudiado por Mário, fiquei a pensar o que não faria ele para obumbrar o valor de Catulo, de Otávio, de Trebônio e de outros. Nem pude, contudo, ater-me demais a estas questões, pois o estado de Odila teve uma piora inesperada. Dores fortes a acometeram e ela resistia, porém via-se-lhe o esforço para não gritar. Mandei Cósroe a pressa à procura de um médico que residia próximo à nossa casa. Ele veio prestamente ao meu chamado. Enquanto ele ficava ao seu lado, em nosso quarto, eu andava como um semi-demente pela casa. Mil pensamentos me angustiavam. Eu não podia recorrer a Marta, e já mandara sacrificar aos deuses lares, por um sacerdote. Não seria o amuleto o causador da desgraça? Não estaria por aquele modo Marta separando-me de Odila, como de outro me separara antes de Júlia? Preso a incoercível desgosto, adentrei meus aposentos, onde o médico se surpreendeu ao ver minha investida, e sem dar-me conta do que fazia, caminhei para minha esposa e arranquei do seu pescoço o amuleto rústico que trazia preso a uma fina corrente de ouro. Odila percebeu meu gesto e quis impedi-lo mas não teve forças. Saí dali alucinado de dor e revolta.

A vida de minha mulher perigava e o filho que tanto queríamos, eu o sentia, estava perdido. Chorei em desespero por longas horas, até que mamãe me viesse buscar, para dizer que Odila se salvara, mas a criança, infelizmente, perecera.

— Era um menino — ela ainda falou com imensa amargura no olhar.

Fitei o amuleto em minhas mãos e pensei enlouquecido que Marta usara aquele meio para furtar-me a ambos, mas com meu gesto eu conseguira salvar Odila. Pensamento louco, por certo, sugerido por inimigos que me espreitavam, pois eu não sabia que minha própria irmã Faustina, cujo espírito vagava por nossa casa, é que prostrara minha Odila, encontrando em seu organismo os meios adequados e, no amor que me tinha, um ciúme doentio pelos que se aproximavam de mim. Também os seres que eu subjagara e vencera na Numídia cercavam meu lar, procurando vingar-se dos maus tratos e da morte. Incapaz de compreender e saber, debitei a Marta todos os insucessos e desgraças da minha vida, amaldiçoando sua lembrança. E guardando o amuleto com a finalidade de lançar-lhe ao rosto tudo quanto sentia, procurei o aposento onde minha mulher repousava, após agradecer ao facultativo, procurando sopesar as lágrimas. Ela estava lívida. Seu olhar me fitou com dor inenarrável e lágrimas quentes desceram-lhe das faces.

— Tudo bem, querida. O importante é que tu não me deixaste.

Odila procurou sorrir e logo dormiu, presa de cansaço e sofrimento.

Afastei-me, então, dando lugar às lágrimas que já não podia conter.

Capítulo XXIX

Trebônio e Caio Lúcio

Profundamente abatido com os infaustos acontecimentos que quase culminaram com a morte de Odila, resolvi cercá-la de todo o carinho, satisfazendo seus mínimos caprichos. Conhecendo sua atração por Cartago, tratei de prometer-lhe nossa ida para lá:

— Minha querida, trata de ficar boa logo, pois só assim poderemos zarpar em direção à cidade que tanto fascínio te exerce — falava eu, obrigando-a a alimentar-se, a fim de adquirir mais forças.

Odila sorria, segurando as lágrimas e engolia algum petisco, para me agradar, mas logo a lembrança do filhinho perdido vinha assaltá-la, mergulhando-a em profunda prostração psíquica.

Sua moléstia tomava grande parte do meu tempo, pois não regateava esforços no sentido de agradá-la. Culpava-me interiormente pela aquisição da peça que eu pagara com uma jóia caríssima a Marta, e à qual eu debitava o infortúnio que me tomava o lar. Todos os sonhos para com meu herdeiro haviam sossobrado. A amargura e tristeza me tomavam de assalto, mas eu tinha esperanças fundas de ainda virmos a ter um filho nosso, eu e Odila.

Num daqueles dias, tendo saído pelos arredores de Roma, em passeio com minha esposa, que só aceitara sair para me agradar, estando ainda profundamente abatida, cruzamos com Júlia, que ia num transporte, tendo ao lado um lindo garoto, muito parecido a si nos traços e com os cabelos alourados do pai. O pequeno Mário, na alegria natural dos meninos, procurava abarcar com a vista o maior número de circunstantes e, não sei porquê, atraído pela nossa pessoa, deu de dar adeuses a Odila. Foi quanto bastou para que ela, observando o frescor e alegria que se irradiavam daquele semblante, tivesse um rompante de choro convulso. Naquele breve instante em que nos cruzamos, Odila e Júlia se fitaram intensamente e eu, desgostoso com a situação inusitada, ia dar ordens a um servo para que nos levasse dali, quando Júlia, parando ao nosso lado, desceu, estendendo as mãos à minha esposa:

— Estimo ver-te em recuperação, nobre Odila. Salve, Sextílio. Que a amargura não mais encontre guarida em teu lar. Fiquei muito triste com o acontecimento que enlutou tua casa. Convido-vos para irdes até minha propriedade, a fim de espairecerdes as idéias.

Agradei o convite inusitado, sabendo a senhora quanto eu detestaria ir à sua propriedade, agora que estava consorciada com Mário, mas Odila, contendo o fluxo do próprio desespero, estendeu-lhe as mãos, e forçou um sorriso:

— Agradeço-te a bondade, nobre Júlia. A visão de teu adorado menino me emocionou na lembrança do meu, que perdi. Possam os deuses conservar-te esta jóia rara.

Júlia tomou a seu transporte e eu demandei nossa casa, profundamente abatido. Não era justo, raciocinava, que a Fortuna fosse tão dadivosa para com Mário e me tirasse tudo quanto podia ser motivo de minha felicidade. Roubara-me o poder militar, tirando-me do campo de luta, inclinara-me agora à magistratura, num período de lutas, que só dignificaria um oficial, e acabara por levar-me o herdeiro dos meus sonhos de homem, quando dava ao plebeu um guapo garoto. Amargura profunda tomou-me de assalto. Abatida, Odila retornou aos seus aposentos, apresentando uma recaída em seu restabelecimento. Não poderíamos demandar Cartago, enquanto não a sentisse suficientemente restabelecida.

Enquanto isso, nosso exército prosseguia sua marcha, na determinada procura dos invasores estranhos, cuja fama estremecia os alicerces do nosso império. Mário usava os recursos mais extravagantes na preparação da tropa. Impunha-lhes esforços físicos inauditos, marchas forçadas, abertura de fossos e fortificações, montagem de pontes e barragens, através do percurso. Parecia querer enrijecê-los, mas também preparava, a todo pano, um cenário adequado a qualquer recuo, deixando atrás de si homens postados no percurso e barreiras intransponíveis, caso tivesse que retornar por aqueles caminhos. Apesar do clamor com o qual os soldados o obedeciam, em seus mínimos desejos e ordens, todos desejavam logo o combate e não aquele prolongar contínuo de tarefas estafantes. De um lado havia os descontentes, e de outro, aqueles que obedeciam e ficavam admirados com a tenacidade com a qual Mário participava de todas as tarefas, dando exemplo de laborioso esforço. Grande parte dos homens sob seu comando se compunha de criaturas de mais baixa condição social. Mário os houvera aliciado, quando do primeiro

consulado, para a vitória na África e agora os incorporara ao novo contingente. Muito havia recebido em críticas por tal procedimento, pois, até então, ninguém escolhia soldados a não ser entre as classes mais nobres. Mário romperá com esta atitude, prometendo saques e fortuna, bem como posição a todos os que se alistassem sob suas ordens. Porém não lhes poupava o arrebatamento de seu temperamento intempestivo, nem a dureza da preparação para os combates. À medida que marchavam, iam colhendo informações acerca dos povos que iriam enfrentar. Dizia-se que o número de combatentes era superior a trezentos mil e se faziam acompanhar por mulheres e crianças, familiares destes. Corriam os boatos mais descontraídos e havia aqueles que diziam ser os atacantes antigos piratas do mar Báltico. Com relação ao aspecto físico contavam coisas tenebrosas, como se aqueles seres fossem saídos das mentes mais doentias, tamanha era a ferocidade que lhes creditavam.

De acampamento em acampamento, guardando as posições avançadas e procurando conter o espírito dos colonos das diversas regiões, as tendas romanas se erguiam numerosas. Todas as questões, desde a mais ínfima até a mais importante, passavam pelas mãos de Mário e eram móvel de sua decisão. Percebia-se-lhe no espírito uma capacidade maior de abranger todos os acontecimentos, e Catulo e Otávio observavam a maneira como ele sabia conduzir-se nos julgamentos mais simples, com o móvel de granjear ainda mais admiração da tropa.

Ora, havia entre os seus serviçais mais chegados, entre seus comandados mais graduados, alguns parentes, que ele soubera muito bem colocar na milícia. Entre eles, havia um seu sobrinho, ainda na flor da idade, que não era mau, nem inepto em suas funções, porém que tinha um defeito muito grave, que era o de se apaixonar por homens bonitos. Desde o momento que tal jovem pusera os olhos na figura máscula de Trebônio, não cessava de oferecer-lhe seus benefícios, nem de cercá-lo com as propostas mais absurdas e inusitadas. À princípio, Trebônio, que não via com bons olhos o cerco do sobrinho do cônsul, procurou safar-se com elegância de suas investidas, tendo, por fim, ao perceber sua insistência descarada para com ele, referido com altivez e sinceridade, que jamais se dobraria aos seus caprichos.

Otávio e Catulo acompanhavam as cenas de assédio de Caio Lúcio, de acampamento em acampamento, de sortida em sortida, com profunda preocupação, pois conheciam de sobejo a personalidade ardente do moço e a teimosa disposição de Trebônio a respeito.

— Conta a Mário o que acontece — ponderava Otávio, procurando auxiliar o jovem.

— Para quê? a fim de que ele me entregue numa bandeja às mãos do sobrinho? — replicava enraivecido e chocado — Como se não te lembrasses da maneira mesquinha como ele se houve em relação a Turpílio.

— Tens razão — secundava Rutílio — Este plebeu não é do molde de um Metelo, que tanta falta nos faz, pois humilha seus comandados mais graduados, obrigando-os aos serviços mais rudes, só entregues aos menores servos das milícias...

— Sempre penso melhor referir-lhe estes insucessos, ponderando que, vendo tua resistência ao assédio do sobrinho, ele lhe fale francamente, concitando-o a uma mudança de atitude — falava por sua vez Catulo, sob a luz bruxuleante da tenda do acampamento. — Penso, Trebônio, que não haverá outro meio, pois sei que Caio Lúcio não é rapaz de aquietar-se nestes assuntos, tendo já violentado outros que lhe ofereceram resistência.

— Prefiro a morte a ceder aos seus caprichos. E se ele teimar, conhecerá a dureza da minha espada — dissera Trebônio arrebatado.

Após mais algumas semanas, quando finalmente acamparam num terreno amplo da Espanha Ulterior, depois de cercarem-se de toda precaução, numa noite, estando Trebônio a dormir, foi manietado e levado à tenda de Caio Lúcio. Profundamente enraivecido, ao perceber-se nas mãos daquele jovem, Trebônio pediu para conversarem a sós. Caio pensou que ele finalmente concordaria com seu projeto e mandou que o desamarrassem, apesar dos protestos de um seu subalterno, por si apaixonado, de nome Caraccioli, que apesar das ordens de seu superior, ficou próximo da tenda, procurando ouvir tudo quanto acontecesse.

Uma vez a sós com o sobrinho do seu comandante, Trebônio, profundamente chocado com a violência de que estava sendo vítima, reptou energicamente a atitude do jovem. Chamou-o aos brios, referindo à forma arbitrária pela qual procurava atingir seus fins, não os tendo conseguido pela persuasão e suborno. Confessou que era membro de uma das famílias mais nobres de Roma, e, por sua honra, daria com muito prazer sua vida.

— Admira-me que o sobrinho de nosso capitão, se haja como um

salteador comum das estradas, violentando aqueles que se pejam de se deixar levar por suas sórdidas propostas — falou Trebônio encolerizado.

Percebendo que o mancebo não pretendia deixar-se levar por suas intimidações, Caio Lúcio, que já antevira a possibilidade de um contato apaixonado com ele, foi tomado por súbita cólera:

— Não queres por bem, será por mal, até que aprendas a não me negar teus carinhos — falou ele, chamando incontinentemente a Caracciolie outros que haviam se postado a guardar-lhe a porta.

Entraram três de seus mais valentes amigos e amantes e travou-se uma luta cruel dentro da tenda do acampamento. Caio perdera completamente a compostura, diante da insistente e firme negativa do jovem Trebônio. Em meio às lutas, ordenou o sobrinho do plebeu que o atassem para que ele pudesse, enfim, saciar seus desejos, Trebônio lutava ainda tenazmente e, num instante, conseguiu desvencilhar-se do seu oponente, que já o manietava, correndo em direção a Caio Lúcio, do qual arrebatou a espada, que cravou em seu ventre, gritando como um possesso:

— Por minha honra, eu já te havia jurado, morrerás!

O alarido provocado pelos embates acordara alguns soldados das proximidades e Mário fora chamado pelo sentinela. Ao mesmo tempo, Catulo, cuja tenda lhe ficava próxima, também se erguera, indo à procura de Otávio e Rutílio. Quando chegaram à porta da tenda, depararam com Caio Lúcio morto numa poça de sangue, e Trebônio seguro pelos asseclas daquele. Possesso, Mário ordenou que todos fossem acordados no acampamento, pois lavraria já uma sentença de morte a Trebônio.

Em meio à luz dos archotes improvisados, Mário não perdeu tempo para montar um tribunal. A morte do sobrinho que tanto amava estava a exigir-lhe uma firme decisão, e ele aproveitaria aquele momento para, mais uma vez, inflingir aos orgulhosos nobres o seu arbítrio.

Colocou seus lugares — tenentes como juizes com voto naquela causa, tomando o cuidado de deixar claro que a sentença lhe pertencia.

Pálido e extenuado, Trebônio ouviu calado e firme as acusações dos servos mais chegados ao homem que ele acabara de assassinar. Lembrou-se do julgamento de Turpílio, ao qual Mário dera praticamente a morte e ficou certo

de que este seria também seu destino. A conversa que tivêramos vinha-lhe à mente escaldante.

Caraccioli mentiu vergonhosamente, falando que ele fora de livre vontade à tenda de seu amigo, tendo-o surpreendido com a infame traição.

O sangue fervia nas veias do jovem injuriado. Outros mais serviram-se da palavra, enquanto a noite corria. Ia Mário lavrar a sentença cruel, quando o acusado pediu licença para se defender. O cônsul aquiesceu. Trebônio, como que envolto pela figura meiga de Turpilio, começou a falar pausadamente, como se temesse tropeçar nas palavras:

— Senhor comandante, nobres patrícios, amigos de lutas. Ouvi-me. Desde que saímos de Roma, bem sabeis quantos tendes visto o que ocorre, o jovem Caio Lúcio vinha me assediando com suas propostas. Ninguém desconhece suas predileções e seus arroubos apaixonados. Creio não ser demais, contudo, que de boa mente alguém dentre vós se apresente, na defesa da verdade, a fim de mostrar ao juiz maior, que deve exercer a justiça, mesmo quando levado por sentimento adverso, devido à sua parentela com o morto, como possa agir com manifesta imparcialidade. Não é possível que dentre os presentes eu não encontre um só que possa jurar quanto digo. Muitos de vós fostes testemunhas de meus reiterados apelos ao jovem Caio Lúcio que me deixasse em paz, que respeitasse minha honra e meus princípios. Muitos de vós assististes a maneira indecorosa como ele me fazia o assédio e as promessas vultosas que me fez. Impossível, pois, que eu parta para a morte, na defesa de minha honra de homem e de romano, sem que nenhuma voz se levante em minha defesa, além da minha. Se o fizerdes, senhores, estareis para sempre manietando o direito de um homem de bem, de defender com a própria vida sua dignidade de homem e de romano, e dareis exemplo da perfídia que pode mover a retidão de um julgamento, como o de hoje. Repto-vos, amigos e irmãos. Por minha honra, fui vilmente manietado e ia ser violentado pelo sobrinho do nosso comandante, mas consegui escapar e o feri, na minha própria defesa. Estais surdos aos meus apelos? Não vos importais que eu morra, depois da covardia com a qual se houveram para comigo, não me respeitando a determinação de não ceder de forma alguma, nos meus direitos? Ninguém, nenhuma voz se erguerá na minha defesa? Lembrai-vos de Turpílio, morto injustamente, e se podeis ficar com mais um peso na vossa consciência, deixai-me perecer nas mãos dos meus acusadores!

Nisto, uma voz em meio à multidão se ergueu. Era Sila.

— Sou testemunha das propostas de Caio Lúcio e de seu modo violento de subjugar seus escolhidos! Peço liberdade e honra para Trebônio!

Seguiram-se-lhe no apoio Catulo, Otávio, Herênio, Rútílio Marcelo e outros. Diante do inusitado daquele julgamento, quando tudo parecia pender para a condenação, percebeu Mário que provavelmente os votos cairiam a favor do acusado. Não poderia, contudo, deixar o arrebatamento que sempre lhe caracterizou o gênio. Olhou furtivamente para o lado da pitonisa Marta, que assistia àquele insólito espetáculo, e ela assentiu com a cabeça, dando-lhe o sinal esperado de que deveria decidir-se o quanto antes. Num momento de silêncio, Mário ordenou a Drusus que fosse buscar a coroa de louros que ficara reservada para os feitos nobres e valentes, como prêmio de mérito, e, diante dos juizes e condenadores, ele coroou, sob a luz dos archotes, a Trebônio, por sua coragem e pela maneira como havia se conduzido na defesa de sua honra. Ouviu-se em todo o acampamento uma ovação prolongada, enquanto Mário ordenava que o corpo de seu sobrinho fosse inumado para ser conduzido, por uma escolta, a Roma. Ele mesmo fizera questão de colocar na cabeça do jovem a coroa de louros e de louvá-lo por suas próprias falas, não lhe regateando elogios.

Aquele incidente foi decisivo para aumentar ainda mais o prestígio de Mário junto aos seus comandados. Os que levaram o corpo a Roma, fizeram enorme alarido do acontecimento na cidade Imperial e, devido a isto, foi ele reeleito cônsul pela terceira vez, no ano 651 de Roma.

Os romanos esperavam, postados em suas fortificações, que os bárbaros os atacassem na primavera, aproveitando o volume das águas e as condições favoráveis do clima, porém foi um ano infrutífero de espera estafante, porque os bárbaros não chegaram e Mário viu passarem tediosamente os dias do seu terceiro consulado e aproximar-se o período de novas eleições.

Procurou, portanto, os conselhos da pitonisa que levava consigo e ela lhe informou que seria necessário estar em Roma, por ocasião das eleições, para conseguir do povo seu apoio.

— Porém, como partir agora que aguardamos esses miseráveis? — reclamo o antigo tribuno.

— Algum novo acontecimento te dará os meios de retornar a Roma, e espero que possa voltar contigo. Tenho negócio importante a tratar lá — falou

a pitonisa.

Realmente ela estava com a razão. Não demorou muito tempo e chegavam notícias da Cidade Imperial, dando conta da morte de Aurélio Orestes.

Aproveitando este fato, Mário, depois de chegar a conclusão de que os bárbaros não atacariam imediatamente, passou o comando a Mânio Acílio e seguiu com alguns comandados e Marta, para Roma.

Havia um clima de grande disputa, com nomes honráveis e conceituados na busca de colocação. Mas também um tribuno que gozava de grande prestígio popular. Homem venal, não foi difícil a Mário aproximar-se dele, e, percebendo-lhe a influência no pleito que logo se faria, tratou de comprar-lhe as graças. Após obsequiá-lo com polpuda importância, sob reclamos de Júlia, o plebeu conseguiu tudo quanto queria de Saturnino. Este venal homem não perdeu tempo e nos comícios que participava, tratou de levantar o nome de Mário para ser eleito cônsul pela quarta vez. Por seu modo, assim requisitado publicamente, ele deferia os argumentos do outro, falseando seus propósitos. Muitas vezes assistiu o povo à pantomina ridícula de Saturnino a cortejá-lo e Mário a fazer-se de humilde e desinteressado daquele pleito, afirmando que recusaria o cargo, caso o povo o conduzisse a ele. Saturnino reptava dizendo que seria trair à pátria, fugir ao comando do exército, e roubar aos seus concidadãos a vontade suprema. Era grosseira a maneira como ambos se conduziam, mas conseguiam levantar o ânimo da população. Quantas vezes o povo se deixa levar por estes histriões para fins inconfessáveis.

Eu, que ainda não partira para Cartago, no aguardo de melhoras no espírito de Odila, assisti impotente àquelas tertúlias populares, em que a simulação de um e a falsidade do outro não tinham limites, porém o que mais me incitava era o retorno de Marta e, tão logo pude, aproximei-me dela num daqueles comícios e lancei-lhe ao rosto o amuleto que dera a Odila, culpando-a pela morte prematura de nosso filhinho.

— Nada tive a ver com isto! — falou ela com as faces enrubescidas. — Se eu quisesse poderia ter causado a morte de tua companheira, mas ela é boa e não lhe quero mal. Tu és um louco, Sextílio, e não vês mesmo a verdade nunca, só o que tens na mente!

— Livrei-a de teu sortilégio e um dia, Marta, haverás de pagar caro por tua feitiçaria!

Saindo de seu lado, tratei de pedir a palavra no comício e lancei a candidatura de Catulo, segundo projeto de amigos dele e meus, e sua aquiescência em carta que me chegara de Trebônio. Contava, assim vencer as pretensões de Caio Mário, porém o povo elegeu e ambos naquele ano de 652 de Roma.

Capítulo XXX

Entrevero

Quando o povo comemorava a eleição do antigo tribuno, chegou à pressa um grupo de três soldados com notícias da frente de luta. Esperava-se a qualquer momento um ataque dos bárbaros, cuja aproximação fora detetada pelos batedores. Diante disto, Mário partiu imediatamente a galope, junto aos seus, e tratou de atravessar os Alpes, indo estabelecer seu acampamento perto do rio Ródano. Tratou de enviar Síla para conseguir nas imediações quanto pudesse de mantimento, enquanto que duramente trabalhavam seus soldados no preparo das fortificações, a fim de poder aguentar o assédio dos atacantes durante largo espaço de tempo. Isto lhe daria meios de só atacar quando se decidisse, ou lhe fosse vantajoso. Síla conseguira os mantimentos, porém o transporte pelo rio estava dificultoso, pois às suas margens tinha uma vasa espessa, e havia muito limo e areia na desembocadura do rio Ródano. Era assim difícil manobrar por ali os navios de carga, de grande calado, encarregados do transporte dos mantimentos conseguidos pelo antigo questor. Mário demonstrou um conhecimento cognitivo das regras de engenharia naval, até então desconhecidas por ele. Percebendo que uma parte do seu contingente permanecia inativo, tratou de os utilizar para a abertura de um grande canal, levando os barcos através dele, com a vasão da água para um local seguro e cômodo. O canal foi aberto através de largos trabalhos braçais, sendo profundo, a fim de permitir a passagem de grandes navios. O local escolhido estava protegido das ondas e dos ventos. Mário demonstrava sua perícia na escolha de modo e local onde se daria o desembarque dos víveres, abismando Catulo e outros, porém os recursos que ele canalizava, vinham da recordação de uma antiqüíssima vida, quando fora um sacerdote egípcio, capaz de largos conhecimentos como geômetra e ocultista, e que agora apareciam sem explicação lógica sem o apoio da doutrina reencarnacionista. Nesta vida começara parte da odisséia nossa e minha aversão por ele, que estava cada vez mais profunda, devido ao nosso antagonismo.

O canal, assim construído de forma brilhante, recebeu e até hoje é

conhecido como canal de Mário e é chamado braço morto no lugar chamado foz, sendo que poucos vestígios restam dele. Obra magnífica de engenharia, dava testemunho da origem daquele espírito destemido e intemorato.

Enquanto isto, resolví-me a partir em breve para Cartago, na esperança de que a mudança de ares melhorasse a disposição de espírito de Odila.

Entrementes, o exército, percebendo a tática dos bárbaros que haviam se dividido em dois grupos comandados por dois chefes distintos, também se bipartiu, ficando uma guarnição sob comando de Catulo, eleito cônsul, que partiu para a região da Germânia a fim de deter os atacantes, a outra sob comando de Mário. Realmente, os cimbro haviam ficado na região da Alta Germânia e os ambrões e teutões partiram em direção às fortificações do plebeu. Enquanto Catulo se preparava para o ataque, os cimbro se demoravam a resolver que caminho tomar, mas os demais, ou a outra parte do seu famigerado grupo, avançou diante das fortificações romanas, tomando um terreno amplo e passaram a assediar Mário com sua presença, seus gritos animalescos durante a noite, seu aspecto terrível, quando saíam de seu acampamento até os muros da fortaleza romana. Desafios se ouviam e os soldados queriam sair numa refrega com aqueles “monstros”, como os denominavam, pois tinham sobre a cabeça estranhos capacetes com cabeças de animal, e o corpo coberto por pele que lhes davam aspecto selvagem, porém Mário não lhes permitia. Como o assédio continuasse, alguns revoltosos haviam se decidido a sair do acampamento, porém Sila, conhecendo-lhes a impetuosidade, tratou de avisar o comandante. Diante da tropa toda, para isto chamada ao toque das cornetas, o plebeu reptou com energia aquele motim, repreendendo-os duramente:

— São inoportunos os vossos brios, pois agis com coragem, mas com a insensatez das mulheres que se deixam arrebatadas pelo sentimento de cólera. Não há audácia em vosso gesto, mas imaturidade. Não se trata de defender a glória de Roma, mas de impedir que uma tempestade caia sobre a Itália, a fim de que seus raios não destruam todo o império. Primeiro aprendei a conhecer os inimigos que tendes diante de vós, para não estremecerdes diante de seus gritos na noite escura ou tremerdes pelo tamanho de seus chapéus. Vinde.

E Mário, tomando os soldados, tratou de fazê-los um após outro montar guarda e observar seus contendores, sua maneira de agir, seus gestos, seu modo de andar ou rastejar, suas armas, seu modo de as manejar.

— Quando os conhecerdes tão bem quanto às vossas amantes, aí então estareis preparados para dar-lhes combate. Combatei primeiro o terror que eles vos infundem, acostumai-vos com eles, e, só então, estareis aptos a derrotá-los!

Mário conseguia dominar a situação, e ficava feliz por ver que o ânimo para combater mais e mais se acendia em seus comandados. Vendo-os analisar o comportamento dos bárbaros e estes virem até as fortificações, com o fim precípua de os insultar, já que sua aparente imobilidade também os enervava, acendia-lhe ainda mais a certeza de que sua tática estava certa.

Apesar dos comentários que ouvia, das referências ora de Trebônio, ora de Marcelo, que era como que seu braço direito, apoiando-o em tudo, mesmo ante as falas de Sila e Otávio, a quem ele não tinha simpatia, por sabê-lo meu amigo, ele manteve sua disposição a respeito.

Entrementes, em Roma, Odila não se recuperava bem do sofrimento moral que nos fora inflingido pelo que acreditávamos fosse obra do destino e onde eu, impensadamente, via os sortilégios de Marta.

Cada dia que se passava estava minha esposa mais e mais abatida. Era como flor que fenece ao sopro da neve, queimando sua doçura e viço, escondendo-me as lágrimas que pareciam infindáveis em seus olhos. Falei com minha mãe, consultei os recursos de Hesíodo, amigo de nossa casa, procurei distraí-la com as diferentes recreações de Roma, ou com os ares do campo, nas propriedades nossas, mas nada parecia levantar-lhe a moral. Uma vontade mórbida a comandava e, ligada imperceptivelmente a ela, por laços de afinidade afetiva para comigo e desespero ante as realidades duras que enfrentávamos, o espírito de minha irmã, presa por sofrimento atroz, encontrava, no físico debilitado de minha esposa e nas suas negativas emanações mentais, meio farto de vampirização mortal.

Era óbvio, para mim, que a estada em Roma não nos estava sendo benéfica. Alimentei a ilusão que o retomo ao cenário de Cartago nos traria melhoras substanciais, pois conhecia de sobejo a atração que estas paragens exerciam sobre Odila.

Atravessamos o Mediterrâneo, deixando atrás de nós os familiares mais chegados, pois eu ansiava ausentar-me de Roma, de seus comícios, das novas que nos vinham da frente de luta. Fugia de saber de Marta e Júlia, Mário e o seus. Fora despedir-me de Léntulo, o qual acabara não partindo. Ele, que eu

não via há mais de ano, tão preocupado andara com Odila, estava morando em casa de Cloé, preso de visões estranhas. Reconheceu-me, contudo.

— Meu querido Sextílio. Por que não vieste antes? Por onde andaste? Entre os peraltas do Senado, ou nas investidas dos comícios públicos?

Vendo-o decomposto, barba em desalinho, fiquei surpreso. Ouvira Aulo Pompeu e Aurélio contarem de seu retiro, sua teimosa persistência em não partir, dizendo que tinha sua própria batalha por vencer, mas nunca supusera que sua mente estivesse tão perturbada, como agora percebia pela estranha fixidez doentia do olhar.

— O que te acontece? Por que ainda não te aprestaste para as lutas contra os bárbaros? — perguntei, pois soubera que aqueles que haviam ficado, na esperança de tê-lo por oficial, já haviam partido há dias, desesperançados de sua liderança. — Penso partir para Cartago, mas muito me impressiona ver o estado em que te encontras. O que ocorre? — falei olhando para Cloé.

Os olhos dela se marejaram de lágrimas sentidas. Havia no ambiente um ar que parecia sufocar-me, como se cadáveres andassem por ali, à procura de suas sepulturas. Do próprio corpo de Léntulo, antes sempre exalando os óleos aromáticos que sua vaidade de homem gostava de utilizar, uma atmosfera mórbida emanava. Sentia-me mal em sua presença, como se o torpor que lhe pesasse tivesse o poder de também me atacar a vontade.

— Na certa — prossegui — faltam-te o ar puro do campo que sempre tiveste em tua propriedade e os exercícios duros da Academia. A vida de moleza e insulamento em casa quebrantaram-te o ânimo. — E voltando-me para Cloé, que sem saber o que dizer me fitava desesperançada: — Por que não o incitas a retornar à Academia, para que logo se veja novamente em disposição?

— Ele foi um dia, mas, em meio aos exercícios passou a blasfemar que um exército de miseráveis lhe queria abater, virou os olhos como um cego e arremeteu com fúria contra os fardos colocados no pódio, chocando-se neles e machucando-se violentamente. Trouxeram-no quase morto e muito ferido. Desde então, as visões se sucedem e não sei o que fazer. Fiquei muito feliz ao ver que ele te reconheceu, pois às vezes foge de todo o contato com as pessoas, entrando a bater-se duramente.

— Já procuraste os recursos de Hesíodo?

— Ele sempre vem, mas suas poções só o acalmam um pouco, sem, contudo, conseguir uma melhora. Por isto aqui o retive, pois a mim até que ele atende, porém julgo enlouquecer quando os cheiros me cercam e os bichos *aparecem*.

— Que bichos?

— Estes bichos horríveis das plantas. Não sei como entram aqui. Sempre os encontro em toda a parte.

Lembrei-me, então que Cloé tinha verdadeiro horror às pequenas taturanas, dessas peludas, cujo toque provoca profundo ardor, e isto porque fora assim torturada por seu antigo senhor. Neste mesmo momento, um destes pequenos seres apareceu como que por encanto no vasto tapete. Os olhos dela exprimiram um terror inusitado e ela deu um grito, sendo que logo Lântulo tirou a espada e transpassou o pequeno inseto como se precisasse de muito esforço físico para destruir um inimigo poderoso. Ela tremia e chorava em crise de medo.

A cena era demais triste e degradante para mim. Procurei dialogar ainda, pedindo a Cloé que ambos saíssem daquela situação de alheamento e insulação, que procurassem outros ares, que fugissem das paredes que cheiravam a um mausoléu, informando que viera despedir-me, pois iria partir para Cartago, onde me instalaria, na espera dos papéis que me fariam governador daquela região, antes tão próspera e agora em ruínas, que eu desejava reerguer para glória de Roma, apesar da superstição e temor de muitos patrícios aos meus projetos.

Passei com eles uma tarde muito triste e monótona, na qual só por uns momentos, Lântulo passou a conversar como antigamente, fazendo planos para o futuro e rindo muito naquele seu jeito folgazão.

N'outro dia, ao conversar a respeito com Aurélio, meu sogro, este referiu que todos pensavam que fora a maldição de um feiticeiro de uma tribo de Jugurta que o atingira, a ele, meu amigo Lântulo. Que o mesmo traçara uma linha ao chão e dissera que roubaria a mente daquele que a ultrapassasse, durante a invasão dos romanos. Ninguém se atrevera a atacar, porém Lântulo, tomando uma lança, não só a atravessara, como, dirigindo-se meio trêmulo e

com um esforço inaudito, pois parecia que seus membros enrijeciam à medida que caminhava, cravou a mesma no peito do feiticeiro, ante os olhos apavorados dos circunstantes, caindo após em profunda prostração e delírio, do qual escapara miraculosamente. Parecia que tudo ia bem, quando ele tornara da luta na África, só apresentando novamente os sintomas após uma refrega de rua com um dos prisioneiros feitos naquele combate. Desde então, parecia temer o contato com os companheiros e ninguém mais o via. Cloé pedira socorro a alguns amigos, deixando de me incomodar, ao saber do estado delicado de Odila, porém sem que ninguém tivesse conseguido fazê-lo retornar aos seus afazeres militares, nem mesmo insuflar-lhe ânimo para partir, o que poderia tirar-lhe a impressão má que lhe ficara daquele episódio. Pedi a Aurélio que não lhe faltasse com o concurso, achando que seria de bom alvitre que os pais de Lêntulo o tirassem da residência da sua amada, pois eu acreditava que o retorno à propriedade ensolarada que lhe fora berço, lhe devolveria a retomada total de suas faculdades.

Deste modo, profundamente chocado, parti em direção aos novos lugares, onde pretendia dar novo rumo à minha vida. Eu não saberia dizer, então, se fugia de Roma, de Marta, das más lembranças ou de mim mesmo.

Enquanto isto, Mário aumentara as fortificações na foz do Ródano, onde via admirado o desfilar constante dos ambrões que assediavam todas as imediações. Eles viam, sem agir, o assalto impiedoso destes homens aos seus aliados próximos, a maldade com a qual agiam, e isto levantava enorme clamor atrás das muradas altas. Os oficiais levavam ao seu comandante, dia a dia, o descontentamento de todos que desejavam acabar de uma vez por todas com a impertinência, audácia e ousadia dos invasores.

“— Que covardia Mário descobriu em nós para nos deter como mulheres presas em casa atrás dos muros”? Eis o que falam. — comentava Marcelo, um de seus oficiais.

— Sim. — É verdade — secundava Trebônio. — Os soldados estão inquietos e julgam que nosso comandante se acovarda por temer perder a luta, mas eles preferem perder e morrer a permanecer com os braços cruzados.

— “Será que ele pensa que fomos feitos só para burros de carga ou mulos, para levantar fortificações, mudar o curso dos rios e não lutar como devemos?” Eis o que dizem os meus comandados — falara Otávio.

Mário, impaciente, ouvia aquelas recriminações, pois pedira que lhe referissem o ânimo da tropa, andando como fera enjaulada pela tenda, cheia de seus oficiais, tendo sobre uma rústica mesa os mapas das regiões tomadas pelos contingentes que os assediavam.

— Se ao menos eles nos atacassem logo — comentou Marcelo, deixando escapar a impaciência que dominava a todos.

— Eles o farão, mas sabem que não terão chance, enquanto permanecermos tocaiados aqui — respondeu Mário. — Quantos homens calculam que eles têm?

— Penso, general — falou Drusus, que era um dos batedores — que eles somam na primeira linha uns trinta mil homens, porém há mais acantonados longe daqui, que em pouco tempo poderiam se ligar aos primeiros.

— Pelo que sei — falou Coraccioli — são três os povos que nos atacam, sendo que grande parte deles ficou atrás, indo pôr-se em combate com o contingente de Catulo, e estes se adiantaram para assaltar, com a pretensão de atingir Roma. Dois são os povos que os compõem.

— Sim. Chamam-se ambrões, pois com estes nomes é que combatem e alinham sua tropa, e teutões aqueles que gostam mais de usar longos chifres em seus capacetes, parecendo touros em combate — comentara Sila, que até então permanecera mudo e que estava em profunda dissensão com o antigo servo de Caio Lúcio, de nome Caraccioli, pela maneira como este atacara Trebônio.

Mário também não estava contente com o antigo questor, pois Catulo, primeiramente incumbido por ele para procurar víveres, delegara a Sila aquele encargo, e ele se saíra tão bem de tal empreitada, que não só provera bem as tropas de Catulo, como enviara o excedente a Mário, alcançando assim muita influência e louvores de todos, para raiva incontida do antigo plebeu, que não o suportava.

Como se não bastasse o fato de Sila haver usurpado a Mário a glória de se apoderar de Jugurta, ainda estava ele muito bem financeiramente, pois Nicópolis, sua amante, uma velha senhora sobre quem ele exercera profundo fascínio, morrera, deixando-o como único herdeiro. Logo em seguida, sua madrasta, que lhe tinha profundo afeto, mesmo conhecendo-lhe a vida

dissoluta e desregrada, também desencarnara, deixando-o em melhor situação ainda. Mário havia lhe dado algumas ordens, desde que ele estava entre seus lugares — tenentes, porém não esperava que ele conseguisse se sair tão bem de uma empreitada tão obscura. Ele aprisionara um general dos gauleses tectósagos e tendo mil infantes sob seu comando, conseguira a adesão dos marsos contra os bárbaros. Aquela adesão lhe punha mais força, e agora o via abertamente passar-se para o lado de Catulo, apoiando-o, fazendo acintosamente uma tarefa que fora ao outro confiada, e saindo-se tão bem que todos o elogiavam abertamente.

Sila houvera tentado conseguir a pretura, enquanto Mário se batia pelo consulado, mas o povo, instigado por Mário e Saturnino, havia conseguido que ele fosse repudiado. Sila jocosamente brincara com a própria derrota, dizendo que o povo, reconhecendo-lhe o valor desde que prendera Jugurta, não lhe concedera a pretura, esperando que ele se lançasse como candidato à Edilidade. Ele falseava a própria derrota e brincava com os brios de Mário. No ano seguinte, contudo, comprara, com a fortuna herdada, muitos votos e fora nomeado pretor. Sua audácia chegara ao ponto de discutir com o próprio Cesar, e meio alucinado dissera que usaria seu cargo contra aquele. Cesar, não levando a sério suas ameaças, disse que ele fazia muito bem.

— Fazes bem em usar teu cargo, pois ninguém pode dizê-lo melhor do que tu quanto ele te pertence, pois que o compraste!

Assim, começava em causas aparentemente pueris e até cômicas uma grande animosidade entre Sila e Mário, que haveria de ser funesta a todos os cidadãos romanos, a todos nós, pois nascia da ambição e vaidade de duas criaturas profundamente belicosas e inteligentes, capazes das ações mais desconcertantes.

Mário nem tivera tempo de perguntar a Sila de onde vinham tantas informações sobre os bárbaros, na suspeita de que ele estivesse novamente furtando-o de glórias diante da tropa, quando irrompeu no recinto um soldado, informando que os bárbaros pareciam estar se formando para atacar os muros.

Mário, imediatamente deu ordens para os archeiros se postarem por sobre as fortificações em grande número, prontos a rechaçar com dardos o ataque premente. O assalto tão esperado por todos, que já estavam profundamente nervosos com a presença do inimigo, sem uma ação que os rechaçasse,

inflamou como um rastilho de pólvora os ânimos e um clamor enorme se ouviu, enquanto os soldados e servos corriam em azáfama rápida e até mesmo eufórica, de um lado para o outro, e subindo rapidamente os degraus que levavam ao alto, no intenso desejo de acabar com os inimigos. O assalto inesperado era dos teutões, logo se podia ver pela descrição que lhes fizera Sila, momentos antes. Os dardos foram assestados nas bestas, nas quais Mário engenhosamente propusera uma inovação, de tal sorte que lançava com maior violência e rapidez as setas, e as levava a partir-se no corpo do adversário, com a finalidade de não permitir-lhes ferimentos que não fossem fatais.

Viu-se, então, a primeira carnificina daqueles embates dos povos estranhos que demandavam com violência, mas não sem desespero, levados pela fome ao saque e à morte. Uma verdadeira chuva de dardos coroou a empreitada, partindo de vários pontos das fortificações, de modo que, a breve tempo, não se ouviam senão o rumor da debandada e milhares de corpos coalhavam o chão, até onde a vista podia alcançar, ouvindo-se aqui e ali o silêncio da morte ou os gemidos de alguns moribundos que mal se mexiam no solo. A soldadesca prorrompeu logo em aclamações de intenso júbilo, vendo a primeira perda do adversário, porém ainda não haviam saciado a sedo de sangue, que a demora de um ataque ainda não abalara.

Deste modo, logo no dia seguinte, novamente ouvia Mário as reclamações que faziam de sua quietude. Foi então que ele fez Marta aparecer diante deles, com seu manto púrpuro e uma lança cheia de fitas, guirlandas de flores e festões, para dizer:

— Romanos, jamais, levado pela audácia, farei perigar vossas vidas. Deixai de queixas que mais condizem com as mulheres e não me recrimineis, pois obedeco a profecias e oráculos, a fim de levar-vos com segurança à vitória.

— Ele finge acreditar nela para impor-nos sua vontade — cochichou Sila para Trebônio.

— Assim que Marta achar que devemos oferecer aos deuses sacrifícios por nossa luta, nós o faremos, porém as condições ainda são adversas. Confiai em vosso capitão, pois não falhei na Numídia, e não falharei nesta empreitada.

Os soldados, aos quais a fama de Marta já atingira, ficaram a observar aquela estranha mulher que sempre Mário fazia conduzir com o máximo respeito numa grande liteira, e os ânimos amainaram um pouco.

Nos dias que se seguiram, percebia-se um movimento diferente no acampamento dos bárbaros. Eles estavam como que partindo e não se podia pensar ingenuamente que iriam abandonar suas posições, após saquear infamemente e com violência os arredores. Realmente logo começaram a desfilar interminavelmente sob os muros das fortificações, porém longe do alcance das armas romanos, e todos assistiram e puderam aquilatar o enorme volume de seus contendores.

Durante seis dias e seis noites consecutivos passaram em gritos, zombarias e imprecções diante deles e, porque houvessem aprendido a fala romana durante suas incursões, perguntavam, em áltas vozes, se eles tinham algum recado a dar às suas mulheres em Roma.

Apesar da indignação e arrebatamento que isto causava nos soldados, Mário os reptou duramente, dizendo que não se deixassem levar pelas manhas dos bárbaros, que tudo o que pretendiam era que eles saíssem de suas fortalezas.

— Mas se eles caminham para Roma, não poderemos ficar aqui sem fazer nada — comentava Sila.

— E não ficaremos. — retrucou Mário, a quem ocorreu então a idéia de enviar Sila em alguma missão, a fim de que ele não pudesse interferir mais nos acontecimentos.

— “Melhor que ele fique com Catulo e que a este roube a glória, pois não lhe darei segunda chance” — pensou o militar.

Apesar dos protestos de todos os que desejavam sair no encalço dos motejadores de sua honra, Mário impôs sua vontade com palavras ríspidas e lógica inconfundível. Esperou, pois, pacientemente que passasse o último elemento do grupo e a carroça de suas mulheres e crianças e, só quando não mais os avistava, deu ordens para levantar acampamento e pôs-se a seguí-los de longe, sempre escolhendo o melhor lugar para ficar e fortificando-o sempre, a fim de poderem passar a noite em tranqüila segurança.

E assim foram seguindo os invasores, acompanhados de perto do contingente romano, até chegarem próximos a Aix, onde Mário percebeu que os bárbaros haviam se apossado das margens do rio e eles ficariam à minguá de água. Reclamos se ouviram de todo o lado, porém o comandante sabia que

não dispunha de outro recurso, pois apenas muito longe dali encontraria o precioso líquido:

— Teremos que beber água com o preço de nosso sangue! — respondeu ele ao atônito Otávio, quando este lhe perguntou como agiriam, pois não tinham os recursos que o terreno oferecia aos invasores.

O ânimo de todos ainda mais se exacerbou e queriam, a todo custo, ir logo ao ataque:

— Pois vamos logo, que melhor será a água com gosto de sangue, do que morrermos de sede! — replicara Otávio.

— Primeiro façamos as fortificações, para ficarmos mais tranquilos. — ponderou Mário, dando ordens severas para que os fossos e as paliçadas fossem trabalhados.

Nervosismo ímpar se via, mesmo porque não apenas os homens, no esforço estafante, exigiam água, como os cavalos e os servos também estavam já extenuados da caminhada e da impetuosidade que os devorava, no desejo de derrotar o inimigo a qualquer custo.

O dia ia a meio. No acampamento dos bárbaros, os mesmos se davam ao prazer de tomar banhos agradáveis naquelas águas quentes termais e tomavam grande quantidade de vinho, tratando de alimentar-se fartamente, pois sabiam que agora estavam em terreno mais propício a uma parada. Contavam ficar ali mais tempo, a fim de infligir mais uma maceração aos romanos.

Os serventes do exército, feito pelos homens de condição mais baixa, não afeitos à disciplina, não aguentando ficar sem água para si e os animais, contudo, armaram-se e saíram sorrateiramente do acampamento. Iam a dizer uns para os outros:

— Obteremos para nós o líquido e ensinaremos Mário que não somos covardes.

Não contavam, contudo, que poderiam ser surpreendidos pelos bárbaros, que eles pensavam estar na modorra do almoço, com suas mulheres ou sob o efeito do vinho.

À princípio, um pequeno número deles, percebendo a presença dos

serventes, avançou para o grupo em gritos de guerra, o bastante para que outros acoressem em socorro aos primeiros, e que os mesmos ruídos de combate fossem ouvidos junto aos comandados de Mário. Não foi mais possível ao comandante deter a todos que temiam pela sorte dos serventes e, ao mesmo tempo, usavam este argumento para romper as ordens até então sensatas.

O grupo mais próximo era dos ambrões, que estavam pesados de tanta comida, mas alegres e animados pelo excesso de vinho. Eles avançavam na direção dos serventes e do exército de Mário, em passo cadenciado. Ouvia-se seu grito de guerra, de há muito referido nas várias regiões, pelas quais haviam deixado um rastilho de saque e sangue:

— Ambrões! Ambrões! Ambrões!

Seus gritos cadenciavam seu caminhar, como uma mole humana imbatível e atemorizava os inimigos.

De repente, com que obedecendo a um impulso instintivo, Mário começou a repetir o mesmo refrão, como para que o seu grupo atacasse com a mesma determinação, mas num acento tal de voz que era como um clamor de destruição dos mesmos.

De um lado do rio viam-se os bárbaros com seus enormes chapéus de cabeças de ursos, alces e outros animais embasamados e do outro, o rutilar do metal e o colorido das plumas dos romanos e o grito cada vez mais terrível:

— Ambrões! Ambrões! Ambrões!

Marta saíra-de sua tenda e acompanhava de uma paliçada que começara a ser erguida, mas não estava concluída, o embate terrível.

Os bárbaros vinham determinados pela água, mas muitos foram fulminados pela alimentação excessiva e, ao chegarem do outro lado, estavam meio desconexos na sua investida. Havia perdido parte do ritmo de seu ataque, pelo esforço na água.

Um terrível corpo a corpo seguiu-se, vendo-se que os ligúrios vinham à frente, seguidos dos romanos que ocupavam os flancos mais elevados da margem. A breve espaço de tempo os ambrões viram que não tinham senão à frente os inimigos e atrás de si o rio que os impedia de correr mais rápido. O

rio começou a coalhar-se de sangue vivo. Seu leito se enchia de cadáveres.

Mário já ordenara aos carros de combate saírem a campo, diante da confusão reinante, e o que se viu foi um massacre sem proporções, e a fuga desordenada dos ambrões para o outro lado do rio, onde, estafados, não tinham meios de se organizar, nem tempo para isto, fugindo precipites em direção ao seu acampamento. Pelo caminho iam caindo um a um aos golpes dos armadores que seguiam nos carros mais velozes que eles, juncando o chão com seus corpos. Ouvindo o clamor do combate, mulheres saíram de suas carroças com as crianças, empunhando machados e espadas. Vinham animar seus maridos, defender com fúria as suas vidas e as de seus filhos. No desespero que se seguiu, elas entravam no meio da luta e ora feriam seus próprios companheiros, rangendo os dentes de raiva e dor, como feras enjauladas, ora tentavam golpear os romanos. Consideravam traidores os que adentravam como derrotados no acampamento, levando para ele a morte e desgraça e os seus perseguidores. Desarmadas, tentavam arrancar os escudos e armas dos romanos com as mãos nuas, e eram despedaçadas até a morte, sem perderem a coragem e raiva que as incitava.

Cheia de lances dantescos, esta primeira verdadeira batalha que se impusera pelas circunstâncias, era a mais feroz e terrível que se viu. Os combatentes que conseguiam fugir embrechavam-se pelo mato, deixando atrás de si mulheres indefesas e selvagens e crianças inocentes, numa chacina sem precedentes. Por isto, quando a noite já caía e os romanos retornaram ao seu lugar, nenhum sinal de vitória e alegria se ouviu. As sombras trouxeram o medo e a perturbação, pois o acampamento não fora guardado nem estava fechado. Muitos milhares de combatentes não haviam participado daquele combate e temia-se por uma represália vinda deles, dada sua ferocidade e a vontade que deveriam sentir de uma vingança. Ninguém podia dormir, pois não fora o medo, ouvia-se ao longe os uivos estranhos e sombrios dos inimigos na noite cheia de trevas. Eles pareciam inumanos. Suas ameaças e impropérios gelavam o sangue dos mais audazes soldados, e agora eles entendiam que Mário tivera razão de pedir-lhes equilíbrio nas decisões. Vitórias como aquela seriam temerárias, e o ruído medonho que subia da planície os impressionava e apavorava. Ficaram todo o tempo aguardando um ataque, no dia seguinte, e no outro, mas o inimigo não se decidia, conquanto se percebesse que se preparava para isto.

Capítulo XXXI

Os bárbaros

Mário não era homem de ficar sentado à espera das resoluções do inimigo.

Estudando com cuidado o mapa da região, percebeu que atrás do acampamento dos bárbaros havia uma região coberta por florestas que poderiam muito bem ocultar grande quantidade de homens, que para lá se deslocassem, sem que pudessem ser vistos, pelas depressões profundas e vales. Tratou, pois, de chamar Marcelo, um de seus oficiais, e ordenou:

— Separa três mil homens e, ladeando em silêncio o acampamento do inimigo, trata de pôr-te à retaguarda dele, e espera até ouvires o clamor de nosso ataque e vires erguida a águia, pronta para o ataque.

(Ele se referia à insígnia que vinha à frente, sob o toque dos clarins que anunciavam o ataque).

— E quando devo partir? — perguntou Marcelo.

— Repousa esta noite e de madrugada, logo que a claridade permita, sai pelo lado sul, sem seres visto. Tens tempo para escolher e organizar os homens. Que descansem, pois pode ser que tenhamos que combater a qualquer momento e quero-os descansados e bem alimentados, prontos o mais depressa possível por detrás deles, pois conto com a surpresa para derrotá-los, ou, pelo menos, desbaratar a maior parte.

Marcelo tratou de cumprir o que lhe fora ordenado, lembrando que Sila e Catulo deveriam estar também nos Alpes, guarnecendo as passagens, tentando impedir o avanço dos cimbrós, em uma posição muito mais desvantajosa, pois era preciso escolher bem o ponto de obstrução da passagem e não errar. Eles, contudo, já tinham delineado um plano que lhe parecia muito louvável, e que, por certo, tão logo agissem, levaria Mário à vitória e, conseqüentemente, aumentaria os feitos de Marcelo, dando-lhe fama militar.

Em menos de um dia de marcha forçada, Marcelo tratou de pôr seus

comandados, seus carros de combate e serventes em condição de atacar por trás os teutões e ambrões.

Por seu lado, Mário aguardava impaciente pelo ataque que não vinha. Estava começando a entender a maneira de agir de seu inimigo. Meditou que eles sempre haviam feito tudo ao alcance de seus recursos, para tirá-lo de trás dos muros e agora estavam ameaçando sem muita base. No primeiro acampamento que haviam invadido, matando mulheres, guerreiros e crianças, o avanço fora até fácil, dado o imprevisto de suas ações. Era melhor, após dar tempo a Marcelo de chegar e recuperar-se da caminhada pondo-se pronto para um combate, agir do mesmo modo dos bárbaros, incitá-los, desafiá-los para uma ação que lhes seria funesta.

Analisando o terreno que tinham diante de si, observou ainda que, até onde estava o inimigo, ele era em descida, o que lhe permitia arremeter com os seus com maior fúria, sendo que os outros teriam que subir e, portanto, despender maior força e energia para combater. Além disto, o sol brilhava e o dia se anunciava abrasador e, pelo que ele já observara, os povos que os assediavam estavam mais acostumados a clima frio, o que também influiría no seu ânimo. Chamou pois Trebônio e demais oficiais encarregados do avanço da cavalaria, hábeis cavaleiros e deu ordens:

— Ireis atrair o inimigo para escaramuças novas, enquanto nos prepararmos aqui todos, nas fortificações já erguidas, para um combate, que poderá ser prolongado. Se eles atenderem ao desafio, procurai retê-los por maior espaço de tempo, sem romper-lhes as fileiras, sediando-os no sopé daquela colina que lá se vê adiante. Após marchardes, se eles vierem ao vosso encalço, não os ataqueis imediatamente. Esperai até estarem ao alcance dos dardos e os arrémeçai. Só quando não for mais possível atingí-los com eles, dada sua proximidade, tratai de marchar com vossos escudos e atacai-os vigorosamente com vossas espadas.

— Mas quem virá em nosso socorro, se o contingente for maior que o número de nossos soldados e cavaleiros? — perguntou Otávio.

— O terreno lhes será desfavorável e não poderão manter suas fileiras. Se tens alguma dúvida, porém, Otávio, irei eu mesmo comandar este ataque!

Seus oficiais sabiam que aquilo não era bravata do seu comandante. Conheciam-lhe o valor e audácia, mas sabiam que, naquele momento, seria

desastroso para todos perderem seu comando num embate que poderia ser fatal a muitos.

— Nosso comandante não deve ir, pois isto provaria que não confia nos seus cavaleiros ou que estes não confiam em si — ponderou friamente Trebônio.

Diante disto, ninguém mais ousou pôr qualquer dúvida no discernimento e ordens de seu capitão.

Tudo se aprestou segundo suas indicações e determinações, sabendo que Marcelo já estaria postado na retaguarda com seus guerreiros, prontos a intervir e decidir o andamento da refrega.

Quando o sol ia quase a pino, a cavalaria saiu pelos portões irrompendo em gritos selvagens, que tinham por finalidade chamar a si os contendores.

Tudo transcorria tal qual Mário havia previsto e ele tratou de se pôr pronto para intervir com um grupo de homens, a fim de fortalecer os atacantes.

Após juncar a colina com o corpo dos primeiros inimigos que haviam tomado desordenadamente as armas para os combater, surpresos com o ataque inesperado, quando pensavam que eles é que deveriam ser os que assaltassem os romanos, passou-se a um quase corpo a corpo, que ia pouco a pouco malbaratando as fileiras inimigas, cujos golpes eram enfraquecidos pelo fato do terreno lhes ser adverso.

O clamor das vozes humanas, o grito dos romanos e dos bárbaros, a poeira levantada pelos carros em velocidade, pelos cavalos em disparada e rumor das armas, os clarins, tudo dava a Marcelo a certeza de que seu momento chegara e ele não se fez esperar.

De repente, passou a reinar muita confusão no meio dos inimigos. Marcelo havia encontrado o momento favorável à sua intervenção e vinha, a toda brida, atacá-los pela retaguarda.

Obrigados a voltar as costas aos atacantes, eles acabaram por romper as próprias fileiras. Estava totalmente desorganizado o exército dos bárbaros e Mário comandou nova carga de homens para dizimá-lo por completo. Eles não podiam resistir a uma dupla investida e puseram-se abertamente a fugir. Era o momento de persegui-los e aprisionar o maior número deles. E assim

iam sendo pegos aos milhares e atados, postos fora de combate, confiscados seus escudos, armas e carros de guerra.

Grande número deles conseguiu chegar às florestas onde adentraram, mas seus principais comandantes ou reis, pois esta era sua posição diante deles, foram aprisionados. Havia vários reis de diferentes partes que se haviam juntado, aos poucos, naquelas sortidas e foram conduzidos ao acampamento com profunda euforia pela tropa, que colocou os carros, escudos e todo o material do seu saque diante de Mário, rendendo a este homenagens, e fazendo-lhe presente de tudo.

Mário podia entender perfeitamente o regozijo que se apoderava de todos, diante daquela vitória, mas também não era tolo de não perceber que, se ficasse com tudo, mais tarde poderiam na Cidade Imperial, acusá-lo de ambicioso e venal, cujo único interesse estaria na tomada dos despojos e não na defesa e glória dos romanos. Não poderia ceder, porém, ao desejo de ficar com parte daquelas coisas, pois havia preciosidades, nem poderia aceitar os frutos de saques dos bárbaros, sem ser acusado de conivente com eles.

— Não quero ser ingrato ao vosso presente, que sei da sinceridade de vossos propósitos — falou ele pausadamente. — A vitória não pertence ao vosso comandante. Pertence-vos. Drusus, não quero ser o único coroado com os louros desta vitória — falou ele ainda, após colocar nos ombros o manto púrpuro, símbolo de sua liderança incontestada diante daqueles homens e postar-se ao pé da insígnia da águia — Coroai meus oficiais! Trazei as coroas para que eu tenha a honra de as colocar sobre suas cabeças.

Sendo obedecido, diante da ovação de seus comandados, fez não apenas seus oficiais serem assim coroados, mas instigou os mais humildes servos e soldados a que também assim se coroassem, pois só quando todos estivessem premiados por suas ações, ele poderia receber o aplauso dos seus.

Forçando uma pompa absurda, tudo fez segundo sua vontade, enchendo de orgulho e louvor o peito de seus mais simples servos, depois chamou Marta:

— A quem devemos endereçar os despojos?

— Inútil será levarmos após nós tanta bagagem. Há muita coisa imprestável entre os objetos do saque — falou ela. — Não podes ficar com

tudo, mas podes desvencilhar-te de parte disto, sacrificando aos deuses, para que te sejam propícios nos novos combates.

— Uma boa idéia, sem dúvida — falou ele.

Em seguida, dirigiu-se ao montante dos objetos recolhidos e, dentre eles selecionou os que mais o agradavam por sua aparência e valor. Retornou para o centro do acampamento, e falou novamente aos que aguardavam suas resoluções:

— Tratai de montar uma pilha tão alta quanto possível, que ultrapasse a altura de nossos muros, bem aqui, no centro de nosso acampamento, pois pretendo fazer aos deuses presente de todos os despojos, só guardando para Roma o que houver de melhor e, para mim, estas lembranças de vosso gesto, me servem.

Todos irromperam em júbilo e puseram-se a empilhar o que havia de inútil entre os objetos, e nesta luta, muitos foram os que também para si tomaram algumas lembranças daquele dia. Mário fingiu não ver e logo a noite caía. Aceso os archotes, todos puseram-se na expectativa do sacrifício, que se seguiria às cerimônias de oferenda que Marta oficiaria, o que deu não poucos ciúmes a um sacerdote do Templo que acompanhava Mário, por ver-se assim delegado a segundo plano.

Ela fez suas preces na língua estranha e, depois de falar também em língua romana, após muitas abluções e gestos ritualísticos, toque dos tambores, eis que vieram do céu dois corvos, que estavam num bando que se aproveitava dos corpos deixados perto dali em decomposição.

Vendo-os, Marta dirigiu-se a eles, e, como não se movessem, tomou de dois colares de bronze com a insígnia da águia romana e colocou-os nos seus pescoços, anunciando a Mário e à tropa reunida:

— Sempre que estes amiguinhos nos vieram visitar, seja isto um sinal dos deuses, que a vitória será nossa! Reconhecê-los-emos pelos colares que levarão consigo para onde forem.

Os soldados ficaram impressionados, pois os corvos entraram de repente a grasnar, como se apoiassem aquela previsão da pitonisa e logo alçavam voo.

Mário tomou, então, um archote e ia atar fogo à pilha, quando ouviu-se o

tropel de cavalos que chegavam ao acampamento, em veloz disparada. Todos ficaram em silêncio, esperando as notícias daqueles mensageiros de Roma. Logo que chegaram perto do cônsul e desceram dos cavalos, trataram de cumprimentá-lo efusivamente, anunciando que estava eleito em Roma cônsul pela quinta vez. Entregaram-lhe os documentos de sua nomeação e as notícias que vinham com os mesmos.

— Senhores, não sois apenas partícipes de nossa vitória de hoje, como vos felicito pela minha eleição em Roma, como vosso representante, na qualidade de cônsul pela quinta vez consecutiva eleito! — Fôlou Mário, enquanto seus lictores se punham em formação adequada à ocasião, ante o aplauso e gritos de regozijo da populaça. Como se não bastasse, tiraram das cintas as espadas e com ela puseram-se a fazer enorme alarido metálico, culminando com a formação de um corredor de espadas, como um arco de triunfo humano para Mário passar sob ele, o que o plebeu fez com inenarrável júbilo. Findo o que, tratou de pôr finalmente fogo à pilha enorme de objetos que se erguera no centro do acampamento, e logo a fumaça que se levantava ao céu podia ser vista a quilômetros de distância.

Mário tratou de preparar-se para tomar posse de seu novo cargo, levando a Roma pessoalmente a notícia de sua vitória, Passou novamente o comando a Mário Ancílio porém às portas de Roma soube que Catulo tinha perdido seu combate duramente, porém com honra, nos Alpes. Um terror inaudito daquela notícia pairava sobre a cidade. Aquilo mudou a atitude eufórica de Mário, pois a derrota de Catulo dava força ao inimigo, o que poderia redundar em tragédia para todos. Assim, dirigiu-se ao Senado que o esperava com as cerimônias adequadas, não só à sua eleição, como à sua vitória. Proferiu os discursos que julgou convenientes, e entregou o prêmio de sua glória ao templo da Fortuna e aos seus comandados, partindo imediatamente ao encontro do exército de Catulo, dando ordens a seus oficiais que marchassem, para encontrar-se com ele nas proximidades do rio Pó.

Após dias de marcha, soube finalmente todos os pormenores da derrota infligida ao outro cônsul, que punha novo brilho à sua vitória, conquanto ameaçasse o rumo dos acontecimentos. Levantou o ânimo do seu rival, com palavras de encorajamento, analisando os acontecimentos e a diferença de atitude guerreira dos cimbro, que teria que enfrentar.

— Eles são uns animais horríveis — comentou Catulo abatido, contando: — Tão logo estudei o terreno de suas incursões, percebi que não poderia

obstruí-los totalmente em suas investidas, pois teria que dividir em vários corpos todos os contingentes, a fim de cobrir todas as passagens, pois há muitos desfiladeiros e estes monstros que nos atacam sabem até dormir sobre as geleiras.

— O inverno traz chuvas abundantes — comentou Mário — e é preciso que te animes, pois, assim como Marselha terá vinhos melhores este ano, também teus feitos haverão de conseguir cobrir estes infaustos acontecimentos.

Catulo calou-se um momento, meditando na referência do comandante, pois sabia que os marselheses haviam cercado suas propriedades com os corpos em decomposição dos muitos bárbaros mortos nos conflitos e as chuvas ajudavam a decompor os mesmos, deitando à terra a matéria que os vinhateiros acreditavam capazes de melhorar o gosto dos vinhos. Deste modo, fama maior granjearia Mário, enquanto ele estava coberto de opróbrio. Porém continuou a relatar o ocorrido, pois precisava engolir a própria derrota, e apresentar meios de se conseguir suplantá-la:

— Percebendo que contê-los nos desfiladeiros seria impossível, descí em direção à Itália e escolhi um ponto no rio *Adige* e fiz boas fortificações dos dois lados. Tratei de erguer uma ponte que pusesse ambas as guarnições em contato rápido e seguro, para se auxiliarem ante um ataque. Enquanto assim trabalhávamos, na expectativa de um ataque da parte deles, eis que nos observavam e caçoavam de nós, exibindo coragem e perícia. Era de ver-se, Mário, como, inteiramente nus na neve, sentavam nos seus escudos; como faziam deles meio de descerem das maiores alturas, deslizando em velocidade pelos desfiladeiros e rindo de nossa perplexidade. Nunca poderás imaginar como a neve não parece causar a eles o menor mal. Alardearam a audácia que têm e o valor que se vê, pois brincavam como crianças diante do perigo, rindo dele. Por fim, percebemos que vinham se transferir bem próximo de nosso acampamento e ficamos esperando por um ataque, que, dia após dia, pareciam adiar interminavelmente. E, realmente, o ataque começou, mas não da maneira como eu esperava. Estes monstros arrancavam os sicômoros das imediações, como se fossem gigantes desenraizando meros arbustos, e lançavam na corrente enormes troncos, que, levados pelo rio, vinham chocar-se à ponte, abalando seus alicerces. Percebi, sem nada poder fazer, que era eminente a destruição. Muitos queriam debandar, mas não permiti. Tinha ainda esperanças. No entanto, não ficou só nisto. Passaram a tomar enorme

quantidade de pedras e lança-las ao leito do rio. Estas iam afundando e impedindo a vazão natural da água, de tal sorte que o represaram por dias, após o que o dique rompeu, levando em fúria tudo o que tinha à frente. Nunca vi coisa igual. Nossas fortificações foram invadidas não por soldados, mas pela água em fúria. Não havia mais como conter a fuga desordenada das fileiras, e, para não envergonhar meus homens, pus-me à frente na retirada ultrajante, que levou tantas vidas, a fim de que em Roma se soubesse que eles apenas seguiam seu comandante e não havia covardia ou rebeldia neles.

Conquanto muito admirasse nesta atitude a honradez de Catulo, Mário mais se preocupou com os inimigos que teria que enfrentar e que estariam mais arrogantes e audazes ainda, depois de terem infligido tal derrota sem o dispêndio da vida de um só de seus soldados.

— Mas não é tudo. Muitos ficaram nas fortificações, em seus pontos mais elevados, ou por impedidos da fuga, ou por coragem e foram aprisionados, bem como parte de nossos haveres e utensílios...

Estava assim discorrendo Catulo, quando ouviu-se desusado movimento e Marcelo adentrou a tenda, informando admirado:

— Meu comandante, eis que chegam a nós os prisioneiros feitos pelos cimbros. Contam que foram tratados com humanidade e até admiração pelos bárbaros, que permitiram que eles partissem em paz. Antes, porém, obrigaram-lhes a reverenciar um touro de bronze que é seu Deus!

— Meus soldados ajoelhados diante de um símbolo do inimigo? — bradou o orgulhoso Catulo, como se aquela afronta fosse a ele mais desonrosa do que a vida dos seus, ou mais alta.

— Pois irão engolir este touro pelos chifres! — bradou Mário encolerizado. — E quando os tivermos vencido, meu caro Catulo, te farei presente deste ídolo!

Drusus dava conta, junto a Sila, de que os bárbaros haviam se espalhado por toda a região e faziam pilhagens seguidas, causando danos aos seus moradores.

O exército de Mário chegara da Gália, e ele decidiu por atravessar o rio Pó, indo postar-se na defesa de Roma, na defesa da Itália. Começaram a fortificar o acampamento no aguardo de ataques, tal como haviam feito antes aos

ambrões e teutões. Mas nada ocorria e os cimbros diziam que estavam esperando seus irmãos, a fim de ir ao combate.

— Pois quê! — comentou Sila. — Ou fingem não ver ou não sabem mesmo que seus aliados já estão perdidos!

Após algum tempo, alguns embaixadores se apresentaram no acampamento romano. Vinham em resposta aos que tinham ido a eles, com notícias da perda de seus “irmãos”, como os chamavam, pedindo se rendessem. Em primeiro lugar haviam fingido não acreditar nestas notícias, mas depois, ou seja porque realmente haviam tido conhecimento disto por outro modo, ou seja pela demora que percebiam de vir-lhes ao encontro, resolveram dialogar.

Mário reuniu seus comandados e seus oficiais, a fim de ouvirem em conjunto as propostas dos embaixadores dos cimbros. Estes pediram que os romanos lhes dessem terras para cultivar e morar, a si e aos seus “irmãos”. Sem se deixar levar por qualquer sentimento de piedade ou condescendência para com eles, Mário respondeu com ironia:

— Não precisais vos preocupar com vossos “irmãos”. Eles já têm toda a terra que precisam, pois nós a demos, e estão trabalhando nela maravilhosamente. Aliás, vão conservá-la para todo o sempre!

Gargalhadas coroaram as maldosas falas, e os representantes dos cimbros disseram que ele seria castigado por sua zombaria e pela maldade e malícia de suas palavras, primeiro pelos cimbros e depois por seus “irmãos, ” tão logo chegassem, os ambrões e os teutões.

— Não precisais esperar por eles, pois eles já chegaram há muito tempo — falou Mário — e para que não pairasse nuns nenhuma dúvida quanto ao que dizia, mandou que trouxessem manietados nas cadeias mais abjetas, os reis que haviam sido aprisionados após a derrota infligida ao inimigo.

Vinham esfarrapados e rotos, maltratados e quase ensandecidos.

Os embaixadores ficaram estarecidos diante do espetáculo. Já sabiam o que esperar dos romanos. Não haveria terras, nem complacência para com eles, ainda que fossem bandoleiros tangidos de seus locais de origem pela fome e desespero!

— Não é justo que saiais daqui sem lhes prestardes as honras e saudar-vos como irmãos — falou Mário ainda com maior impiedade.

Regressaram, pois, ao seu rei Boiórige e trataram de relatar tudo quanto haviam visto e ouvido.

Capítulo XXXII

Aulo Pompeu e Sextílio

Entrementes, na Galácia, Batabaces foi fazer um sacrifício à deusa Cibele, à qual aquela população rendia o culto. Com a mediunidade que tinha, viu dentro do templo uma mulher a predizer a vitória dos romanos sobre seus inimigos, e foi ao Senado, onde referiu quanto vira. Estas notícias, após o medo que gerara a derrota do exército de Catulo, pôs em euforia toda a população. Naquele mesmo dia, estava o tribuno Aulo Pompeu fazendo seu discurso num comício público, quando Batabaces chegou e subiu ao palanque, sem ser convidado, pretendendo falar ao povo e confirmar sua afirmativa, aumentando mais ainda seu prestígio. Aulo Pompeu não pôde conter-se, tendo diante de si o homem que tanto perseguira e que publicamente o desafiava. Agarrou-o num corpo a corpo ridículo e colocou-o a sopapos fora do palanque, ameaçando sua vida caso persistisse em suas adivinhações.

O choque provocado pelas emoções e as irradiações maléficas que o sacerdote lhe enviou, prostraram-no de cama. Após sete dias, veio a falecer, aumentando o prestígio daquele e causando profunda dor entre seus pares, amigos e a família.

Do outro lado do Mediterrâneo, minha luta pessoal não era menor. Odila, ao contrário do que eu esperava, não parecia bem em Cartago.

Gostava de sair pelos arredores, mas voltava taciturna e ensimesmada. Procurava, sobretudo, os antigos redutos dos fanáticos que reverenciavam Baal. Por mais que eu tentasse distraí-la não mudava a tônica de seu assunto, numa aversão terrível por aquele Molok, que parecia odiar até às raias da loucura.

Eu concordava, em parte, com seu arroubo, quando, um dia, afastando-nos demais dos centros que eu começava a reerguer, fomos surpreendidos com o cheiro de carne que se queimava. Ele provinha de umas ruínas e para lá me dirigi com alguns homens de confiança, junto de Coriolano, deixando Odila. Ela, contudo, desobedecendo minhas ordens, seguiu-me sem que eu

percebesse.

Quando nos aproximamos do local, vimos um bando de homens encapuçados saírem a correr, tomando cavalos escondidos e fugindo no galope. Fiz sinal para que os deixassem ir e adentrei os muros derruídos. Um odor mais forte ainda e um mal estar me acometeu. Ante nossos olhos, corpos carbonizados de crianças recém-natas jaziam com expressões dantescas. Ouvi um grito de terror e voltei-me, mal tendo tempo de acudir Odila, que parecia possesa. Foi a custo que a pude reconduzir à casa, onde falava coisas desconexas. Eu não tinha dúvidas de que o bando de facínoras que fugira, era feito de fiéis daquele terrível Deus, de quem o antigo servo Artaxerxes contava coisas tenebrosas e os povos referiam outras. Resolvi, tão logo as leis me dessem às mãos mais poder, persegui-los sem piedade, varrê-los de Cartago e de toda a região, não dar-lhes descanso a não ser com a morte! E eu o fiz. Fiz pelos anos seguintes, a perseguição àqueles cruéis seres, com método, com disciplina e sem piedade.

Nestes dias, chegou-me a notícia da morte de Aulo Pompeu e isto ainda mais me incendiou o ânimo contra qualquer tipo de feitiçaria, lembrando-me de que Marta lhe mostrara na água da bacia, no Senado, algo que bem podia ser o seu fim, no desafio de Batabaces. Um ódio imenso nasceu dentro de mim, filho de minha insensatez, da paixão desmedida com a qual me apegava a alguma coisa, agora que não tinha mais nem Marta, nem o filho que ideara. Mas Odila ficou novamente grávida e eu pensei ter alguma alegria, depois de tanto tempo.

Enquanto isto, nos Alpes, os cimbros preparavam-se para o ataque, pois percebiam que nada mais podiam esperar do antigo tribuno, que não lhes teria a menor parcela de piedade. Mário se contentava em esperar, aumentando suas defesas. Aproveitou-se para introduzir mais uma modificação no dardo, que tinha cavilhas de ferro a prender a ponteira. Trocou uma por material diverso, fê-la de madeira, de tal sorte que ao prender-se no escudo do adversário ela se partia e a haste pendia para o chão, dificultando a marcha do soldado.

Era dia claro quando Boiórige, rei dos cimbros, se aproximou com um destacamento da posição dos romanos. Vinha desafiar Mário para um combate. Com a ironia que lhe era peculiar, o cônsul, antigo plebeu, respondeu que os romanos não costumavam consultar os inimigos sobre hora e local de peleja, mas que ele teria imenso prazer de os satisfazer. Acabaram, após algumas propostas, aceitando que o combate se desse numa planície ali perto,

de nome Verceles, três dias depois.

Ambos achavam o campo propício aos seus exércitos, deví do à sua vastidão. Boiórige, pelo fato de ter um contingente grande de combatentes e Mário, porque pretendia utilizar a força de sua cavalaria e, para isto, precisava de espaço.

No dia seguinte, Mário sacrificou aos deuses e Marta tomou as vísceras dos animais. Com as mãos sangrentas delas, ela vaticinou a vitória dos romanos. Estes pareciam amá-la profundamente, mas também a temiam e mais de um a havia cortejado, ficando com ressentimento, diante de seu manifesto desprezo por todos. Marta não percebia, então, que estava granjeando inimigos acerbos, embora tivesse vaga idéia pela profecia de Siomara, com relação a nós dois, de que havia escolhido o caminho mais difícil.

— A vitória será minha! — gritou Mário esquecendo de referir os demais combatentes, o outro cônsul, Catulo, e seus lugares — tenentes.

A ambição como que lhe toldava o raciocínio, mas a tropa não percebeu isto, e entrou a dar vivas de euforia. Nisto os corvos chegaram, para maior alegria.

Daí a dois dias saíram das fortificações. Mário delinear o plano. Sua ala de trinta e dois mil homens ficava dos lados da ala de Catulo, que tinha vinte mil e trezentos combatentes. Sila estava junto ao último, que este era o meio de que se servia o antigo plebeu para não deixar a ambos maiores chances de brilhar no combate. Tendo que avançar pelo meio, teriam maior embate de forças e acabariam ficando para trás, enquanto as tropas de Mário avançariam.

Via-se a aproximação das forças do inimigo. A infantaria saía à frente, em ordem, avançando, cobrindo largo terreno, como um mar de homens, com seus escudos brancos de tanto brilho, duas lanças nas mãos e espadas longas e pesadas. A visão de sua marcha causava medo, pois seus capacetes com faces hiantes de animais e longos penachos emprestava-lhes aspecto animalesco e altura maior. Estes cavaleiros pareciam aproximar-se de quinze mil. Outra parte deles marchava para a direita, tentando assim fechar o exército romano entre os dois grupos. Mário percebeu a manobra, mas nem teve tempo de dar ordens, pois os soldados que à frente iam, tomaram o desvio do inimigo como fuga e começaram a gritar que eles fugiam, partindo para o ataque.

Não havia mais como detê-los, pois se lançavam com ímpeto em direção aos piratas do Báltico.

Todos lembravam das promessas de Mário, quando do vaticínio de Marta, quando ele, erguendo as mãos para o alto prometera sacrificar cem bois aos deuses. Catulo, então, prometera edificar um templo a Deus do dia, à Fortuna. Ambos assim o haviam jurado, erguendo as mãos para os céus. Que terrível promessa, que punha mais agravo a tantos crimes!

A movimentação rápida e apressada dos soldados, impôs um resultado inesperado. O número de soldados que saíam para atacar os cimbros foi tão grande, e, fazendo com que estes também se lançassem ao ataque, que levantou enorme poeira do chão. Os dois exércitos mal podiam se ver, tamanha era a poeira que subia. De certa forma isto foi providencial. Não vendo senão o inimigo que tinha diante de si, os romanos atacavam como se o combate fosse a um só homem, de per si, e não podiam aquilatar a quantidade incalculável do contingente inimigo. A infantaria dos cimbros avançava como mar furioso pela ala esquerda. Mário, obrigado a atacar, diante do ímpeto de seus comandados, saiu em disparada com sua ala, mas a nuvem de pó como que cobria o inimigo e ele errou pela planície, enquanto Catulo recebia o *golpe* maior da mole humana.

Porém, o dia do entrevero, escolhido por Mário, apresentava-se quente, o sol já ia a pino, segundo as previsões dele e de Marta, e os bárbaros, acostumados às geleiras infundáveis das regiões umbrias das quais haviam partido, sofriam terrivelmente o golpe dos raios solares, exudavam abundantemente, perdendo as forças e mal podiam enxergar, diante da claridade a que não estavam acostumados e dos reflexos luminosos das armaduras e escudos. Usavam agora os mesmos para cobrir a cabeça que ardia do calor escaldante, e se tornavam vulneráveis aos golpes das espadas romanas. Era 30 de julho do ano 653 de Roma, 101.A. C. em pleno solstício de verão, e as labutas que Mário infligira aos seus comandados, os havia enrijecido, multiplicado as forças e tornado mais imbatíveis ao cansaço. Assim, por mais que se prolongasse aquele corpo a corpo, eles não cediam vez ao suor ou ao desânimo, Dantescamente os cimbros haviam usado um artifício que lhes seria fatal. Os soldados de suas primeiras fileiras da infantaria, numa prova desusada de coragem, haviam se acorrentado mutuamente, uns aos outros, para que ninguém ousasse debandar durante as lutas, em fuga degradante. Presas nos cinturões, estas cadeias de ferro tinham por finalidade uní-los como um só e

gigantesco corpo. As tropas de Catulo lutavam bravamente.

Por orientação de Sila, este cônsul mandara seus soldados gravarem nos seus dardos, lanças e espadas o seu nome, a fim de que Mário não lhe pudesse roubar a glória dos seus feitos ou a de seus comandados. E isto fora providencial, pois na confusão reinante, coubera a Catulo o maior embate nas lutas, sofrerá ele o golpe mais violento. Grande número de bárbaros caía varado pela ferocidade dos soldados da insígnia da águia. A previsão de Marta, na véspera, parecia cumprir-se integralmente. Aqueles que se haviam manietado com as cadeias de ferro, ficavam duplamente pesados, quando um companheiro era transpassado, precisando lutar, arrastando os cadáveres insepultos dos amigos, ou os agonizantes. Isto demonstrava que os cimbros não eram covardes, nem se iludiam. Prefeririam mil vezes morrer com seus reis, nobres, militares e famílias a se entregar nas mãos dos seus contendores. A carnificina atingia seu auge, quando começou uma debandada natural dos cimbros, que, ao perceberem a derrota inapelável, marcharam desordenadamente em direção às suas fortificações.

O que se passou, então, não há imaginação, por mais fértil, nem estilo por mais ardente, que possa descrever nas minúcias da sua crueldade e truculência. Mulheres, ajaezadas de negro, pois assim todas se haviam vestido, temendo a derrota e a chacina, saíam de seu acampamento, em alguns carros e pu nham-se a matar os companheiros que retornavam daquela forma. Acompanhadas de crianças pequenas, elas lutavam não contra os romanos, mas numa louca disparada de extermínio dos seus. Vendo-as, por aquele modo, os homens, seus companheiros, penduravam-se nas árvores, enforcando-se. À falta de galhos que os pudessem sustentar, naquele morticínio de proporções dantescas e horríveis, começaram a passar os laços corredios nos chifres dos bois que sobravam dos carros, e os aguilhoavam com tal fúria, que os pobres animais saíam em louca disparada, completando o gesto suicida, até com pisoteamento das patas alucinadas.

Uma das mulheres, bela e esguia, de olhar incendiado de ódio, passou os dois pequenos filhos, prendendo-os aos tornozelos, e, ao ver passar um carro romano com a insígnia da águia, laçou a ponta da corda à sua haste, lançando o próprio corpo em disparada, como se com sua morte pretendesse segurar a insígnia que tremulava, símbolo da miséria e morte de seu povo. O condutor do carro tentou impedir tal gesto, mas era tarde. Arrastada alguns metros pelo animal em disparada, levou atrás de si as duas pequenas crianças que tiveram o corpo esfacelado nas pedras. Este condutor de nome Lúrio, que fora

anteriormente o romano Tarquínio, veio a reencarnar nas Minas Gerais, após longas peregrinações na carne, como Felipe dos Santos. A mulher em questão, terrível perseguidora de Marta, era a esposa do rei Boirógine, e deixara atrás de si um reinado onde fora feliz e realizada, para sucumbir ralada de amargura e ódio, sob a carreira vertiginosa da águia romana!

Os romanos procuravam aleatoriamente agir. Não mais perseguiram e matavam o inimigo, vendo a ferocidade com que se auto trucidavam das formas mais terríveis, quase sempre por asfixia mecânica, e a ordem dada aos berros, de uns para os outros, era a de aprisionar o maior número possível de homens, mulheres e crianças. Parecia que o próprio horror de suas ações chegava a eles da forma inapelável, como um remorso que não entendiam, mas a consciência lhes cobrava instintivamente.

A lembrança destes feitos como que perseguia Mário nos seus sonhos, quando, na prisão da Ilha das Cobras, como Tiradentes. Em transporte via-se, então, como general romano, e assistia ao interminável desfile dos seus feitos, os quais considerara gloriosos, mas que lhe custariam pesados tributos.

Quando, ao final do dia, as sombras começaram a chegar sobre o acampamento dos bárbaros, contava-se mais de sessenta mil prisioneiros e o número de corpos que se viam espalhados pelo solo ou pendurados nas encostas e nas árvores era o dobro dos remanescentes.

Começou a haver entre os vitoriosos homens uma dissensão. Os soldados de Catulo creditavam-lhe a vitória, ansiosos de recuperar o prestígio de seu general, e por uma questão de justiça mesmo, já que eles haviam recebido a força maior do ataque. Percebendo isto, os soldados de Mário queriam, por força, creditar a este, e somente a este, a vitória. A dissensão começou por falas fúteis e ganhou corpo em meio à tropa.

As falas começaram entre os serventes, gente rude e inculta, mas acabou por ganhar corpo entre os próprios lugares — tenentes, que passaram a se olhar de forma animosa.

Nos dias que se seguiram, o rastilho do descontentamento atingira o auge e alguns juizes de Parma foram chamados a resolver o litígio entre as partes. Foi, então, que Catulo e Sila levaram tais homens às pilhas de corpos decompostos, mostrando os dardos, espadas e lanças que haviam transpassado o maior número de vitimados. E viu-se que na grande parte deles o nome de

Catulo gravado por seus homens em suas armas, demonstrava claramente que os seus comandados haviam brilhado muito mais e dado mais sangue por aquela vitória. Os juizes foram obrigados, diante da evidência dos fatos, a dar razão ao cônsul dos nobres, porém o povo, depois o Senado, mesmo diante disto, passou a idolatrar mais e mais o plebeu. Criava-se, ali, uma cisão entre os dois cônsules. Não haveria mais como impedir que Mário passasse a odiá-lo pela humilhação que lhe infligia, no juízo dos homens sábios de Parma, chamados a resolver o litígio. No entanto, no futuro, ambos estariam ligados no movimento Inconfidente de Minas. Além disto, pesava no ânimo dos povos a lembrança da primeira vitória de Mário sobre os ambrões e teutões e a derrota de Catulo na primeira refrega que tivera com os cimbrós. A mole humana saciada seguiu em direção a Roma, acabando com os últimos redutos de alguns fugitivos. Atrás dela a inumerável mole fantasmagórica dos vencidos seguia tristemente e cheia de ódio, clamando por vingança. Seu número somava mais ou menos quinhentos mil almas. Quinhentos mil inimigos de outras tantas milhares de almas que naquele instante se julgavam felizes pela vitória alcançada! Quinhentos mil motivos diversos, que o campo de batalha levantava como um exército miserável, mas não vacilante, na determinação de uma vingança terrível!

A nuvem agoureira e famígera dos bárbaros estava materialmente reduzida a milhares de prisioneiros e a corpos deixados para trás. Roma se regozijava e preparou-se para dar aos seus heróis toda a pompa e festas, todas as primícias da vitória. O estremecimento entre Catulo e Mário pareceu sofrer um interregno, pois, a fim de contentar um número incalculável de descontentes consigo, o plebeu fez questão de desfilar lado a lado com o cônsul dos nobres, ombreando com ele nas homenagens prestadas e até levando à sua casa, como prêmio maior, o touro, que era o símbolo deificado dos vencidos. Neste desfile triunfal houve quem visse no gesto de Mário uma ponta de modéstia. Porém Rútílio, Marcelo, que já lhe sofrerá alguns golpes, Otávio e Trebônio comentavam com Sila os motivos reais daquela atitude aparentemente nobre:

— Ele teme a grita dos soldados de Catulo, que são homens de bem, cuja palavra faria estremecer o próprio Império — comentou o antigo questor naquele linguajar sardônico.

— Procura conquistar a plebe e dobrar os nobres para que lhe concedam o sexto consulado. Eis que já tenho observado suas manobras entre os camerinos, que ele comprou com o título de cidadania romana, passando por

cima das leis, pois lhes prometera tal se o servissem.

— Já o ouvi reftar tal argumento, pois ele diz que o barulho das armas, o choque das espadas o fizeram surdo às leis — secundou Otávio.

— Não há ninguém mais surdo às leis romanas que Mário, quando elas não interessam por não serem úteis aos fins a que se destina — falou por sua vez Trebônio.

Realmente o que se seguiu foi uma campanha descarada e desusada, levada a efeito pelo cônsul moço. Apesar de não ser imune às críticas que lhe faziam as pessoas mais cultas, temendo sempre suas análises e falas, passou ele a mostrar-se mais modesto e humilde, menos arrogante, e procurava, por todos os modos, comprar as graças populares. Não estava mais no campo de batalha que sempre lhe dera brilho invulgar, dada sua natural predisposição para as artes marciais, e o que não conseguia com lisonja e fingida amabilidade, comprava mesmo ao peso das moedas sonantes. Júlia discutia abertamente com ele por isto. Muitos viam que a antiga e orgulhosa jovem sofria muito nas mãos arbitrárias do marido, que ia conduzindo para os mesmos gestos e atitudes o pequeno Mário, ao qual desejava todas as glórias do mundo. Como a campanha pelo consulado fosse avante, percebeu que o seu antigo protetor Metelo tinha a admiração popular e das famílias mais ilustres, e começou a pensar num meio de o alijar da candidatura, expulsando-o de Roma. Este comportamento abjeto, filho de uma ingratidão sem limites e de uma mesquinhez desmedida, sempre ditada pela incapacidade moral dos invejosos, que não podem suportar os amantes da verdade e da virtude, levou-o a ligar-se profundamente a dois homens perversos, que militavam no campo político: Glaucias e Saturnino, que já lhe valera na eleição de cônsul pela quinta vez, simulando nos comícios, fingida admiração e complacência. Deste modo, usando todos os recursos que a sua megalomania exigia, Mário foi eleito cônsul pela sexta vez no ano de 654 de Roma. Assim titulado, exigiu o afastamento de Metelo e nomeou Valério Flaco, um homem sibilino que o obedecia em tudo, para servir de cônsul no lugar daquele e obedecer cegamente às suas vontades. Ao mesmo tempo Saturnino subia a tribuno do povo, numa disputa ardorosa e cheia de rancores com Nônio, que o desmascarava publicamente em suas pretensões.

Capítulo XXXIII

Expulsão de Metelo

Tão logo viu-se eleito, ardilosamente Saturnino propôs ao Senado um juramento, pelo qual ratificaria todas as decisões da Assembléia do Povo. Ora, a assembléia estava já nas mãos de Saturnino, e Mário fingiu temeridade na aprovação desta lei, que ele mesmo insuflara na mente perversa do outro. Ele sabia que Metelo jamais concordaria com isto, pois era um homem de bem e sempre pleitearia pelo voto das leis, uma a uma, obedecendo à necessidade do momento e do povo. Se Metelo se negasse a aceitar a lei de Saturnino, Mário poderia, desta forma, levantar no povo um ódio profundo ao seu antigo protetor. A forma como Metelo saíra da luta contra Jugurta, entregando-lhe o prêmio cobiçado da vitória, a qual depois Sila lhe tomara ardilosamente, ainda estava fresca na sua memória perversa. Ele conhecia demais o antigo amigo, que sempre o apoiara e sabia que nunca lhe vira um só ato de covardia, mesmo diante do maior perigo.

Parentes e amigos instavam com Metelo para que deixasse a vida pública e se dobrasse às exigências de Mário. Ele porém dizia que era muito fácil fazer o mal, mesmo o mais ligeiro, ou fazer o bem quando não havia nenhum perigo à vista, porém um homem honrado e virtuoso faz o bem, mesmo que isto lhe custe um perigo grande ou ganhe as ameaças dos seus pares.

Diante do Senado, no momento de votar, Metelo negou-se a aceitar a lei de Saturnino. E a assembléia foi dissolvida.

Não conseguindo o que desejava, Mário instou Saturnino a armar uma cilada aos senadores. Que os convidasse à tribuna, num comício da plebe. Mesmo percebendo as manobras dos dois, Metelo negou-se a não comparecer a tal local. Mário fingindo uma modéstia que não tinha, fazendo-se de humilde talou perante o povo que não podia deixar de tocar num assunto tão importante para todos, pois não era orgulhoso para calar. Disse que pessoalmente votava ali a lei que apresentara Saturnino. Apresentou-se e fez solenemente o juramento, afetando uma improvisação. Um a um, os outros senadores foram aprovando os dois astutos e ardilosos plebeus, e, quando

chegou a vez de Metelo pronunciar-se, contra o pedido dos amigos mais chegados, ele conservou sua antiga posição, negando-se a aprovar tal lei. Uma grita irrompeu entre o povo. Havia os mais exaltados que desejavam apedrejá-lo ali mesmo, ou levá-lo até a Rocha Tarpéia para de lá o atirar à morte. No entanto, sua autoridade moral prevaleceu e ele atravessou incólume pela mole humana, indo entristecido para sua residência.

Saturnino aproveitou os exaltados ânimos e decretou uma outra lei, em que se proibia terminantemente os cidadãos de ceder a Metelo fogo ou água, a fim de que viesse a perecer de frio e fome. Otávio e Marcelo, Trebônio e Rutilio, comandaram alguns homens para guardar a propriedade do amigo, temendo por sua vida, diante da maneira como Mário e Saturnino conduziam o ânimo dos mais exaltados. Apresentando-se diante dos amigos, Metelo conservou, embora a tristeza, as mesmas maneiras altivas e serenas de sempre:

— Ausentar-me-ei, para não dar aso a novas desordens. Se Roma conhecer dias melhores e de mais sensatez, por certo chegarei a ser chamado de retorno à cidade, caso contrário, melhor me é sair daqui, para não assistir a esta derrocada nos costumes!

Assim retirou-se a Rodes, onde tinha amigos verdadeiros e dedicou-se, por largos anos, ao estudo da filosofia, aproveitando até mesmo os dissabores da vida, para granjear mais conhecimento e virtude.

Por outro lado, Mário comprara um amigo, que sabia cobrar bem caro todos os favores. A Saturnino devia-se a saída de Metelo, bem como o quinto e sexto consulado de Mário, apesar do grande prestígio alcançado no campo de batalha. Este homem, contudo, era de uma violência inaudita.

Saturnino, com a saída de Metelo, pôs-se a praticar inúmeros assassinatos, enviando asseclas cruéis sob suas ordens, causando grande pandemônio na cidade. Não contente com isto, matou com as próprias mãos o seu maior contendor, Nônio, publicamente, só por que este se negara a estender-lhe a mão em cumprimento, dizendo:

— Só te estenderei a mão, quando quiseres te levantar!

Aos poucos, a cidade conheceu dias de imenso pavor, de tal sorte que muitos nobres começaram a reunir seus comandados e partiram para a residência de Mário, a fim de exigir a volta de Metelo e a punição de Glaucias e

Saturnino.

Júlia assistiu impotente à discussão que se travou entre estes homens e o marido, que a tudo respondia de forma irônica e sarcástica.

Foi nesta época que Mário começou a beber, primeiro socialmente, para depois fazê-lo com acinte, a fim de magoar a consorte.

Prometeu que tomaria providências para coibir os abusos, mas na verdade ele não tinha nenhuma ascendência sobre seus fâmulos e, dentre eles, Sulpício que lhe entregara a cidadania aos camerinos, em número de dois mil, e passou a vender a mesma em bancas pelas praças principais da cidade, como coisa vil, ou mercadoria sem importância, e ninguém se lhe podia pedir contas, pois tinha um número incontável de asseclas, sempre a tudo dispostos, atendendo às suas ordens.

Em meio às lutas burocráticas, Mário foi perdendo o prestígio tão grande, alcançado nos campos de batalha. E, percebendo que perdia a influência, nem mesmo assim diminuiu seu orgulho, porém teve receio de candidatar-se novamente ao cargo de cônsul, e ser recusado no pleito. Desta forma, outros ainda piores que ele, aproveitando a ausência de Metelo e de outros homens de bem, aproveitando mesmo a minha ausência, conseguiram subir a tão importante cargo, causando ainda maiores desmandos por toda a parte.

Entrementes, percebia-se que reis do Oriente estavam cada vez angariando forças, tornando-se assim alvos dos cuidados de Roma. Sila era sempre incumbido de expedições para lá e Mário ardia de vontade de conseguir novo campo de batalha, onde fizesse florir novamente os louros de suas vitórias, e de sua valentia.

Seus amigos eram os piores homens, os mais venais de Roma.

Capítulo XXXIV

Em Cartago

Em Cartago, após aquela surpresa inesperada, revivendo os horrores de uma crença famigera, Odila reconheceu-se grávida. Imenso pavor pareceu, então, apoderar-se dela. Eu não saberia dizer o que se passava em sua mente, pois, às vezes acreditava que a perda de nosso primeiro rebento a martirizasse ainda, renovando o medo de nova perda, mas, de outras, percebia-se-lhe que ligava às chacinas com crianças o seu receio. De meu modo, procurava apaziguar-lhe o espírito, porém também a mim as cenas dantescas assistidas perseguiram-me atrozmente. Foi neste momento que resolvi fazer justiça com minhas mãos, naquele orgulho romano e de casta que me caracterizava o gênio autoritário.

— Marcus, — falei eu a um homem de minha confiança — usa todos os recursos que possas ter, para o encontro do bando de facínoras que surpreendemos outro dia. Haverá de atirá-los à mais funda enxovia, onde pagarão seu fanatismo e ignorância. Os corpos dos inocentes estão a me cobrar em sonhos providências e, eu te juro, Marcus, todos os que me servirem neste projeto receberão regamente a paga, quando não o seja pela mesma complacência dos deuses romanos, os quais hão de estar indignados com tanta maldade.

— Nobre Sextílio, tudo faremos por servir-te; e a Roma contra estes perversos — respondeu o robusto homem, curvando-se e pondo-se diligentemente a pesquisar o assunto.

Longos foram os meses de espera, e quando Odila estava prestes a dar à luz, tendo-a cercado de todo cuidado, a fim de que não tornasse a passar pelos momentos difíceis que já vivêramos, veio-me à presença o lictor solícito, informando que finalmente descobrira o local onde se haviam homiziado os sacerdotes do culto famígero, e quais os planos para, finalmente, deitar-lhes mão.

Estudamos longamente os rumos que tomaríamos, e resolvemos agir na

calada da noite, a fim de surpreendê-los, mesmo que fosse em meio aos seus cultos dantescos. Aliciei minha escolta pessoal e os homens do contingente romano que poderiam valer-me naquelas terras conquistadas e, deixando Odila aos cuidados dos servos mais chegados e de um médico de confiança, parti, ávido por aprisionar os inimigos de minha tranquilidade e do terror de Odila.

Tudo transcorreu dentro dos planos ideados. Uma enorme propriedade particular, de rico comerciante, servia de base às operações do grupo.

Homens bem treinados guardavam as principais posições e Marcus me havia referido a possibilidade de fuga para o mar, pois, não longe dali, embarcações estavam sempre prontas a zarpar, o que indicava alguma passagem subterrânea que levasse aos navios. Havíamos cautelosamente estudado cada passo das pessoas sob nossa vigilância, e pago regamente os servos dispostos à traição. Tudo fora tão meticulosamente calculado que, não tínhamos dúvidas, haveríamos de conseguir nosso desiderato. Alguns homens foram por mim postados entre as embarcações e a propriedade, a fim de aprisionar quem se aventurasse à fuga. Pelo que sabíamos, havia um cômodo onde as cerimônias de seus cultos eram feitas, e bastava-nos o encontro da estátua famígera de Molok, para levar à morte quem se encontrasse nos limites da casa.

Avançamos com cautela; a noite era escura e todos ardiam de desejo de tomar assento ali. Um a um, fomos derrubando os guardas postados rente aos muros, Marcus usara um recurso natural do país, com setas minúsculas sopradas por um nativo e seus companheiros, embebidas em veneno secreto de sua tribo. Sem ruído, fomos avançando, até que pudemos colocar um dos nossos do outro lado, a abrir-nos silenciosamente a passagem para o assalto final.

A casa tinha aspecto pesado e incomum. Muito ajazada de escultura em baixo relevo e escritas cuneiformes que eu não sabia decifrar, de plantas exóticas e ambiente escuro. Um exagero no luxo desusado causou-me ainda mais má impressão. Uma velha serva pareceu pressentir nossa entrada, embora olhasse com os olhos fracos para as sombras da noite, sem dar-se conta do perigo real, e adentrou o largo corredor de entrada, em passos apressados. Fiz um sinal a um dos nativos que logo a abateu. Fomos entrando pelos cômodos, sem ruído. A noite ia alta e dir-se-ia que todos os moradores dormissem, mas o cheiro detestado no ar, que eu já captara, dava-nos certeza de que, em algum lugar, uma cerimônia já nossa conhecida, tétrica e terrível, estava tendo

prosseguimento.

Meus homens se haviam postado para interceptar qualquer fugitivo. Avancei com eles. No centro da casa, deparemos com larga porta de cobre, ornada de figuras estranhas. Tudo me dizia que atrás dela encontraria o que estava procurando. Como abrí-la, contudo? Um dos nativos olhava abismado e trêmulo os sinais na mesma, e percebi que o terror o levaria à fuga. Ordenei a Marcus que se impusesse. Conversaram um momento na linguagem que eu não sabia e meu subalterno conseguiu dominar o nativo. Ele dialogou algum tempo com seus amigos, para depois entregar a eles um colar que trazia preso ao pescoço e seus pertences.

— O que isto significa? — perguntei a Marcus, inquieto com a demora pela decisão de abrir aquela porta.

— Eie sabe como fazer para abri-la, mas diz que morrerá ao tocá-la. Como lhe prometi vultosa quantia e liberdade para sua família, despede-se dos amigos e vai abrir a porta, com o custo da própria vida.

— Ora, isto são crendices! — falei de maus modos, observando a cena, que eu considerava ridícula.

O nativo aproximou-se de mim e cruzou os braços, saudando-me. Era evidente para ele que morreria por minha causa, ou pela causa que eu defendia ali. Não precisou dizer. Entendi seu gesto. Aproximou-se da porta e tocou um detalhe do engaste. No mesmo instante, a porta girou sobre seus gonzos quase sem ruído, e o vi cair ao chão contorcendo-se de dor. Pensei, naquele momento, que haveria algo no entalhe que lhe provocaria a morte. Hoje sei que sua superstição tinha fundamentos que me escapavam, no modo de agir dos sacerdotes de Baal. Sem mesmo me importar com o pobre, a quem os amigos nem ousavam tocar, como se ele transmitisse ao toque a morte, falei a um soldado que o acudisse, tirando-o dali e adentrei o recinto com meus homens. A enorme estátua de Molok jazia imponente ao fundo do cômodo, ajazado de outras estátuas e muitos objetos de cerimoniais. Um homem, de longo manto negro, ia apunhalar um infante e jogá-lo sobre os joelhos infernais e flamejantes da mesma. Não teve tempo. Uma lança o atingiu e ele caiu de borco sobre o estrado. Seus homens mal tiveram tempo de esgueirar-se uns pelas colunas saindo por locais que não percebi, enquanto outros eram aprisionados. Eu sabia que, se demandassem a praia, acabariam invariavelmente prisioneiros. Mandei revistar cada aposento e ordenei que

fossem manietados todos os moradores daquela casa e levados para o calabouço. Haveria de remetê-los a Roma para julgamento e morte certa, diante de seus crimes. Apesar da facilidade com a qual eu conseguira malbaratar um foco daqueles asseclas, não podia sentir a alegria que esperara. Um cansaço e nervosismo tomava-me de assalto. Ao retornar fora dos muros, após toda a operação, tive que passar diante do corpo do nativo que abrira a porta. Aborrecido, falei para Marcus:

— Providencia a ele um enterro justo e todas as honras. Vê que sua família seja protegida. Não posso entender, senão que morreu de medo, pela superstição que demonstrava.

— Será feito segundo suas ordens, nobre Sextílio. Seus amigos pedem para levá-lo à sua tribo, que fica há dias daqui e dar-lhe as cerimônias de seu culto, para que sua alma descanse em paz.

— Faça-se como achares melhor. Preferia não havê-lo perdido.

E, tirando do peito um broche riquíssimo, entreguei ao meu comandado, para que o fizesse chegar à sua família.

O dia já ia clareando quando cheguei à nossa casa. Vieram-me ao encontro, sorridentes e felizes, Cósroe e Coriolano, que me haviam acompanhado em minha viagem.

— E uma menina, uma linda menina, e D. Odila passa bem — falou a mulher emocionada.

Só então, pude sentir-me um pouco feliz.

Enquanto isto, em Roma, Marta conseguira finalmente recompor a propriedade que eu lhe dera, como pagamento. No entanto, as lutas com os bárbaros, como que lhe haviam roubado a impetuosidade. Vivia quase reclusa em sua casa, só recebendo os poucos consulentes que lhe pudessem render altas quantias e cercava-se de fâmulos, como se temesse algo. Alguns homens a assediavam conquistados por sua beleza, e ela os tinha dominado, porém não se decidia a ligar-se a nenhum mais profundamente. Dir-se-ia que esperava por algum nobre que se rendesse aos seus encantos, porém ela já tinha aos seus pés Lutácio e Petrônio. Diziam as más línguas que com este Marta tinha uma ligação mais profunda, embora não se houvesse consorciado. Minha ex-serva deixava-se ficar em Roma, cada vez mais requisitada por seus poderes e cada

vez mais estranha. Entre ela e Sila haviam surgido umas altercações, quando este procurara seus préstimos e ela os recusara. Comentava-se abertamente em Roma que Sila quisera expulsar mais de uma vez a pitonisa de Mário, sem, contudo, podar fazê-lo.

Em meio às desordens que se sucediam na cidade, Mário discutiu acerbamente com *Júlia*:

— Por que não te candidatas ao consulado? Não dizias sempre que serias por sete vezes cônsul? Marta não te vaticinou *isto* mesmo? Mas não! Levas a vida a beber e pandegar, a encobrir estes criminosos a que te aliaste em má hora. Mário, que exemplos de honradez darás a nosso filho, com os quais ele prossiga com os feitos de seu nome ilustre?

— Seu nome ilustre. É só o que sabes me cobrar. O nome ilustre que deste a nosso filho. Mais que um nome, ele é o que é por ser filho de Caio Mário, o mais valente dos romanos, sem o qual esta cidade e todo o império estaria hoje sob o domínio dos bárbaros. Teu orgulho te faz esquecer a verdade!

— Mário, te peço, para com estas ligações com Glaucias, Saturnino e Sulpício. Eles se servem de ti e não servem a ti.

— Inteligentes palavras, mas sem fundamento. Tudo é um jogo. Um jogo mesquinho de influências. Tudo o que eu preciso é de uma nova batalha, e já que não aparece, vou cavá-la.

Nisto entrou no recinto um jovem em tudo semelhante ao pai. Tinha o mesmo modo de andar e o olhar azul frio e irônico.

— Vem cá, meu rapaz. Dize a tua mãe que não preciso da nobreza de Roma, nem dos cargos do Senado para mostrar meu valor.

— Papai é o homem mais famoso e valente de todo o Império — falou o rapazinho com um brilho no olhar.

— É isto mesmo — respondeu com uma gargalhada o antigo plebeu. — Só tua mãe não vê isto. Acho que são saudades de um sonho que se frustrou.

Júlia fez-se vermelha de cólera. Sabia que o marido se referia ao seu casamento aniquilado do passado.

— Te proibo de tocar na minha honra de forma tão desairosa. Não precisas me ofender para mostrar teu valor!

— Não são ofensas, nobre Júlia. Mas eu te deixarei livre de mim por uns tempos. Vou caçar uma guerra para me distrair.

— Onde vais, paizinho? Lutar com os soldados do campo de Marte?

— Não, meu valente rapaz. Deixo para ti este esporte. Vou procurar Mitridates. Logo Roma terá motivos de mais aplausos para Mário.

— Procura ouvir os vaticínios de Marta antes de partir — falou Júlia sabendo de antemão que nada poderia mudar os planos do marido.

— Crês mesmo que a pitonisa tenha algo novo para me dizer? Não me vaticinou sete consulados? Mário não precisa de ninguém para conseguir o que deseja. A Fortuna está ao meu lado. Eu tudo posso!

Realmente daí a dias, Mário partiu com uma comitiva em direção à Ásia. Adentrou os domínios do rei em questão, como um proprietário daquelas terras. Agiu sempre de forma grosseira e desairosa para com o outro. Porém, Mitridates, que não era tolo, soubera de sua chegada e preparara-se para lhe dar todas as honras de sua fama, de não o magoar em nada, de tudo fazer para não se indispor com aquele astuto e ambicioso romano!

Mário logo percebeu que não poderia levar de vencida o rei com atitudes de desprezo e deboche, pois este suplantava sempre os pedidos mais absurdos que o plebeu fizesse, para alojar condignamente seus homens e dispensar-lhe a melhor hospitalidade possível. Durante muito tempo, Mário testou a paciência do adversário que queria atrair para si, sem conseguir-lhe dobrar a manha. Finalmente recebido em palácio, após muitas marchas e contramarchas, ele se viu frente a frente com o homem que desejava usar, para retomar o prestígio em Roma. O rei o cumulou de presentes e convidou-o a permanecer em seus domínios como hóspede de honra, pelo tempo que desejasse. Em vão Mário usou ardis para o diminuir perante a corte. Em vão o presenteou com a insígnia da águia, para provocá-lo. Mitridates colocou tal insígnia acima da sua, sobre o trono, dizendo que uma guardava a outra.

Durante muito tempo ali permaneceu Mário testando a paciência do seu hospedeiro e saindo pelo país a promover desordens. A tudo Mitridates respondia com complacência e dignidade. Finalmente, tendo resolvido partir,

foi jantar por última vez em palácio, com seus oficiais mais graduados. E, ao se despedir do rei, falou-lhe rudemente:

— Rei Mitridates, resolve-te entre ser mais forte que os romanos ou submete-te a eles. Não terás outra escolha.

O monarca percebeu a advertência rude. Sabia que seu poderio e riquezas inquietavam os romanos, porém não desejaria jamais que tal poder fosse a causa da ruína de seu povo.

— Mário — falou com mágoa na voz — foste recebido como amigo. Considero-me súdito de Roma. Vá a ela como amigo também.

De retorno à Cidade Imperial, percebendo o prontígio que Sila granjeava, dia a dia, Mário resolveu construir uma casa na praça mais próxima do Senado, para chamar a si a atenção pública. Dizia que mudava para mais perto, a fim de que os cidadãos não tivessem que vencer distância para chegar a ele, para cumprimentá-lo ou auferir favores.

Capítulo XXXV

Perseguição e morte

Resolvi, naquele momento, retornar a Roma junto de Odila, e de minha filha Fausta. A pequena estava naquela fase da infância mais cheia de graça, quando o balbucio das palavras e as travessuras começam a encher de alegria todos os ambientes.

Desde minha incursão na perseguição aos asseclas de Baal que não via o momento de retornar a Roma, procurar os amigos antigos e retomar minhas atividades. Parecia-me que Cartago nunca mais se reergueria das cinzas, e temia que algum remanescente daquele grupo pudesse se vingar em minha menina e em minha esposa. Aproveitei uma oportunidade e, não sem emoção profunda, atravessei a cidade, à procura da casa de Aurélio Orestes, meu querido sogro, cada vez mais próspero e feliz. Meus pais haviam envelhecido com minha ausência, o que lhes fora um suplício, desde que isto punha mais negror nas lembranças da morte de Faustina. Mamãe chorou copiosamente ao ver a pequena Fausta, ainda mais que esta lhe lembrava minha irmã até pela semelhança do nome.

Foram meses de feliz reingresso nas lides administrativas, de rever amigos queridos que havíamos deixado para trás, evitando qualquer comentário sobre os sucessos havidos do outro lado do Oceano, coisa impossível de se pôr em efeito, visto que eu mesmo remetera prisioneiros com severas instruções, que haviam sido imolados em Roma.

Propus-me uma tarde a procurar Lântulo, que eu sabia, por amigos, ainda morava junto a Cloé, pois ninguém conseguia tirá-lo de sua casa, e cada vez estava mais perturbado, segundo notícia. Pensei que minha visita lhe poderia trazer alguma melhora.

Já me aproximava da residência, que apresentava um aspecto diferente do que eu conhecera, estando descuidada, quando vi um carro em vertiginosa carreira. Alguns homens a cavalo corriam-lhe atrás, e eu percebi que o condutor maltratava mais e mais os animais que, em fúria, se precipitavam pela

estrada, sem controle. Passaram por mim, sem que eu os pudesse deter, vendo estarecido, sobre o carro, meu amigo Lântulo, profundamente transtornado e Cloé, que o tentava deter, em vão.

Apressei-me a correr atrás dos servos, que procuravam deter a marcha desordenada. Não muito longe havia um local perigoso para o trajeto no qual permanecia o carro. Pressenti que algo poderia ocorrer, e dei-me mais pressa, acelerando o animal que me levava.

Inútil meu tentame e o dos servos. Não longe dali a roda desprendeuse e tudo se precipitou desastrosamente ao chão, numa cena dantesca. Aproximando-me ofegante, desci precipete do cavalo, para fitar estarecido a pobre Cloé esmagada sob parte do transporte e Lântulo, com o pescoço quebrado, sob o impacto da queda.

Tomei as providências cabíveis e fiquei sabendo, pelas servas mais chegadas, que Cloé fora pedir auxílio a Otávio para a cura de Lântulo, e este se encheria de ciúme. Julgando-se traído, tentara matá-la, para depois sair, dizendo que iria se precipitar no Tibre. Cloé saíra-lhe no encalço e tudo acabara daquele modo trágico e inesperado.

Durante as cerimônias fúnebres, vi Marta novamente. Estava muito sofrida no semblante. Ao seu lado, vi Lutácio, o homem que diziam era seu amante. Meu olhar como que a acusava de nada haver feito para impedir aquela tragédia. Marta, contudo, observou-me mudamente. Acendeu no ambiente algum incensório, que trouxera num pequeno tubo e fez algumas orações. Ninguém ousou impedir-lhe a interferência estranha. Granjeara muito respeito na cidade. E, da mesma forma como viera, saiu sem dirigir-me mais que um olhar, em que ainda senti uma profunda mágoa,

Logo após os funerais, a cidade foi sacudida com uma notícia, que correu de boca em boca. O genro de Jugurta, agora rei na Numídia, fora considerado pelo Senado como amigo e aliado dos romanos. Nesta circunstância, Sila houvera conseguido o que pleiteara, segundo seu acordo, para que o rei lhe entregasse Jugurta. Novamente a lembrança da guerra veio-me à memória, com todo seu cortejo de maldades, e novamente os romanos puderam distinguir os feitos de Mário, Metelo e Sila. Para raiva do plebeu, a quem haviam creditado a vitória, contudo, Boco, em homenagem aos deuses, ofereceu ao templo do Capitólio, troféus e estátuas da vitória e, para demonstrar sua lealdade, uma, de tamanho natural, toda de ouro, do próprio

sogro Jugurta, sendo entregue aos romanos por Sila! Em triunfo tais presentes eram levados pelas ruas, sob o clamor do povo e a complacência do senado, quando Mário, sabendo o que ocorria, profundamente encolerizado, tomou seus fâmulos e queria à força destruir e tirar do templo tal estátua. Sila, sabedor disto, postou-se também com seus homens, a tudo disposto para conservar a lembrança de seus feitos.

Parecia que uma guerra violenta iria se desencadear pela cidade, pois nenhum dos contendores se propunha a recuar de sua resolução.

Foi quando viram Metelo que se dirigiu bravamente ao centro da praça falando ao povo:

— Romanos, guardai vossas forças, pois nas províncias os aliados se erguem para avançar sobre Roma. Precisareis da força de seus homens para combatê-los e de Mário e de Sila, como comandantes de nossas legiões. Ou será que pretendeis vos destruir com as próprias mãos, para que não preciseis lutar contra os aliados?

Á autoridade moral de Metelo impôs-se, bem como as notícias que trazia, pois os generais aliados haviam sido adestrados pelos próprios romanos e nada ficavam a dever-lhes em número ou audácia.

Irmanando-se temporariamente, Sila e Mário partiram para as novas frentes de luta, as quais, por extensas, deixaremos de contar em detalhes. Devemos, contudo, dizer que nelas Sila se houve com maior vantagem, devido a sua idade, e Mário já não demonstrava o mesmo valor e rapidez que tanto o fizeram conhecido. No entanto, ele lutou bravamente e com a sagacidade da raposa, pois, quando foi instigado por Pompódio Silo, um dos maiores capitães inimigos que lhe disse:

— Mário, se és realmente um grande capitão, sai de teu acampamento a dá-me combate.

Ele respondeu sabiamente:

— E tu, se és realmente um grande general, faze-me sair de meu acampamento e combater contigo contra minha vontade.

O exemplo de sua determinação nunca mais deixou de ser relatado neste episódio, nem o modo rude como reptou a conduta de seus comandados por

fugirem de um combate, quando a vitória era mais que certa. Finalmente ele teve que abandonar o comando, pois seus homens não mereciam sua liderança, nem ele estava em condições satisfatórias, enervando-se a cada vitória de Sila, como se este fosse seu inimigo. Retornou a sua casa de Miseno e passava o tempo em festas desregradas, para profunda consternação de todos. Ao mesmo tempo gostava de ir com o filho ao Campo de Marte, a fim de demonstrar que ainda era rijo e podia combater junto aos mais jovens, atitude que lhe custou elogios e apupos de muita gente.

A guerra dos aliados chegara ao fim, cobrindo de louros a Sila, o qual foi eleito cônsul junto a Pompeu Rufo, um de seus amigos. No entanto, as ambições dos homens e as rixas entre eles haviam crescido neste tempo.

Sulpício, amigo de Mário que se ligara a Saturnino, tinha sob seu comando seiscentos cavaleiros romanos que ele intitulara de anti-Senado. Estes homens em tudo lhe obedeciam. Um dia estando uma assembléia do povo reunida em praça pública, com os cônsules a resolverem questões de importância, Sulpício para lá se dirigiu com os soldados armados e obrigou os magistrados a fugirem. Um de seus comandados matou o filho de Pompeu, durante a refrega, por pura maldade. Sila estava em meio aos cônsules, e fora motivo desta perseguição por causa de uma lei que conseguira introduzir, junto com seu amigo Pompeu Rufo. Perseguido tenazmente, viu-se diante da casa que Mário mandara erguer na praça próxima ao Capitólio e para lá se dirigiu, refugiando-se. Cercado pelos homens de Sulpício, prometeu derrogar a própria lei, modo que tinha pra livrar o pescoço, e meio de que se valeu Mário para o humilhar publicamente, mesmo lhe devolvendo a vida. Por isto, Sila de lá só saiu para publicamente desmentir-se nas normas adotadas, junto a Pompeu Rufo, passando, contudo, a odiar mais ainda a Mário.

Aproveitando o momento, Sulpício fez o povo votar, para Mário na conduta da luta contra o rei Mitrídates. A ambição do plebeu estava satisfeita, porém quis infligir ainda maior opróbrio ao seu ex-questor, ordenando que este lhe entregasse a guarda e comando dos trinta mil homens, infantes e cinco mil cavaleiros que lhe obedeciam. Ao contrário do que esperava, Sila sublevou-se. Sabia que, perdendo seus homens, perderia prestígio e poder, e trucidou os dois emissários de Mário, marchando sobre a cidade. Imediatamente, ao som de trombetas, Mário anunciou a liberdade a qualquer servo que se engajasse nas lutas, porém apenas três se apresentaram. Desesperado, pôs-se a matar em Roma quantos fossem amigos de Sila e este, por outro lado, fazia outras vítimas entrando na cidade com violência e exterminando os amigos de Mário.

Em meio a esta confusão generalizada, quem podia procurava fugir para suas propriedades do campo.

Eu mesmo, com cuidados pelos meus, começava a abominar o momento do retorno á Cidade Imperial em tão má hora, e aprontei-me para retornar incontinentemente a Cartago.

Enquanto eu apressava a minha partida, rumando com o essencial e deixando ordens para que depois mais servos me seguissem, um soldado de Sila lembrou-se de Marta como antiga feiticeira de Mário.

Em meio às lutas de rua, o nome dela correu de boca em boca. A fama que granjeara, a curiosidade de todos com relação à clausura que se impusera, as riquezas que pensavam possuir, acendeu ainda mais os ânimos. Como se não bastasse, havia inimigos acerbos, e, entre eles, o espírito da ex-esposa do rei Boiórige, que vinha esperando por uma vingança contra Mário e Marta de longa data.

A mole humana rumou para o Palatino onde Marta, presa por presságios terríveis, não conseguia conciliar o sono. Seu amigo Lutácio partira há horas e Petrônio a houvera convidado para um passeio pelo campo, contudo, ela, profundamente abatida, olhava a cidade com temor. Uns focos de incêndio indicavam novas lutas e balbúrdias no centro. Marta pensava com angústia em sua vida, em mim, que vira há dias, na meiga criança Fausta e em Odila. Sentia-se exausta e vencida. Muitos a invejavam, porém ela não se sentia vitoriosa. Tudo o que anelara era paz e amor e, se tinha o amor de dois homens, era bem verdade que não sabia como retribuir-lhes o carinho.

Marta dirigiu-se aos seus aposentos como sonâmbula, procurou um remédio e tomou, buscando no sono fugir à angústia que a dominava.

Realmente adormeceu. Via-se em terras longínquas, qual rainha, sendo arguida por um sacerdote. Ia ser condenada à morte por adultério. Ao mesmo tempo as vozes que ouvia pareciam tão reais, como se estivessem próximas. Um vulto de mulher parecia olhá-la com rancor profundo. Ela quis falar, mas estava sonolenta. No entanto, sentiu que a sacudiam violentamente. Era Petrônio.

— Marta, Marta, precisas fugir. Eles vêm te buscar.

— Eles quem? — perguntou meio entontecida.

— Os asseclas de Sila!

Enquanto isto, eu recebia a mesma notícia. Deixando Odila e a pequena Fausta a caminho do porto, retornei à cidade, junto a Marcus e Coriolano. Procurei Sila e implorei que a salvasse.

Ele estava ardendo de cólera pela ousadia de Mário em querer subtrair-lhe seus comandados.

— Por que voltas as vistas para Marta? — perguntei sem poder conter-me.
- Que mal te fez ela?

— O que dizes? Não dei nenhuma ordem contra esta mulher!

— Mas foram buscá-la e lhe darão a morte! — gritei possesso.

— Nobre Sextilio, por minha honra, tudo farei para impedí-lo — falou Sila dando ordens decididas. E depois, para mim, com um lampejo de ironia — Tua mulher sabe a que vieste? Não temes que eu te cobre os meus favores?

— Não é hora para te divertires à minha custa, Sila — retruquei de maus modos.

Ele riu balançando a cabeça para depois ordenar:

— Vem comigo. Vamos ver o que podemos fazer.

Saimos a galope.

Enquanto isto, o palácio de Marta era invadido. Ela saíra pelos fundos a correr, levada por Petrônio. Contudo, logo a alcançaram. Meia entorpecida, foi sendo empurrada em direção a Rocha Tarpéia. Sabia que de lá não sairia com vida. Não entendia bem por que a levavam daquele modo, mas podia perceber que vingavam nela alguma afronta de Mário. Em vão tentava desvencilhar-se e dialogar. Seu companheiro ficara para trás morto, estendido no chão.

— Assassina! Feiticeira! — gritava a mole humana presa de coletiva obsessão.

À beira do precipício, Marta fitou os rostos que brilhavam estranhamente pelas tochas que haviam iluminado o caminho. Viu-me chegando a cavalo junto a Sila, abrindo caminho entre a multidão, mas não teve tempo de esboçar

qualquer reação. Empurrada brutalmente, foi caindo, batendo a cabeça nas rochas, até atingir o fundo do vale^{15}.

Ambos chegáramos tarde.

Aquele desfecho inesperado caiu sobre mim com um efeito devastador. Rememorava como um louco meu primeiro encontro com Marta, suas palavras, que agora me pareciam tão claras à mente, seus vaticínios, seu amor por mim. Sila, enraivecido com a situação que não pudera controlar, dispersava a multidão, dando ordens expressas para que o corpo de Marta fosse resgatado do precipício. Incapaz de reagir, fiquei ali parado, absorto em meus pensamentos desencontrados.

— “Ela se unira a Mário, e o plebeu o que fizera para livrá-la daquela morte terrível?” — eu me perguntava. Ouvia meio entontecido as providências de Sila quanto a Marta e também a justiça que pretendia exercer, dando ordens para a prisão do mandatário daquela morte cruel, sem reagir. Rememorava na mente a conversa tida com Marcelo há dias, quando me fora procurar, com informações precisas, a fim de que eu procurasse regressar a Cartago, lugar^l melhor e mais seguro naqueles instantes vividos:

— Melhor será que partas, amigo, do que ficares em Roma. Os enviados a Nola, para tomarem conta do exército de Sila foram lapidados pelos oficiais deste. O Senado, que obedecia cegamente a Mário e Sulpício, enviou Bruto e Servílio para dialogar com o cônsul, porém nem ele nem Pompeu, a quem a morte do filho parece ter ensandecido, fizeram mais do que permitir que seus comandados os cobrissem de opróbrio, quebrando seus machados e feixes de varas e rasgando seus trajes púrpura. Dizem que seis legiões marcham contra Roma. Mário está a arregimentar homens e guardar provisões e, em contra partida, saqueia e trucidada todos os que considera amigos dos dois cônsules. Soube que Postúmio, um adivinho, pressagiu a vitória de Sila, apresentando como garantia a própria vida a este.

— Sempre estes malditos adivinhos querendo dirigir os destinos de todos!
— falei de maus modos.

— Não soubeste que Sila, antes de se postar em Nola com suas tropas, procurara Marta?

À enunciação daquele nome, procurei não demonstrar as emoções que me

assaltavam.

— E foi ela novamente ombrear com os homens no campo de batalha? Passou-se de lado? — perguntei como se isto não me interessasse.

— Não. Contou-me Trebônio o diálogo ao qual assistiu por uma coincidência, já que lá estava no momento da entrada do ex-questor. Trebônio parece que fora consultar a pitonisa sobre a vinda de um seu filho, e uns negócios que pretendia entabolar em Pessenuntes, pelo que me disse, e procurou ocultar-se, tão logo Sila fora anunciado.

Eis o que me disse do que assistiu, falou Marcelo:

Por minha mente passei a “ver” a cena descrita:

“Sila apresentou-se à pitonisa com ofertas preciosas.

— O que desejas comprar, nobre romano?

— As graças que Marta distribui aos seus favoritos. — redarguiu ele.

— Marta não tem favoritos, mas apenas amigos. Servi-los é, pois, obra de dignidade e não de desdouro.

— Sabemos muito bem que Mário conseguiu com tua ajuda muitos feitos que o fizeram famoso. Que Sextílio foi um tolo em perder-te e à tua... influência. Serei generoso se me servires e muitos podem te relatar o quanto Sila sabe ser agradecido e carinhoso com os que lhe são fiéis.

As palavras do nobre eram como agulhadas no orgulho da síria, que compreendia, perfeitamente, a que ele se referia. Acostumado a tudo fazer através da bajulação e dinheiro, a tudo comprar, na lascívia de sua personalidade viril, ele ali estava como um conquistador ardente, sequioso por demonstrar seu valor em todos os campos. Marta enrubesceu violentamente.

— Não compreendo o que desejas, nem como pretendes granjear-me o auxílio. Sê mais claro!

Sem se fazer de rogado, Sila tomou-a nos braços viris e abraçou-a fortemente, dando-lhe um beijo inesperado. De onde Trebônio estava, confesso-te que ficou perplexo com seu gesto, e não sei se ela reagiu por sabê-lo oculto a assistir à cena, ou o que a levou a fazê-lo de forma tão inusitada e

perigosa. Desprendendo-se de seu abraço, Marta fixou nele os olhos, e, jogando a cabeleira para trás, redarguiu com ar de mofa:

— Nobre romano, se queres meus favores, aprende que Marta é quem dá seu preço e não aceita ofertas que não lhe interessem!

Não sei porque ela agiu daquela forma tão acintosa, pois sabes que Sila é um homem violento, quando não consegue o que deseja. Ao contrário do que se esperava, contudo, ele deu uma estrepitosa gargalhada, falando descontraído:

— Muito bem, feiticeira. Dá teu preço. Desejo apenas que me acompanhes como fizeste com Mário e eu te darei tudo o que me pedires.

— Marta não pode ir. Nada me demoverá da minha decisão. Não sou ingrata com tua oferta, mas não mais desejo ver as desgraças geradas pelos romanos em suas conquistas.

— Pensa bem. Eu serei generoso contigo. Acredito que a fortuna me favoreça.

— Ela te favorecerá, Sila. Vejo Belona com a espada em forma de raio e ela te dá o poder de malbaratar todos os que se puserem à tua frente. Nada te deterá a marcha, daqui em diante. Serás mais famoso que Mário e ele desejará jamais ter cruzado teu caminho. Mas não quero unir-me a ti ou a qualquer outro. Aqueles a quem sirvo e que me servem, ordenam-me ficar em Roma e retirar-me de toda perquirição das guerras. Nada posso fazer sem a ajuda deles, por isto não te posso servir.

— Já me serviste — falou Sila, embora se percebesse que ficara desgostoso com a atitude de Marta com relação aos seus projetos para com ela, pois sua vaidade fora ferida.

E, tirando do cinto uma bolsa cheia de moedas de ouro e jóias de alto preço, jogou-a à mesa. Em seguida, inesperadamente, tornou a abraçar a siria beijando-a com fúria, dizendo ao sair:

— Um dia, Marta, serás de Sila e saberás dar-lhe valor!”

Marcelo terminara sua exposição e eu, muito chocado com as descrições que ouvira, mal dera conta de quanto as cenas se me haviam incrustado na

alma. Um homem como Sila, que pretendia ter uma mulher, não recuava diante de nada. Ele não a mandaria mesmo à morte, pois a queria para si.

Pensei nas falas de Otávio, quando o vira por última vez.

— O Senado, como último recurso, enviou Lúcio Basilo e Caio Múmio para diaíogar com Sila e eles retornaram com promessa de que ele não marcharia sobre a cidade.

Meu pobre amigo Otávio, sempre tão decente e honesto, mas tão pouco prático e tão crédulo. Apaixonado por Metela, unira-se em carinho imenso àquela família e granjeara afinidade fraternal com o jovem Metelo, filho do cônsul que nos levara à África em longínquos anos... A confiança de todos ruíra, quando Sila invadira a cidade, pelo Esquilino, tomando uma das portas e vencendo as muralhas. A violência desencadeara, pois os moradores, temerosos, haviam se alojado nos telhados e de lá se puseram a jogar telhas e pedras sobre os invasores. Não dando lugar a qualquer piedade, Sila tomara uma tocha e começara a desencadear incêndios, obrigando seus archeiros a lançarem dardos incendiados sobre toda a parte, sem escolher o alvo, matando até mesmo parentes e amigos, sem distinguir culpados e inocentes, ele se viu cheio de vingança para com a cidade que o recebia como a um invasor estrangeiro, e não um nobre a quem deviam tantos sucessos no passado.

Invadindo o Senado, abrigou os senadores a condenarem Mário e alguns de seus amigos à morte. Lembrando-se da humilhação sofrida quando teve que retirar sua lei e de Pompeu, refugiando-se na casa de Mário, sob a perseguição de Sulpício. Comprou a delação dos servos deste, e não sossegou enquanto não o viu degolado nas ruas de Roma. A fim de conseguir que um servo delatasse seu senhor, prometera-lhe a liberdade. Realmente, em cerimônia pública, deu-a ao escravo, porém, depois ordenou que se atirasse do alto da Rocha Tarpéia, como traidor de seu antigo amo. Totalmente esquecido que Sulpício e Mário, em episódio idêntico, haviam lhe conservado a vida, não demonstrou a mesma generosidade para com eles. O antigo plebeu só escapou, porque conseguiu fugir antes mesmo que Sila tivesse atravessado o Esquilino, porém o fez com um contingente de homens que logo o abandonou.

Mário vagava em perigosa situação, como homem caçado em todo o império, e Marta estava morta. Assim raciocinava, quando um grito me tirou às minhas divagações. Sila acabara de justicar a síria, lançando um seu subalterno, de quem partira a idéia de perseguir a síria, do alto da Rocha Tarpéia.

Abatidíssimo, retirei-me. Quanto antes eu tornasse a Cartago e esquecesse tudo, melhor. Aqueles poucos anos em Roma haviam sido difíceis para mim. Perdera meu pai e, alguns meses depois, minha mãe, ralada de amargura. Chegara-me novo filho, a quem dera o nome de Lântulo, em lembrança ao meu amigo e via, dia a dia, Odila mergulhar em atitudes desconcertantes de um alheamento inexplicável para os médicos a quem requisitara auxílio. Colhendo a influência de minha irmã e dos sacerdotes de Baal, a sensibilidade de Odila a punha mais e mais nas garras de uma loucura estranha e meus filhos sofriam comigo, sem compreenderem mais do que eu mesmo, as maléficas influências que carreara para nosso lar e nossas cabeças.

Parti, portanto, fazendo-me ao mar, com profunda amargura.

Sem que eu soubesse, contudo, Marta me seguia o passo, sem conseguir apartar-se das lembranças penosas que a acompanhavam.

Entrementes, em Roma, fora eleito Lúcio Cina para cônsul, apoiado por Sila. Apesar dos acordos entre ambos, este jovem, usando Virgínio, um tribuno que fora por ele favorecido, tratou de abrir um processo contra aquele. Sila, contudo, abandonando Roma, partiu para a luta a Mitrídates. A ira dos romanos tinha razão de ser. Este rei havia lhes usurpado parte da Ásia, expulsara os reis da Bitínia e Capadócia, e em Pérgamo levava uma vida suntuosa, cercado de sua corte de bajuladores, distribuindo governos e reinos. Tinha três filhos e dera ao mais velho o domínio dos pântanos Meótides. A Ariatates, o segundo, entregara um numeroso exército, com ordens para submeter a Trácia e a Macedônia e a Arquelau a parte dos mares, sediando-o com frota poderosa junto a Atenas, de onde ele dominava e comandava a rebelião contra Roma.

Sila, em sua luta, chegou até Atenas. Antes de partir, houvera se consorciado por quarta vez, repudiando sua ex-esposa Célia, dizendo-a estéril, ligara-se a Metela, a jovem que fora amada por Turpílio e Rutílio. Contava ele, então, já cinquenta anos, porém em plena força física, foi ganhando todos os pontos mais fortes dos exércitos de Mitrídates, e invadiu a Grécia, ficando abismado e enraivecido, porque Aristião, um tirano que apoiava aquele rei, com seus homens, houvera dirigido do alto das muralhas palavras ofensivas à sua esposa. Sila amava aquela mulher e a admirava profundamente e jurou vingar-se dos ultrajes sofridos. Não sossegou, usando todos os recursos à sua disposição, até levar de vencida a cidade, apoderar-se até das árvores do Liceu e da Academia, para usar-lhes a madeira e assaltar as jóias e tesouros de

Epidauro e Olímpia, tomando, inclusive, posse dos tesouros de Delfos.

Os anfitriões da cidade usaram um recurso tentando proteger o templo. Ouviu-se, à chegada de Sila, do interior do templo o som da lira de Apolo, e tentaram convencer a Cáfis, embaixador de Sila, a não tomar o templo, pois o Deus se zangava. Motejando com eles, Sila afirmou que Apolo, daquele modo, estava demonstrando seu contentamento por entregar suas riquezas aos romanos. O que ocorria é que o antigo questor de Mário ardia de preocupação com seu antigo amigo e correligionário, e não via a hora de sair vitorioso, para ir à caça dele, precisando de todos os recursos das riquezas para pagar os serviços dos exércitos e dos homens que comprara. Sediara a cidade pela fome e miséria e agora a despojava de seus tesouros mais sagrados.

Entrando na cidade pelo bairro de Cerâmico, após derrubar a muralha que se erguia da Porta Sagrada e do Pieu, à meia noite, ao som de clarins e trombetas, deu ordem ao seu exército de matar, degolar e pilhar à vontade. Sobre seus feitos, discursou brilhantemente em Roma Cícero, já famoso tribuno, contando com detalhes a carnificina que banhou em sangue todo o bairro de Cerâmico. De vitória em vitória, Sila prosseguia, enquanto o número de sua prole aumentava. Sua determinação levá-lo-ia até o combate com Arquelau, onde perto dos pântanos a carnificina novamente teve lugar.

Entrementes Metela retornara a Roma, e em lá chegando, encontrou Carbão e Cina na maior desconsideração e violência para com os amigos do marido. Retornou incontinentemente ao campo de luta, concitando o esposo a retornar a Roma. Este ficou entre o assumido compromisso de vencer Mitrídates a qualquer custo, e voltar para assumir o comando da situação.

Apesar de contarmos tais episódios de forma sucinta, muitos anos haviam rolado no tempo, dando vantagem a Sila, que foi procurado por um capadócio, de nome Arquelau, que vinha propor termos de paz, numa atitude vergonhosa. Sabedor de que este o procurava, sendo um dos maiores generais ligados a Mitrídates o coração do ex-questor de Mário se encheu de júbilo. Propôs um encontro entre ambos, quando este lhe falou suplicante:

— Sila, Roma não tem necessidade de humilhar aqueles que pretendem servi-la. Abandona a perseguição a Mitrídates e eu te ofereço todo o dinheiro e navios e homens que precisares, a fim de que partas para Roma, assumindo a direção dos negócios que lá te prendem...

Sila, percebendo-lhe a manha, pois sabia de fonte segura de seus cuidados quanto à direção dos negócios em Roma, retrucou-lhe com atrevimento e dureza:

— Pois então vens me propor um acordo vergonhoso destes? Tu, que és amigo de um rei bárbaro, pretendes que eu esqueça que teu amigo matou mais de cento e cinquenta mil romanos, e que traia a memória deles, pelos meus negócios? Não te envergonhas de fazer-me tal proposta, com tua riqueza e teus navios, sem pensares, por um momento, que isto significaria a mais abjeta traição?

Diante de tal atitude, Arquelau, temeroso, suplicou a Sila que fizesse um pacto de paz com Mitrídates. Então, o general romano impôs suas condições. Ficaria o rei como aliado do povo romano, porém renunciaria ao domínio sobre a Ásia Menor, restituiria aos antigos reis, submissos a Roma, a região da Bitínia e Capadócia, daria um pagamento de dois mil talentos e setenta galeras equipadas. Derrotado, Arquelau concordou e celebrou-se o acordo. A humilhação infligida a este bárbaro, contudo, levou-o a adoecer e Sila procurou tratá-lo com toda a humanidade possível. Nisto, novos embaixadores vieram de Mitrídates, tentando ainda conservar parte da Patagônia e diminuir o número das doações de paz.

Sila, encolerizado, respondeu a estes:

— Se Mitrídates quer, irei eu mesmo colher sua mão direita, com a qual fez cair tantas vidas romanas e não mais lhe terei piedade. Ele há de mudar de atitude, quando eu passar para a Ásia!

Diante de sua cólera, Arquelau suplicou em lágrimas que o deixasse partir, mesmo doente, ao encontro de seu amigo e rei, a fim de convencê-lo a aceitar o pacto firmado.

Um encontro se deu entre Mitrídates e Sila e este reptou todos os argumentos do seu inimigo, obrigando-o a ratificar o acordo, pois tinha em seu encalço a Fímbria, que o queria combater.

Os soldados queriam justicar o rei bárbaro, mas Sila, cansado já de tanta carnificina, fez a paz entre este e seus antigos opositores.

Uma manhã, em que cavava trincheiras junto aos seus comandados, na iminência do ataque de Fímbria, Sila viu como um seu soldado, usando aves

domesticadas, fazia com que as aves selvagens, por elas atraídas, caíssem uma a uma na prisão. Meditando nisto, enviou alguns de seus soldados a confabular com os comandados de Fímbria e, em poucos dias, a pouco a pouco, conseguiu a adesão de toda a tropa. Prometendo a todos abundância e permissividade, Sila saiu, seguro de si, ao encontro do inimigo e estes soldados se bandearam para seu lado. Impondo a toda a Ásia submissão e doações escorchantes aos seus soldados e aqueles que se haviam passado para seu lado, o romano ali ficou por largo tempo aproveitando os bens dos moradores, passando depois para Efeso.

Ali deu-se um fato inusitado na vida do antigo nobre. Convidado por estranhos, foi iniciado nos Mistérios e apoderou-se da biblioteca de Téios, onde tomou conhecimento das obras de Aristóteles e de Teofrasto que não eram ainda divulgadas. Estes foram os tesouros maiores que levou a Roma. Tendo que atravessar a Macedônia, temeu que seus comandados debandassem ao retornar à pátria, porém eles lhe juraram fidelidade e, não contentes com isto, contribuíram espontaneamente com parte do que haviam saqueado, para o retorno de Sila, e prometeram que nenhuma violência fariam em seu país.

A caminho, foram defrontados por exércitos comandados pelo filho de Mário que, embora em maior número, foram rechassados. Um servo de nome Pôncio, envolvido por uma entidade que protegia Sila, avisou-o de que se apressasse, pois o Capitólio seria incendiado. E isto aconteceu no mesmo dia em que o homem o predisse, no dia 6 de julho. Marco Lúcio, um de seus lugares — tenentes, conseguira uma vitória por pura superstição de seus homens, pois, ao dar ordem de avançar, uma brisa soprou e levantou as flores que estavam nas campinas, indo estas colócar-se nos escudos e lanças de seus homens. Impressionados com o fato, eles se bateram bravamente, alijando os inimigos de suas posições. Sila avançava para Roma, quando foi procurado por Cipião, um dos cônsules, que queria com ele entendimento. Contudo, sem confiar neste homem, novamente Sila usou o ardil das aves domesticadas e enquanto as conversações se alongavam, ele conquistou um a um dos homens do exército deste cônsul, ora com promessas, ora com dinheiro. Fímbria havia se matado no acampamento ao se ver perdido, porém Cipião, preso em sua tenda, da mesma forma que aquele, foi embora derrotado. Com apenas vinte coortes, Sila conseguira derrubar as quarenta do cônsul e para tanto lhe valeram muito a muito os mistérios em que se iniciara e o apoio que, desde então, granjeara de pessoas a ele ligadas. Fizera todos cair nas suas armadilhas, como os passarinhos levavam às suas redes, através das aves domesticadas,

outros pássaros.

Enquanto isto acontecia com Sila, o que teria ocorrido com Mário, que fugira apressadamente de Roma, a fim de resguardar sua vida?

Façamos um interregno nestas estafantes lutas, para sabermos o que se passava com o antigo tribuno, marido de Júlia.

Capítulo XXXVI

A longa fuga de Mário

Pelo fato de não ter mais filhos, Júlia adotara um menino de nome Grânio para fazer companhia ao filho, que acabou por se afeiçoar tanto a este e ao pai, que passou a acompanhá-los a toda parte. Era verdade que ele não tinha a mesma distinção da família, porém isto não arrefecia seu carinho.

Quando Mário se viu perdido em Roma, apesar de toda a luta que procurou travar dentro de seus muros, recorreu a seu amigo e sogro de seu filho, de nome Múcio, que o acolheu em sua propriedade de campo e ordenou a Mário, seu filho, que obtivesse provisões para uma longa viagem, cujo destino ele não sabia bem qual seria. De lá rumou para Óstia, onde deveria aguardar as mesmas provisões e o auxílio filial, porém Numério, um seu amigo, sabedor de que ele era procurado e elevado preço fora lançado por sua captura, aconselhou-o a partir, que o filho o seguiria depois.

Fazendo-se ao mar, o antigo plebeu rumou pelas costas italianas, seguindo com ventos favoráveis. Contudo, foi aprisionado por um antigo inimigo de nome Gemínio. Tal fato se deu com a mudança dos ventos, e com uma tempestade tão violenta que por mais que os marinheiros quisessem obedecer suas ordens de não dar à praia, não podiam mais suportar a violência das águas. A verdade é que Mário ia sem rumo certo e a falta de víveres, que esperara em vão ao filho, punha muito mal a todos, fazendo ao antigo tribuno grande mal físico, com constantes enjoos, que mais o abalavam por sua idade já avançada. Ficar naquelas circunstâncias no mar era difícil sem provisões, e encontrar inimigos a esperá-los na praia, era igualmente temerário. Acabaram por serem obrigados a aportar, sendo avisados de que alguns cavalheiros procuravam Mário, tendo tido notícias de que zarpara de Óstia. Resolveram, pois penetrar na mata e aos seus companheiros desvalidos. Mário ia concitando a ter coragem, pois muitos haviam sido os presságios a lhe prometerem sete consulados e que voltaria ao poder. Depois de errarem por dias sem alimentação, voltaram ao longo da costa. Próximos de Minturnes,

viram dois barcos velejando ao largo. Atiraram-se n'água, pois bandos de perseguidores iam no seu encalço e ganharam a nado um dos navios, precisamente aquele onde se achava Grânio. Mário, contudo, alcançara o outro barco, onde os marinheiros ouviram atônitos as admoestações dos cavalheiros que da praia exigiam a devolução do antigo cônsul, sob ameaças. Os marinheiros negaram-se a devolvê-lo. Contudo, tão logo os cavalheiros partiram, voltaram à praia, com desculpa de restabelecer as forças e esperar por ventos e marés mais favoráveis.

Enquanto o plebeu repousava, fizeram-se ao mar para fugir. Não queriam contribuir para sua perdição, mas também não desejavam se comprometer, socorrendo-o. Profundamente abatido e cansado, o antigo cônsul ficou largo tempo ali deitado, meditando nas suas vitórias e nas desgraças que agora o assaltavam. Depois, resolveu criar coragem e procurar auxílio. Atravessou brejos e fossas extensas e alcançou, debilitado, uma cabana, onde um velho generosamente o acolheu, penalizado com sua situação, prometendo inclusive que, tendo que fugir de seus inimigos, procuraria um lugar mais adequado e seguro para o esconder. Ouvindo o relato de suas desditas, como há pouco tempo quase o haviam logrado encontrar, achou melhor ocultá-lo numa região pantanosa. Não demorou muito e Mário de onde se achava, coberto de caniços e oculto, ouviu a voz de Gemínio de Terracina, seu inimigo mortal, em palavras ofensivas e ameaçadoras ao velho. Prudentemente, saiu de onde estava, despiu-se e mergulhou no barro para melhor se ocultar. Foi aí encontrado e levado de volta a Minturnes, onde as autoridades o recolheram, pois as ordens eram severas a seu respeito, que fosse perseguido e morto. Enquanto os magistrados deliberavam, ele foi recolhido à casa de uma mulher, já sua conhecida. Seu nome era Fânia. Havia sido antiga prostituta.

— Recordas-te de mim? — perguntou ela ao antigo tribuno.

— Sim, és a ex-mulher de Tínio, que veio a mim, numa pendência, com relação ao teu dote.

— Sim. Ele foi a ti e eu te pedi clemência, para que não me cobrisses de apróbrio. Contudo, não tiveste pena de minha vergonha. Publicamente desnudaste meu passado irregular...

— Hoje o destino me põe em tuas mãos, Fânia — falou o tribuno com humildade.

— Não temas, Caio Mário. Aprendi muito e tudo o que sou devo-o à devolução do meu dote. Recuperei minha coragem e enfrentei minha realidade. Não te tenho rancor.

— Pior te seria odiar um homem que está a um passo da sepultura. Tenho, porém esperanças, pois acho que minha salvação virá do mar.

— Repousa, Mário, e que os deuses te devolvam a sorte, como soubeste me devolver o pouco que eu juntara, em anos de sofrimento e vergonha.

Mário adormeceu, após haver tomado alimento que a boa mulher lhe providenciara, bem como asseio corporal.

O quarto onde ele ficara, estava na penumbra. Seu espírito, tendo saído do corpo, recobrou um pouco a lucidez, e antiga segurança que tivera no passado como sacerdote do templo de Memphis. Revia parte de seus dias e o conhecimento adquirido nos Mistérios. Uma força nova comandava seu espírito. Percebeu que fora dali conjeturavam a melhor forma de dar-lhe um fim. Nenhum cidadão tinha coragem de executar as ordens emanadas do Senado, sob a exigência de Sila. Apenas um cimbri, ralado pelo ódio que lhe tinha, apresentou-se para levar a efeito a execução. Mário, em espírito, aguardava que ele se apresentasse, energizando magnetismo no ambiente.

Quando o cimbri entrou, automaticamente o corpo de Mário sentou-se na cama, abrindo como sonâmbulo os olhos. Em meio à escuridão, o soldado rude viu apenas aqueles olhos azuis brilhando terrivelmente. Nenhum músculo do rosto do tribuno se mexeu. Ele apresentava uma rigidez cadavérica impressionante, enquanto uma luz emanava de suas pupilas. Uma voz cadavérica e tenebrosa se ouviu, sem que ele abrisse a boca:

— Ousas, tu, miserável, matar Caio Mário?

Aterrorizado, o soldado jogou ao chão a espada que levava e saiu a correr do recinto.

O antigo hierofante deu uma gargalhada triunfal. O único homem que se apresentara com coragem e motivos suficientes para matá-lo, fugia espavorido, levando consigo profundo arrependimento.

A surpresa foi geral. Os maiores da cidade se reuniram para confabular, pensando que algo divino ocorrera e que os deuses, a qualquer momento,

poderiam cair sobre a cidade, vingando a afronta a Mário, um homem tido, há bem pouco tempo, como herói.

— Deixemo-lo ir para onde queira.

— Que não parta abandonado e nu como o encontramos, para que a desgraça não caia sobre nós — secundava outro.

Um homem generoso de nome Beheu lhe forneceu o navio para viagem.

E para que não fosse seguido, um ancião se precipitou à frente do povo, autorizando a travessia por um bosque considerado sagrado e proibido a todos.

Desta forma, salvo das garras da morte certa, ele partiu ao encontro de seu filho adotivo, de nome Grânio, tomando o rumo da África.

Tendo que obter água, aportaram na Sicília, onde foram surpreendidos por um questor romano que os atacou. Deixando atrás de si dezesseis mortos de sua comitiva, ele fugiu, tendo tido notícias de que seu filho havia procurado socorro junto ao rei da Numidia, Hiempsal. Animado com a ajuda que poderia obter da África, rumou para Cartago.

Lembrando de como salvara minha vida, ele se resolveu a aportar ali e esconder-se até que o esquecessem.

Eu, contudo, vivia assediado por problemas de vulto. Odila enlouquecera de vez. Falava coisas sem nexos. Não ficara furiosa, mas causava-me profundos desgostos com suas pequenas extravagâncias, que culminavam com o amedrontamento dos próprios filhos. Fausta, jovem e inexperiente, sentia-se abandonada sem os carinhos maternos e meu pequeno Lântulo crescia preso a incoercível tristeza. A lembrança da terrível morte de Marta, punha-me totalmente avesso a qualquer contato com aquele terrível homem que me roubara a noiva, a escrava e as glórias entressonhadas.

Sabendo, por um portador de confiança, que ele talvez rumasse para meus domínios, tratei de colocar meus homens ao longo das praias, guardando-as com ordens severas para o deter.

Não pudera dormir direito, desde que recebera informações e ordens acerca dele. Ardia de desejos de, enfim, vingar-me de todas as misérias e

desgraças que lhe creditava. Porém, em minha mente, vinham-me sempre as palavras de Marta:

— Só uma coisa te digo: um dia terás em tuas mãos a vida de Mário. Lembra-te, então, deste momento e recorda que lhe debes tua própria vida!

Parecia-me, à noite, vê-la ao meu lado, pronunciando seus vaticínios. Eu não duvidava mais e transferia meus desgostos, lançando-os às costas do meu rival.

Consoante minhas ordens, tão logo Mário aportou em Cartago, descendo à terra com alguns homens, meu lictor Marcus apressou-se a ir-lhe ao encontro com meu recado:

— Sextílio, governador e pretor de África, proíbe-vos de pordes os pés nesta província. Caso contrário, adverte-vos de que fará executar os decretos do Senado contra vós, tratando-vos como inimigo de Roma!

Mário ficou interdito, depois sentou-se a uma pedra abatido e taciturno, lançando de vez em quando olhares terríveis ao oficial que o observava. Como não tomasse qualquer atitude, aproximou-se o lictor e lhe perguntou:

— Que resposta devo dar ao governador de Cartago?

— Diz-lhe, meu jovem, que viste Mário, banido do seu país, sentado entre as ruínas de Cartago!

Ao receber sua resposta fiquei a meditar na fragilidade de nossos destinos. Como o jovem Sila houvera subido passo a passo, galgando seus postos, e ainda lutava por mantê-los, como Marta, após ter conhecido o luxo e poderio, rolara tristemente na condição de traidora, como Júlia carpia a angústia da hora presente, na preocupação com os seus, como eu sofria uma vitória inglória, ao pé de uma cidade em ruínas, como meu próprio casamento. Mário recebia a devolução dos favores que me fizera, pois eu não lhe cobrara a vida e o prêmio lançado por sua captura, mas deixava-me entrever quão frágeis são as bases que lançamos para nossa felicidade... Eu preferi não ir-lhe ao encontro. Esperei que ele partisse, dando-lhe um prazo para pôr-se ao largo, e que ele fez sem mais palavras.

Enquanto isto, seu filho Mário era hóspede — prisioneiro de Hiempsal, que não decidia o que fazer com ele. Uma das concumbinas daquele rei,

porém, apaixonou-se pelo jovem que era belo e másculo e ajudou-o a fugir, indo ao encontro de seu pai. Logo que se abraçaram e fizeram-se ao largo, viram que homens do rei númide os procuravam na costa.

Capítulo XXXVII

Retorno de Mário

Entrementes, em Roma, com a ausência de Sila, em luta contra Mitrídates, a luta grassou entre Otávio e Cina. (ano 667 de Roma). Sabendo da dissensão em Roma, Mário tratou de tirar partido e arregimentou na Etrúria um contingente elevado de lavradores e pastores que confiavam nele, enchendo quarenta navios para ir se unir a Cina, que era, sabidamente, inimigo de Sila e venal. Este o tratou com todas as honras, titulando-o de procônsul, mas ele fingiu modéstia, procurando entrar na cidade com roupas humildes. Logo que chegou, tratou de expedir ordens no sentido de pilhar as embarcações que saíam para levar a Sila alimento, e avançou para Óstia, traíndo os próprios amigos e mandando matar a maior parte dos habitantes, daquele porto. Com um exército numeroso marchou sobre Roma, tomando o monte Janículo.

Em Roma, Otávio não aceitava as admoestações dos amigos e soldados sob seu comando, que aguardavam que ele recrutasse os escravos para fazer face ao ataque do antigo cônsul. Obedecendo às leis com escrúpulo exagerado, ele subestimou o avanço inimigo. Chegara à cidade, àqueles dias, Cecílio Metelo, filho do antigo comandante da Numídia, e os soldados procuraram-no para que ele fizesse frente ao plebeu. Metelo, contudo, muito longe da capacidade paterna de resolver as situações, cheio de brio ofendido, ordenou peremptoriamente aos soldados que retornassem e obedecessem ao seu comandante, ou seja, Otávio. De nada lhe valeu o brio ofendido, a resposta ostensiva. Os soldados se bandearam para o inimigo, e Cecílio avisou Otávio que deveria fugir, ausentando-se ele mesmo da cidade em tempo. Otávio, contudo, cercado de adivinhos, resolveu dar ouvidos a estes caldeus insensíveis e charlatães, e permaneceu firme no seu posto, pensando que lhe bastavam a honradez e virtudes para vencer o oponente.

Aguardou, na tribuna, que Mário viesse ao seu encontro, porém ao invés disso, o marido de Júlia mandou seus assalariados à frente, que tomaram dele. Mataram Otávio em praça pública, diante de seus amigos e correligionários.

O Senado, reunido, mandou emissários solicitando a Cina e a Mário que

entrassem pacificamente na cidade. Cina, recebendo-os em audiência, tratou-os com humildade, e Mário, em pé, ao seu lado, manteve-se silencioso, mas seus olhares mostravam o ódio que grassava em seu peito.

Entrando na cidade, ele exigiu que se ratificasse com novo decreto a lei que o banira e o condenara à morte, dando a muitos fundadas esperanças de que finalmente a ordem se restabeleceria.

Quatro senadores se negaram a votar tal lei e Mário com um só olhar aos seus assalariados, que eram conhecidos com o nome de bardeus, e eram as criaturas mais abjetas e maldosas que já se viu, os fez trucidar imediatamente. Ancário, que havia sido pretor, e estava na cadeira do Senado, foi o primeiro a cair varado por uma espada aos pés de Mário. Ele passou a andar pelo recinto e toda a vez que não respondia a um cumprimento de algum antigo correligionário, a cabeça deste rolava. Verdadeiro pavor se instalou entre todos. Cina pensou em deter a marcha dos acontecimentos, mas era tarde. Ralado de ódio e vindita, os bardeus eram os braços usados por Mário para cercar a todos, até nas estradas, fora dos muros, numa chacina sem precedentes. Todos os que lhe eram suspeitos, todos aqueles de quem guardava mágoas fundas, todos os que não lhe haviam estendido a mão em socorro no momento de sua fuga, eram agora perseguidos tenazmente.

Houve um senador, de nome Cornuto, que era muito amado por seus servos, que o ocultaram e encontrando na rua um cadáver insepulto, trataram de colocar-lhe as roupas e anéis do seu senhor e providenciaram seu sepultamento com todas as honras. Desta forma, conseguiram livrá-lo da perseguição infeliz e levá-lo à Gália são e salvo. Quando Mário o quis ver, os servos penduraram o cadáver pelo pescoço, de forma a confundir o antigo pretor, e puderam salvar Cornuto.

Marco Antônio, o pai do triúmviro que depois ficou famoso, e era um grande orador (como mais tarde foi o filho, amigo de Júlio César, que era sobrinho de Mário por parte de Júlia, e o adorava, tendo sempre se espelhado em seus exemplos), foi, contudo, massacrado. Tendo-se escondido, foi descoberto por uma denúncia infeliz e tola de um servo da casa que o acolhera, e teve a cabeça cortada por Ânio, um dos homens de confiança de Mário.

Catulo Lutácio, lembrando os dias de glória ao lado do ex-cônsul, e suas lutas com os bárbaros invasores no tempo de Marta, a pitonisa, pensou que

escaparia à chacina. Amigos foram interceder a seu favor, mas Mário foi peremptório nas suas ordens, lembrando a afronta sofrida, quando da contagem das setas, dardos, lanças e espadas cravados nos corpos dos cimbros.

— E preciso que ele morra!

Diante de tal resposta, Catulo fechou-se em seu quarto e acendeu num canto do cômodo uma fogueira com carvão. Logo a fumaça produzida pela mesma o sufocou.

A violência se generalizou. Os bardeus, dando vazão aos seus instintos, assaltavam residências, violentavam os filhos, desonravam as mulheres, degolavam os donos e ninguém aparecia para reprimir-lhes os excessos, a insaciedade e devassidão.

Estavam as coisas neste pé, quando chegaram à cidade as novas de que Sila vencera Mitrídates e caminhava em direção a Roma, com um poderoso exército.

Sob a pressão do momento vivido, Mário conseguiu ser eleito cônsul pela sétima vez. Quem lhe reptaria a candidatura? O único que o fez timidamente, Sexto Lucino, foi obrigado a se precipitar do alto da Rocha Tarpéia, no primeiro dia do ano, quando ele tomava posse do consulado.

Apavorado, cansado e envelhecido, Mário não conseguia dormir. Assaltavam-no visões dantescas, rostos denunciadores e terríveis, vozes na sombra da noite.

— Não terás que se ver com Otávio, homem honrado a quem mataste covardemente!

— Não te defrontarás com Mérula, que tinha sob seu comando um bando de sediciosos! Sila nos fará justiça! Sila! Sila! Sila!

Os momentos terríveis de sua fuga pelo oceano, as perseguições sofridas, passavam em galope por sua mente. Os perigos por terra e por mar, as angústias e inquietações, o riso sardônico de Sila, causavam-lhe profundos terrores noturnos, como se mil vozes pedissem vingança na pessoa do seu ex-questor.

— O leão nos vingará! — ouvia vozes na sombra em ameaça velada.

Então, para fugir ao terror daquelas noites vazias, ele promovia banquetes até altas horas, desagradando mais e mais a consorte e os filhos. Gente mesquinha e bajuladora comia e bebia a grande, às suas custas, e o lisonjeavam, de forma impúdica e vergonhosa. Só quando o sol vinha, ele, cansado e inquieto, conseguia conciliar o sono.

Em vão Júlia o concitava a partir para longe, e fugir dali.

— Não fugirei de Sila. Pensas que tenho medo dele? — rugia colérico.

Antes que o contingente de Sila chegasse às portas da cidade, ele caiu gravemente enfermo. Júlio, seu sobrinho predileto, veio vê-lo em seu leito de agonia.

— Se Mário não puser a coroa imperial na cabeça, faze-o tu. Lembra-te, Júlio, tudo quanto te ensinei. Não tenhas nunca piedade dos teus inimigos. Sê corajoso. Sei que o império deve ficar nas mãos de nossa família. Se Mário, meu filho, não o puder ter, toma-o tu mesmo.

— Eu o farei, meu tio — jurou o jovem intemorato.

E realmente o fez nos anos que se seguiram, ligando-se ao filho do inimigo de seu tio, Marco Antônio.

Capítulo XXXVIII

Morte de sila

Eu não ficara na arena das lutas terrenas. Logo após a partida de Mário dos meus domínios, fui vítima de um mal súbito que me tirou a vida. Sem parentes outros, meus filhos foram entregues, bem como Odila, aos cuidados de Orestes Aurélio, meu sogro. Vaguei por longo tempo, até que me fosse dada oportunidade de retornar à carne para novo programa de aprendizado.

Dezessete dias se haviam passado desde a posse de Mário no seu sétimo consulado, quando ele morreu. A princípio a cidade conheceu dias de regozijo intenso, mas depois, soube que seu filho era pior que ele em ferocidade e maldade. Muitos foram os combates que enfrentou com a finalidade de vingar-se de Sila, mas em Perugia este lhe deu a morte, de forma indireta, pois, para não cair em suas mãos, suicidou-se.

Duras haviam sido as refregas às portas de Roma, enquanto Sila dera combate a Mário (filho) não longe dali, tendo que enfrentar Telesino e um lucano chamado Lampônio. Estes, confundindo os homens de Sila, tinham ido durante a noite apoderar-se de Roma, sendo que os jovens que lá estavam saíram a combatê-los. Grande foi o número de jovens mortos, então, e as mulheres saíam pelas ruas arrancando os cabelos tal o desespero. Percebendo o engano, Sila mandou um de seus homens, Valvo, ao encalço deles e a luta que se travou foi duríssima, com grande número de homens esmagados pelas patas dos cavalos ou pelos dardos dos sanitas e lucanos, terríveis guerreiros..Sila lutou bravamente, comandando seus homens, enquanto mantinha um contingente a cercar Mário, filho de seu inimigo, em Preneste. Houve um episódio chocante, neste ínterim. Três mil homens vieram pedir graças a Sila e este prometeu anistiá-los, desde que atacassem seus próprios companheiros. Eles se lançaram com fúria aos seus amigos e mataram grande número deles, fazendo outros prisioneiros. Enquanto o Senado resolvia o que fazer com aqueles seis mil homens. Sila ordenou aos seus soldados, um massacre dos mesmos no Hipódromo, onde haviam sido colocados. Instado a que se explicasse pelos senadores, admoestou-os dizendo que não estavam

prestando atenção aos seus discursos.

— Pobre Roma! — comentou Aurélio, meu sogro, — Cai, dia após dia, nas mãos de ditadores piores.

Mas as maldades dele mal estavam começando.

Um dia, após cobrir de luto inúmeras famílias, foi reptado energicamente por Cecílio Metelo, seu cunhado. Prometeu então, dar a lista dos que deveriam morrer, segundo suas determinações. No outro dia, apresentou, sem falar aos magistrados, uma lista com oitenta nomes.

Esperou que o descontentamento diminuísse e logo soltou uma outra lista com mais de duzentos nomes, dizendo:

— Apresentei apenas aqueles que a memória me cobra, e, tão logo me lembre de mais alguns inimigos da República, ou de meus amigos, vos darei ciência.

Todos os que se punham a ajudar alguém cujo nome fora divulgado, logo eram incluídos na lista seguinte. Prêmios eram dados a delatores e a assassinos, chegando a encaminhar as propriedades dos que listava aos seus algozes. Todas as cidades da Itália eram visadas.

Eu já regressara à carne, porém meu sogro foi condenado à morte, pelo comentário que fizera impensadamente, e pela cobiça de um assecla de Sila para com sua propriedade de Alba.

Nem bem comparecera para ler a lista dos novos condenados, viu seu nome, e ao atravessar a rua, já foi morto por um escravo. Os habitantes de Preneste foram chacinados um a um, por terem dado asilo ao filho de Mário, de mesmo nome.

Não contente com tudo o que estava fazendo, no ano de 672 ele anunciou-se ditador, arrogando-se o direito de vida e morte sobre todos os homens sob o domínio romano.

Seus antigos amigos, farsantes e comediantes, eram poupados e ele presidia o tribunal com insolência inaudita. Acresceu ao seu, Lucius Cornelius Sila, o nome Epaphoditus, que queria dizer amado, favorito de Vênus.

Sua esposa deu à luz gêmeos que ele nomeou de Fausto e Fausta, que quer dizer Feliz.

Três anos após, cansado da vida que levava, resolveu renunciar ao cargo de ditador (no ano de 675).

Seu amigo Pompeu favorecera a candidatura de Lépido, que venceu porque o povo desejava desagradar a Sila. Este, contudo, em sua esperteza, vaticinou ao amigo:

— Deste força a um homem irrefletido, que vos dará muito prejuízo.

Não demorou muito e suas palavras foram confirmadas, Lépido se voltou contra Pompeu. Sila o vaticinara, pois recebia sempre em sonhos avisos, ora de forma direta, ora de forma simbólica.

Para comemorar o que ele chamava sua liberdade de todas as honras que conseguira obter, Sila promoveu grandes festividades, durante quarenta dias, dando verdadeiros banquetes ao povo. Neste tempo Metela adoeceu e, como sua moléstia fosse contagiosa, foi obrigada a ficar longe do marido, que muito sofreu com isto, pois a amava sinceramente.

Sila continuava com a ligação amorosa que tivera desde a idade juvenil com o comediante Metróbio. Embora este estivesse já bem velho, nunca se apartou dele. Metela desencarnou.

Assim que os funerais luxuosos de Metela terminaram, ele marcou uma luta de gladiadores com o que se divertir. Uma jovem de nome Valéria, que acabara de divorciar-se de Hortêncio, um orador de rara fama, aproximou-se dele e tomou um de seus cabelos, guardando como lembrança. Aquilo produziu nele a lembrança de uma atitude semelhante de Marta para comigo, que lhe fora relatada por Marcelo, e o surpreendeu agradavelmente. Com o olhar inquiridor e malicioso, Sila a arguiu e ela, do mesmo modo, respondeu:

— Senhor, não vos surpreendais. Quero partilhar de vossa fortuna e felicidade.

Cativado por seus modos, conquanto a mulher fosse muito mais jovem que ele, passaram a se encontrar até contrair matrimônio. Ela teve muita paciência com a vida desregrada do marido, aceitando sua ligação com músicos e farsantes e a presença constante de Metróbio. Um abscesso se formara em seu

ventre, e ele estava constantemente inchado e transcendendo pus e mau cheiro. Era obrigado a banhar-se várias vezes durante o dia. Seu filho morrerá poucos dias antes de Metela e apareceu-lhe em sonho, prenunciando-lhe o próprio passamento, dois dias antes de sua morte. Ele se distraía escrevendo seus comentários sobre sua vida, contido em vinte e dois volumes, e neles profetizou seu passamento. Neste dia mandou chamar a si o questor Grânio, que devia vultosa soma à República e dizia esperar sua morte para não ter que pagar seu débito, mandou que seus servos o estrangulassem e gritando como um possesso, fez com que seu abcesso rompesse e, esvaído em sangue, morreu. Ficaram seus dois filhos de pouca idade e Valéria deu a luz, a uma menina que recebeu o nome de Póstuma. Cremado como desejara, com os funerais garantidos pelo amigo Pompeu, fez escrever em seu espítáfio:

NINGUÉM FEZ TANTO BEM AOS SEUS AMIGOS, E NEM CAUSOU MAIORES DANOS DO QUE ELE AOS SEUS INIMIGOS.

No dia dos seus funerais, contava-se à boca pequena um episódio que ocorrera no dia em que renunciara ao cargo de ditador. Um homem de entre o povo saiu-se com essa:

— E agora, Sila, que farás, já que não mandas mais em Roma?

— Cala-te, meu atrevido rapaz, e nem queiras que eu me arrependa do passo dado. Não sejas tolo de reptar um homem que dispõe de tudo o que conquistou com seu esforço, pois esta é a prova maior que se exige de um ser humano: que se desligue de tudo o que desejou. Preferes que eu retome meu posto, para te ensinar o que não aprendeste durante meu governo?

Temeroso, o rapazinho pusera-se a correr, enquanto ele dava estrepitosa gargalhada acrescentando:

— Foge como o cão com o rabo entre as pernas, jovem temerário, para que Sila não te ensine a ter mais juízo e não se arrependa de não dar-te o que mereces!

Com a morte de Sila, tudo o que havia se constituído nas nossas lutas de até então, como que terminava. Meus filhos viviam longe em dificuldades de vulto, e eu retornara para novo aprendizado. Logo mais muitos voltariam à carne para programa novo.

Muito tempo depois, após a partida de Júlio César, Marco Antônio e

Cleópatra, aos pés das colunas do templo de Júpiter, uma mulher miserável esmolava, junto aos seus dois filhos gêmeos, ambos de mente onubliada. Eram Mário e Sila que retornavam como irmãos, filhos de Marta, para ressarcir parte dos seus débitos do passado. Um trazia como lembrança do passado, os ataques epileptóides, gerados pela mediunidade desregrada e alcoolismo, outro parecia ensandecido, como se multidões o quisessem prejudicar. Amparando-os no resgate doloroso uma pobre mulher, sem ninguém que a ajudasse, permaneceu por longos anos ao lado de ambos, em testemunhos de reajuste..

Nem tudo pode ser dito. Já é o bastante que mergulhemos nas questões do passado, buscando os motivos dos nossos dis sabores, apesar do ideal de liberdade, fraternidade e igualdade que abraçamos depois. Deixemos que a névoa do tempo cubra nossos deslizos e crimes, sem mágoa ou temor do julgamento das criaturas, que não podem ainda defrontar como nós as lembranças do pretérito...

Busquemos as páginas soltas que ainda não foram manuseadas em Minas.

Capítulo XXXIX

Em minas as Cartas Chilenas

... “Comentamos mais uma vez a Revolução Americana, e o imposto do chá, que a desencadeara. Falamos o que gostaríamos de fazer, caso pudéssemos governar. Mas eram apenas sonhos... Li-lhes as Cartas Chilenas, que escrevera há pouco.

— Haveremos de publicá-las — falou Cláudio — Queres mesmo que as corrija?

— Se tu não o fizeres, não me perdoarei — redargui.

— O povo lê e aprecia estas produções, o que prova o seu desagrado. Adivinha qual a inteligência que as projeta, mas o governador está uma fera. É melhor cuidado — ponderava o Carlos Toledo.”

(CONFIDÊNCIAS DE UM INCONFIDENTE - pág. 105) ... “és árbitra da terra: tu podes dar, Marília, a todo o mundo a paz e a dura guerra.” (Marília de Dirceu — la parte — lira 24 — Livraria Progresso Editora — 1956).

“...Pois elle, Dorotheo, não é o enigma, que vem nos doces versos de Virgílio de umas flores, que tem de Reis os nomes escriptos sobre as folhas, e do sítio, de que trez braças só do céu se avista.” (9.^a, carta Chilena — versos 375/6/7/8/9)

Revi meus papéis a portas fechadas. Eu não podia me iludir. Tudo fora perdido!

Com a mão sobre a testa, revirei o livro de registro, um grosso volume de capa preta, com anotações.

Um bando passou à rua. Ouvei claramente a risada de Maria da Conceição. Ela era uma das prostitutas mais conhecidas de Vila Rica. Chegara de Catas Altas, e logo ganhara o coração do primo do Tiradentes. Eu me lembrava bem do rapaz, ora comandante da Igreja Nova, o José Lourenço Ferreira.

A lâmpada bruxoleava no ambiente. Fechei automaticamente o livro à minha frente, e minha mente rememorou com rapidez:

“Fora em fins de 1788 que eu travara com ele um relacionamento maior e mais íntimo.

Eu o sabia homem de confiança de Barbacena, rapaz capaz e atilado, honesto e simpático à causa de liberdade. Ele viera para me ver, com alguns documentos em mão. Não pude entender direito porque me procurava, desde que eu já passara meu cargo ao José Saldanha de Araújo. Meio sem jeito, porém decidido, ele apresentou, sem preâmbulo, o que o movia: queria, à força, que eu intercedesse, junto ao meu amigo Monteiro Bandeira, para conseguir a prisão de uma parteira — curiosa. A tal mulher era uma “fabricante de anjinhos” e Maria da Conceição quase viera a morrer sob efeito dos seus “favores.”

José Lourenço Ferreira amava demais aquela jovem que se dedicava a um comércio tão aviltante, porém não a ponto de querê-la para esposa. As altercações entre ambos eram acaloradas, e muitas em público, e eu já as ouvira referir. Prometi, na ocasião, que usaria minha pobre influência, no sentido de evitar novos desmandos da parteira, sem envolvê-lo diretamente no caso.

Por gentileza, fingi não perceber o quanto o jovem “dragão” de Minas estava traumatizado e nervoso, tanto quanto envolvido naquele drama, sendo que a criança sacrificada era sua. Parte da culpa lhe cabia, porque não pretendia assumir a paternidade, em regime matrimonial, e, como vingança, a jovem resolvera desfazer-se dela.

Pensei que, tendo conseguido minha promessa de tudo fazer no sentido de ajudá-lo, se retiraria, porém, conquanto o silêncio se fizesse entre nós, ele não parecia resolver-se a ir. Levantou-se e foi até a janela, como quem analisa e toma uma resolução. Depois caminhou para mim e falou solícito:

— Dr. Gonzaga, há mais uma coisa que desejo referir.

— Estou às ordens — respondi.

— É assunto sigiloso, pois me foi confiado em segredo. O governador abriu uma devassa e o novo juiz ordinário de Vila Rica está diligenciando para achar e analisar uns “pasquins” que falam mal dos governadores.

— E que tenho a ver com isto? — perguntei, percebendo que se referia às Cartas Chilenas.

— É que a intenção do sr. governador é a de expulsar V. Excia. das Minas...

Neste momento, rememorei meu contato com o atual governador, quando ainda secretário do Círculo de Ciências, do outro lado do Oceano, minhas fundas esperanças nele e em sua amizade, que logo vieram a ruir, pois se passara para o lado do ministro Martinho de Melo e Castro, ligando-se aos perseguidores dos pedreiros — livres. E Marília a se iludir com aquele nobre! Era até provável que ele também se houvesse apaixonado por ela! A este pensamento, o ciúme acendeu em mim. Por um momento de divagação, que logo cortei, para ater-me às revelações que me fazia o rapaz, nervosamente, à minha frente. Eu podia aquilatar quanto lhe custava a delação do fato, que eu poderia, através do Bandeira, analisar oportunamente. Se ele tivera naquele gesto a intenção de conseguir pagar ou ratificar os favores que viera pedir, ganhara minha amizade e confiança.

Agradei-lhe, um tanto quanto ressabiado, o obséquio que me fazia, de referir a devassa sigilosa, que bem me poderia custar prisão e degredo, e que sei dera entre ele e o capitão general e, após haver achado que cumprira com seu dever, ele saiu.

Diligenciei-me e providenciei por terceiros a expulsão da “curiosa” para bem longe. Ao mesmo tempo, Bandeira tudo fez para inutilizar os esforços de meu sucessor contra minha pessoa.

Uma amizade pura nascera, desde então, entre mim e José Lourenço Ferreira, porque eu pudera me certificar da veracidade de sua advertência.

Passamos a tomar mais cuidado com as cópias que distribuíamos ...”

Agora, quando tudo parecia ruir, eu me preparava para a reunião da noite, logo mais, no cômodo ao fundo da residência do Mourão. Havia nele uma parede falsa, de mais de um metro de largura de vão, que tomava todo o comprimento do mesmo, e podia, desta forma, por uma falsa porta, ocultar um bom número de pessoas.

Revirei nas mãos minha própria cópia das Cartas. A parte que achara incriminatória eu havia levado, à tarde, à casa de Marília.

Ela cuidaria de a esconder. Eu não tivera coragem de destruir meu trabalho, conquanto houvesse prometido a meus amigos. Tomara os 299 versos da 7.ª carta da II série e mais os seguintes ao 30º verso da 13.ª e levava à minha noiva, com mais alguns papéis, (1).

Aquele trecho era o mais perigoso, porém eu não poderia ser encontrado com nenhum daqueles versos. Assim, encarreguei o Luiz Veríssimo Fonseca, escrivão da ouvidoria, jovem de caráter e meu amigo, que morava perto de casa, na rua Francisco de Assis, de os entregar a alguém de confiança. Doía-me separar-me de minha obra, porém eu não tinha escolha, e ainda nem tivera tempo de corrigir a segunda parte, aguardando a devolução de cópia do dr. Cláudio, que a estava corrigindo (2).

Há uns dias atrás, uma das cópias havia sido entregue, *por mãos rudes e ignorantes*, a um rapaz que chegara do Rio de Janeiro, a procurar emprego em Vila Rica, junto a Salvador Amaral Gurgel. Era Saturnino da Veiga, que contava apenas dezessete anos, mas que fora por mais Alto escolhido como um dos depositários de confiança do meu libelo.

Também o parente do Tiradentes, o frei José Mariano da Conceição Veloso ficara com uma cópia. (3).

Eu ainda fiquei a rememorar as prensas ocultas nos conventos, com as quais os padres podiam imprimir mensagens e distribuí-las, apesar da proibição da Metrópole...

Nisto, Maria Antônia bateu à porta e pediu licença para defumar o cômodo, crença nela arraigada de que, com tal expediente, me livraria das “más influências.” Embora eu não aceitasse aquelas práticas, deixei que o fizesse. Estava tão cansado que não desejava, senão, ficar em paz por uns instantes.

Ao vê-la pelo cômodo, com a cuia de barro nas mãos, com ervas a fumegar, foi como se aquele gesto me lembrasse alguma coisa que eu não saberia definir bem. Pareceu que eu via Marília a fazer aquele gesto. Espantei da mente a idéia que me pareceu esdrúxula.

Lembrando-me novamente do José Lourenço, que saíra a poucos momentos dali, perguntei:

— Já partiu o comandante José Lourenço Ferreira?

— Sim, senhor. Foi direto p'ras estrada — falou ela — Tinha muita pressa.

Realmente havia um motivo. Eu usara aquele amigo para levar uma carta ao Alvarenga e ao Toledo, dando ciência de que logo se aprestariam as prisões. Que todos se preparassem. Marília me avisara na véspera, e ainda dia 10 chegara à Vila Rica o coronel Oliveira Lopes, segundo me contara o José Ferreira. Ele vinha tentar erguer o comandante Paula Freire, ou, em caso de não o conseguir, denunciar o Silvério dos Reis, como chefe da conjura.

Em casa de Diogo de Vasconcellos pernoitara o frei Lourenço, de Caraça, cujo retrato, magnificamente feito por Atayde, é um documento importante, deixado pela arte do pintor, da presença e personalidade ímpar do sacerdote. Todos se articulavam em desespero e logo estaríamos unidos, para ver se podíamos fazer alguma coisa.

Lembrei-me de que, estando quase a sair da casa de Marília, chegara à pressa à mesma o pe. Rolim, e pedira-me para falar a sós. Quando ela se retirou, por uns minutos, ele me mostrou uma cópia da parte da delação de Silvério, que o atrevido secular havia conseguido, através do suborno a um guarda do palácio de Cachoeira, mexendo nos papéis do sr. governador.(4).

Eu me perguntava, após haver me desfeito das Cartas Chilenas:

Após tantos cuidados para ocultá-las, seriam elas um dia conhecidas?

Relembrei de memória, o enigma grafado na carta 9.^a, e que eu não retirara. Alguém o decifraria um dia? Haveria inteligência capaz de vencer minha artimanha, e, através dela, um dos locais onde havíamos sepultado parte dos nossos tesouros? Nosso sonho de poder nos levava a guardar, em vários pontos, documentos e pedras de valor, barras de ouro e prata, forjadas em sítios, como os de Lucas Monteiro de Barros, Alvarenga, Cláudio, Toledo e outros. Na própria moradia do Tíradentes ele enterrara libras esterlinas para o levante.

Tais tesouros estavam guardados por sentinelas espirituais, e negros que se haviam sacrificado para as enterrar, pois era preciso, em alguns lugares, o esforço de bestas de carga e homens fortes para abrir buracos e carregar pedras. Um destes sítios aprazíveis, onde eu vivera momentos tão felizes ao lado dos amigos e de Marília, era uma das propriedades de um dos inconfidentes. Poucos tinham o mapa do local, também demarcado de forma

difícil. No terreno de complicado acesso, cheio de cobras, ouvia-se o sino da capela do sítio, que tocava às trindades, e havíamos deixado três triângulos de pedra esculpidos. Olhando-se de certo ângulo para os mesmos, só se via entre eles uma abertura, que apontava o local. Sinais foram deixados em três pedras polidas como tampos de poço, de 3 metros de diâmetro e circulares, com três raios sulcados na primeira, cinco raios na segunda e sete raios na terceira. Sob a primeira, junto á documentos, ficara, como doação ao movimento, uma Nossa Senhora do Rosário, que Marília dera a Bárbara Heliodora, pelo levante inconfidente. Tinha a imagem mais ou menos quarenta e cinco centímetros de altura, os cabelos caídos à paulistinha sobre os ombros, manto azulado com bordado a ouro e era estátua portuguesa do século dezoito, (a santa perdera a figura do menino Jesus, que se quebrara, como uma premonição do sacrifício de minha noiva, pela maternidade do filho, que mais tarde teria. Uma “brincadeira” da vida.). Barras de ouro e prata, litros de topázios imperiais e diamantes, documentos... Guardando tudo, os símbolos em pedra dos quatro evangelistas: a águia, o touro, o leão, e o anjo. Estes símbolos, pela sua disposição, formavam em linhas imaginárias um gigantesco cruzeiro no solo. Alongando o braço menor da cruz, guardando sobranceira a paisagem, uma cabeça de mulher de uns 5 metros de altura, feita de pedra, sobre o morro, fitava o sol nascente. Subindo sobre ela, avistava-se os muros da propriedade, atrás. Ainda fora deixada no local a marca do peixe. E, num platô chapado, seis pedras em círculo, com uma ao centro, demarcavam o local.

A noite chegava e com ela, pouco a pouco, os amigos do movimento.

Saí do quarto, tomando uma refeição ligeira, e os aguardei.

Entravam e se dirigiam ao cômodo dos fundos.

Um dos últimos a chegar foi o padre Rolim:

— Posso entrar? — falou com bons modos.

— Sê benvindo — saudei.

— Estão todos?

— O que é preciso.

Subimos a escada e, levantando uma tábua ao fundo, como um alçapão, cumprimentamos os outros homens que já nos aguardavam.

Os papéis que o pe. Rolim trazia e mais os do Oliveira Lopes, foram revirados e passados de mão em mão. Todos ficaram desanimados.

— Está tudo perdido!

— É tarde. Nada mais podemos fazer.

— Não é possível que nós fiquemos assim de braços cruzados. E preciso falar com o comandante — alvitrou o Oliveira Lopes.

Ele deve começar o movimento.

— O movimento...

Oliveira Lopes levantou-se e começou a andar nervosamente de um lado para o outro. Rolim jogou um livro, com violência, sobre a mesa:

— Vou-me embora.

— Todos vamos à força. Se ao menos o comandante...

Pedi a Rolim que ficasse. Não adiantou:

— Tenho coisas mais importantes a fazer!

Saiu batendo os pés, e, como a escada fosse de madeira, fazia muito ruído. Pedi-lhe, então:

— Não é preciso despertar as pessoas.

— Desculpe-me — falou ele, saindo para o quintal, onde tomou seu cavalo e deu fora pela rua S. Francisco de Assis. Subi rapidamente e pedi licença aos outros para ir-lhe atrás. Logo em seguida, Oliveira Lopes foi atrás de mim. Segui por uma trilha sinuosa, e não pela íngreme. Precisava correr, pois Rolim ia rápido e eu sabia que se dirigia à casa de seu parente do Alto da Cruz, o Antônio Vieira da Cruz.

Ali, após conversarmos um pouco, resolveu-se o Rolim a resistir com a vida, se necessário, à prisão. Oliveira Lopes partiu, tendo recebido uma carta da esposa, que chegara por um portador dando ciência que continuasse com o plano, denunciando o Silvério. Aquela valorosa d. Hipólita, pelo seu valor, merece, só ela, um livro, pela renúncia, dedicação e coragem com que sempre

se houve, em todos os cometimentos. (5).

Eles tomaram seu caminho e eu tornei à minha casa e aí escrevi a lira à Marília, reconhecendo que ela, por sua beleza, seu valor e coragem, poderia bem dar ao mundo a paz e a dura guerra.

No dia seguinte, acordei como quem desperta de um pesadelo para cair numa realidade mais terrível. Lembrava-me perfeitamente do diálogo mantido, com Oliveira Lopes e com Rolim:

— É isto. Hipólita tem razão — dissera ele — Se não é possível levantar o poltrão do comandante, ao menos livramo-nos, dando ao Silvério um tanto do seu próprio remédio. Vou denunciá-lo.

— Juramos negar sempre. Se um só começar a dar com a língua nos dentes, será um desfile de contradições, em que todos nos amarraremos. — falara por minha vez.

— Não há o que pensar, sr. Coronel. O Alvarenga não falava em tocar fogo nas propriedades, envenenar água e tudo o mais? Pois vamos tocar o levante sem o Tiradentes e sem o comandante. Perdeu-se um homem, dois, mas os outros o que são? Maricas? — respondeu Rolim.

— Eu, por mim, levanto. Meu mano Luiz também e o pe. Carlos tem valor, mas não é melhor esperar?

— Sem a derrama esvasiou-se o motivo que levantaria o povo — comentei.

— Pois fiquem esperando sentados. Qualquer coisa já sabem. A mim não me apanham. Volto ao Tijuco. Se não conto com o pessoal do Rio das Mortes, então, estou perdido. Quer correr e escrever tua cartinha, vai, coronel, e já terás posto a própria corda ao pescoço.

Oliveira Lopes olhou para o padre desabrido sem jeito. Disse que iria antes tentar novamente falar ao comandante.

— Irei pessoalmente vê-lo amanhã bem cedo — respondi por minha vez. — Acho que é inútil, mas não me perdoaria se não tentasse.

Levantei-me e tratei de por-me a caminho, vendo o sol surgir.

Antônia aprestou-me um repasto e tomei meu cavalo apressado.

Lembrei-me de todos os argumentos que poderia utilizar para fazê-lo erguer-se. Ele era agora nossa esperança, apesar de tudo, pois não tinha dúvidas que as prisões logo se dariam. Era mister convencê-lo de que não tínhamos mais escolha nenhuma. Eu precisava conseguir, antes que todos corressem como lebres assustadas, a delatar o Silvério para o Visconde Barbacena. Idéia do Dr. Cláudio. Idéia louca, que só tinha um móvel: vingança e que não haveria de nos livrar o pesçoço. As aulas de equitação que eu tomara, desde menino, tinham sido ótimas. Podia dar-me a correr pelos trilhos a caminho do regimento do comandante. Conseguira avisá-lo de que lhe falaria, por um escravo. Ele não se negaria a me ver. Sabia onde encontrá-lo sem despertar suspeitas. Cada qual faria seu esforço. Desde o aviso de Marília, a 17, tudo fazia para evitar-nos a perda. O comandante era tão ingênuo. Já d. Hipólita... Lembrei-me de vê-la no batizado de meu afilhado João Damasceno, com o menino Antônio nos braços, tão pequenino. Mulher calada, porém culta, corajosa, inteligente. Agora a achava admirável. Não era d. Bárbara, a intemorata prima, esposa do Alvarenga, quem se punha a campo para pressionar o sr. comandante. Era aquela pequena e calada d. Hipólita, quem empurrava praticamente o Oliveira Lopes a caminho de Ouro Preto. Mas se equivocavam ao pensar em denunciar ao Silvério. Por que não me ouviam? E o comandante, me ouviria?

Após algumas horas, encontrei-o finalmente. Ele mal me fitava nos olhos. Cabeça baixa, era a própria imagem de medo e da derrota. Vê-lo já me destruiu as esperanças. Entramos a conversar. Discorri sobre a reunião da véspera na casa do Mourão, nossas certezas e as resoluções que deveríamos tomar. Fi-lo ciente de que todos esperavam dele uma definição. Pinte em cores carregadas as palavras do Oliveira Lopes e Rolim.

— Inútil — falou ele — É tarde para nos articularmos. Tropas rumam do Rio para cá. O Visconde prometeu-me que não fará prisões..

Àquelas palavras, tive ímpetos de avançar sobre ele. Não tinha dúvidas. Para que Barbacena lhe fizesse promessas ele também já se entregara.

— Comandante, não creias nas promessas do sr. governador, ou haverás de te arrepender amargamente, por todos nós, que nos colocamos em tuas mãos.

— Eu não posso fazer nada! — exclamou ele quase em pranto.

Tentei ainda argumentar:

— Não te enganes. Estaremos todos a breve tempo sob as correntes. O que temos a perder, diante de tal futuro? Comandante, pensa bem. Estamos nas tuas mãos. Não nos entregues como Pilatos às mãos dos inimigos! Dá a ordem! Levantar-nos-emos do Tijuco até o Rio das Mortes. O pessoal de S. Paulo e Rio de Janeiro podem nos seguir. E agora ou, então, a enxovia!

Ele prorrompeu em pranto convulso:

— Não! Não! — falou em desalento total.

Tornei à Vila Rica. O sol ia alto. Naquele mesmo momento, o coronel Oliveira Lopes punha no papel sua denúncia contra o Silvério. Tendo já tentado na véspera convencer o comandante, e tendo como eu fracassado, seguira o conselho de d. Hipólita e, assinara o seguinte:

“Cachoeira do Campo, 19-05-1789:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:

Dou parte a Vossa Excelência por escrito do que já manifestei a Vossa Excelência por palavras: que o Sargento-Mor Luiz Vaz de Toledo Piza me havia dito que ouvira ao Coronel Joaquim Silvério dos Reis, em casa do Capitão José de Resende Costa, em ato de revista que passava o Tenente-Coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão, e mais pessoas que se achavam na dita revista, que o dito Coronel Joaquim Silvério dissera que esta terra podia ser um império, ser um País liberto, e que nesta terra não havia homens, e que, se os houvesse, que em pouco tempo seriam senhores da terra; e que ele dito sargento-mor, se despedira do Tenente-Coronel João Carlos e que se fora embora; e passados alguns dias, fora o Coronel Joaquim Silvério a Vila de São José e me dissera que, se ele queria encarregar-se de ir a fazer gente para .as bandas de São Paulo, que ele assistiria com o dinheiro, pois se houvesse um patricio que fosse o libertador dos mais, que estava toda Vila Rica, Sabará Serro e Minas Novas, que tudo estava pronto; e que ele, dito sargento-mor, se opusera a isso: “Que ele coronel se não metesse nisso que ficava perdido”, e que o despersuadira com razões que, se não deixasse de tal intento, que dava parte; e que o dito coronel lhe pedira com as mãos postas que não falasse o dito sargento-mor, que ele prometia nunca mais falar em tal, o que lhe pedia

como amigo; e que, vindo do giro em que vinham de passar as revistas com o tenente-coronel João Carlos(6), vindo de S. Tiago, em um alto parara o cavalo e dissera para os que vinham na comitiva; “Que mundo novo não é este! Que País não seria este! O melhor do mundo! que o Tenente-Coronel João Carlos picara o cavalo e fora andando, e que ao depois ele, dito Tenente-Coronel caíra em si do que havia dito.

E indo eu à Vila de São João a ir depor em uma causa do Coronel Joaquim Silvério, na volta quando nos vínhamos recolhendo, em caminho, me veio dizendo o Sargento-Mor Luis Vaz o que acima relato; e eu disse ao mesmo sargento-mor que logo viesse depor e que estas coisas se não deviam calar; e me respondeu o mesmo sargento-mor que ele, dito coronel, lhe havia pedido com as mãos postas, que semelhantes loucuras ali acabavam. Vi mais a este respeito uma carta de uma senhora, freira de Santa Clara de Coimbra, escrita ao Sargento-Mor Joaquim Pedro da Câmara, em que lhe dizia que se fosse embora para Portugal que esta terra estava para se levantar: e que não quisesse ficar sujeito aos homens, e que não deixasse o governo da Soberana; e esta carta me não mostrou o sargento-mor por querer mostrar a novidade, porque isto tomou como loucura, assim mostrou-a porque nela não falava em uma senhora que se achava no mesmo Convento; e eu lhe disse que aquela carta se não devia mostrar a pessoa alguma; à vista do Ajudante Tomás da Costa e do Capitão Antônio Antunes; ao que me respondeu o sargento-mor: “Isso são loucuras de freiras, que os maganões lhe metem quatro petas”, disto não dei logo parte a Vossa Excelência; como alguns passos se passaram na presença do Tenente-coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão, Ajudante do Ordens de Vossa Excelência, devia capacitar-me que logo desse parte a Vossa Excelência.

Excelentíssimo Senhor, isto ponho na respeitável presença de Vossa Excelência como leal vassalo, fiel e obediente às ordens da Soberana, para que Vossa Excelência dê as providências que forem justas em segurança do Estado, assim como pelo posto que ocupo. 19 de maio de 1789.

Francisco Antonio de Oliveira Lopes Coronel de São João del-Rei.”

Apesar de todos os companheiros do Rio das Mortes e dr. Cláudio terem concluído que este era um modo de neutralizar a denúncia do Silvério, feita verbalmente a 15 de março e transcrita a 19 de abril, sem malícia, estavam dando mais elementos e nomes ao senhor governador, para tecer a malha de intrigas em que nos prenderia a todos. A denúncia não nos livraria, antes nos igualaria ao traidor. De tal sinistra traina só escapariam Tiradentes, pelo valor,

eu, pela negação, e o tio de Marília, João Carlos, pela atitude serena. Que alto preço o futuro cobraria ao Coronel de S. João del-Rei por aquela denúncia!

(1) Soube, dias após, que ela enterrara os mesmos sob o chafariz em forma de lírio (cujo nome científico *Amarilis* me ajudara a compor-lhe o pseudônimo nas liras, e a nomeara nos versos do dr. Cláudio,) que ficava no jardim, atrás de sua casa, dentro de um baú.

(2) Numa carta encontrada na Biblioteca Municipal Porto, cod. 146 — Ap. C. Passos — “A conspiração mineira da Inconfidência” (Coimbra, 1942) um missivista de S. João Del Rey (30-10-1789), entre outras coisas, relata: “Foi preso o dr. Cláudio Manuel da Costa, aquele grande juízo que havia em Vila Rica, e que em toda matéria sabia dar solução; tinha servido de secretário do General. Diz-se que em seu poder estavam uns papéis ou livros, referentes à dita lei. *além de uns pasquins que — com bastante desaforo e sem justa causa — apareceram EM PÚBLICO CONTRA O GENERAL*, homem cheio de muita bondade e isento de interesse. Passados alguns dias foi achado morto na prisão, sendo enterrado ocultamente fora do campo sagrado...”

Conquanto este documento falasse das Cartas Chilenas, tais papéis, que se presumiam estar nas mãos deste e de outros inconfidentes, foram queimados por todos, logo após a visita do embaçado, e não foram achados com ninguém. No entanto, todos nas Minas e fora dela, como se depreende do documento citado, tinham conhecimento daqueles “pasquins”, conhecidos como Cartas Chilenas.

(3) Mais tarde esta foi encontrada por frei Antonio de Arrábida professor de D. Pedro I, entre os manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e relacionadas como “traduzida” por Gonzaga.

Pelos menos *seis manuscritos* podem ser relacionados presentemente; segundo pesquisa feita por dr. Tarquínio J. B. de Oliveira, no seu livro Cartas Chilenas, fontes textuais — *IA* apógrafo da I série, corrigido por Gonzaga, onde se vê *uma dedicatória em letra rude e ignorante*: “Vila Rica, 9 de fevereiro de 1789 — Tomaz Antonio Gonzaga” (*IHBG lata 440 — doc. 35.*) *IB*— apógrafo da I série, com o título primitivo de Cartas Chilianas (*IHBG lata 121 doc 7-*) supõe-se furtado da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro por Luis Francisco da Veiga. *IC*— apógrafo da I série — escrito

por dois copistas, onde se lê: "atribuídas a Gonzaga por uns, e a Cláudio Manuel da Costa por outros, (foi doado à Biblioteca Pública de Belém do Pará por Raimundo de Abreu Lima — *B. P. Belém — PA. Cofre forte.*) ID — apógrafo da I série — publicado pela Minerva Brasiliense (Santiago Nunes Ribeiro — redator, como seu n.º 8 e *Tomo 1 da Biblioteca Brasileira; Rio 1845* — (Com o falecimento do dono do manuscrito e do redator, **perdeu-se o original**. Estava gravado nele: "Tenho motivos para certificar que o dr. Tomás Aniomo Gonzaga é o autor das Cartas Chilenas — a. Francisco das Chagas Ribeiro."

Da segunda série temos dois apógrafos: — *apógrafo* copiado do original por contemporâneo do autor — Saturnino da Veiga. As fls 2. um terceiro anotou: "Dizem que/continha/esta carta/299 versos/ até ao que diz:/ Que não busque cobrillos... / como ao diante se mostra co-/piado no/resto da mma./Carta 7.^a/Eque ao copiar do original esta Carta, o Aut. (o Dr. /Thomas Antonio Gonzaga) dissera q. já estava/reformado o q. nela falta; mas não em estado de/se poder copiar. O rnrnio. sucede-o com o fim da/13.^a q. é a última; e q. poucos dias depois fora/ preso, sem q. haja qm. dê notícia de tal manus/cripto. (*IHBG Rio, lata 118*) II — apógrafo completo contendo a 1.^a série e a 2.^a Preparado por Saturnino, serviu de base a todas as publicações da Cartas Chilenas (*IHBG Rio, lata 118, doc. 14*)

(4) Contudo, durante o interrogatório, depois, fingi ignorar a mesma, argumentando que Basílio e Parada e Souza, por desafetos, deveriam ser meus acusadores.

(5) A carta de D. Hipólita fora trazida pelo alfaiate Victorino Veloso.

(6) Tenente Coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão, ajudante de ordens do Visconde de Barbacena e tio de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a Marília de Dirceu, noiva do Desembargador Tomás Antônio Gonzaga. Marília, suas irmãs, Ana Ricarda Casimira de Seixas e Emerenciana Joana Evangelista de Seixas moravam com o tio na época da Inconfidência. Este era mais jovem que dr. Tomás e amava muito as sobrinhas. Pelas instruções do Ministro Martinho e Melo e Castro Barbacena determinou a extinção de todos os Regimentos Auxiliares, criados por Cunha de Menezes. Coube a revista antipática e ingrata ao tio de Marília, que sofreu não poucos conflitos, principalmente na região do Serro.

Capítulo XL

Em minas — Lisboa e Atayde

“Nervoso com o que teria que executar, o governador recebera pela manhã uma carta anônima. Dizia simplesmente:

“De onde vem, Excelência, o temor de se enterrar o Tira-dentes?

Será que os defuntos também dão sementes?”

Coisas do Aleijadinho.

(Confidências de um Inconfidente — pág. 329)

“Se alcança Enéias, capitão piedoso,

entre os heróis do mundo

um nome glorioso,

Não é porque levanta uma cidade;

é sim, porque nos ombros

salvou do incêndio ao pai, a quem detinha,

a mão da branca idade.”

(Marília de Dirceu — lira 16-2.^a parte.)

“Ainda, charo Amigo, ainda existem

os vestígios dos templos sumptuosos,

que a mão religiosa do bom Numa

Ergue-o a Marte, e levantou a Jano.

*Ainda, ainda lémos, que alegêra
para estas Divindades Sacerdotes,
e que muitas Donzelas consagrára
a fim de conservar-se accezo o fogo
Em o templo de Vesta, sobre as Aras.”*

(Carta 13.^a versos 1 a 9 — Cartas Chilenas —)

Mestre Lisboa estava trabalhando, quando Atayde irrompeu pela porta da casa, esbaforido:

— Maurício, onde está o teu senhor?

— Ele tá lá no fundo, escolhendo uma peça com Agostinho.

Ao invés de esperar, o jovem pintor correu para dentro, falando quase sem fôlego:

— Mestre Lisboa, fuge que o general decretou tua busca e apreensão

Foi um corre-corre, uma estupefação geral.

Maurício, que ouvira, vem lá de dentro apressado:

— Cumu é qui é? Vão prende Mestre Lisboa?

— Eu disse que o negócio do bilhete era arriscado — falou Agostinho, benzendo-se.

— Adespois de dois anos? — perguntou Maurício.

— Foi instigação do capitão João Carlos. Ele ouviu qualquer coisa sobre o filho de d. Marília.

Januário, no meio dos quatro, era o único que não entendia o que se passava, nem dava conta do perigo.

— O que o desgraçado alega? — perguntou o escultor com um sulco na testa, denotando a preocupação e deixando de lado a madeira rústica.

— Deve ser muita coisa junta. O bilhete, a cabeça roubada do alferes, e, me parece, até o tio de d. Marília, que não aprecia tua amizade com a sobrinha e a luta pelo dr. Tomás. Agora, com o nascimento do menino Anacleto, e essa falação toda... (1).

— Essa agora! Tenho tanta coisa pra fazer ainda por aqui... Se eu fosse a Sabará, os irmãos de S. Francisco...

— Quar nada, Sabará é um tico, qui todo mundo conhece. Lá num tem jeito de si escapá — comentou Maurício — Tem qui sè nalgum cafundó dos mato, qui estes branco num se atreve a ir.

— Mestre, eu vou para S. Tomé, onde tem tanto escravo fugido que nenhum soldado aparece. Vem comigo. Só até as coisas se acalmarem. Tem o coronel Romualdo Monteiro, que também pode esconder o senhor.

— E quem em S. Tomé?

— Lá o José Joaquim da Natividade pode nos dar ajuda.

Lisboa lembrou-se do seu discípulo de S. João Del Rey. Bom homem, aquele Natividade. Confiável.

— Num tem tempo de pensá e escolhê não — falou de novo Maurício, torcendo as mãos de nervoso — Agostinho fica pur conta do serviço e eu mais Januário seguimo. Quando pudé vortá, a gente vorta.

Mestre Lisboa praguejou a indiferença como todos resolviam sua vida, como se ele fosse um objeto sem vontade.

— Pois não vou! Fico! Quero ver o que é que vão alegar! O que vão provar!

— Dr. Tomás Gonzaga conhecia lei e foi s'imbora pr'Africa, Mestri! — comentou Agostinho — Em toca de lobo, ovelha num dá parpите, não.

— Vamos logo, antes que cheguem os homens — falou Atayde nervoso.

— Em toca de lobo, hein? — falou Lisboa, rindo da filosofia simples e sábia do escravo. — É a primeira vez que vejo um leão fugir. Vamos embora!

E, sem esperar mais, foi dando ordens quanto ao que levar, de mais

precisão.

Dai a pouco, saíam num carro cheio de fardos, em direção às trilhas tortuosas e difíceis que levavam a terra cheia de lendas e fugitivos.

No período em que viveu oculto na lendária S. Thomé, deu curso a trabalhos menores, feitos para fazendas e capelas da região, e, para não ficar de todo inativo, tratou de recompor com Atayde e Natividade o teto da igreja local, onde, novamente, grafou o rosto seu no leão que estava ao lado de S. Marcos.

Após terminar o trabalho, Atayde ficou quase uma hora mirando de baixo a pintura, de modo que Aleijadinho o inquiriu:

— Não gostou? Se não gostou, pode desmanchar, sou mais escultor, meu negócio não é pintura.

— Gostei, sim.

— Então por que fica olhando deste jeito? Vai ficar de pescoço duro, assim. Se não gosta, apaga e pronto. Não se fala mais nisso.

— Já disse que gostei — reptou o pintor. — É que estou achando graça numa coisa.

— O que é?

— Aquele leão tem cara de gente! — e olhando para Lisboa, comparava a pintura a ele.

— Você queria que eu pintasse quem? O governador?

— Por que não? — falou Natividade. — Na cena do purgatório, em Matozinhos, reparei duas coisas: o frei, teu confessor, ali, no meio das chamas. Muito padre achou uma heresia, mas o povo dá risada. Também vi um homem nu, e não tem sexo. Agora este leão...(2).

— **á**

Este leão sou eu. Está bem? Se não gosta de minha cara feia lá em cima, trata de apagar. Agora, se não posso me pôr do lado do santo, ainda que na cara de um leão, ninguém pode achar ruim se ponho aquele frei mentiroso no

purgatório, pois, pra Igreja, ainda dá pra salvação, e o homem, bem... o valor de um macho não está no sexo, não. Alma não tem disto. O governador eu faria meio dama, meio peixe...

— Não estou fazendo vexação na pintura, não é isto, não. É que isto de fazer a cara de gente na pintura me parece uma lição boa para proveito, e também faço. Agora acho que é desmerecer Mestre Lisboa pôr num bicho sua cara.

Aleijadinho deu uma gargalhada.

— Estranha a pintura e elogia o modelo. Esta é boa!

A noite vinha chegando e os três trataram de se aviar, com Maurício e Januário. Haviam recebido paga de parte do serviço, o que não era muito.

No quartinho miserável e apertado onde se recolheram, Atayde viu quando Lisboa dava metade do ganho a Maurício. Conhecia o desprendimento do toreuta, mas estranhou tanta generosidade para com um escravo, e, mais ainda, deste receber sem espanto o ganho e sair logo depois, como quem tem pressa para alguma coisa.

Atayde não pôde aguentar e foi atrás, procurando não ser visto. Atravessou vielas escuras, no meio do casario feito de pedra da região, toda ela que parecia um lugar fora do Brasil, pois a montanha adiante era branca (da pedra), como se feita de gelo, como as que, se dizia, havia na Europa.

Maurício caminhou naquele seu modo gingado de negro, olhando o chão, sem dar conta de estar sendo seguido, sem perceber nem desconfiar de nada.

Atayde viu quando ele bateu numa porta de um tugúrio e logo entrou. Demorou um pouco ali e saiu. Atayde esperou uns instantes e bateu à mesma porta. Uma mulher veio atender. Seu rosto tinha marcas que ele logo identificou. Quis recuar, movido pelo temor, mas a curiosidade era maior.

— Maurício está? — perguntou como quem não quer nada.

A mulher, cobrindo o rosto com um pano, fez sinal negativo com a cabeça.

— Sou amigo dele. Posso entrar?

Após um momento de indecisão, ela deixou. No cômodo escuro e mal

cheiroso, três crianças e um velho jaziam deitados em cobertas sujas no chão. Pobreza, doença, miséria. A mulher falou, como que percebendo o porquê da visita:

— “Seu” Maurício, veio dar uma ajuda. Amanhã minha irmã passa aqui e faz pra mim umas compras. Desculpa não convidar para sentar, não tem cadeira.

Envergonhado, Atayde levou a mão ao bolso e tirou também algo e entregou à mulher.

Com o tempo, aprendeu a saber que Maurício nadâ tinha de si, além da roupa do corpo. Tudo o que Aleijadinho lhe dava, logo ia para outras mãos.

Voltando à casa, percebeu que o escravo preparara o alimento e nem de leve suspeitava por onde ele andara. Atayde recolheu-se grato a Deus, por haver ajudado lishoa a fugir da sanha do governador e seus homens, e dormiu.

Viu-se ao lado de Mestre Lisboa, que tinha outra fisionomia. Barbudo, este lhe ensinava muitas coisas. Havia outros homens com eles, todos artistas, todos dedicados escultores e pintores de igreja, a falar um idioma latino.

Ele, Atayde, decorava uma parede alta, com muitas figuras.

Eram tão semelhantes aos seus Cristos e às Santas Ceias com os discípulos... Um homem, que não sabia porque lhe lembrava Tiradentes, o mártir cuja cabeça fora roubada, dizia:

— Vem cá, Rafael, não quero mais ver esta cara de “marrano” judeu circunciso, este Alexandre mesquinho na minha frente! Faze outro afresco aqui!

Ele pinta incansavelmente. Vê bem o que faz. O papa Gregório IX com a cara de Júlio II (só que não se lembra, ao acordar, dos nomes dos mesmos). Aquele que parece o Tiradentes tem um gesto: está recebendo os decretos de um jurista (São Raimundo Penaforte).

Vê-se desenhado no quadro, e muitos outros rostos; entre eles, o do Mestre Lisboa, sozinho, no meio de uma cena, na parede de frente, como Miguelangelo.(3).

Acorda falando sozinho. Lisboa acendera uma vela, chamando por ele:

— Acorda, Atayde! Temos que sair enquanto está escuro, para não chamar atenção.

Ele acorda meio tonto e estremunhado:

— Que diabo de sonho esquisito! — fala a meia—voz, fazendo esforço para se lembrar de todos os detalhes.

Logo mais, seguindo as trilhas no meio do mato, à procura de uma capela de fazenda, os quatro prosseguem conversando.

Atayde refere a Lisboa quanto sonhara, omitindo os nomes dos papas que vira, só se lembrando dos rostos e do nome de Raimundo Penaforte.

— Não foi o nome do confessor do Tiradentes, lá na Cadeia? - Pergunta Maurício, assuntando a conversa.

— É. Deve ser isto. Confusão na minha cabeça, com aquela historia do leão com cara de gente, do frei no purgatório, na fachada de Matosinhos, do homem sem sexo, da polícia a caçar Mestre Lisboa, e do monstro meio dama-meio peixe...

Mas o escultor nada diz. Calado pensa em quantas vezes não vira cenas e coisas semelhantes, que o levavam a ter certeza de que fora ele alguém importante um dia.

— A gente trabalha como burro, fazendo o belo por tão pouco! — disse ainda Atayde.

— A Virtude, o Bem, o Belo são escolhas que custam muito caro, e também os sonhos não podem ser motejados, não. Eles têm uma linguagem muda. Queria ser Daniel para poder interpretar tudo.

O escultor ainda pensa que não pode reter mestre Atayde. Ele tem sua mulher, seus compromissos. Seguiria por aqueles matos e ficaria por ali até o governador esquecer dele. Atayde podia tornar.

Uma chuva ameaça cair. E, apressados, eles tratam de seguir a trilha, cada qual pensando no seu destino.

Atayde retorna a pintar suas ceias inumeráveis, seus quadros portentosos.

Em 1796, esquecida a perseguição, Aleijadinho aceita, em Congonhas, o trabalho que era o sonho de sua vida: As Capelas dos Passos.

Atayde é chamado a pintar as estátuas de Lisboa e observa-as, lembrando o traço arquitetônico do adro, que traz Jerusalém e as Lojas, ainda que oculto aos olhos dos leigos. Naqueles “Passos” identifica toda a simbologia maçônica, nos pés em ângulo reto, nos soldados dantescos, desbastando a pedra bruta, na mulher de joelhos, tendo um pé e um braço desnudos, no belo soldado com a espada na mão, e o manto purpúreo às costas, com o rosto do dr. Tomás Antonio Gonzaga, na corda que marca o pescoço do Cristo, a trazer-lhe a lembrança do Tiradentes. Também ele, Atayde, não sabia a cor a colocar naquelas figuras? Não seriam o vermelho, o azul, o branco, os sinais que deixava nos pigmentos, mesclando-os ao ocre e sangue dos mártires das pedras de Minas?

Lixando e pintando a mulher com o menino nos braços, Atayde sorri:

— Ah! D. Marília! Como são cegas as criaturas humanas, e como a malícia do mulato Lisboa é terrível. Ainda outro dia, pensas que não vi o namoro eterno, montado no forro da Igreja de S. Francisco de Assis, de Vila Rica? A Nossa Senhora dos Anjos em olhares impúdicos diante do altar, para com S. Conrado, nosso querido dr. Gonzaga? Ele empunhando o cajado de sua autoridade, tendo a torre da Cadeia, tal qual se vê da janela do prédio da Ouvidoria? E os doze pássaros que lhe adejam em torno? E lá, assistindo tudo, como a rir dos cegos, o próprio Mestre Lisboa, na figura do santo do mesmo nome, Antonio Francisco Lisboa, tendo o livro e o menino, os lírios e a coluna? E à tua esquerda? Quem é aquele frei Boaventura, com a cara de Alvarenga, quando jovem, com a outra coluna ladeando, as borlas da corda em nós? E, como testemunha de tal namoro, ao lado direito do Gonzaga, na quarta oval, quem ficou para sempre gravado? Quem é aquele S. Ivo, o mesmo S. Ivo retratado com toda a simbologia por Francisco Xavier Gonçalves em tela (no quadro que fica na sacristia da mesma igreja)? S. Ivo que tinha a fisionomia de Feliciano, a lembrar seu pai, dr. Cláudio Manoel da Costa, quando jovem? E lá estão para sempre, em terno conluio, d. Marília e Gonzaga em namoro eterno assistido por Alvarenga, Cláudio e Lisboa! Como se não bastasse, aqui te reproduz o Mestre com teu menino! Que namoro secular, será este, minha N. Senhora dos Anjos, com teu Santo Conrado! Que impúdico e divino namoro sob a proteção de Francisco de Assis! Mas também eu, Mestre

Lisboa, fiz das minhas. Que deem conta de minha participação as notas dos hinários maçônicos, que gravei no forro da mesma Igreja!

Nisto, o escultor, às voltas com as figuras dos profetas, o chama:

— Atayde, faz-me uma relação, segundo eu dito, um a um, em coluna:

A: Abdias — Freire de Andrade.

L: Baruc — dr. Gonzaga.

E: Ezequiel — Alvarenga.

I: Isaias — Tiradentes.

J: Jeremias — Cláudio Manoel.

A: Amós — Lisboa.

D: Daniel — Maciel.

I: Jonas — Rego Fortes.

I: Joel — Gurgel.

N: Naum — Domingos Vieira.

H: Habacuc — Oliveira Lopes.

O: Oséias — Domingos Vidal.

O pintor anota, e depois pergunta admirado:

— Mestre, duas letras “I”, como jotas? E por que “louvado”?

— Dois “Is” marcam a sílaba tônica. Em latim o i e o j dão o mesmo som; não há profeta com a letra L, no início do nome, que eu preciso para compor meu apelido. Baruc, em hebraico, significa louvado. É isto.

— Para que fazes esta anotação?

— Vou colocá-la dentro de uma estátua. Só para o caso de, pela burrice natural dos homens, eles não descobrirem a minha peça.

— Onde vais escondê-lo?

— Porei, com outros papéis, num lugar que só eu sei. Não se pode dar tudo de “mão beijada”. E tu já sabes até demais...

Os anos passam. Quando Mestre Lisboa está terminando o profeta Uaniel, vindo visitá-lo, Atayde observa:

— Mestre, diga-me uma coisa. Por que o corte nas costas do profeta Daniel?

— Chega, Atayde. Perguntas demais! — fala Lisboa cansado.

Mas o pintor percebe toda a trama e pensa consigo mesmo:

— Só Mestre Lisboa faria tal brincadeira! Só Mestre Lisboa!

De lá, parte Atayde pelas montanhas inóspitas de Minas a caminho do Caraça. A jornada era trabalhosa e cheia de perigos, as passagens difíceis e arriscadas... Porém, tendo ido à sua querida Mariana, o pintor e Tenente Manoel da Costa Atayde fora um dos testamenteiros do fundador daquela igreja.

Como se não o conhecesse! Lembrava-se bem de seu ardor na defesa dos ideais de Liberdade. Pobre Irmão Lourenço, descido das investiduras da nobreza, oculto sob um nome piedoso de um mártir cristão sacrificado na fogueira, entregando a Deus todos seus bens e tornando-se quase mendigo da ordem da venerável Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens e de São Francisco das Chagas. (Francisco de Assis).

Pelo caminho estreito e difícil, Atayde pensa no que vai deparar. Corre o ano de 1806. Até o ouvidor de Sabará adiantava-se a estas serras íngremes e alcantiladas, para averiguar “in loco” a obra do estranho missionário. Antonio Luiz Pereira da Cunha iria a serviço, Atayde faria mais: iria por amor a um irmão e amigo. Que não sabia ele! Não lhe contara Mestre Lisboa?

“Tudo vinha de alguns anos atrás. Desde o terremoto de Lisboa em 1755, quando no trono D. José I, dominado pelo seu ministro Sebastião José de Carvalho, Marquês de Pombal. Por questões políticas de honra, descarregam armas contra o monarca, em 1758. Movimenta-se o Marquês, pois todos comentam que tal se deu pelo rei andar de amores com uma Távora. Persegue,

prende e vem a condenação final e terrível. Onze membros da família Távora são condenados à morte em praça pública, degolados e depois queimados. Porém apenas 10 são levados ao martiriológico. Um deles escapa: o jovem Carlos de Mendonça Távora, que é representado por um boneco de pano para ser justificado. O fugitivo vem para o Brasil oculto num barril de vinho. Consegue trazer parte dos seus bens. Oculta-se por uns tempos em Diamantina, tendo depois tomado o nome de Irmão Lourenço de Nossa Senhora. Em Diamantina fora amigo do contratador João Fernandes de Oliveira, amante de Chica da Silva, mãe de Quitéria Rita, mulher do padre Rolim. Com o retorno forçado do contratador a Portugal. Irmão Lourenço desaparece para sempre de Diamantina, surgindo em 1774 em Caraça, com escravos, oito mil cruzados, a licença do Bispo de Mariana para construir o santuário. Por ali havia passado em 1802 o próprio Governador e Capitão General da Capitania de Minas Gerais, Bernardo José de Lorena, que todos diziam parente do Irmão Lourenço.

Desde que tomara o hábito de S. Francisco, muitas lendas corriam de sua pessoa, das curas que fazia, das maneiras polidas, da bondade com a qual se havia para com os deserdados, do auxílio aos “leprosos” que fugiam para os matos, temerosos de serem lançados ao Rio das Velhas.

S. Lourenço fora queimado vivo, mártir em Roma, Carlos de Mendonça Távora dedicar-se-ia, dentro de suas convicções religiosas, à pobreza, aos rudes labores, lado a lado dos escravos, procurando ensinar-lhes tudo quanto se constituía seu aprendizado de vida, para calcar dentro do peito ferido o amor deixado além-mar e a tormentosa certeza das dantescas cenas em que parentes haviam terminado a vida carnal. Surgira, assim, o Irmão Lourenço de Nossa Senhora, que lá, em Mariana, conversara com Atayde, amigo e confidente, irmão também ligado àqueles infaustos movimentos de emancipação que haviam culminado com a morte de Tiradentes e o degredo de tantos:

— Tendo que fazer meu testamento, que nome civil poderei colocar nos papéis? As propriedades do I Caraça são extensas e pretendo que sejam entregues a alguma irmandade que se dedique a auxiliar os pobres.

— Que nome colocaste quando de sua profissão religiosa para com S. Francisco? — pergunta Atayde.

— Tens razão. Não posso, quarenta e três anos depois, vir a contradizer-me. Não dei meu nome. Disse que era português continuarei a dizê-lo.

Coloquei por pai Antonio Pereira, nome do antigo bairro de Vila Rica, onde tive a primeira visão de; Nossa senhora, por mãe, sua mãe, lembrança da imagem que trago dentro de meu santuário, Ana, e tirei seu Sobrenome do padre que me deu todo o apoio para estabelecer-me nas serras do Caraça: Manuel Moreira de Figueiredo. Assim, serei português, filho de Antonio Pereira, e de Ana Figueiredo.

Soubera depois que ele participara da reunião do dia 18 de maio de 1789 em casa do dr. Tomás. Naquele momento, todos sabendo da prisão do alferes no Rio de Janeiro, Rolim, amigo do Irmão Lourenço, Oliveira Lopes e o antigo desembargador Tomás Antonio Gonzaga eram os vértices do triângulo armado para tocar a movimento. Todos ataçaram o comandante Francisco de Paula Freire. Cada qual a seu modo, com seu argumento. Inútil. A covardia dele já o fizera delator. Iria agora ouvir o relato de Irmão Lourenço daqueles dias, verificar como vivia, tomar ares novos, conhecer uma alma encarcerada nas serras de Minas a curtir dores e silêncios.

Finalmente chega e é recebido com uma cordialidade amena e doce.

Sua tarefa: dourar os dois altares da capela barroca, (obra que sobreviveu a demolição da mesma).

São dois anos de convívio, do qual cresce mais e mais a admiração por aquele homem sofrido e imbatível. Vê a paciência com a qual se dedica a todos, ouve as músicas sublimes que se evolvem aos céus, tocadas pelas mãos de um negro escravo, a quem o irmão ensinara as dúlcidas vibrações do som, no órgão. Assiste-lhe os labores rudes junto à horta e ao gado, a paciência havida com os pobres que vêm ali, muitos a ocultarem-se de perseguições, tal como ele mesmo.

Um dia pede ao seu hospedeiro e amigo:

— Frei Lourenço, posa para mim. Vou retratar-te.

— Sou um velho sem importância — comenta o secular, com o chapéu de palha que usa para arar o campo nas mãos.

— Es um homem de bem, Frei Lourenço. Faze-me o obséquio.

— Está bem. Um dia destes. Olha como estou suado e sujo, parecendo um escravo do campo.

— Jesus comparou Deus a um semeador — argumenta Atayde.

— Com quem aprendeste esta teimosia? Com teu Mestre Lisboa?

Atayde ri.

— Meu Mestre, não, frei Lourenço. Nosso Mestre, que não há quem não tenha ao menos colhido uma lição dele. Em vão o procurou por todo o lado o sr. governador, desde 1794, até 96. Ninguém sabia dizer por onde ele andava! E, doente, daquele jeito, quem o pode apanhar? Mas deixou rastro de passagem por todo o lado.

— Está bem. Venceste. Busca teus apetrechos. Podes começar.

Atayde correu pelos corredores do edifício. Lourenço sorriu de seu modo sofrido e simples:

— Vou ser imortalizado!

Ao ver a obra pronta, imprecou grave:

— Atayde, por que o bastão?

— Por que só Mestre Lisboa pode deixar seus sinais, frei Lourenço, e não eu?

— Já não te bastam as cores dos teus forros, Atayde?

— O vermelho, o azul e o branco, misturados ao ocre das terras de Minas? Não, frei Lourenço. Há também as partituras no forro da Igreja S. Francisco de Assis, dando conta dos hinários maçônicos.

— Cala-te! Que ninguém te ouça!

Muitos anos depois retornou novamente ao Caraça, para ver de novo o amigo e levar-lhe de presente a tela que fizera com sua figura.

O ambiente da tela era denso e escuro, tão triste como a própria vida e solidão daquele amigo. Recebe, então a incumbência de fazer uma santa ceia descomunal. No entanto, sofre o impacto de ver Irmão Lourenço cego e maltratado por um seu escravo de nome Mamede. Alimentam-se no mesmo prato e o servo, por maldoso, quase não lhe deixa nada de que comer. Só lhe

servia quando de visita o Vigário Francisco Xavier.

— Avia este escravo! — fala Atayde compadecido.

— Foi o que os irmãos escolheram para me servir. Ninguém nos ouve? — pergunta como quem vai contar algum segredo.

— Podes falar sossegado.

— Andava triste, pelo abandono em que me vejo, mas agora não estou mais. Dentro desta escuridão da cegueira, às vezes vêm-me luzes e a visita amiga dos meus amados. Sei que a mulher que eu amei me aguarda na Outra Vida. Ainda outro dia, veio ver-me o alferes. Deu-me tantas esperanças. Não penses que enlouqueci, nem contes a ninguém. A mãe do senhor Jesus me tem aparecido e confortado muitas vezes!

E dizendo isto, dos olhos sem luz começaram a correr lágrimas silentes.

Atayde abraçou-o.

— Obrigado por confiares em mim. Verei se posso ao menos substituir esta “peste” que te serve.

Inútil tentame. Os irmãos pareciam insensíveis ao sofrimento do pobre velho de 95 anos. Tudo punham à conta de rabujice de gente idosa.

Aos 27 de outubro de 1819 deixou os últimos vestígios de sua passagem carnal, no livro de óbitos de Catas Altas.

Trabalhando na sua Ceia, Atayde colocou Judas a acompanhar com os olhos cada um que entrasse na capela. Era como se o antigo prevaricador cuidasse da bolsa a dizer:

— Judas, não serás tu mesmo?

Acusação ingênua que lá permanece, a lembrar os maus tratos que Lourenço sofreu sob o teto que erguera para abrigar as vítimas da miséria e da injustiça.

(1)“ Antonio Francisco Lisboa — Oficial de entalhador — despacho o Comandante do Distrito, onde o suplicante se achar auxiliará a diligência do Procurador do suplicante, obrigando-se este a conduzi-lo à sua custa e

apresentá-lo na sala desta residência. “Vila Rica — 29 de agosto de 1794 — Arquivo Público Mineiro — código 263 — fls. 242.)

(2) Nas Cenas do Juízo Final, Miguelangelo, que fora posteriormente Aleijadinho, desenhou Minas, o juiz infernal, com longas orelhas de asno, como barqueiro, com o rosto de Monsenhor Biagio Martinelli de Cesena, mestre de cerimônias de Paulo III, pelo fato deste haver criticado seu trabalho.

Na escultura em pedra sabão, sobre a porta da Igreja do Bom Jesus de Matosinhos, conhecida como Igreja das Capelas, em Ouro Preto, Aleijadinho retratou seu confessor nas chamas do purgatório, repetindo o gesto que o caracterizava.

(3) As pinturas referidas são as que se denominam “Disputa do Sacramento” “Escola de Atenas” e Parnaso”, onde Rafael colocou Leonardo da Vinci, no rosto de Platão, Heráclito com a fisionomia de Miguelangelo, o rosto de Júlio II, representando Gregório IX, Euclides como Bramante, Fra Angélico no canto extremo esquerdo, ele mesmo, Rafael, e Sodoma, um pintor que o ajudou, presentes. Ora, Rafael era o mesmo Atayde, que tivera o sonho com as pinturas. Interessante notar a coincidência do nome do jurista retratado junto a Gregório IX, e o confessor do alferes Silva Xavier: Raimundo Penaforte, já que Gregório IX reencarnara como Tiradentes.

Numa das pinturas está retratado Enéias, carregando o pai nos ombros. É “Incêndio no Burgo”. Pegamos a referência porque dr. Tomás se manifesta num grupo espírita de S. Paulo com o nome de Enéias.

Capítulo XLI

Em minas - Marília

— “Tu sofreste? E nós? Tua filha vive oculta num convento como uma criminosa. Dijanira foi assassinada, sabe-se agora com certeza! E eu? Como pensas que tenho vivido? Tens razão! Eu não deveria ter vindo! Para ti valho menos que tua ex-escrava! (CONFIDÊNCIAS DE UM INCONFIDENTE PÁG. 344)”

“A maior desventura

é sempre a que nos lança

no horror da sepultura:

O covarde a morrer também caminha;

com que males não pode

uma alma como a minha?”

(Marília de Dirceu — lira 31-2.^a parte)

Peço-lhe que me remeta essas cartas e que se sirva muito da vontade deste. De V.Mcê Thomaz Antonio Gonzaga — Moçambique 19 de agosto de 1792” (carta que apareceu no espólio do dr. Ferreira França — trecho.)

— Por que Deus haveria de ferir-me tão fundo? — pensou Maria Dorotéia caminhando pelo quarto e vendo-se refletida no espelho.

Era difícil crer que aquele vestido ainda lhe servisse. Fora com ele a uma das representações da Casa da Ópera, junta ao doutor. O doutor...

Foi até um móvel e retirou um pacote de cartas amarfanhadas. Leu-as o chorou. Tanto tempo! Vinte e oito anos? E neste tempo todo, quanta luta, quanto sacrifício... Anacleto... suas brigas com Emerenciana, sua irmã, pelo

escândalo do nascimento do pequeno, a ajuda de Ana, para que, sempre que possível, o pudesse ver na Fazenda do Manso, e agora, ali, sozinha, com todos fora, podia dar vazão ao sofrimento e à saudade, à amargura dorida que sempre camuflara nas suas viagens, ou nos trabalhos manuais em que se ocupava.

Pegou as cartas, guardou-as com carinho. Pensou em mim, dr. Cláudio, Rolim, Queiroga. Seria possível que um dia ligassem seu destino ao daquele homem? Como se não bastassem os mexericos por toda a Vila Rica!

Fora logo depois da morte do Tiradentes, soubera que ele, Queiroga, se ligara ao remanescente movimento. Fora, como tantos outros, inquirido, mas não chegara sequer a suspeito. Depois viera sua ida a Cabinda, o nascimento de Anacleto, e o Queiroga tido como pai da criança. Ficara tão furiosa na ocasião. Quando esperava seu filho (1794) nova devassa fora aberta, tentando desgraçar mais gente. Ouvira, então, que o suposto pai de seu menino era membro da Maçonaria. D. Diogo o referira um dia ao seu pai, e o nome novo era André. Depois, a riqueza imensa do pobre homem começou a declinar. Quem lhe via a residência magnífica, ornada de portas e janelas, tomando toda a esquina, quase em frente à antiga ouvidoria, mal poderia aquilatar o porquê do desgaste econômico. Medidas suas no socorro a tantos. Haviam lhe dito, que ele procurava, daquele modo, conquistar-lhe as graças.

Marília levantou-se e foi para o jardim. Era engraçado recordar-se de quanta coisa ocorrera e como fora corajosa. Anacleto nascera, e ela não aceitara a corte e casamento do rendeiro. Ouvira, naquela longínqua manhã da semana Santa, que ele estava falido e que procurariam prendê-lo. Tio João Carlos comentara isto à sua frente, como se aquele assunto a interessasse, pois sempre ele acreditara que aquele homem podia ser o pai de seu filho. Fora à procissão, como de costume, mesmo que o fato de usar véu negro levantasse comentários maldosos, pois só as viúvas o faziam. As mulheres seguiam de um lado, e, par e passo com ela, vinha Manoel Queiroga, do outro lado. Estavam bem na praça, quando percebeu dois dragões vindo para o lado do homem, na intenção evidente de o prender. Saiu da fila onde se postara e atravessou a rua, indo para o lado dele:

— Fuja, sr. Queiroga, pois o vão prender!

— Sinha Joaquina, te arriskas por mim?

— Fuja!

Ele saía pelo lado das mulheres, e os soldados se atrapalharam ao vê-la, pensando estar do lado errado da procissão. Foi um momento, e, graças a isto, o rendeiro fugira. Fora para os lados do Tijuco e nunca mais foi encontrado. Ao tornar à casa, tio João Carlos a advertira:

— Novamente te arriskas a um escândalo por este homem?

— Não foi por ele. Foi por Anacleto!

Sua resposta parecera confirmar tudo quanto se falava a seu respeito, mas não podia permitir que a memória do menino se maculasse com a prisão de seu suposto pai. Já era o bastante que não soubesse a verdade sobre seu nascimento.

Como dr. Tomás ficara sabendo do menino? Teria Mestre Lisboa contado? Ele negara, mas as cartas que lhe chegaram do antigo noivo davam conta de que ele sabia. Havia respondido algumas em código cifrado. Ele assinava Virgílio, ela Horácio.

Recebera-as, ou pelo dr. Tomás Correia Porto ou da família Ferreira França, amigos queridos, que passavam a correspondência que conseguia chegar ao Rio de Janeiro.

A primeira lhe viera numa sexta-feira, quando ia à Igreja Francisco de Assis, segundo seu costume, ver a missa. O “velho português”, bom e querido doutor, ao cumprimentá-la, lhe passara às mãos a mesma. Após o susto, a escondera no livro de missa, para lê-la escondida, depois.

Na semana seguinte, lá estava ele, à procura da resposta, com a mesma bengala, com os mesmos passos cansados, o mesmo sorriso confiante e respeitoso. Lembrava-se do que respondera, tantas haviam sido as vezes em que lera seu próprio bilhete:

“Caro senhor,

Não fiques preocupado por mim. O senhor tem sua vida e o que houve ninguém saberá. Não contarei a ninguém. O senhor escolheu e nunca mais nos veremos. Recebi tuas notícias e espero que estejas bem com tua família.

Teu amigo, Horácio.”

Tinha mais de vinte cartas, poemas, promessas. Nunca porém acreditaria em nada! Nunca mais!

Olhou a paineira coberta de flores. Também assim estava quando ela partira para o Rio, a fim de demandar novamente Portugal. Já sabia, então, naquele ano de 1797, que o doutor se casara. A querida d. Izabel cuidava do menino, e sempre Ana dava um jeito para que ela o visse na Fazenda. Muitos amigos haviam morrido do outro lado do oceano. Ela iria, com tia Clara, a Portugal, avistar-se com alguns amigos, levar e buscar novas dos inconfidentes. Para si, contudo, não desejava mais nada. Partira com tia Clara Gertrudes, novamente com a ajuda do ministro de Além Mar, D. Rodrigo Coutinho. Avistara-se, entre outros, com o padre Rolim, o mesmo que viera, no dia 18 de maio de 1789 à sua casa, trazer novidades para dr. Tomás. O sacerdote, tal qual ela mesma, estava abatido, preso em clausura, num convento, em Lisboa. (S. Julião da Barra). Ele e Luís Vieira juravam que tornariam e veriam o final daquele desastre. Deixara consigo cartas à mulher, Rita Quitéria, aos filhos, recolhidos com ordens severas ao Convento de Macaúbas.

Ao tornar ao Brasil, como se sentira feliz por poder levar, de um lado para outro, a correspondência, as notícias de boca, as lembranças. Chegara a Macaúbas cansada e poeirenta, mas desejava ainda seguir viagem aquele dia. À priora do convento tudo fizera por impedi-la de falar à mulher do padre Rolim. Quitéria era respondona e autoritária e, com isto, granjeara uma perseguição rígida da superiora, que sempre estava com os olhos postos nela, policiando cada gesto, impedindo cada passo. A mulher não podia compreender como a mulata tivera a coragem de viver maritalmente com um padre, e, sempre que podia a ofendia. Embora Quitéria Rita quisesse sair dali, sabia da perseguição que era infligida e prometera esperar pelo pai de seus filhos naquele convento.

Apelando para seus sentimentos cristãos, não conseguiu Marília demover a superiora do desejo de ouvir a entrevista que teriam. Sugeriu uma queixa ao sr. governador, apelando para os brasões da família, e, com isto, foram deixadas uns instantes a sós, no amplo pátio do mesmo convento, onde, numa fonte em forma de cálice, molhara um lenço, e passara nos braços e no rosto, com o que livrar-se da poeira da estrada.

Fora tão bom levar alento às senhoras dos inconfidentes, ajuda a seus

filhos, palavras, notícias, mas ela mesma, Marília, além do filho, o que tinha? Rolim cumprira a promessa, voltando à pátria, junto aos outros inconfidentes, e indo diretamente ao Convento das Macaúbas, buscar a companheira Quitéria Rita, que esperara por ele quinze longos anos.

Tocou com a mão os cabelos. Ainda bem que havia poucos escravos na propriedade e todos estivessem ausentes. Podia dar-se ao luxo de cavoucar as lembranças, vestir os velhos vestidos, chorar um pouco, O pente espanhol que prendia as mechas fora lembranças de Carlota Joaquina.⁽¹⁾Pela sua mente passaram as cenas do passado:

— Tia, — falara a filha de sua irmã Emerenciana, que era sua afilhada de batismo — a senhora pode me ouvir e me aconselhar. Não tenho mais ninguém que possa me entender.

— Fala, Carlota. Eu te escuto. Fica calma. Estamos sozinhas. Confia em mim.

— Tia, ele me pediu para fugir com ele!

Era preciso dizer mais? Sim, aquilo bastava. Ela entendia. Sua sobrinha estava apaixonada pelo novo ouvidor de Vila Rica. Um amor impetuoso, ainda mais para a jovem que estivera sempre sob os cuidados de um padre. Carlota era filha de Emerenciana com José de Melo. Por causa dela; Marília e Emerenciana haviam brigado muito. Quando Anacleto nascera, o povo havia dito que o Queiroga era o pai e a mãe, quem seria? Só depois que ela adotara o menino, praticamente os boatos haviam diminuído. Emerenciana já tinha filhos de Carlos José sem ser com este casada. Para livrar a irmã do assunto deseon- sertante, passara a usar véu preto, nunca utilizado nas missas ou procissões por mulheres virgens e solteiras. Fora um escândalo em família, mas ela fora, inclusive, tomar satisfações ao amado de sua irmã, que ameaçara rompimento.

Emerenciana tivera Carlota e depois Maria, que fora enjeitada e criada por um padre amigo, pe. Antonio Francisco Ferreira Araújo. E, àquele dia, a sobrinha, feita moça, apaixonada, com quinze anos, perseguida por este amor, da mesma forma que ela fora pelas leis do reino e pela família, vinha pedir-lhe conselhos. Estaria ela, que se considerava uma fracassada no amor e na vida, em condições de aconselhá-la? Podería deixar de responder?

— Tia, o que eu faço?

— Se o amas, vai com ele.

— Tia...

— Se dr. Gonzaga quisesse fugir comigo eu teria fugido. Ele nunca me pediu. Ele não me amava!

— Não diga isto, tia.

Escondera o rosto para que a mocinha não lhe visse as lágrimas.

A jovem fugira aquela noite. Depois viera seu casamento e, também o reconhecimento do pai e casamento de Emerenciana com Carlos. Durante a festa, na ouvidoria, ela lhe presenteara com aquele pente de cabelo. Até Maria lucrara com tudo, pois também fora reconhecida pelos pais. A felicidade dela era tão linda. Que pecado sentir inveja e pensar:

— Podia ser eu! Aqui, nesta casa, podia ser eu!

Marília saiu pela estrada. Adiante havia um banco. O sino da capela da fazenda tocou. Eu a seguia em espírito, emocionado, por perceber-lhe as evocações...

— São horas das trindades — pensou. Há quanto tempo fiquei sem notícias do doutor. Ele já está com Deus há sete anos!

Mentalmente começou a orar, pedindo a Maria, mãe de Jesus, a perdoasse e lhe mandasse notícias minhas. Sentada ao banco, ficou meio entontecida. A tontura era tanta que teve medo de desmaiar ou morrer, sem nenhum socorro. Maquinalmente deitou-se no banco, apoiando-se à árvore atrás do mesmo. Começou a ver meus sapatos no chão. Depois, com muito esforço, erguendo os olhos, viu-me ao seu lado. Achou que eu estava belíssimo, com roupas lindas. Estendi-lhe as mãos muito finas e acariciei as suas. Marília ficou muito espantada com o que via. Pensa:

— Será que vou morrer?

Eu me ajoelho aos seus pés, choro e peço perdão. Digo que a amo.

Ela não consegue falar nada. Está pensando que deve estar enlouquecendo,

como d. Bárbara.

— Voltei para ti— falo, percebendo que me vê.

Marília começa a chorar convulsivamente, e eu desapareço de seus olhos. Aos poucos a tontura passa, ela senta. Um perfume forte a envolve. Vem do seu colo, está em suas mãos, pois nelas estão alguns jasmims brancos, cheirosos, num ramo.

Quando noivos, ela me dava jasmims de seu jardim, que eu punha na lapela.

— Há um arbusto deles perto daqui, mas eu sei que não os apanhei, quando vinha para cá. Meu Deus! Isto é incrível! Eu devo estar ficando louca! O doutor terá vindo aqui? E isto possível?

(1)-21 de abril de 1800 — Nascimento de Carlota Joaquina, Marília foi madrinha por procuração e o padre Antônio Francisco Ferreira de Araújo. 16/2/1816 — batizado de Maria (exposta em casa do capitão Carlos José de Melo) Padrinhos padre Antonio Francisco Ferreira de Araújo e Ana Ricarda. **5 de maio de 1817** — Casamento de Carlos José de Melo com Emerenciana Joana Evangelina de Seixas, ele residente no Rio de Janeiro, com procuração ao pe. Antônio Ferreira de Araújo, no oratório privado do brigadeiro João Carlos Xavier da Silva Ferrão. Testemunhas: João Carlos X. da Silva Ferrão e Ana Ricarda Marcelina de Seixas, viúva do sargento-mór Valeriano Manso da Costa Reis. **30.10.1817** — Casamento do ouvidor Antônio José Duarte de Araújo Gondim com Carlota Joaquina de Melo, Igreja de S. Francisco de Assis, às 11 horas da noite, legitimada pelos pais. 5/2/1818 — Batismo de Manoela, filha de Gondim e Carlota. Padrinho: D. Manoel de Portugal e Castro, governador da capitania. Não teve madrinha, pela importância do padrinho. Costume da época (a história da jovem Carlota é tão interessante que um dia, se Deus o permitir, haveremos de contá-la com maiores detalhes).

(2) Maria Dorothea Joaquina de Seixas Brandão — bat. 8.11.1767 — falecida 10.2.1853 Irmãos de Marília:

Ana Casimira de Seixas — bat. 21.10.1770, casada com Valeriano Manso da Costa Reis.

José Carlos Mayrink da Silva Ferrão — bat. 7.1.1772.

Francisca de Seixas — bat. 16.12.1772 — falecida em tenra idade.

Emerenciana Joanna de Seixas — bat. 3.7.1774.

Francisco de Paula Mayrink — bat. 14.8.1775.

Filho de Marília: Anacleto Teixeira Queiroga — criado e formado em medicina por Marília, em 1854 era 1.º cirurgião em Ouro Preto, faleceu em 8.6.1861, casado, com 66 anos. Está sepultado na Matriz de Antônio Dias, onde está toda a família Seixas e Brandão.

O interessante no sepultamento de d. Marília é que foi sepultada pela Irmandade da Fábrica, que não consta nos registros paroquiais. Esta era a Irmandade da Fábrica da Franco Maçonaria. Ao ler seu testamento, contudo, sabe-se que seu desejo era ser enterrada na Igreja S. Francisco de Assis, na qual ficou para sempre retratada na doce figura de N. S. dos Anjos.

Capítulo XLII

Em minas — Tiradentes, redenção de um espírito

“— É inútil falar com ele — redarguira o escultor. — É um cabeça de mula, quando cisma com alguma coisa, não arreda pé. Nada lhe saiu certo na vida, mas vê-se que é homem inteligente, e não lhe falta coragem. Também é honesto. Não perderá a ninguém, mesmo que lhe façam tratos tais. Também não lhe pegarão em coisa alguma, podes crer, que lhe conheço a manha mais que ninguém. O que está feito, está. Não há como recuar, senhor poeta. A hora se aproxima!” (Confidências de um Inconfidente — pág. 214)^{16}

— “Sempre disse aos ministros, quando inúmeras vezes fui ante o tribunal, que só em mim fizessem justiça. Não quero levar atrás de mim tantos infelizes. *Eu sou a causa da morte destes homens.* Desejaria ter mais dez vidas e podê-las dar a todos eles. Se Deus me ouvira só eu morreria e não eles.” (Confidências de um Inconfidente — pág. 317)^{17}

*.. Nas noites de serão nos sentaremos
com os filhos, se os tivermos, à fogueira:
entre as falsas histórias, que contares,
lhes contarás a minha verdadeira:
pasmados te ouvirão: eu, entretanto,
ainda o rosto banharei de pranto.”*

(Marília de Dirceu — lira 18 — I.^a parte).

— “*Quatro senadores se negaram a votar tal lei e Mário com um só olhar aos seus assalariados, que eram conhecidos com o nome de bardens, e eram as criaturas mais abjetas e maldosas que já se viu, os fez trucidar imediatamente — etc.*

(Livro “De Mário a Tiradentes ” — pág. 254)

Na sala coberta de panos pretos, os onzes condenados preparam-se para o pior.

Tiradentes lembrava-se: a dois de abril de 1789 chegara ao Rio, buscando ajuda para o levante. Por que confiara no comandante? Não o sabia medroso? Junto consigo viera o Matias Sanches Brandão, homem valente, tio por afinidade de d. Marília, noiva do escolhido para primeiro presidente da República ideada, o Gonzaga.

Vinte dias depois, estivera com o cunhado do Rolim: o Simão Pires Sardinha, filho da Chica da Silva e Domingos Pires, sócio do dr. Cláudio, e lhe pedira arranjar pólvora e chumbo para Minas. Avistara-se com Machado, que depois lhe emprestara a pistola para a fuga.

Quando percebera a perseguição que lhe moviam, preparara a retirada. O tio de Marília fora à frente, para aguardá-lo no Paraibuna, com mais três escravos.

Olha para Oliveira Lopes. O rústico militar estava reduzido a um trapo sub-humano. E como estaria sua esposa, d. Hipólita?

Soubera, pelo carcereiro Antônio e, nas vezes em que fora inquirido, pelas perguntas feitas, deduzira que o militar e a esposa tudo haviam feito para levar avante o plano.

Dona Hipólita era mulher culta e prestativa. O céu não lhe dera filhos, mas ela era mãe prestimosa de um bastardo. D. Maria Inácia Policena, irmã de d. Bárbara, tendo se enamorado do vil Antônio José Dias Coelho, fora surpreendida pelo Alvarenga em amores com este, no meio da noite.

A jovem estava em casa de d. Bárbara, e naqueles seus arroubos de anfitrião, Alvarenga convidara o militar, em serviço por S. João Del Rei, a pernoitar em sua casa. Contra tal se insurgira a esposa, que tinha aversão nata pelo homem, sobrinho de um amigo de nome idêntico, Antonio José Coelho.

Em meio à noite, Alvarenga acordara. Desconfiara de algo e se encaminhara para o quarto de seu hóspede. A cama estava vazia. Tomando a arma, com o rosto afogueado pela indignação, ele se encaminhou para o quarto da cunhada. Abriu a porta e os surpreendeu, revoltado, expulsou o

falso amigo.

Um ódio imenso nascera entre ambos. Maria Inácia Policena engravidara, e d. Hipólita aceitou a criança bastarda por sua, criando-a com infinito amor e dando à jovem inexperiente, oportunidade para refazer sua vida em outro casamento.; (1).

O alferes continuou a observar os companheiros infortunados. Onde estaria o pe. Rolim? Não era possível que este, Toledo e Luís Vieira não fossem considerados figuras exponenciais do movimento. E dr. Gonzaga? Por que não fora relacionado entre os condenados à pena última?

Senta-se cabisbaixo. As palavras de Rezende Costa Filho ao pai e as de Maciel a Oliveira Lopes, no conforto da coragem, como que eram as suas também. Não consegue mais calar-se, fala em voz alta:

— Se Deus me ouvira, só eu morrera e não eles. Sou a causa da morte destes homens.

Não mentia. Sempre fora pela liberdade e alegria de todos. Eles eram seus irmãos de ideal. Já não se batera antes por alguém, considerado inferior? Não sustera os relhos das costas do pardo Alexandre? Ri à lembrança da cena:

“— Chega, homem!

— Defendes um negro?

— Antes de ser negro, é gente, ou até por isto!

— Pois para mim não é.

— Para bateres nele, terás que passar por mim...”

Fora jovem e impetuoso. Perdera os bens de carga, ganhara um novo amigo.

Daquela vez em que estava procurando o bando do cigano José Galvão e do Montanha, não topara, nas fraldas da Mantiqueira, com o escravo que salvara, junto ao novo senhor, o Rolim?

Ele cativara os facínoras, e eles haviam ido “desta para melhor” pela ponta de uma corda. Agora era a sua vez, e ele nunca fora um bandido. Depois da

morte, encontraria com os dois?

Por que aqueles homens também iam morrer?

—Se pudesse daria minha vida por todos eles — fala ao seu confessor.

—Eu sei, meu filho — respondeu o outro. — Deus sabe o que faz.

—Deus sabe, padre, mas os homens...

Há um movimento desusado nos corredores. Chegam mais nobres. É feita nova leitura. Mudam a sentença. Tiradentes exulta:

— Não sou mais causa da morte destes homens!

Sim. Ele sabe. Explicar como, se não pode? Ele deixara Toledo ser trucidado, perdera Cláudio, mas a alguns ele fizera transpassar a espada, dentro do Senado Romano. Eram dez senadores em suas cadeiras. Quatro não o haviam apoiado, e seis vacilaram em ajudá-lo.

Desfilara com suas cabeças pelas ruas, depois de tê-las espetado na ponta de vara-paus, bem compridos.

Olha o frei à sua frente:

—Como chama, padre?

—Frei Raimundo Penaforte.

—Pena forte é a minha, frei — diz, fazendo pilhéria. E depois: — Desculpa, padre, acho que já ouvi seu nome, não sei onde.

—É o nome de um santo, alferes, de um jurista.

—E pode-se morrer ao lado de um jurista, a serviço do Mestre da Sã Virtude?

O frei não respondeu. Tiradentes se levanta e cumprimenta os amigos em júbilo.

—Já não sou a causa da morte destes homens!

Anos depois d. Hipólita ainda lutava bravamente para reaver seus bens. O

bilhete que mandara ao pe. Toledo, pedindo-lhe para seguir para S. José, no dia 18 de maio, enquanto Victoriano Veloso conclamava o marido a levantar o comandante dos dragões, fora tomado por Inácio Pamplona e entregue ao Barbacena. Este nunca perdoaria as acusações ingênuas e fortes do Oliveira Lopes, nem a clara posição dela naquela conjura.

Ninguém se atrevera a perseguir d. Marília, seus tios haviam sido acobertados de qualquer suspeita, d. Bárbara tinha a proteção do Macedo, e através dele, a do governador.

D. Hipólita, mãe sem concepção na carne, corajosa a grafar um levante, fora condenada à perda total dos bens.

Bravamente luta por si, pelo “seu” *filho*, *por sua honra*. Do Plano Maior, inconfidentes tornam no auxílio indispensável.

Alexandre, após ter arriscado a vida por Rolim, demonstra a inteligência invulgar, no auxílio ao dono, de quem era amigo e secretário. Fiel até o fim, ludibriara os juizes durante as inquisições, fingiu conhecer pouco o alferes. Culto, conhecedor de contabilidade, mais confiável que um irmão, mais valente que um pai, Alexandre supera a Francisco das Chagas, outro escravo acareado. Supera em astúcia. O juiz, por mais o inquiria, nada pode provar que constranja ou prejudique o astuto escravo ao dono Rolim.

Alexandre e d. Hipólita escapavam com vida de sua participação nos conciliábulos. Outros não tinham tido igual sorte. O padre Francisco José de Melo falecera na Santa Casa, sendo constatada sua morte, por tuberculose, por José Veríssimo Fonseca. O pobre homem escrevera um bilhete ditado por Oliveira Lopes, no dia 21 de maio de 1789, último apelo à coragem e á luta, para o comandante do dragões. Dia dezenove daquele mes eu mesmo procurara Paula Freire tentando, demovê-lo de sua atitude apática, em vão. Apesar dos esforços de todos nós, Freire de Andrada não quisera ser o cabeça, na falta do Tira-dentes. Chamado a depor, Frei José Maria Fajardo de Assis tentara livrar Francisco José da culpa, como coautor do bilhete. Ele, contudo, ralado pela doença, pressentindo a morte, confessara-se culpado em 26 de outubro, daquele terrível 1789.

A tragédia atingia mais e mais os idealistas do movimento da Inconfidência, todos eles endividados do passado. No Plano Espiritual, Alvarenga, envolto por terríveis e vingativas entidades, vê, sem nada poder

fazer, o bombardeio das trevas sobre seus herdeiros. A obsessão pertinaz, causada por antigos inimigos e alguns escravos, redundaria em falecimento de Maria Efigênia, após febre causada por uma queda do cavalo, em 17 de fevereiro de 1797, às vésperas de seu casamento. Bárbara, profundamente deprimida, ficara interdita, como louca, por seu cunhado Simão Lopes de Araújo, em 1818; José Eleutério fora dado como demente em 1819, e, neste ano, a mãe (Bárbara) morre tuberculosa; Tristão, em 1816, partira pela mesma moléstia, e João, meu afilhado, professor de latim, poeta como o pai, foi declarado demente pela esposa em 1824. Três enlouquecidos, dois tuberculosos, um acidentado. Terrível tragédia!

O transpasse inesperado de Efigênia, dias antes de seu casamento em São Gonçalo, abate profundamente o militar que tanto perseguira Alvarenga. O remorso o acompanha. Infelicitara Maria Policena, e não conseguia mais ver com tanto ódio a desdita de uma família inteira.

Antes de morrer, ralado pela angústia, resolve reconhecer como sua a criança, sob a tutela da inigualável d. Hipólita, já adulto. (2).

Tempos depois, neste século XX, Macedo retorna ao antigo cenário de Minas. Com o cérebro obnubilado, a condição de encarcerado do corpo, teve diante da janela do quarto que habitou, em casa ao lado da Casa dos Contos, por mais ou menos quarenta anos, uma única visão: A ponte de S. José e as grades da grandiosa mansão onde residira e onde dr. Cláudio ganhara a morte de forma tão vil. Quase quarenta anos de martirológio, moral, espiritual e físico, e o recolheram liberto pela dor ao Plano Maior, enquanto almas vingativas o procuravam ainda, rememorando os instrumentos de tortura manipulados em sua senzala.

Brilhando qual estrela de luz, a reconduzir inimigos e amigos do passado, o espírito de Mário, o militar, retornava do topo do cadafalso, para as lutas da liberdade de todos.

— “Afinal, meditava ele, a força não é senão a metade da cruz do Cristo, erigida no Largo da Lampadosa!”

(1) 3/1/1787 — Batismo do exposto Antônio, filho do ten. Antônio José Dias Coelho e Maria Inácia Polícena, irmã de Bárbara Heliodora, adotado por Francisco Antônio de Oliveira Lopes e sua mulher, D. Hipólita Teixeira de Carvalho, (matriz dos Prados).

(2) Autos da Devassa — livro 9 — fls. 419 — Testamento de José Dias Coelho 9/9/1826 — Antônio José, falecido solteiro, reconhece como seu filho Antônio Francisco Teixeira, meu segundo filho, filho de d. Maria Policena, já falecida, filha do dr. José da Silveira e Souza, chamado dr. surdo, morador na Vila de S. João Del Rei, já falecido, etc...

Elenco

- 1— Marília — Marta.
- 2 — Izabel (mãe do Aleijadinho) — Nicópolis.
- 3 — Tomás — Sextílio.
- 4 — Tomásia — Fausta — (filha de Sextílio)
- 5 — Clara Gertrudes — a velha, amiga de Marta.
- 6 — Bisavô de Tomás (João do Rosário)— pai de Sextílio.
- 7 — Tiradentes — Mário.
- 8 — Aleijadinho — Sila
- 9 — Maurício — Metrôbio.
- 10 — Agostinho — Azéglio.
- 11 — Januário — Carbão.
- 12 — Antônio Dias Coelho — Cina.
- 13 — José Alvares Maciel — Trebônio.
- 14 — Ana Ricarda — Hermínia.
- 15 — Luís Vieira — Cipião, o numídico.
- 16 — Rolim — Marcelo.
- 17 — Carlos Toledo — Rutílio.
- 18 — Bárbara — Cloé.
- 19 — D. Maria I — Gemínio de Terracina.

- 20 — Cláudio — Catulo.
- 21 — Francisca Arcângela — Fímbria.
- 22 — Oliveira Lopes — Otávio.
- 23 — Manoel da Costa Rodrigues — Lutacio.
- 24 — Alvarenga — Lêntulo.
- 25 — Izabel Querubina — Ilia.
- 26 — Francisco de P. Freire Andrade — Postúmio
- 27 — Lício — (orientador de Tiradentes) — Metelo.
- 28 — Souza Lobo — Jugurta.
- 29 — Domingos V. -Barbosa — Cornuto.
- 30 — Rego Fortes — Mário (filho).
- 31 — Manitti — Boiórige.
- 32 — Joana Lopes — Cecília Metela.
- 33 — (chinês orientador de Marília e Cláudio) — Hesíodo.
- 34 — Francisca Seixas — Siomara.
- 35 — Luiz Vaz de Toledo — Mérula.
- 36 — José R. Costa Filho — Cota.
- 37 — Barbacena — Ligdamis (rei dos ambrões)
- 38 — Macedo — Beleu.
- 39 — Dijanira — Ânio.
- 40 — Joaquim da Maia — Bruto.
- 41 — Victoriano Veloso — Servílio.

- 42 — Maria Dorotéia (mãe) — mãe de Marta.
- 43 — Baltazar João — Petrônio.
- 44 — Maria Rosa — Célia
- 45 — Domingos Vieira — Herêmo
- 46 — José R Costa (pai) — Ancário.
- 47 — José Costa Rodrigues — Pompeu Rufo.
- 48 — João Dias — Martius.
- 49 — Salvador Gurgel — Aulo Pompeu.
- 50 — Anacleto — Lêntulo (filho de Sextílio)
- 51 — Silvério — Saturnino.
- 52 — Nicolau — Telesino.
- 53 — Zumbi — Glaucias.
- 54 — João Bernardo — Livio.
- 55 — Escravo Tiradentes (Camundongo) — Grânio.
- 56 — José Aires Gomes — Mário (pai).
- 57 — José de Vasconcelos Parada e Souza — O escravo cimbro,
encarregado de matar Mário.
- 58 — Vicente Vieira de Mota — velho que socorreu Mário.
- 59 — Tomás (escravo) — Marcos.
- 60 — dr. José Fagundes de Oliveira — Turpílio.
- 61 — Joana (bisavó de Tomás) — Cósroe.
- 62 — D. Rodrigo de Menezes — Coriolano.

- 63 — Manoel Francisco (filho do Aleijadinho) — Boco.
- 64 — Matias Brandão (tio de Marília) — Quinto Aurélio.
- 65 — Carlos Silva — Cássio Sabacão.
- 66 — Hipólita — Fânia.
- 67 — Maria Efigênia — Faustina.
- 68 — Luís Antônio Ferreira França — Drusus.
- 69 — Juliana — Júlia.
- 70 — Antônia — (irmã de Tiradentes) — Fulcínia.
- 71 — Antônio Vieira da Cruz — Sulpício.
- 72 — Felipe dos Santos — Lúrio.
- 73 — Machado — Mânio Acílio.
- 74 — Ana Policena (irmã de Bárbara) — Caio Lúcio.
- 75 — Mariana — (avó de Tomás) — mãe de Sextílio.
- 76 — João Carlos (tio de Marília) — pai de Marta.
- 77 — Basílio Brito Malheiros — Orlando.
- 78 — José (irmão de Tomás) — Artaxerxes.
- 79 — Francisca Gonzaga (irmã de Tomás) — Odila.
- 80 — Plácido — (irmão de Rolim) — Sexto Lucínio.
- 81 — Frei Fajardo de Assis — Marco Antônio (pai)
- 82 — José Lourenço Ferreira — Cecílio Metelo (filho)
- 83 — José Antônio Dias Coelho — Caraccioli
- 84 — Alexandre — (escravo de Rolim) — Hiempsal.

Em incursões outras estavam a mãe de Júlia, Hárpia, Nônio, Pompódio Silo, Lúcio Basilo, Cáio Númio, Virgínio, Cafis, Pôncio, Múcio, Numérico, Tinis, Júlio Cesar, Lampônio, lapido, Elia, Catão, Herculano, Nestória, Valério Flaco e Fábio Augusto.

FIM

Sumula

Palavras iniciais

Do autor

Capítulo I Caio Mário

Capítulo II Na Espanha Ulterior

Capítulo III Marta

Capítulo IV Finalmente, Roma

Capítulo V Reações

Capítulo VI Lêntulo e Cloé

Capítulo VII Planos em ruínas

Capítulo VIII Julia

Capítulo IX A Cilada

Capítulo X Faustina

Capítulo XI Uma cirurgia

Capítulo XII No senado

Capítulo XIII O aluguel

Capítulo XIV De volta à mansão

Capítulo XV Fuga do amor

Capítulo XVI Obsessão

Capítulo XVII Brigas

Capítulo XVIII Problemas

Capítulo XIX Pensando feridas

Capítulo XX Odila

Capítulo XXI A estada em cartago com odila

Capítulo XXII Metelo

Capítulo XXIII O reencontro

Capítulo XXIV Turpílio

Capítulo XXV As lutas

Capítulo XXVI O consulado

Capítulo XXVII Retorno a roma

Capítulo XXVIII Uma dura perda

Capítulo XXIX Trebônio e Caio Lúcio

Capítulo XXX Entrevero

Capítulo XXXI Os bárbaros

Capítulo XXXII Aulo Pompeu e Sextílio

Capítulo XXXIII Expulsão de Metelo

Capítulo XXXIV Em Cartago

Capítulo XXXV Perseguição e morte

Capítulo XXXVI A longa fuga de Mário

Capítulo XXXVII Retorno de Mário

Capítulo XXXVIII Morte de Sila

Capítulo XXXIX Em Minas as Cartas Chilenas

Capítulo XL Em Minas — Lisboa e Atayde

Capítulo XLI Em Minas - Marília

Capítulo XLII Em Minas — Tiradentes, redenção de um espírito

Elenco

{1} Aptamos pelo texto em “minúscolo”, nesta versão digital.

{2} CATÃO — o antigo, o censor romano, célebre pela austeridade dos seus princípios. Censor em 184 A. C., envidou todos os esforços para reprimir o luxo que estava corrompendo Roma. Árbitro em África no conflito entre Messinissa e Cartago, escandalizou-o a prosperidade que esta cidade readquirira, e logo que retornou a Roma, não deixou de apontar o perigo que poderia dela advir à república. (234 — 149 A. C.)

{3} Cipião Emiliano, o segundo africano, vencedor da Numância, destruidor de Cartago em 146 A. C. Foi chefe do Partido Aristocrático e morreu misteriosamente durante a discussão das leis agrárias, às quais ele se opunha.

{4} TIBÉRIO E CAIO GRACO — irmãos, tribunos e oradores célebres em Roma, filhos de Cornélia. Tibério morto em 133 e Caio assassinado em 121 A. C. num motim. Propuseram as leis agrárias para tentar por um freio à avidez da aristocracia romana, que se apoderara da maior parte das terras conquistadas ao inimigo.

{5} 4 No livro dos Espíritos, está muito bem explicado a questão sobre os feiticeiros. No item XII — perguntas 551 a 556. Ressaltamos a 554 — P — Aquele que, com ou sem razão, confia naquilo a que chama virtude de um talismã, não pode, por essa mesma confiança atrair um espírito?

Porque então é o pensamento que age: o talismã não é mais do que um signo que ajuda a dirigir o pensamento? R — Isso é verdade: mas a natureza do Espírito atraído depende da pureza da intenção e da elevação de sentimentos.

Ora, é difícil que aquele que é tão simplório, para crer na virtude de um talismã, não tenha um objetivo mais material do que moral.

E na questão 555, acresce-se — “Esses a que chamais feiticeiros são pessoas, quando dotadas de boa fé, que possuem certas faculdades, como o poder magnético ou dupla vista.”.

{6} Na época a que se reporta o romance, era comum a profecia com análise de fatos corriqueiros da natureza, como voo dos pássaros, análise da borra das poções, vísceras de animais sacrificados etc. O Espiritismo abomina qualquer tipo de práticas ou rituais, inclusive as que se fazem com o sacrifício de animais.

{7} Recordamos a respeito a pergunta 547 de O Livro dos Espíritos — P Os espíritos que se combatiam quando vivos, uma vez mortos, se reconhecem como inimigos e continuam ainda excitados uns contra os outros? R — Nesses momentos, o espírito jamais se mostra calmo.

No primeiro instante ele ainda pode odiar ao seu inimigo, e mesmo o perseguir. Mas quando as idéias se lhe acalmarem, verá que a sua animosidade não tem razão de ser. Não obstante, poderá ainda lhe conservar resquícios maiores ou menores, de acordo com o seu caráter

{8} Kardec nos explica o assunto na pergunta 557 — A benção e a maldição podem atrair o bem e o mal sobre aqueles a que se dirigem? R — Deus não escuta uma maldição e aquele que a pronuncia é culpável aos seus olhos. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode nesses casos haver uma Influência momentânea, mesmo sobre a matéria; mas essa influência nunca se verifica sem a permissão de Deus, e como acréscimo de prova para aquele que a sofre. De resto o mais frequentemente se maldizem os maus e bendizem os bons. A benção e a maldição não podem jamais desviar a Providência da senda da justiça: esta não fere o amaldiçoado se ele não for mau, e sua proteção não cobre aquele que não a mereça...

{9} Marta tinha mediunidade, e não teria necessidade de meios materiais para a exercer, mas como não tinha disto conhecimento, servia-se dos meios de oferendas e adoração

típicos de seu conhecimento. O Espiritismo explica ser desnecessário o uso de rituais.

{10} Júlia — ilustre família de Roma, a qual pertenceu Júlio Cesar, e que pretendia descender de Ascânio, filho de Enéias e neto de Venus (a jovem em questão, de mesmo nome, seria mais tarde tia de Júlio Cesar).

{11} Pergunta 449 de O Livro dos Espíritos — P — A dupla vista se desenvolve espontaneamente ou pela vontade de quem a possui? R — Na maioria das vezes ela é espontânea, mas a vontade também muitas vezes desempenha nesse caso um grande papel. Assim, toma por exemplo certas pessoas chamadas leitoras da sorte, algumas das quais possuem essa faculdade, e verás que é a vontade que as ajuda a entrar no estado de dupla vista e nisso a que chamas visão.

{12} Apesar de desnecessário o uso de objetos para a concentração dos médiuns, tais práticas foram e são utilizadas por pessoas sem conhecimento. Conta-se que Nostradamus, o famoso profeta, via o futuro utilizando a luz de uma vela e os reflexos numa bacia de água.

{13} Numidia - Reino da África

{14} “fúria vingadora” — Tal termo designa a influência gerada por um espírito inferior, tal como os romanos denominavam deuses os espíritos que os protegiam, e deuses-lares, os familiares desencarnados

{15} No livro “A moça da ilha” esta cena aparece numa visão de Mariita e a leva ao Terror. É que Mariita fora Marta em vida anterior.

{16} Nota digital: Capítulo 27-A delação de Dijanira. Confidências de um Inconfidente

{17} Nota digital: Capítulo 40 - A sentença. idem